

Georgino Jorge de Souza Neto

DO PRADO AO MINEIRÃO:

a história dos estádios na capital inventada

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2017

Georgino Jorge de Souza Neto

DO PRADO AO MINEIRÃO:

a história dos estádios na capital inventada

Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito para obtenção do título de Doutor.

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2017

S719p Souza Neto, Georgino Jorge de
2017 Do Prado ao Mineirão: a história dos estádios na capital inventada. [manuscrito]
/ Georgino Jorge de Souza Neto – 2017.
243f., enc.: il.

Orientador: Silvio Ricardo da Silva
Coorientador: Cléber Augusto Gonçalves Dias

Doutorado (Tese) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 233-243

1. Futebol – Belo Horizonte (MG) – Teses. 2. História – Teses. 3. Estádios – Teses. I. Silva, Silvio Ricardo da. II. Dias, Cléber Augusto Gonçalves. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.

CDU: 796.332

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage / CRB6: 3132 da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG



Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer
Email: ppgiel@eeffto.ufmg.br Telefone: (31) 3409-2335

EEFFTO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
FÍSICA, FISIOTERAPIA
E TERAPIA OCUPACIONAL

UFMG

ATA DA 20ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

GEORGINO JORGE DE SOUZA NETO

Às 14h00 do dia 25 de julho de 2017 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho “Do Prado ao Mineirão: a história dos estádios da capital inventada”, requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)	X	
Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda (FGV)	X	
Prof. Dr. Gilmar Mascarenhas de Jesus (UERJ)	X	
Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva (UFMG)	X	
Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (UFRJ)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: aprovado

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.
Belo Horizonte, 25 de julho de 2017.

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Prof. Dr. Gilmar Mascarenhas de Jesus

Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo

Dedico esta tese aos meus pais, Georgino Júnior e Maria Cleonice, pela conduta amorosa no processo da minha formação. Com vocês aprendi que nada na vida é mais importante do que o afeto que doamos, gratuitamente. E que gratuitamente recebemos de volta. Só por isso estou aqui...

AGRADECIMENTOS

A Sílvio, pela orientação dedicada e pelos conselhos valiosos.

A Cléber, co-orientador. Pela convivência salutar que me faz enxergar luz na escuridão.

A Gabriel Souza, pela contribuição no Abstract.

À minha família, pelo apoio sempre alerta. Aos meus irmãos Gabriella, Malu e Tiago, pelo afeto que alimenta e dá força.

Aos meus filhos. João Victor, Marina Morena e João Francisco, razão maior de minha caminhada.

A Sarah, cujo amor fraterno permitiu que eu não desistisse de mim. Sem você não estaria aqui agora.

Aos meus tios, Jorge e Kátia, pela mão estendida, pelo amor gratuito. Sem vocês seria impossível a construção deste trabalho.

A Alice, por ser e estar no meu mundo, e por torná-lo mais bonito.

Ao Grupo de Estudo sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), da Universidade Federal de Minas Gerais.

Pelo conhecimento, pela oportunidade de crescimento e pela amizade fraternal.

A Danilo Ladeia, pela amizade e pela contribuição generosa na formatação do trabalho.

Aos colegas do Departamento de Educação Física da Unimontes, pela convivência enriquecedora.

A Rogério Othon, pelo apoio e companheirismo.

A Jorge, que manteve suas quatro patas o tempo todo junto aos meus dois pés enquanto eu escrevia.

Ao Museu Brasileiro do Futebol/Belo Horizonte, no afeto da pessoa Thiago Carlos Costa.

Aos funcionários da Hemeroteca Pública do Estado de Minas Gerais (em especialíssimo a Renan e Bernardo).

Aos funcionários da Biblioteca Central da UFMG.

Aos funcionários do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

Aos acadêmicos da Universidade Estadual de Montes Claros.

À Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais-FAPEMIG, pela bolsa que permitiu o desenvolvimento do estudo.

A todas as pessoas que colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho, e que a falha do esquecimento e/ou a falta de espaço não permitiram a explicitação dos nomes.

RESUMO

Este estudo teve por objetivo investigar o movimento e o contexto que permitiu a construção dos principais estádios de futebol na cidade de Belo Horizonte-MG, e como estes se legitimam à partir do diálogo que estabelecem com o seu entorno social, nos diversos aspectos (econômico, político, cultural, dentre outros). Para tanto, o período delimitado para a investigação abrangeu os anos de 1904 a 1965, por este abrigar o tempo em que estes estádios foram erguidos na paisagem belo-horizontina. Por representar uma investigação historiográfica, o estudo fundamentou-se metodologicamente em dois aportes teóricos balizadores: a História Cultural, particularmente a noção de representação, desenvolvida por Roger Chartier, e a Micro-História, notadamente o conceito de paradigma indiciário descrito por Carlo Ginzburg. Neste sentido, as fontes de pesquisa privilegiaram os periódicos. Assim, foram utilizados jornais e revistas da época, que possibilitaram a tessitura da trama proposta. Neste sentido, os capítulos foram estruturados em recortes temporais específicos, a saber: a construção do Prado Mineiro e sua apropriação pelo futebol (1904-1923); os estádios que surgem na década de 1920 e que passam por importantes reformas na década de 1940, atrelados aos principais clubes da cidade (1923-1948); o estádio Independência, vinculado ao clube Sete de Setembro e importante espaço futebolístico, notadamente na sua relação com a Copa do Mundo de 1950 (1948-1950); e por fim, o estádio do Mineirão, principal palco do futebol na cidade desde a sua inauguração até os dias atuais (1958-1965). Os indícios apontam para a identificação de três constatações particularmente pontuais: a primeira diz respeito à relação estabelecida entre estes estádios e a estruturação urbanística/espacial no seu entorno, promovendo e/ou provocando rearranjos quanto à mobilidade urbana, construção de vias de acesso, planejamento viário, melhorias estruturais, etc. Em todos os momentos, esta relação se mostra bastante potente, podendo ser percebido um influxo de organização do espaço da cidade em função da existência dos estádios. Um outro entendimento trata do quanto estes espaços se configuram dentro da lógica da modernidade, atendendo (ou procurando atender) às exigências e demandas de um outro ordenamento social, desde aspectos urbanísticos à espetacularização do fenômeno esportivo e de seu atrelamento à uma crescente determinação mercadológica. A ideia de modernidade se configura, portanto, como importante categoria relacional destes estádios com a cidade de Belo Horizonte, estabelecendo, em certa medida, o convencimento legitimador de sua construção. Por fim, a maneira como os estádios em Belo Horizonte são fortemente demarcados pelo contexto político, em todo o decurso temporal do estudo. Do Prado ao Mineirão, a ordem política é determinante para a viabilização dos projetos que originam os estádios, desde embates de adversários políticos, privilégios de determinados grupos que detinham o controle do campo esportivo na cidade, e elaboração de uma legislação facilitadora para a implementação destes espaços.

Palavras-chave: Futebol. História. Estádios.

ABSTRACT

This study aims to investigate the movement and the context that allowed the building of the main football stadiums in the city of Belo Horizonte-MG, and how these legitimize themselves from the dialogue established with their social surroundings, in a wide array of aspects (economic, politic, cultural, among others). For that matter, the period limited for the investigation covered the years from 1904 to 1965, for sheltering the time in which the stadiums were erected in the city's landscape. For representing one historiographic investigation, the study has based itself methodologically in two theoretical approaches: the Cultural History, particularly the notion of representation developed by Roger Chartier, and the Micro- History, notoriously the paradigm concept described by Carlo Ginzburg. This way, the search sources privileged the periodicals. Thus, newspapers and magazines from that time were used to enable the harmony of the proposed plot. Accordingly, the chapters were structured in specific time cuts, hence: the built of Prado Mineiro and its appropriation by football (1904-1923); the stadiums that appeared in the 1920's and go through important reconstruction in the 1940's, bond to the Sete de Setembro club and the important football space, distinctively in its relation with the 1950 (1948-1950) World Cup; and, finally, the Mineirão stadium, main stage of football in the city since its opening up to current days (1958-1965). The evidences point to the identification of three particularly punctual understandings: the first concerns the relation established between these stadiums and the urban/spatial structuring in their surroundings, promoting and/ or provoking rearranges related to both urban mobility, the building of access ways, traffic planning, logistics improvement etc. In all these moments, this relation is extremely powerful, enabling the noticing of an influx of the city spatial organizing due to the existence of the stadiums. Another comprehension deals with how much these spaces configure themselves within the modernity logic, providing (or trying to) to the demands and requests of another social order, since urbanistic aspects to the spectacularization of the sport-related phenomenon and its threading to a growing market determination. The idea of modernity is configured, then, as an important relational category of such stadiums with the city of Belo Horizonte, establishing, in a way, the legitimizing convincing of its construction. At last, the manner of how the stadiums in Belo Horizonte are strongly marked by political context throughout the whole time lapse of this study. From Prado to Mineirão, the political order is determining to the condition of execution of the projects that originated stadiums, from political opponents rallies and quarrels, certain groups privileges concerning the sporting field in town, and the elaboration of an easy-making legislation for implementing such spaces

Keywords: History. Football. Stadiums.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Hippodrome d'Auteuil, em fins do séc. XIX.....	18
Figura 2 - Hippodrome de l'Alma, élévation intérieure.	19
Figura 3 – Projeto de alterações para o Estádio do Aston Villa	20
Figura 4– Projeto de construção do estádio de futebol do Tottenham Hotspur F. C.....	21
Figura 5 - Itinerário de Pesquisa.....	23
Figura 6 – Cartão-postal das arquibancadas do Prado Mineiro.....	30
Figura 7 – Foto de um páreo no Prado Mineiro, tendo ao fundo o Pavilhão.....	37
Figura 8 – As cocheiras do Prado Mineiro, em evidente estado de abandono.	40
Figura 9 – As raias e o pavilhão do Prado Mineiro, sem ostentar o aspecto garrido de outrora.	40
Figura 10 – “Um aspecto da Exposição Industrial no Prado Mineiro”	41
Figura 11– Foto do campo do Athletico. Autoria de Higino Bonfioli.....	43
Figura 12 – Instantâneos no Prado Mineiro na realização da “Taça Bueno Brandão”.....	46
Figura 13 – O match realizado no dia 7 de setembro entre o Athletico Mineiro e o Grambery.....	47
Figura 14 - “Sahindo do Prado Mineiro, depois do ultimo match de football”	48
Figura 15 – Projecto de Archibancadas do America Foot-Ball-Club.....	52
Figura 16 – Estádio do América em 1923, ano da sua inauguração.....	53
Figura 17 – Assistência feminina na inauguração do estádio americano.	55
Figura 18– Pontapé inicial dado pelo Presidente do Estado, Dr. Raul Soares.	56
Figura 19 – Manchete da seção esportiva do Araldo Italiano	58
Figura 20 – Time do Palestra Italia que participou da inauguração do estádio, em 1923.	60
Figura 21 – Tarde de clássico no velho estadinho do Palestra, no Barro Preto.....	60
Figura 22 - Manchete do jornal “O Pirolito”, dando destaque à partida inaugural do estádio americano.....	62
Figura 23 – Inauguração do estádio da Av. Araguaya.....	63
Figura 24 – Aspecto das archibancadas no jogo inaugural do estádio americano.....	63
Figura 25 – “Placard” do estádio americano, em 1929.	64
Figura 26 - “Diversas vistas do novo Stadium do America Foot Ball Club”.	65
Figura 27– Inauguração do Estádio Antônio Carlos, em 30.05.1929.....	67
Figura 28 – Torcedores atleticanos sobre a torre de iluminação do estádio Antônio Carlos.....	70
Figura 29 – Flagrantes de jogos no Estádio Juscelino Kubitschek.....	71
Figura 30 – Estádio do Alameda em dia de jogo, em fins da década de 1940.	72
Figura 31 - Em 1943, a torcida compareceu às arquibancadas para assistir a um treino	73
Figura 32 - Vista do Estádio Antônio Carlos, nos anos finais da década de 1940.	73
Figura 33 – Shopping construído no terreno do estádio Antônio Carlos	74
Figura 34 – Local atual do Estádio Alameda, em Belo Horizonte.	75
Figura 35 – Sede campestre do Cruzeiro Esporte Clube, no lugar do outrora Estádio JK	76
Figura 36 - Aspecto da inauguração do serviço de terraplanagem no campo do Sete de Setembro	80
Figura 37 – Discurso do vereador e presidente do Sete de Setembro, Antonio Lunardi (em destaque).	81
Figura 38 – Manchete da seção esportiva anunciando novo presidente do Sete de Setembro	82
Figura 39 – Charge de Mangabeira	84
Figura 40 - Antonio Lunardi mostra ao redator do Vida Esportiva o local do maior Estádio de Minas Gerais.	86
Figura 41 - Projeto de Construção do Estádio do Clube Sete de Setembro.....	87
Figura 42 – Prefeito Otacílio Negrão de Lima	89
Figura 43 – Manchete da reportagem sobre o Decreto-Lei no 10.	91

Figura 44 – Ato de assinatura do Decreto-Lei n. 10.....	92
Figura 45 – Flagrantes de partidas realizadas no Estádio da Alameda.....	103
Figura 46 – Construção do Estádio Independência no final do ano de 1949.....	118
Figura 47 - Vista aérea do Estádio Independência, quatro meses antes da sua inauguração.....	123
Figura 48 - Ranking dos maiores estádios do mundo.....	127
Figura 49 - Ingresso original do clássico que reinaugurou o estádio do Independência em 1986.	128
Figura 50 - As chaves do Independência são repassadas ao América F. C. pelo Sete de Setembro F. C.....	129
Figura 51 - Cooperação Técnico-Financeira firmado entre os clubes Sete de Setembro e América	130
Figura 52 – Termo aditivo firmado entre os clubes Sete de Setembro e América.	135
Figura 53 - Incorporação societária do Sete de Setembro ao América F. C.....	139
Figura 54 - Obras no Estádio Independência.....	141
Figura 55 - Arena Independência	142
Figura 56 - “Cenas como esta registram-se com frequência em nossos estádios”.	144
Figura 57 – Fotos ilustrativas da reportagem sobre estádios de Belo Horizonte.....	145
Figura 58 – Fotos ilustrativas da maquete do Estádio Universitário	147
Figura 59 – Fotos ilustrativas da maquete do Estádio Universitário	149
Figura 60 – Propaganda de venda de cadeiras cativas/perpétuas do Estádio Belo Horizonte.....	150
Figura 61 – Francisco Cortes assinando contrato para a construção do Estádio Municipal.....	151
Figura 62 – Francisco Cortes assinando contrato para a construção do Estádio Municipal.....	152
Figura 63 – Local onde seria construído o Estádio Municipal.	153
Figura 64 – Nota ilustrada sobre o andamento da construção do estádio.....	154
Figura 65 - Amintas de Barros discursando a favor do estádio.....	156
Figura 66 – Nota ilustrada tratando do levantamento topográfico.	157
Figura 67 – Presidente da CCLA, general Carlos Medeiros em entrevista ao Estado de Minas.....	158
Figura 68 – O Prefeito no local do futuro Estádio Municipal.	161
Figura 69 – Publicidade de lançamento da venda das cadeiras do Estádio Belo Horizonte.....	163
Figura 70 – Publicidade de lançamento do Estádio Belo Horizonte.	164
Figura 71 – Flagrante de aquisição de cadeiras do estádio Belo Horizonte por personalidades esportivas.	165
Figura 72 – Nota explicativa dos construtores do estádio sobre a legitimidade do terreno.....	166
Figura 73 – Anúncio em out-door do Estádio Belo Horizonte.	169
Figura 74 – Flagrante da assinatura da lei que autoriza a construção do Estádio Minas Gerais	172
Figura 75 – Maquete do Estádio “Minas Gerais”.....	177
Figura 76 – Máquinas trabalhando no estádio.....	180
Figura 77 - Tratores em ação	181
Figura 78 – Bias Fortes, o “Governador dos Esportes”.....	182
Figura 79 – Balanço Geral da construção do Estádio Minas Gerais referente ao ano de 1960.....	184
Figura 80 – Propaganda política do candidato Jorge Carone à Prefeitura de Belo Horizonte em 1962.....	186
Figura 81 – Candidato Jorge Carone discursando.	187
Figura 82 – Visita da Diretoria de Esportes de Minas Gerais à Câmara Municipal de Belo Horizonte.....	189
Figura 83 – Foto aérea do Estádio “Minas Gerais” em construção.	192
Figura 84 – Pelé e Zito visitam as obras do Estádio “Minas Gerais”.....	195
Figura 85 – Anúncio da visita da imprensa carioca às obras do estádio “Minas Gerais”.....	197
Figura 86 – Propaganda do governo mineiro em páginas de esporte.....	199
Figura 87 – Estádio na véspera de sua inauguração.	201

Figura 88 – Capa da Revista Foto Esporte - edição especial “Mineirão”	202
Figura 89 - Quadro estatístico comparativo “Mineirão x Maracanã.	206
Figura 90 – Descerramento da placa de inauguração do Mineirão pelo Governador Magalhães Pinto.	213
Figura 91 – Bênção do Estádio pelo Arcebispo Coadjutor de Belo Horizonte.	214
Figura 92 – Apresentação de harpa e lira por alunas da Escola de Educação Física da UMG.....	214
Figura 93 – Apresentação de balizas por aluna da rede pública de ensino.....	214
Figura 94 – Gil César, Magalhães Pinto e o zagueiro da seleção brasileira Bellini durante o Hino Brasileiro.215	
Figura 95 – Miss Brasil e Miss Estádio na inauguração do estádio.	216
Figura 96 – Propaganda de vendas de cadeiras cativas do estádio “Minas Gerais”	216
Figura 97 – Registro fotográfico do público presente no dia da inauguração do estádio.....	217
Figura 98 – Mineirão passando por reformas para a Copa do Mundo de 2014.....	219
Figura 99 – Vista aérea do “Novo Mineirão”	219
Figura 100 – Vista interna do “Novo Mineirão”.	220

SUMÁRIO

Projeto de Edificação (Notas Introdutórias)	12
I Prado Mineiro: “ <i>um melhoramento excelente e útil</i> ”	29
II A Década de 1920 e os Novos Estádios: “ <i>uma necessidade orgânica do football</i> ”	50
III O Gigante Do Horto: “ <i>orgulho de Minas Gerais</i> ”	78
IV O Colosso Da Pampulha: “ <i>o maior e mais moderno estádio do mundo</i> ”	143
V Acabamento Final.....	221

PROJETO DE EDIFICAÇÃO (NOTAS INTRODUTÓRIAS)

Los científicos dicen que estamos hechos de átomos; pero a mí un pajarito me contó que estamos hechos de historias.

(Eduardo Galeano)

O futebol, na perspectiva de um fenômeno esportivo, dialoga com todo um contexto circundante, influenciando e sendo influenciado pela dinâmica social ao seu entorno. Aspectos como economia, política, trabalho e lazer se entrecruzam com o universo futebolístico, criando um espectro de análises e variáveis sociais múltiplo. Prospectar um protagonismo a este objeto, que notadamente se abrigou à margem do mundo das ciências e do academicismo mais tradicional em um passado recente, representa um esforço de compreensão que corrobora a lógica de que o conhecimento também se produz nos interstícios das práticas cotidianas, espelhando modelos culturais de hábitos e costumes historicamente construídos e situados.

Dentre esta multiplicidade de possibilidades, focamos o nosso olhar para os estádios (ou ainda, a história deles), como espaço-símbolo e simbólico de ocorrência do futebol. Nesse ínterim, o presente estudo tenciona construir uma narrativa de cunho historiográfico do percurso trilhado pelos (principais) estádios de futebol na cidade de Belo Horizonte. A construção de um estádio de futebol representa mais que um marco geográfico na paisagem. Por ser a sede de um depósito de emoções, representa o espaço onde experiências sensoriais profundas ocorrem. Uma profusão de sensações que se desdobra em sons, cheiros e impactos visuais permanentemente mutáveis.

Para Certeau¹, o espaço se torna o lugar praticado. Por isto, um estádio de futebol somente ganha significação social (para além de uma dada espacialidade) quando ocupado por sujeitos que se apropriam do mesmo, com o domínio (ou não) dos códigos próprios de pertencimento ao lugar. Torcedores, jogadores e jornalistas esportivos se tornam parte de um

¹ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

conjunto de pessoas que transformam o estádio de futebol em um local de comportamentos singulares que dão vida e sentido ao espaço.

No entendimento de Gilmar Mascarenhas (2005)², tomamos os estádios como portadores de importantes conotações simbólicas. Este autor, que se apropria aqui das ideias de Costa (1987)³, define os estádios como novos espaços institucionais capazes de mobilizar uma nação inteira e cada indivíduo a seu modo. De fato, enquanto experiência coletiva, situar-se em um estádio de futebol também é indicativo de um modo particular de apropriação do lugar, reverberando-se em uma entidade individual e particular.

A construção de estádios representou um projeto de desenvolvimento atrelado a uma nova concepção de sociedade: um *ethos* modernista. Constituía, portanto, num primeiro momento, estar atento a originais demandas que uma cidade moderna necessitava atender. Ao desenvolvimento do futebol na capital mineira (ele próprio, o futebol, já se tornara uma insígnia para uma cidade distintiva), tornava-se fundamental a construção de espaços que abrigassem a prática esportiva, com uma adequação e exigência cada vez mais crescentes. Posteriormente, num momento em que o futebol se firmara como uma significativa marca social, a inauguração de estádios em Belo Horizonte se articulava a uma tentativa de fundação de uma marca arquitetônica/espacial que projetasse o nome do estado de Minas Gerais para o restante do Brasil, cuja imponência vanguardista pudesse rivalizar com outras forças político-geográficas do país, notadamente o Rio de Janeiro e São Paulo.

Neste íterim, cabe ressaltar a necessidade de compreensão dos motivos que justificam tamanha transformação espacial, quando tratamos da construção de um estádio de futebol em um dado lugar. Para Jesus (1999), é necessário considerar o espaço como condicionante para a ação humana, impondo “barreiras” ou oferecendo “atrativos”, e não como mero palco passivo do acontecer social⁴.

Dito de outra forma, compreender o lugar que ocupamos (lugar espacial, mas também social) se torna fundamental. Um estádio de futebol se transmuta em lugar à medida que

² MASCARENHAS, Gilmar. A Mutante Dimensão Espacial do Futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 61-70, Jan./Dez. 2005.

³ COSTA, A. da Silva. **Football et mythe**: la fonction symbolique du football a travers le presse sportive de masse. PhD Thesis, Univ. Catholique de Louvain, 1987.

⁴JESUS, G. M. A. Geografia e os Esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões: Educação, Esporte e Lazer**, Campinas-SP, v. 1, n. 2, p. 47-61, dez. 1999.

damos significação a ele, mas também sendo por ele impactado, transformando nossa sensibilidade. Entender o lugar e sua história permite entender, por consequência, as experiências que ali acontecem. Como sugere Santos, “[...] cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”⁵.

David Harvey, ao debater sobre a experiência do espaço e do tempo, propõe que “as ordenações simbólicas do espaço fornecem uma estrutura para a experiência mediante a qual aprendemos quem ou o que somos na sociedade”⁶. Assim, os espaços sociais permitem que uma identidade coletiva seja construída, moldando formas de ser e pertencer em um dado contexto espacial.

É justamente esta estruturação do espaço que aqui particularmente nos interessa. Se é verdade que um estádio de futebol se configura em monumento na paisagem, também o é que isto ocorre em íntima relação com a cultura do “lugar” em que ele emerge. Para Berdoulay, este movimento se estabelece de tal forma que:

Podemos dizer que da interação entre cultura e espaço emergem lugares que o sujeito constrói ao mesmo tempo que constrói a si mesmo. Nesse processo, há a seleção de diversos elementos dispersos no meio ambiente físico e cultural, que são retomados e recompostos dentro de novos relatos e constantemente revistos: para tomar consciência dele mesmo e exercer sua flexibilidade, o sujeito dá sentido a esses elementos no interior de tramas narrativas que, por consequência, também fundam ou redefinem os lugares. Porque ditos, ou melhor, contados, os lugares servem para o sujeito formular as condições da ação.⁷

A literatura científica no campo da geografia permite um aprofundamento do olhar sobre importantes questões que se situam na órbita do nosso interesse. Neste particular aspecto, a geografia cultural⁸ se destaca como subcampo da geografia, ao propor uma análise mais apurada da cultura (na qual o simbólico tem enorme centralidade), entendendo-a como

⁵ SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2006, p. 225.

⁶ HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 1994, p. 198.

⁷ BERDOULAY, Vincent. Espaço e Cultura. In: **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2012, p. 121.

⁸ Para Roberto Lobato Corrêa (2012), essa geografia é recente, tendo emergido após 1970 com as mudanças na geografia cultural de base saueriana. As décadas seguintes viram um número crescente de estudos a respeito dos diferentes significados atribuídos pelos vários grupos sociais aos diversos aspectos da vida.

“geografia das formas simbólicas”, onde as ações culturais manifestam-se de modo diferenciado no espaço e no tempo.⁹

Ao pensarmos sobre esta dialética significação simbólica que o lugar/espaço compõe com as experiências humanas, vale resgatar o pensamento de Frampton (1974, p. 479), ao propor que:

O lugar surge no plano simbólico com a significação consciente de um sentido social, e no plano concreto, com o estabelecimento de uma região claramente definida em que o homem ou os homens podem passar a existir. A receptividade e a sensível ressonância de um lugar – a saber, a percepção sensorial de sua validade como “lugar” – dependem, primeiro, de sua estabilidade cotidiana para os sentidos e, segundo, da adequação e riqueza das experiências socioculturais que ele proporciona.¹⁰

No dizer de Haroche (2008), estabelecer a possibilidade de uma arquitetura e de uma cidade que possam ser “experimentadas”¹¹. Ou ainda, como expresso por Pinheiro e Uglione (2013, p. 132), “diferentemente de um ‘palco’ asséptico para as interações humanas e a vida urbana, a cidade e a arquitetura passam a ser vistas como atores que interagem com todas as facetas da realidade – humana, física, social, geográfica – do espaço, compondo juntos e indistintamente um horizonte de cenas”.¹²

No entreposto entre o olhar geográfico e a arquitetura, a noção de monumento também precisa ser aqui mobilizada, no intuito de adensamento discursivo da narrativa. Ora, se um estádio de futebol representa um lugar/espaço social, o mesmo o faz (e se perpetua como tal), à medida que incorpora o *status* de monumento, ou de um símbolo concreto na paisagem, que marca a sua existência e identidade. Por muitas vezes, essa concretude monumental se transmuta em patrimônio material, devendo ser preservado como território de importância memorial. Como dito por Carolina Fedatto:

⁹ CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e Simbolismo. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012. p. 133.

¹⁰ FRAMPTON, Kenneth. Uma leitura de Heidegger. In: NESBITT, Kate (Org.) **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: CosacNaify, 2006.

¹¹ HAROCHE, Claudine. **O futuro do sensível: os sentidos e os sentimentos em questão**. Conferência proferida no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 7 de abril de 2008.

¹² PINHEIRO, Ethel; UGLIONE, Paula. A memória do futuro e a busca por uma nova sensibilidade cidadina. In: DUARTE, Cristine Rose; VILLANOVA, Roselyne de (Orgs.). **Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2013.

Os discursos que fundam determinados lugares como referência estabelecem uma relação com a noção de patrimônio entendido como lugar material de identificação. Assim, o desenho urbano pode ser visto como o rastro de uma invenção de passado que deseja sobrepor-se às práticas espaciais dos povos que antes habitavam o território. Não sem ambiguidade, as construções que se transformaram em referência, elevadas também, em vários casos, ao estatuto de patrimônio histórico, são qualificadas por pares antitéticos como lugares de resistência ou submissão, invenção ou empréstimo, progresso ou decadência. Os limites dessas disjunções devem ser compreendidos através da rede de discursos que fundou a noção de patrimônio.¹³

Sobre isto, vale a reflexão sobre a (im)permanência dos lugares. Por que razões determinados lugares são preservados ao longo do tempo? Num sentido contrário, o que legitima a desconstrução de outros lugares? A título de exemplificação desta perspectiva, dos sete estádios analisados neste trabalho, apenas dois continuam existindo (embora com “reformas”, o que sugere uma “desconstrução/construção”). Os demais estádios sobrevivem apenas na memória imaterial dos sujeitos e nas fontes que foram preservadas, uns mais outros menos lembrados. Assim, podemos também questionar: o que garante maior força memorialística para alguns deles? O tempo? Os discursos? As instituições a que estavam vinculados? Portanto, podemos pensar que:

O monumento fala por sua presença mesma no espaço histórico, seja pela imposição de uma forma que silencia outras, seja como condição para que o sentido se espacialize. [...] A produção de uma *referência* no espaço tem a ver com a simbolização desse espaço, com a relação de uma construção com outras, com o processo de ocupação das cidades, com a necessidade política de construir uma origem, um passado, uma tradição. Perguntamos, assim, pelo confronto de discursos que produz esse efeito de localização, não só no espaço, mas na confluência de muitos sentidos, no imaginário de um marco zero... o que está em jogo na evidência de uma referência?¹⁴

No entanto, localizar a origem (ou o contexto que permite o surgimento) dos estádios (e dos estádios de futebol), permite o avanço na compreensão do objeto. Em que momento da história humana a construção destes espaços se torna necessária? E porquê? Antes mesmo da chamada “era moderna”, percebemos a ocorrência de lugares para abrigar práticas festivas e/ou ritualísticas, notadamente atrelados a um grupo de poder no desenho social. Anterior à forja do esporte e suas condicionantes, verificamos que os “estádios” atuavam como espaços de práticas sociais importantes. No Império Romano, a construção do Coliseu funda este tipo de ambiente/recinto, captador de experiências singulares, e configurando-se em um local de

¹³ FEDATTO, Carolina P. **Um saber nas ruas**: o discurso histórico sobre a cidade brasileira. Campinas: Ed. Unicamp, 2013, p. 89.

¹⁴ *Idem*, p. 73.

concentração, expressão e exercício do poder. Com a queda do Império, os estádios, como expressão de evento social, arrefecem sua importância. Contudo, atividades lúdicas eventualmente competitivas se realizam, como precursoras dos esportes modernos (GUTTMANN *apud* GAFFNEY; MASCARENHAS, 2004)¹⁵.

Com o desenvolvimento e refinamento do esporte (em fins do século XVIII e século XIX adentro), gesta-se, por conseguinte, a necessidade da construção de um “território” que pudesse atender às demandas, cada vez mais crescentes, do espetáculo esportivo. Neste cenário, destacam-se, dentre outras práticas, o turfe e o futebol, com o surgimento dos hipódromos e dos estádios. No caso do turfe, os hipódromos acentuavam seu valor atrelados à sua relação positiva com o mercado imobiliário. Com o florescimento das cidades e a expansão da indústria do espetáculo esportivo, vieram as melhorias, como a construção de arquibancadas e pavilhões sociais, visto que, anteriormente, as corridas de cavalo na Europa encontravam-se afastadas das cidades e sem nenhum tipo de valorização e estrutura. Este processo inicia-se com a reforma do Barão de Haussmann¹⁶, em Paris, quando foi construído o hipódromo do *Auteuil*¹⁷ (Fig. 01). Perseguindo o espírito da *belle époque*, outras grandes cidades tencionavam se apropriar dos valores da época e acabaram também construindo hipódromos, especialmente em bairros elitizados.¹⁸

¹⁵GAFFNEY, C.; MASCARENHAS, G. O estádio de futebol como espaço disciplinador. SEMINÁRIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT – PERSPECTIVAS, n.1, 2004, Florianópolis-SC. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2004, p. 2-16.

¹⁶A Reforma urbana de Paris foi promovida por Georges-Eugène Haussmann entre 1852 e 1870. Haussmann, o então prefeito do departamento do Sena, concentrou os esforços da reforma urbana no sentido de promover melhorias nas manobras militares, assim como na circulação e na higienização da capital da França. Para tal fim, demoliu inúmeras vias pequenas e estreitas residuais do período medieval, e criou imensos boulevards organizadores do espaço urbano, assim como jardins e parques.

¹⁷O *Hippodrome d'Auteuil* é um campo de corridas de cavalos no Sudeste do *Bois de Boulogne*, em Paris. Faz fronteira com o anel viário próximo ao *Porte d'Auteuil*. Abriga corridas de cavalos com uma especialidade: o obstáculo. *Auteuil* é considerado o principal hipódromo francês de corridas com obstáculos. Sua dimensão equivale a 44 hectares.

¹⁸JESUS, G. M. **Conexões**: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP, v. 1, n. 2 p. 47-61, dez. 1999, p. 53.

Figura 1 – Hippodrome d'Auteuil, em fins do séc. XIX.



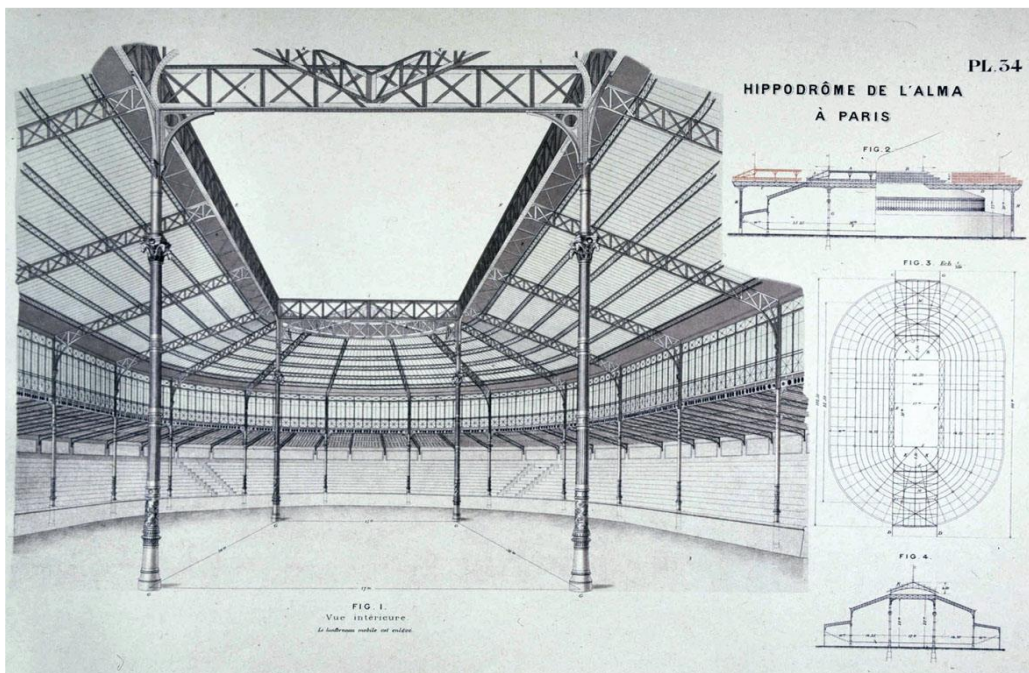
Fonte: <https://cortacabeza.files.wordpress.com/2011/04/hippod1.jpg>

A título de ilustração da pretensão do alcance de uma portentosa concretude (que emanasse os novos valores da modernidade), apresentamos a planta de construção do hipódromo parisiense de Alma, (Fig. 02). O mais famoso em termos arquitetônicos, o *Hippodrome d'Alma* (descendo a rua de mesmo nome), foi inaugurado em junho de 1877. Era um enorme edifício de ferro, que podia acomodar 6.000 espectadores. O criador do projeto era Joseph Oller, um conhecido empresário no ramo de Shopping. Sua estrutura ovalada representou um modelo avançado, pela utilização de materiais pouco usuais para as edificações à época. Todo este trabalho está bem documentado pelas plantas e elevações publicados em um livro sobre a arquitetura de ferro¹⁹, onde o *Hippodrome d'Alma* compete como uma das realizações de metal mais bem sucedidas do seu tempo²⁰.

¹⁹ VIERENDEEL, Arthur. **La construction architecturale en fonte, fer et acier**. Bruxelles, 1896, planches 33 et 34. De belles photographies intérieures permettent d'en appréhender la qualité dans le Fonds Paul Adrian, à la BnF, dans les Arts du Spectacle.

²⁰ CUEILLE, Sophie. Le cheval de course en Île-de-France, une présence architecturale et paysagère. In: **Situ – Revue des patrimoines**. Disponível em: URL : <http://insitu.revues.org/9685>. Acessado em 11 jan. 2015.

Figura 2 - Hippodrome de l'Alma, élévation intérieure.



Fonte: VIERENDEEL, Arthur. *La construction architecturale en fonte, fer et acier*. Bruxelles, 1896.

No entanto, o futebol, já alçado à condição de um esporte altamente popular e massificado na Inglaterra, também construía seus primeiros estádios para a prática espetacularizada. Assim, desde o século XIX, a Grã-Bretanha erguia seus estádios para os clubes, sendo estes localizados próximos a áreas de fácil acesso através de transporte público, especialmente ferroviários, viabilizando, desta maneira, a presença de torcedores (INGLIS, 1987, *apud* GIULIANOTTI 2002)²¹.

No que diz respeito à arquitetura, os projetos eram de caráter clássico no Reino Unido. Desenhados pelo arquiteto Archibald Leitch, possuíam forma elíptica, lembrando os anfiteatros romanos, e constavam de arquibancadas cobertas e abertas. Depois de algum tempo, os campos passaram a ser construídos em forma retangular devido a limitações no orçamento e à disposição dos espaços nas cidades. Naturalmente, a classe alta se acomodava nos assentos onde a arquibancada fosse coberta. Em contrapartida, os operários ficavam em pé, sem cobertura e, na maioria dos casos, atrás do gol. Tal divisão resiste até hoje em determinados estádios (GIULIANOTTI, 2002).²²

²¹GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e culturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

²² GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e culturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

A história do arquiteto Archibald Leitch merece especial atenção, por representar o início dos projetos de grandes estádios de futebol. Segundo estudo empreendido por Cruz, entende-se que:

A partir da primeira década do século XX, o arquiteto Archibald Leitch desponta como o principal projetista e construtor de estádios de futebol no Reino Unido, após ter executado projetos nos três principais estádios da Escócia: Hampden, Ibrox e Celtic Park. Clubes como o Sheffield Wednesday, Tottenham Hotspur, Liverpool, Fulham, Aston Villa e o Everton, alguns dos mais importantes clubes ingleses, todos contrataram Leitch para construir seus estádios. Leitch lançava mão, sempre, de um projeto básico que consistia em três arquibancadas abertas (chamadas de *ends* ou *kops*, aquelas que ficavam atrás dos gols), sobrepostas por uma grande arquibancada coberta (*mainstand*), com duas fileiras, em volta do gramado²³.

Figura 3 – Projeto de alterações para o Estádio do Aston Villa.



Fonte: <http://www.maisfutebol.iol.pt/soldados-desconhecidos-archibald-leitch/544833200cf241acf174b3cf..html>

²³ CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo. **A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros.** 2005. 123f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2007.

Figura 4– Projeto de construção do estádio de futebol do Tottenham Hotspur F. C.



Fonte: <http://www.maisfutebol.iol.pt/soldados-desconhecidos-archibald-leitch/544833200cf241acf174b3cf.html>

Como se pode perceber, os equipamentos esportivos afetam diretamente a dinâmica urbana, cada um seguindo uma lógica locacional e uma forma espacial que deriva da própria modalidade esportiva que o criou (JESUS, 1999)²⁴. Nesta perspectiva, é o futebol que, de fato, incorpora o mais ampliado sentido da noção de “espetáculo esportivo”, e traz a reboque a construção de grandes espaços que viabilizassem a política de investimento esportivo e de lazer. Para Gaffney e Mascarenhas (2004, p. 06), “atentos à oportunidade de se lucrar, operadores privados profissionalizaram os esportes, visando grandes espetáculos. Como consequência, temos os grandes estádios da era moderna [...] parte da estratégia dominante da reprodução social através do controle sobre o tempo livre do trabalhador”.

No entendimento de John Bale, geógrafo britânico referência em estudos do futebol, em especial dos estádios, as mudanças nestes espaços não refletem apenas o desenvolvimento do esporte. Elas refletem em larga medida as mudanças sociais, uma vez que apontam como

²⁴JESUS, G. M. A. Geografia e os Esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões: Educação, Esporte e Lazer**, Campinas-SP, v. 1, n. 2, p. 47-61, dez. 1999.

a sociedade se desenvolve e indica suas adesões, convertendo-as em ativismo, no qual o esporte é uma parte²⁵.

Desta forma, estruturo esta tese em uma cronologia que faça emergir os objetos espaciais, alvos do meu particular interesse. Assim, no primeiro capítulo busco contextualizar o surgimento do Prado Mineiro, primeira edificação com a natureza de *stadium* na cidade de Belo Horizonte, que à época representou, emblematicamente, o intuito de uma “cidade esportiva”. Em outro momento, que demarca o interesse narrativo do segundo capítulo, procuro compreender a profusão de estádios construídos em um curto espaço de tempo, a saber, a década de 1920, que assiste ao aparecimento de quatro estádios de futebol, capitaneados pelos principais clubes da capital. No terceiro capítulo, concentro esforços no Estádio Independência, tendo como foco central os interesses e motivos que justificaram a construção deste espaço. E finalmente, no quarto capítulo, a história do maior e mais importante estádio mineiro, o “Governador Magalhães Pinto”, popularmente conhecido como Mineirão.

A invenção do lugar se torna, assim, o esforço de investigação a ser perseguido. Cada informação, fala, texto, reportagem, documento, imagem, representa um fio cuja construção da narrativa deve procurar tecer, entremeando as fontes com o objeto. O estádio não é uma obra do acaso, mas antes, um investimento de poder que revela tensões e acomodações, aproximações e afastamentos. O que a memória guarda (e o que ela silencia) conta a história destes lugares, que transmutam experiências sensoriais em experiências afetivas (literalmente, aquilo que afeta). E é esta memória que procuro perseguir neste trabalho. Neste sentido, penso que:

Não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças apareça²⁶.

²⁵ BALE, John. **Sport, space and the city**. Caldwell: The Blackburn Press, 1993.

²⁶ HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. p. 170.

Para facilitar a apreensão do itinerário de pesquisa que pretendo transcorrer, exponho abaixo o mapa do meu percurso investigativo, para em seguida explicitar a abordagem metodológica adotada para a construção da minha narrativa, apontando os procedimentos e as fontes que permitiram a tessitura textual do estudo proposto:

Figura 5 - Itinerário de Pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor

Do método e das fontes

Início minha abordagem metodológica apontando questões que considero fundamentais para o posterior esquadramento dos modos de fazer desta pesquisa. Conforme dito por José D'Assunção Barros, no prefácio do livro “Pesquisa Histórica e História do Esporte”, é preciso refletir sobre:

Que maneiras estão disponíveis para lidar metodologicamente com a diversidade de fontes que são oferecidas aos historiadores através da história do esporte, de suas realizações, de sua recepção pelo grande público? De que habilidades precisamos nos prover para enxergar a história do esporte, e a história *através* do esporte, nas fontes trazidas pela mídia, pela arte, pelo mundo cultural e político, pela cultura material? Como percorrer mais sistematicamente o labirinto de possibilidades que nos oferecem os arquivos, e de que modo explorar os depoimentos orais para o caso dos estudos da história recente do esporte?²⁷

Na perspectiva de um trabalho de tal natureza, a adoção de um caminho que permita a construção de uma narrativa coerente tornou-se essencialmente importante. Assim, este trabalho se desenvolve metodologicamente sob a ótica de uma pesquisa historiográfica, centrando inspiração na História Cultural e seus desdobramentos. A História Cultural representa outra possibilidade de (re)construção do passado, colocando-se no movimento de oposição de uma “história historicizante”²⁸, e constituindo-se como uma história problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar. Uma história preocupada, enfim, não com a apologia de príncipes ou generais em feitos singulares, senão com a sociedade global, e com a reconstrução dos fatos em série passível de compreensão e explicação²⁹.

Uma história que se preocupe com vestígios do cotidiano, ou ainda, dito pelo olhar poético de Manoel de Barros, uma história que possa “tratar um cisco com a importância de uma catedral”³⁰.

Entendendo que no movimento de busca das fontes, que dão vozes aos atores dopassado, é que foi definida a metodologia de análise, orientei este trabalho a partir da noção

²⁷ BARROS, José D'Assunção. Prefácio. In: MELO, Victor Andrade; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João Manuel Casquinha. **Pesquisa Histórica e História do Esporte**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013. p. 13.

²⁸ Termo utilizado por Ronaldo Vainfas para designar uma história arcaica, tradicional e pragmática.

²⁹ VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 127.

³⁰ BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 23.

de “representação” como forma de subsidiar a minha narrativa, visto que a mesma configura-se como categoria central da História Cultural. Cabe elucidar que as representações apresentam-se como possibilidade de entendimento de um fenômeno histórico-social, ou ainda, dito por Chartier, como “instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”.³¹

Inspirei-me também no paradigma indiciário, importante conceito metodológico da micro-história. O objeto da micro-história não reside nas estruturas e mecanismos que regem, fora de todo subjetivismo, as relações sociais, mas sim nas racionalidades e estratégias que põem em funcionamento as comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos³². Nesta perspectiva, o método indiciário proposto por Ginzburg é valiosa ferramenta. Nele, a história não é uma ciência de tipo galileano (totalmente abstrata, dedutiva, quase matemática), mas uma ciência do particular. Ao historiador cabe, com método e problemáticas teoricamente amplas, captar e decifrar os indícios, à semelhança do que faz o médico, o detetive e outros “investigadores” que só atingem o geral a partir de sinais particulares, valendo-se de erudição e mesmo de intuição³³.

Para além destas conjecturas conceituais-metodológicas, percebo a elaboração de uma narrativa historiográfica como uma forma de (re)invenção do passado, à medida que, com a nossa sensibilidade (atrelada ao rigor da coleta e uso das fontes), vamos costurando uma trama que transcende à verdade (posto que a verdade é sempre uma fugidia possibilidade), inaugurando uma interpretação representativa, e por fim, estabelecendo um novo cenário (no presente), a partir de práticas e discursos do passado. Para o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007, p. 63) é possível pensar que:

O conhecimento histórico torna-se, assim, a invenção de uma cultura particular, num determinado momento, que, embora se mantenha colado aos monumentos deixados pelo passado, à sua textualidade e à sua visibilidade, tem que lançar mão da imaginação para imprimir um novo significado a estes fragmentos. A interpretação em História é a imaginação de uma intriga, de um enredo para os fragmentos do passado que se têm na mão. Esta intriga para ser narrada requer o uso de recursos literários como as metáforas, as alegorias, os diálogos, etc. Embora

³¹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

³² Conferência apresentada por Roger Chartier na Fundação Getúlio Vargas (CPDOC), 1993, mimeo, p. 3 (traduzido em *Estudos Históricos*, 13, 1994 p. 97).

³³ GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.143-180.

a narrativa histórica não possa ter jamais a liberdade de criação de uma narrativa ficcional, ela nunca poderá se distanciar do fato de que é narrativa³⁴.

O recorte temporal para a análise do objeto foi estabelecido/pensado entre os anos de 1904 e 1965. Tal delineamento de tempo se justifica pelo fato do Prado Mineiro, considerado o primeiro estádio da capital, ter sua construção entre os anos de 1904-1906; e o ano de 1965 ter marcado a abertura do Estádio Minas Gerais (Mineirão).

Com tais procedimentos, procurei nas fontes as pistas que possibilitaram a investigação historiográfica viável. A opção aqui delineada fundamentou-se, prioritariamente, nas fontes escritas.

Para Lopes, as fontes escritas abrangem também qualquer tipo de trabalho, direta ou indiretamente escrito para os fins a que o pesquisador(a) lhe destina. Desde os documentos legais, isto é, a legislação pertinente, até livros de receita, por exemplo, passando por biografias e autobiografias, literatura de época, narrativas de viagens, correspondência, jornais, etc.³⁵

O uso de jornais como fonte de pesquisas historiográficas se legitima com o reconhecimento da História Cultural; uma outra possibilidade de fazer história. No entanto, mesmo antes da emergência da *Escola dos Annales*³⁶, Machado de Assis já reconhecia a literatura informativa dos jornais como algo fundamentalmente importante para a escrita da memória. Em um trecho de sua obra, Machado de Assis afirmava, com a sensibilidade peculiar aos gênios:

O jornal, literatura quotidiana, no dito de um publicista contemporâneo, é a reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos, onde se reflete, não a idéia de um homem, mas a idéia popular, esta fração da idéia humana.³⁷

³⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru/SP: Edusc, 2007.

³⁵ LOPES, Eliane Marta Teixeira. Métodos e Fontes na História da Educação e Educação Física. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4., 1996, Belo Horizonte. Coletânea... Belo Horizonte:UFMG/EEF, 1996. p.35-49.

³⁶ A revista dos *Annales* foi fundada em 1929, tendo como principais mentores Marc Bloch e Lucian Febvre. Sua nova abordagem para o estudo da história trouxe conseqüências e influências até os dias atuais, notadamente pela sua preocupação em tirar a história de seu isolamento disciplinar, alargando as problemáticas e se apropriando de metodologias existentes em outras ciências sociais.

³⁷ MACHADO DE ASSIS, José Maria. O jornal e o livro. In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006. p. 952.

Ainda sobre a utilização de periódicos em estudos de caráter histórico, é necessário entender a especificidade deste tipo de fonte, que carrega em si uma peculiaridade do tempo e do espaço em que foi forjada. O olhar do historiador deve reconhecer, portanto, a existência de uma intencionalidade por detrás da elaboração dos textos de um periódico, e captar a essência dos discursos impressos. Dito pelas palavras de Laura Antunes Maciel:

[...] é preciso refletir sobre nossos procedimentos e os modos como lidamos com a imprensa em nossa prática de pesquisa para não tomá-la como um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática social constituinte da realidade, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. Como expressão de relações sociais, a imprensa assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais que se opõem em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula segundo a ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representam.³⁸

Outra possibilidade de fonte a ser mobilizada são as representações iconográficas e imagéticas. A respeito do uso de imagens, a historiadora Ana Maria Mauad ressalta:

Do ponto de vista temporal a imagem fotográfica permite a presentificação do passado, como uma mensagem que se processa através do tempo, colocando, por conseguinte, um novo problema ao historiador que além de lidar com as competências referidas, deve lidar com a sua própria competência, na situação de um leitor de imagens do passado.³⁹

Para perspectivar a imagem como uma forma de leitura de um tempo passado, há a “necessidade de se indagar a fotografia em seu próprio código, como uma linguagem não-verbal, limitada em suas opções pelos recursos técnicos e estéticos de cada época, o que evidencia aspectos formais do registro”.⁴⁰

Todo este conjunto de fontes está disponibilizado em acervos da cidade de Belo Horizonte, com os quais trabalhei e destaco a seguir:

- Hemeroteca Pública do Estado de Minas Gerais
- Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais
- Coleção Linhares

³⁸ MACIEL, L. A. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa—1880/1920. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun; (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’Água, 2004, p.15.

³⁹ ESSUS, Ana Maria Mauad de Sousa Andrade. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4., 1996, Belo Horizonte. **Coletânea...** Belo Horizonte UFMG/EEF, 1996. p. 60.

⁴⁰ VIDAL, D. G. **Fontes Visuais na História**: significar uma peça. *Varia História*: Belo Horizonte, n.13, p. 128-31, 1994.

- Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
- Museu Abílio Barreto

A bibliografia necessária para esta pesquisa abarcou a literatura sobre a cidade de Belo Horizonte, processos de urbanização e construção das cidades, conceituação teórica do campo geográfico (com categorias como espaço, território e lugar), bem como história e contextualização social do lazer e do esporte. Também foram investigadas referências que abordam a temática da história do futebol, seus usos e espaços.

I PRADO MINEIRO: “*UM MELHORAMENTO EXCELLENTE E UTIL*”

O Prado Mineiro se tornaria a primeira construção erguida na geografia belo-horizontina com a configuração de “estádio”. Primeiramente construído para abrigar as elegantes e concorridas corridas de cavalos, em incentivo a uma prática esportiva (turfe) que viria a disputar espaço com o próprio futebol, o Prado sucumbiria à força de penetração e ao crescente apelo popular que o esporte bretão ganharia em início dos anos 1910 na cidade.

O periódico “Folha Pequena” destaca, no ano de 1904, a importância que a construção do Prado teria para a sociedade belo-horizontina (ou para parte destacada dela). A nota traz uma descrição entusiasmada do jornalista, que aponta:

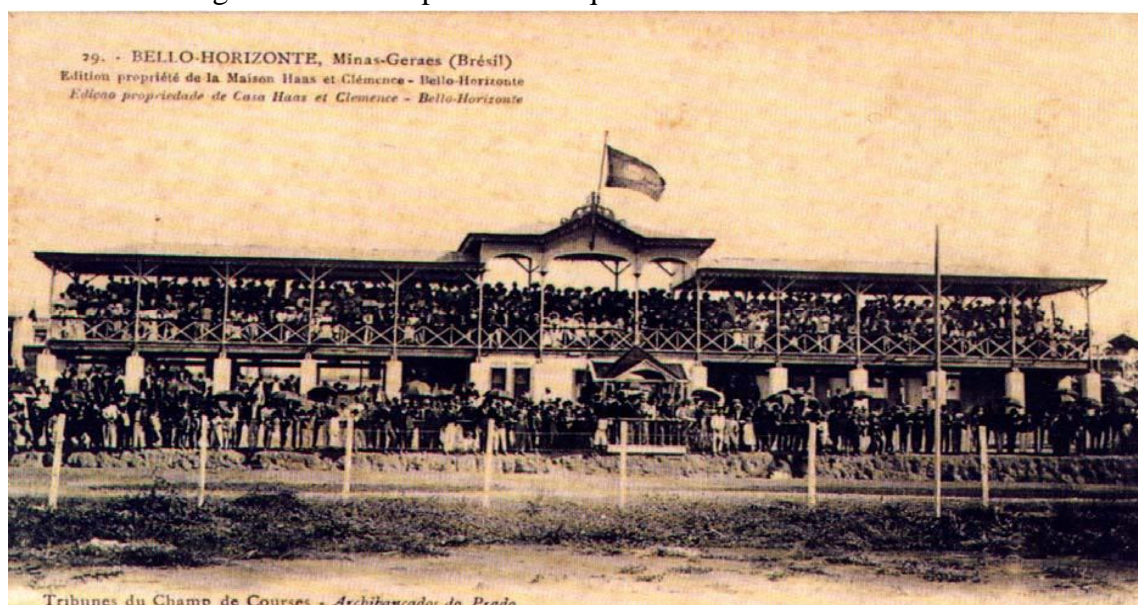
Vimos hoje a planta do pavilhão e archibancadas que a directoria do Prado Mineiro, desta capital, adoptou e vae mandar construir brevemente. O pavilhão central, destinado aos sócios, é de forma elegante com altura sufficiente a dominar toda a área do prado, e as archibancadas para os espectadores, extensas e confortáveis, estão dispostas aos lados no mesmo nível, tendo o pavimento térreo, à direita os compartimentos da pezagem e venda de poules e à esquerda accomodações especiais para botequins etc. O pavilhão tem uma vistosa cúpula, onde tremula o estandarte da associação, e toda a cobertura das archibancadas é ornada de lambrequins e arabescos de muito gosto, dando a todo o edificio o aspecto sportivo dos grandes prados europeus. O trabalho é feito pelo hábil artista Luiz Olivieri, o que basta para garantir a sua perfeição.⁴¹

O início de execução do projeto do Prado coincide com os primeiros movimentos esportivos da cidade. No mesmo ano de 1904, por exemplo, o futebol dava os seus iniciais chutes, com a constituição das suas primeiras equipes e campeonatos. O sentido de se apropriar de uma experiência esportiva parecia iluminar o pensamento dos jovens abastados, que enxergavam em tais práticas o modelo a ser perseguido, enquanto uma sociedade antenada aos novos ventos que sopravam, notadamente da Europa e da Capital Federal, o Rio de Janeiro.

⁴¹FOLHA PEQUENA, 25 nov. 1904, p. 1.

A cultura europeizada demarcava uma distinção, que a nova ordem da República entendia como parte fundamental de uma transição e de uma mudança necessária aos olhos daqueles que se colocavam à frente de tal projeto de socialização. A construção do Prado Mineiro atendia a uma lógica adequada aos novos tempos. Baseada em uma arquitetura europeia, o pavilhão se tornava o emblemático espaço de encontro e convergência de uma cidade que deveria se tornar cada vez mais pública. Os esportes e os divertimentos ao ar livre se configuravam como uma das principais ferramentas para a consecução afirmativa desta intenção. T tamanha importância era destacada em um cartão postal, que tencionava divulgar a moderna cidade de Belo Horizonte aos olhos do mundo. A imagem revela a tentativa de reprodução de uma dinâmica próxima aos principais centros irradiadores da cultura moderna, representada pela distinção dos encontros promovidos pela desejada “sociedade esportiva”.

Figura 6 – Cartão-postal das arquibancadas do Prado Mineiro



Fonte: BELLO Horizonte: bilhete postal. Coleção Otávio Dias Filho, 1997, p. 81.

A ideia de se construir um espaço próprio para abrigar as corridas de cavalo nasce junto com a cidade moderna. A Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC) já previa a reserva de um terreno para a prática do turfe. A pesquisadora Marilita Rodrigues (2006, p. 124) descreve que:

Com um local específico reservado pela CCNC na planta da cidade para a construção de um hipódromo na esplanada, que ficava entre o bairro do Barro Preto e o subúrbio do Calafate, logo após a inauguração da capital, algumas pessoas que

buscavam promover negócios e divertimentos cogitaram de fundar na cidade um clube de corridas.⁴²

Dentre as primeiras tentativas para concretizar o projeto do Prado, destaca-se a iniciativa do coronel João Alfredo de Athayde, que iniciou tratativas com o então prefeito à época (1902), Bernardo Monteiro. Em uma carta endereçada ao prefeito, Athayde faz saber do seu intuito, de construir um hipódromo, com capacidade para quatro mil pessoas, no mesmo local previamente destinado pela CCNC, e adotando como modelo qualquer um existente no Rio de Janeiro, então Capital Federal.

Ainda na mesma correspondência, João Alfredo Athayde expõe condições e critérios, estabelecendo as obrigações contratuais numa eventual parceria com a prefeitura. Esta teria que ceder gratuitamente, pelo período equivalente a vinte anos, a área destinada para a construção do Prado, e ainda conceder isenção total de impostos, referentes às próprias corridas, mas também a outros eventos que porventura ocorressem no espaço, bem como quanto à exploração de bares e restaurantes. À prefeitura caberia também o fornecimento, sem nenhuma taxa, de água potável utilizada pelo Prado, e a extensão até o local de uma linha de bondes.⁴³

Mesmo com tantos condicionantes, parecia ser um investimento que, politicamente, valesse a pena. Bernardo Monteiro firma parceria com o coronel João Alfredo Athayde, e no Relatório Anual da Prefeitura expõe os termos e dá publicidade ao ato. O texto do relatório esclarece:

A 7 de maio do corrente anno, firmei com o sr. coronel João Alfredo de Athayde ou companhia que organizar, contracto para construção, uso e gozo de um prado de corridas no lugar designado na planta geral da cidade, approvada pelo decreto n.817 de 15 de abril de 1895. O prado terá capacidade para mais de 5000 pessoas, modelado pelo que houver de melhor. O contractante obrigou-se a iniciar as obras dentro de 8 meses e a concluir-as definitivamente dentro de um anno. A planta, guardando todas as condições technicas, já foi approvada. A Prefeitura consedeu-lhe isenção de impostos pelo prazo de 5 annos, obrigou-se ainda a fornecer-lhe água potável necessária e a estender até o local do prado a linha de bonds actualmente em construção, de modo a funcionar tudo por ocasião da inauguração do hippodromo. No caso de não lhe ser possível a construção deste trecho de bonds, dar-lhe-á a Prefeitura o privilégio por 15 annos, para uso e gozo de uma linha de bonds por tracção animal, partindo do ponto mais conveniente da viação urbana até o referido local, sendo distribuída neste caso á Prefeitura 3% da renda líquida do

⁴² RODRIGUES, Marilita Aparecida. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática modernade lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)**. 2006. Tese (Doutorado em História) FaculdadeFilosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. p. 240.

⁴³ATHAYDE, 1902.

tráfego, verificada semestralmente, podendo ser encampada a dita linha a todo o tempo, pelo preço do orçamento, que será feito e aprovado pela Prefeitura. O terreno tem 19 hectares. Com verdadeiro contentamento, vi organizar-se prontamente nesta cidade uma sociedade anonyma para execução d'este utilissimo empreendimento, tendo sido subscripto todo capital e recolhida uma parte das chamadas.⁴⁴

O ato político reverbera socialmente. A ideia da construção do Prado Mineiro revolve os ânimos da população, que via no espaço uma possibilidade de diversão (ainda que distintiva), em uma cidade recorrentemente criticada pela falta de locais e hábitos de divertimento, via de regra sendo chamada, jocosamente, de “poeirópolis” e/ou “tediópolis”. O periódico *Diário de Minas* anunciava, com destacada ênfase, a assinatura do prefeito com o coronel João Francisco Athayde, em sua primeira página, e reserva duas notas que ocupavam grande parte das principais notícias. Em uma das notas, intitulada *Turf Mineiro*, o longo texto anuncia:

Foi lavrado hontem entre a Prefeitura e o sr. coronel João Athayde contrato para a construção de um prado de corridas nesta cidade, no local demarcado pela extincta comissão constructora para hippodromo da Capital, na esplanada que fica entre o actual bairro do Barro Preto e o suburbio do Calafate. A area designada fica delimitada pela rua dos Pampas, que lhe faz frente, e as ruas Palatina, que lhe fica por detraz, e Cuparão, ao flanco. A prefeitura concede ao contratante os favores seguintes: uso e gozo do terreno pelo prazo de 25 annos; isenção de direitos por cinco annos; e compromisso de não conceder identicos favores à empresa congenere durante o prazo da concessão. Por seu lado, o contratante obriga-se a construir o prado no prazo maximo de um anno, devendo começar as obras dentro de oito mezes. Si a prefeitura, quatro mezes antes da inauguração do prado, não tiver levado um ramal de *bonds* para aquella localidade, poderá o contratante entroncar nas linhas de carris urbanos um ramal de *bonds*, tracção animal, de cuja renda líquida terá a prefeitura 3%. O privilegio para estes *bonds* será de 15 annos, ficando à Prefeitura o direito de encampal-a dentro deste prazo, pelo preço do orçamento, que para isso foi organizado e previamente aprovado pela mesma. Findo o prazo de 25 annos, reverterá tudo, sem indemnização alguma, à Prefeitura. O terreno presta-se admiravelmente aos fins a que se destina e o sr. coronel João Athayde pretende tirar d'elle as melhores vantagens. O plano do prado, incluindo perfil da raia e desenho das archibancadas foi confiado a um competente engenheiro da Capital Federal, que à technica de profissional reune habilidade delicada de fino e entendido *sportman*. O desenvolvimento da pista será, parecidos, identico ao do Derby-Club do Rio, com 1870 metros de extensão. As archibancadas serão construídas para quatro mil pessoas, tendo além dos pavilhões para socios e para o publico um pavilhão central para a directoria e autoridades superiores do Estado, quando convidadas. O sr. coronel Athayde planeja a organização de uma sociedade anonyma para a construcção e manutenção do prado horizontino, ideia que tem encontrado franco entusiastico apoio em nossa melhor sociedade. A sociedade terá o capital de 50:000\$ em acções de 100\$, cujas entradas serão de 20%, a primeira no acto inicial e as outras de 10 e 20% com prazo não menor que trinta dias. Ha grande numero de pedidos já para reserva de acções, cujo numero é resumido. A constituição da sociedade será feita muito em breve, devendo ser possivelmente publicado amanhã nesta folha um convite para uma

⁴⁴BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Relatório de 1899/1902, 1902, p.55-56.

reunião neste sentido. Sabemos que estão indigitados para a primeira directoria os srs. drs. Henrique Sales e José Pedro Drummond, major José Benjamin e coronel João Athayde. Com a construcção Prado da cidade coincidirá a installação provável de coudelarias de animaes de raça, além dos parreiros de sangue que, consta, virão do Rio disputar aqui os primeiros prêmios. A fundação do turf em Bello Horizonte é um acontecimento cujo valor não precisamos encarecer. Damos por ele, parabéns à cidade.⁴⁵

Se não fosse suficiente tal discurso de convencimento para a implantação do Prado na cidade, o jornal ainda traz um outro texto em sua primeira página, na seção *Echo* (que repercute acontecimentos de cunho sociais), apoiado sobre a falação da necessidade de espaços de divertimentos públicos para dar vida e ânimo à cidade. Assim, destaca o periódico que:

Uma boa notícia, tanto mais sensível quanto veio de surpresa: a promessa de um *turf* na Capital. Maio entra decididamente, como mez que se preza, com o pé direito e de cabeça alta, si é que os mezes tem pés nem cabeça. Também o coronel Athayde, o expansivo companheiro a quem os annos e os netos não tiraram a antiga e adorável feição bohemia, não podia estar tanto tempo em Bello Horizonte sem dar signal de si. O seu espirito vivace, educado na bella e movimentada vida carioca, havia de forçosamente desdobrar-se em iniciativas felizes, dando em incitamento e em alma nova à formosa capital mineira o que o seu clima e a sua suggestiva paysagem lhe deram a ele em sangue novo e em rejuvenescimento. E veio o *Derby*, como viera ha tempos a tentativa de um café-concerto, que morreu de frio ao nascer. Daqui a alguns meses (como é bom sonhar cousas belas!) a cidade, vigorosamente modificada pelo *bond*, pela gente nova que virá de toda parte com as repartições, com as fabricas, com as fardas do 28^o, pelos novos edifficios construídos nas ruas onde o carril electrico levara alma e seiva – terá nos dias festivos a feição distincta que o *sport* imprime aos bairros, aos dias e às cidades em que impera; a avenida Paraopeba, rasgada largamente até o prado de corridas, dará passagem aos carros aos carros descobertos e aos cavaleiros galhardos, à representação da *urbs* a caminho do *Derby*. Rutilarão ao sol as garridas *toilettes* das damas, os para-sóes de seda multicores, de tintas álacres, as joias finas e polidas; e os *bonds* circularão cheios do rapazio bohemio e do povo domingueiro, corações flammando em uns ao influxo de uma manhã clara e bella, palpitando em outros à visão de uma chegada vencedora, em cuja probabilidade fizeram a *fé* que a policia não permite mais que se faça no *bicho*. E à tarde, tumultuantes a archibancada e a *pelouse*, vibrarão entusiastamente a multidão quando no outro extremo da raia, destacando o contorno vivo das camisetas variegadas no fundo verde sombrio da collina, avançarem vigorosamente os contendores, lutando sempre, disputando a palmo o terreno, até decidirem, já na curva ultima, o pareo emocionante no victorioso *rush* final. Bello Horizonte carece de emoções e é isto que trará o *Derby*... Vibrar, viver!⁴⁶

Abílio Barreto (notório memorialista local) aponta que em 17 de maio daquele ano, o coronel Athayde já havia subscrita quantia superior a 50 contos para a construção do Prado e que a sua respectiva planta (um trabalho do arquiteto Edgard Nascente Coelho), ficaria

⁴⁵TURF Horizontino, 1902, p. 1.

⁴⁶TURF Horizontino, 1902, p. 1.

exposta na casa comercial do senhor Narciso Coelho, a partir de 10 de junho de 1902. A partir daí, segundo Barreto, constituiu-se a *Companhia Anonyma Derby Mineiro*. A sua primeira diretoria tinha como presidente, dr. Henrique Salles; vice-presidente, dr. José Pedro Drummond; diretor-secretário-gerente, coronel João Athayde; diretor-tesoureiro, José Benjamin.⁴⁷

Com as obras de nivelamento do terreno previstas para o final do mês de maio, projetava-se o início das obras de construção para 1º de julho e a sua conclusão para o final de setembro⁴⁸. Contudo, mesmo com todas essas ações e projeções, a iniciativa acabou não se concretizando, pois em 9 de dezembro de 1904 foi decretada a caducidade do contrato por falta de cumprimento de cláusula nele prevista.⁴⁹

Ainda em 1904 (antes mesmo de decretada a caducidade do projeto), um outro grupo se formaria para levar adiante a consecução do soerguimento do Prado. Segundo o periódico *A Epoque*:

Um grupo de cavalheiros da nossa melhor sociedade pretende fundar nesta capital uma sociedade sportiva para corridas de cavallos, a qual já conta com os melhores elementos. Não terá ella ligação alguma com as associações recreativas aqui existentes. Será organizada em bases completamente novas, de maneira a offerecer inteira garantia aos associados. A julgar pelo entusiasmo que tem despertado a idéa, dentro em breve se converterá em realidade, dotando-se a nossa capital com mais esse gênero de diversão interessante e proveitoso.⁵⁰

Os Estatutos da *Sociedade Anonyma Prado Mineiro*, publicados no jornal oficial do Estado (Minas Geraes) de 24/25 de outubro de 1904, esclareciam que a sociedade tinha, como objetivo, “por meio de corridas, exposições de outros divertimentos e meios de seu alcance, promover o desenvolvimento da raça cavallar neste estado”.⁵¹

Assim, em 1904, a imprensa já anunciava que a construção do Prado Mineiro seria iniciada brevemente e que sua planta já havia sido aprovada⁵²; no entanto a liberação pela

⁴⁷BARRETO. Os desportes antigos na capital I..., [s.d.], p. 3.

⁴⁸DERBY Horizontino, 1902, p. 1.

⁴⁹Segundo documento assinado pelo secretário da Prefeitura [] Ramos de Lima, por ordem do prefeito interino, de acordo com a cláusula 13a do contrato (“a falta de cumprimento, por parte da sociedade, de qualquer das demais clausulas do presente contrato importará a sua caducidade, que será declarada por simples edital da Prefeitura”) foi decretada a caducidade do contrato em 9 de dezembro 1904. Doc. 2 Pasta 31 do Patrimônio. (BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal, 1904.)

⁵⁰A EPOCHÁ, 28 ago. 1904, p. 3.

⁵¹ESTATUTOS da Sociedade... 1904, p. 6.

⁵²A EPOCHÁ, 20 nov. 1904, p. 3.

Prefeitura foi dada somente em 5 de janeiro do ano seguinte, com a assinatura de um contrato, nos mesmos termos do realizado com o grupo do coronel Athayde, em 10 de janeiro de 1905.⁵³

Após tratativas e negociações, a construção do Prado foi iniciada no começo do ano de 1906 e o levantamento da cumieira das arquibancadas foi marcado por um evento festivo que mereceu destaque nos jornais da capital:

No dia 6 foi levantada a cumieira do pavilhão que se acha quase concluído faltando as archibancadas. Hasteado o pavilhão nacional foi levantada ao estourar de foguetes, servido um copo de cerveja e doces. Orou o dr. Agostinho Penido, respondendo o coronel Lopes de Figueiredo que falou das dificuldades com que a sociedade tem luctado para levar avante a grandiosa idéia. Ainda foi brindada a imprensa pelo Coronel Garcia de Paiva, empreiteiro do Prado. Apesar das grandes chuvas que têm havido a área se acha bastante conservada. O local é agradabilissimo e de lá descortina-se parte da cidade. [...] A directoria espera concluir o Prado até junho próximo.⁵⁴

No entanto, a construção do Prado não se dá de maneira passiva. É possível captar, numa cronologia dos periódicos da época, toda uma tensão por detrás da intenção. No *Estado de Minas*, publicado no dia 07 de janeiro de 1906, uma nota faz referência à edificação do dito espaço. No texto, percebe-se claramente um tom de cobranças, aliado a um tácito apoio ao projeto. Noticiava assim o jornal tal episódio:

Como se sabe, trata-se de construir no Calafate um prado de corridas, organisando-se para isso uma companhia e tendo a prefeitura assumido a responsabilidade da construção de uma linha de bondes para esse bairro afastado. Os serviços do prado foram iniciados e ficou contractada com os srs. Garcia de Paiva & Comp. a construção de archibancadas etc. pela quantia de réis 11:000\$, tendo sido a da linha de bondes confiada ao sr. coronel Antonio Francisco da Rocha, que teve ordem de iniciar o serviço e já fez vir de Curvello ferramentas que lá tinha, como empreiteiro que foi de Prolongamento da Central. Até ahi as cousas vão muito bem, principalmente ao saber-se que os srs. Garcia de Paiva & Comp. têm preparado todo o material para as archibancadas, faltando só a sua montagem. Mas até hoje nada se fez e nada se fará, ao que parece, para o serviço da linha de bondes, porque a *politica* se meteu nesse melhoramento. O sr. dr. Antonio Carlos, como Prefeito, quis fazer um accordo com o presidente da companhia do prado, pagando a Prefeitura as despesas feitas no prado, afim de não ser obrigada a construir a linha de bondes. O obstaculo que houve nisso foi o contracto da construcção de archibancadas, que já estão promptas e cujo valor a Prefeitura não quiz indenizar. Ultimamente, porém, o sr. dr. Antonio Carlos já combinou pôr agua no prado em vez de construir, à custa da Prefeitura, a linha de bondes, sem a qual nada valerá o

⁵³ Termos de contrato feito entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e a Sociedade Anonyma “Prado Mineiro”, para construção, uso e gozo de um prado de corridas nesta capital. 10 jan.1905. Assinaram o contrato o coronel Francisco Bressane de Azevedo, prefeito; coronel Manoel Lopes de Figueiredo, presidente da Sociedade Anonyma Prado Mineiro; Antônio Prado Lopes Pereira e Olympio Moreira. (BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Termo de contrato... 1905.)

⁵⁴PRADO Mineiro. O Estado de Minas, 11 mar. 1906, p. 2.

prado, e nem poderá progredir o Calafate. Está chamada a concorrência para a construção da caixa d'água e o serviço da linha de bondes não se fará, certamente porque o sr. dr. Antonio Carlos se vale da sua posição oficial para prejudicar o sr. coronel Antonio Francisco da Rocha, da mesma forma que já prejudicou aos srs. Beltrão & Comp., saqueando o vasio Thesouro do estado em benefício dos srs. Joviano & Comp. Os srs. Beltrão & Comp. ficaram punidos, à custa do povo, por terem sido os editores da *Epocha* e os srs. Joviano & Comp. pagos, à custa do povo, da vilzeza de terem recusado emprestar uma machina para a impressão desse jornal, quando se quebrou a roda da machina dos srs. Beltrão & Comp. Bellos tempos e bella gente...⁵⁵

O embate no campo político respingava nos meandros da construção do Prado Mineiro. A crítica do periódico *Estado de Minas* refletia o estranhamento entre setores da política na cidade, permeado por interesses e conveniências. A cobrança por uma estrutura adequada era uma constante, principalmente no que tangia à locomoção e mobilidade das pessoas, haja vista que o empreendimento se localizava a mais de 2 quilômetros do centro, o que, à época, representava uma considerável distância. Novamente o “Estado de Minas” (jornal que fazia oposição política ao então prefeito da capital, Antonio Carlos), encabeçava estas exigências:

Resta agora que a prefeitura não se esqueça da linha de bondes, que se obrigou a construir, como já temos dito muitas vezes, e que, graças a politiquice, até hoje não começada, apesar de ter havido ordem para se atacar o serviço já contratado.⁵⁶

Daqui ao prado há, aproximadamente, 2 kilometros de distancia. As primeiras corridas haverá forçosamente curiosos que vencerão essa distancia mesmo a pé; depois alli só irão os srs. drs. Salles, Delfim e Antônio Carlos, o compadre Goulart e mais alguns outros felizardos que possuem carruagens mantidas pelo povo. Tempo ao tempo, e veremos a lucta de mais uma bella e louvável iniciativa contra a indiferença dos nossos homens de governo.⁵⁷

Em junho fica prompto o Prado Mineiro e corre como certo que o dr. Antônio Carlos consentiu que se iniciasse, afinal, a construção da linha de bondes que a Prefeitura é obrigada a construir para o Calafate. Damos a notícia com a devida reserva porque é sabido que o dr. Antônio Carlos é o maior inimigo de Bello Horizonte.⁵⁸

Mas não era apenas o “Estado de Minas” que se colocava no papel de opositor, criticando o processo de construção do Prado (destacadamente a falta da linha de bondes para deslocamento das pessoas). Assomava-se ao periódico outros jornais, que ajudavam a fazer o coro de descontentamento:

O prado já se fez. No entanto queremos ver se o público chuchador de impostos para goso da malandragem governamental, poderá ir, a pé, até aquelas paragens sem uma linha de *bonds*. O melhoramento é altamente necessário. Que não

⁵⁵ESTADO DE MINAS, 1906, p. 2.

⁵⁶PRADO Mineiro. O Estado de Minas, 11 mar. 1906, p. 2.

⁵⁷PRADO Mineiro. O Estado de Minas, 19 abr. 1906, p. 1.

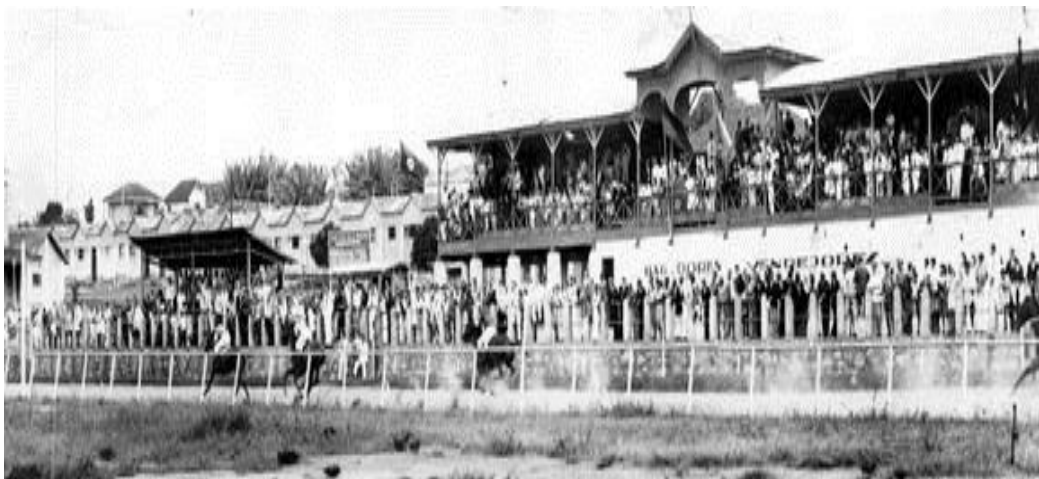
⁵⁸BONDES para..., 1906, p. 2.

continue pois, a fazer ouvidos de mercador o dr. Antônio Carlos e atenda o pedido da imprensa que não vive alugada.⁵⁹

Nada disso impediu que o Prado fosse inaugurado, com grande impacto no cotidiano da cidade. No dia 3 de maio de 1906 a obra foi concluída e entregue à diretoria pelos seus construtores (Garcia de Paiva & Comp.)⁶⁰. Obviamente este acontecimento não passaria sem o destaque da imprensa (oposicionistas ou não), que movimentava em suas páginas a implantação (depois de tantos contratemplos) do hipódromo local. A revista *Vida Mineira* enfatiza o ocorrido, descrevendo:

Quinta-feira passada, foi solennemente entregue á Directoria do Prado Mineiro o bello pavilhão construído, a três Kilometros da cidade, no aprazível bairro do Calafate. Desde cedo, grande foi o movimento de pessoas que de carro, a cavallo e a pé, demandavam o encantador subúrbio. Á uma e meia da tarde chegaram ao Prado os srs. drs. Francisco Salles, presidente do Estado, João Pinheiro, Antônio Carlos, Delfim Moreira, Olavo de Andrade, Olynto Ribeiro e major Vieira Christo. Áquela hora, as archibancadas estavam já repletas de distintas famílias e cavalheiros. A pista, de forma elíptica, tem de circuito 1054 e de largura 20 metros, estando já completamente explorada e apta para o funccionamento ao apreciado sport. O bello pavilhão, donde se contempla, á direita, o panorama da cidade e a esquerda e em frente a bellíssima planura em que foi traçado o ‘Prado’ uma obra sólida e bem acabada, com varias ordens de archibancadas, sendo a sua lotação para cerca de 1500 pessoas.⁶¹

Figura 7 – Foto de um páreo no Prado Mineiro, tendo ao fundo o Pavilhão.



Fonte: <http://www.templodofutebol.com/mg/PradoMineiro1.jpg>

No entanto, o entusiasmo com as corridas de cavalos parecia não empolgar demasiadamente a população local. Por ser um esporte reservado à uma esfera diminuta da

⁵⁹O REBATE, 1906, p. 1.

⁶⁰ O Prado Mineiro foi oficialmente inaugurado no dia 08 de julho de 1906.

⁶¹PRADO Mineiro. Vida Mineira, 8 maio 1906, p. 2.

cidade (a chamada elite ou “escól” social), de difícil acesso e envolvendo altos investimentos financeiros, o turfe não chegaria a ser uma prática duradoura no cotidiano de Belo Horizonte. Ainda assim, nos primeiros anos o incentivo à participação e frequência ao Prado se destacavam por meio da imprensa. O jornal *Diário de Notícias*, em sua edição de 05 de abril de 1907 reforça o convite à festa esportiva, indicando que “a Directoria do Prado Mineiro tem se esforçado para offerecer à nossa população uma magnífica festa *sportiva* no dia 07 do corrente”⁶². Esforço que parecia inútil. O mesmo periódico já começava a perceber o quão difícil seria elaborar um discurso de convencimento para que as pessoas comparecessem ao Prado. O jornalista, com tom de aparente desencanto, narra sua impressão:

Quando a, ao meio-dia, chegamos ao Prado Mineiro, tivemos serio desanimo de que não se effectuasse antes de hontem a corrida annunciada. O nosso desânimo começou quando ao tomarmos o bonde para lá, justamente na hora em que o movimento deveria ser maior vimos o carro com muitos logares vazios. Pois os que não foram ás corridas perderam muito e ainda incorrem na falta de não darem vida a uma diversão tão agradável, que nos leva a um sítio pittoresco, que nos dá um ar soberbo a tonificar os pulmões, que nos encanta, como no domingo, com uma festa magnífica, infelizmente realizada para diminuta concurrencia, o que esfria ainda os mais ardentes enthusiasmos. [...] Chegou-se a falar no adiamento da corrida, mas a digna directoria, apezar da pequena venda de entradas, não quiz adiar, sujeitando-se, só para servir o público, ao prejuízo.⁶³

No ano seguinte, as notas esportivas não seriam mais empolgantes. O jornal “*O Binóculo*” também constatava a falta de ânimo da população belo-horizontina em se deslocar ao Prado Mineiro para prestigiar o turfe. Em nota intitulada “*Campeão-Mor*” e publicada no dia 31 de maio de 1908, lia-se:

Com a concurrencia medíocre, realizou-se domingo ultimo a 3ª corrida do Prado Mineiro, tendo sido muito commentada a indiferença do publico. É triste, é lastimável que a sociedade bellorizontina ainda não compreendesse a necessidade que há de sancionar com sua presença o esforço dessa meia dúzia de homens de boa vontade, que, num movimento de rara abnegação, resolveram dotar a capital de Minas com um divertimento moderno, agradável, útil em muitos sentidos e que em todo o mundo adquiriu direitos de cidade. Esperamos que a apathia do nosso povo seja transitoria e que ainda cedo possamos dizer: Minas caminha na vanguarda das outras capitais do Brasil⁶⁴.

A associação da falta de público em um empreendimento dito “moderno” com a dita notável apatia do povo mineiro, construía uma percepção de atraso social em relação a outras cidades/capitais brasileiras. O desejo de um vanguardismo belo-horizontino ficava tão vazio quanto as arquibancadas do Prado. E nada parecia conseguir mudar este cenário. “*A Gazeta*”

⁶²DIÁRIO de Notícias. Belo Horizonte, 05 abr. 1907, p. 2.

⁶³DIÁRIO de Notícias. Belo Horizonte, 21 mai. 1907, p. 1.

⁶⁴O BINÓCULO. Belo Horizonte, 31 mai. 1908, p. 10.

também pronunciava seu desalento quanto ao pouco envolvimento da população com as corridas de cavalo. Seguiu dizendo o periódico que:

Entretanto, notamos ainda que, relativamente à nossa população quase que o povo todo deixou-se ficar em casa, olhando talvez o tempo que passava. Ouve-se em toda a parte a cantinela, de que não há diversões em Belo Horizonte. Entretanto, o Prado Mineiro, esforça-se para dar boas corridas, arranja bondes até a porta, de 10 em 10 minutos, offerece as melhores commodidades no local das corridas, boa banda de musica, optimo restaurant, e por fim manda vir animaes de sangue, para que no Prado compareça meia dúzia de pessoas!! Bello Horizonte já comporta muitas diversões; mas o povo prefere deixar-se ficar em casa, a procurar momentos de distrair o espírito. É um snobismo difficil de combater-se. Em todo caso, aconselhamos a população da capital a sacudir de si este insuportável snobismo, este pá cacete, impicante, e appareça radiante ao Prado, para as excellentes corridas que alli se realizam. O logar é aprazível e commodo, offerecendo uma bella vista, um panorama soberto e uma miração agradabilíssima⁶⁵.

Os discursos da imprensa davam a impressão de serem previamente formatados em unísono, apontando duas perspectivas: uma, de criticar a falta de público no Prado Mineiro, usando da retórica da apatia e do esnobismo mineiro; e outra, do incentivo e da promoção à frequência ao espaço, com a tentativa de convencimento via apropriação de uma saudável diversão e de um desenvolvimento social sintonizado com os novos tempos.

Fato é que os anos seguintes não vislumbrariam mudanças neste sentido, e o Prado caminharia a passos largos para uma frustrante míngua. O ano de 1911 marcou a ocorrência do último páreo, em 25 de junho, encerrando a primeira e curta fase do turfe mineiro. No entanto, o espaço começava a ser apropriado para outros fins, e já não apresentava mais o mesmo aspecto garrido e nobre. O jornal “Estado de Minas”, em uma nota sem título, demonstrava severa preocupação quanto ao estado de preservação do Prado, e denunciava:

Os edifícios do Prado Mineiro, construídos especialmente para as exposições agropecuarias inauguradas no governo de João Pinheiro, passaram, mais tarde, como sabido é, a servir de quartel e alojamento da força de linha aqui destacada. Com a retirada da 9ª companhia, em virtude dos assassinatos praticados a 28 de maio, verificou-se que os elegantes pavilhões do Prado estão exigindo sérios reparos, de maneira que uma nova exposição ali mesmo se leve efeito, sem constrangimento ou desaire. Realmente, não se pôde compreender, nos limites do bom senso, que houvesse quem se lembrasse de fazer do Prado Mineiro uma praça de guerra. De ora avante, é bom que o governo federal saiba que em Bello Horizonte, por enquanto, não há instalações vagas, que possam servir de quartel⁶⁶.

⁶⁵A GAZETA. Belo Horizonte, 7 mai. 1908, p. 2.

⁶⁶ESTADO de Minas. Belo Horizonte, 03 jul. 1912, p. 1.

Os primeiros anos da década de 1910 reservaram ao Prado Mineiro a utilidade de alojamento militar e, uma vez ao ano, de abrigar a exposição agropecuária e/ou industrial do Estado. As figuras 08, 09 e 10 ilustram, respectivamente, o estado de depredação do Prado, bem como a sua utilização em feiras e exposições, já sem a ocorrência das corridas de cavalos.

Figura 8 – As raias e o pavilhão do Prado Mineiro.



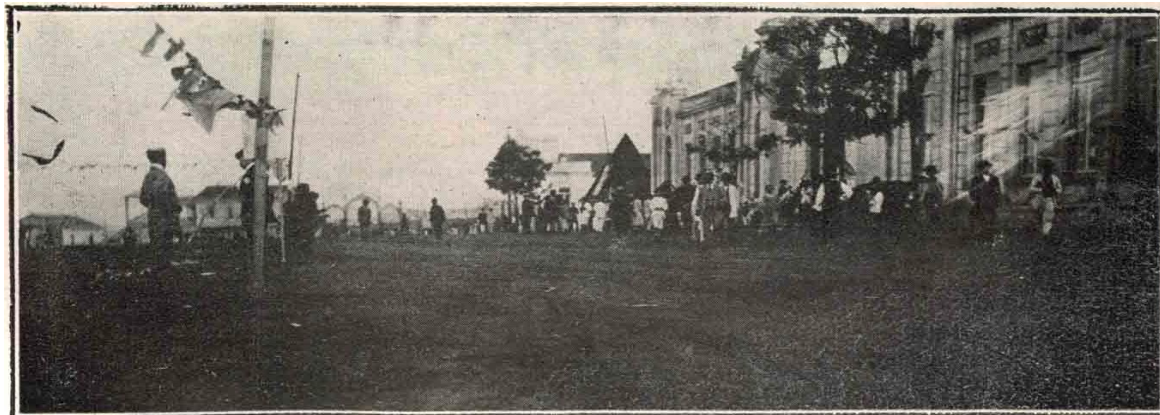
Fonte: Álbum de Minas. 1911, p. 125.

Figura 9 – As cocheiras do Prado Mineiro, em evidente estado de abandono.



Fonte: Álbum de Minas. 1911, p. 125.

Figura 10 – “Um aspecto da Exposição Industrial no Prado Mineiro”



Fonte: Revista Vita, Anno I – N. 5 / 30 de Novembro de 1913, p. 9

O fim da *Sociedade Anonyma Prado Mineiro* se daria em 1912, quando da cessão dos bens móveis e imóveis da Sociedade para o Governo de Estado, conforme indica o texto da correspondência do secretário da Agricultura do Estado ao prefeito de Belo Horizonte, datada de 6 de maio de 1912, que expõe o interesse do governo em se apropriar do local. A proposta do Governo foi aceita pela Diretoria do Prado, que oficializou o repasse dos terrenos ao poder público estadual⁶⁷.

Contudo, o arrefecimento do turfe vinha a *pari passu* com o crescimento de outras práticas esportivas na capital, destacadamente o futebol, que nos primeiros anos da década de 1910 já ocupava importante espaço no cotidiano da cidade. Algumas notas de jornais dão a dimensão da cooptação do espaço do Prado Mineiro no sentido de abrigar outras experiências ligadas ao *smartismo*⁶⁸ e ao esporte. Ainda no ano de 1912, um grande número de pessoas acorreria ao Prado para assistir a uma demonstração de aviação. Segundo o “Estado de Minas”, uma verdadeira “multidão” compareceu ao Prado para prestigiar o evento, “ansiosa por assistir á estréia do novo aparelhho, a que o aviador deu o nome de Bello

⁶⁷SOUSA. Carta do Secretário... em 22 outubro de 1912. In: Seção de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, pasta “Prado Mineiro”.

⁶⁸ Aqueles que, na passagem do século XIX para o XX, se dedicavam a construção de uma aparência pessoal ligada a símbolos da modernidade, tanto no vestuário como nos gestos e nos comportamentos, eram chamados de *smarts*. O adjetivo não era exclusividade do sexo masculino, embora na maior parte das vezes fosse aplicado ao comportamento e aparência dos cavalheiros que davam atenção especial à moda. *Smart* também poderia se referir a um grupo de pessoas, a certas expressões (geralmente estrangeiras), assim como certos ambientes. Para ser *smart* não bastava ser elegante, era preciso ser moderno, parecer moderno, estar investido dos símbolos da modernidade, tanto nas atitudes tomadas em público, quanto nas opções feitas nas visitas ao alfaiate.

Horizonte”⁶⁹. É fato que o avião sequer saiu do chão, frustrando a massa de sujeitos que ali estava. Mas o espetáculo promovido pelo *Yale Athletic Club*⁷⁰ já percebia que o espaço do Prado poderia servir a demandas outras, notadamente vivências de lazer ligadas ao campo das festas esportivas.

Mas de fato seria o futebol a se apropriar decisivamente da estrutura do Prado. Com uma nova e pujante fase, iniciada em fins da década de 1900, o esporte bretão já fazia valer, nos primeiros anos da década seguinte, a necessidade de um espaço mais estruturado e adequado ao crescente entusiasmo pelo jogo. Com suas principais partidas sendo realizadas no Parque Municipal ou nos campos (sem estrutura alguma) dos próprios times, o espaço do Prado Mineiro aparecia como solução urgente para este imperativo. Mesmo com jogos esporádicos ocorridos no Prado desde 1909, conforme noticiava o “Diário de Minas”, ao informar que “o match de foot-ball, realizado hontem no Prado Mineiro entre o ‘Sport Clube’ e o ‘V. N. Athletic Club’, esteve bem animado, havendo mesmo fervorosa disputa entre os jogadores”⁷¹, a maior parte dos embates futebolísticos se dava mesmo em outros locais, como a partida amistosa entre o *Sport F. C.* (de Belo Horizonte) e o *Riachuelo F. C.* (do Rio de Janeiro), em que o time da capital mineira saiu vencedor pelo score de 4x1, ocorrida no campo do *Sport Club*, nas dependências do Parque Municipal⁷².

O *Club Athletico Mineiro*, fundado em 1908, também possuía o seu “campo”. Inicialmente situado na rua Guajaras, entre as ruas São Paulo e Curitiba, o terreno era completamente irregular e não media mais do que 30 mts. de largura por 70 de comprimento, e sequer havia marcas laterais. Em 1911, o clube conseguiu do prefeito à época, Olinto Meirelles, a cessão do campo⁷³ que havia sido utilizado pelo primeiro clube de *football* da cidade, o *Sport Club*⁷⁴.

⁶⁹ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, 11 jun. 1912, p. 1.

⁷⁰ *Yale Athletic Club* foi fundado em Belo Horizonte no ano de 1910 e visava a promoção e difusão do esporte na cidade, organizando festivais esportivos com o intuito de promoção social e convívio público. Convém lembrar que o futebol se destacava enquanto prática privilegiada, ainda que outras vivências esportivas se situassem como parte integrante do seu rol de atividades.

⁷¹ DIÁRIO de Minas. Belo Horizonte, 13 set. 1909, p. 2.

⁷² PENNA, Octavio. **Notas cronológicas de Belo Horizonte (1711-1930)**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997, p. 114.

⁷³ Este campo era situado na Avenida Paraopeba (hoje Avenida Augusto de Lima). Atualmente se localiza neste espaço o Minascentro.

⁷⁴ ZILLER, Adelchi L. **Enciclopédia Atlético de todos os tempos: a vida, a luta, as glórias do Clube Atlético Mineiro, o campeoníssimo das Gerais**. 2. ed. Belo Horizonte, 1997.

Figura 11– Foto do campo do Athletico. Aatoria de Higino Bonfioli.



Fonte: Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto.

A Avenida Paraopeba convergia para si os principais “campos” de futebol da cidade. Estavam nela, além do campo do *Athletico*, os campos do *Yale* e do *America* (os principais clubes da cidade, então). No caso do *Yale*, o clube receberia, em setembro de 1911, a concessão oficial do terreno pela prefeitura, através da Lei n. 53, datada de 30 de setembro⁷⁵. E uma nota do periódico oficial do Estado ilustrava a importância de um jogo ocorrido no *ground* do *Yale*, inclusive dando ênfase às melhorias das instalações e do campo. No texto do jornal, destacava-se:

Para maior brilhantismo da festa, o *ground* da avenida Paraopeba passou por notável transformação material, não só de terraplanagem, como em tudo mais que se tornava necessária para o conforto do grande publico alli esperado. Varios pavilhões e archibancadas foram contruidos, dando ao campo um aspecto novo, de local para diversões ao livre. [...] Conta com a presença do exmo. sr. Bueno Brandão, presidente do Estado, dos seus secretarios e do prefeito dr. Olyntho Meirelles, aos quaes o club mandou convidar por commisões especiais. [...] A festa tem despertado extraordinario entusiasmo entre os “sportmen” daqui e de Morro Velho, de onde vêm innumeras pessoas especialmente para assistir á lucta entre os dois clubs, cada qual com os seus partidários mais extremados, que fazem grandes apostas sobre o resultado do jogo⁷⁶.

Importante destacar que este jogo, entre o *Yale* e o time dos ingleses do Morro Velho, foi cercado de muito entusiasmo, atraindo para si os olhares do mundo social distintivo (com

⁷⁵ PENNA, Octavio. **Notas cronológicas de Belo Horizonte(1711-1930)**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997, p. 124.

⁷⁶MINAS Geraes. Belo Horizonte, 15 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 6.

a presença de ilustres políticos, inclusive), e tendo como curiosidade o fato de ter sido a primeira partida com a cobrança de ingressos (fato unicamente possível pela construção cercada do campo do Yale). Na nota que reverbera o pós-jogo, é possível perceber uma situação bastante peculiar, donde dizia-se que “notava-se ainda ao longo da avenida, fóra do recinto, uma grande aglomeração de populares, que acompanharam, cheios de entusiasmo, as peripecias da lucta, applaudindo, em delirio, os valentes “foot-ballers”, a cada golpe de mestre vibrado por algum dos jogadores”⁷⁷. A “aglomeração de populares” é o indício mais esclarecedor quanto à participação de pessoas não ligadas a grupos privilegiados, na assistência. Embora essa presença começasse a ser notada, o lugar destinado a ela não deixava de ser explicitada: “fóra do recinto”. Para isto duas estratégias de afastamento das camadas menos abastadas começavam a vigorar: a cobrança de ingressos; e uma estrutura mais fechada dos campos, que não permitisse uma fácil visualização da partida.

O America F. C. também lançava mão de um espaço próprio para suas contendas. Num primeiro momento, apropriara-se de um terreno da Prefeitura situado entre as Ruas Timbiras, Espírito Santo e Avenida Álvares Cabral. Segundo Halfeld, o campo sequer era gramado, e possuía um piso “macadamizado”. Ainda no dizer de Halfeld:

Pela natureza do ‘ground’ e pela ignorância do juiz, sempre improvisado, revesadamente, entre nós mesmos, os ‘fouls’ eram seguidos de desagradáveis machucados, como se dizia. Os nossos ‘goals’ primitivos, do tempo pré-histórico do ‘America’... eram feitos de dois montes de pedras. Si, na conquista de ‘goals’ a bola passava a altura do ‘keeper’ variava com o tamanho dos ‘keepers’ e com o criterio alterável do juiz. Era ‘goal, valido; se a bola passava alto (principalmente sendo o ‘keeper’ mais baixo), – não era ‘goal’. Si o ‘goal’ variava de altura, variava também de largura – era questão de, em dado momento, o ‘keeper’ aproximar os marcos, isto é, os montes de pedras, tornando-se as suas defesas mais fáceis e a conquista, mais dificultada para o ‘forward’ contrario!... Bolas ‘out-side’ – raramente as haviam, porque os limites lateraes eram imaginários e, a forcióri, não exigiam ‘linesmen’!⁷⁸

Como se nota, o campo do America estava longe de fazer frente a outros clubes da cidade. Mas os garotos americanos continuaram perseguindo o objetivo de ter um espaço próprio (e melhor). Conforme lembrava o periódico “Minas Sport”, os americanos:

[...] nada possuíam, senão uma ponta de calçada como sede, e um pedaço de rua como campo; cotisavam-se aos duzentos réis, quem fosse mais rico, que entrasse mais para ‘vacca’ cujo fim unico era a compra da bola. O cargo de maior

⁷⁷MINAS Geraes. Belo Horizonte, 17-18 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 8.

⁷⁸ HALFELD, Guilherme. **De pequenas brincadeiras muitas vezes nascem grandes cousas:** um pouco da historia do America Football Club, por um americano fundador. Minas Gerais, Belo Horizonte, 19 maio 1928. (recorte do Arquivo Privado do Abílio Barreto – MHABABPi 7/061).

importância era o de zelador, isto é, aquele que guardava a bola, e assim sob o patrocínio, de Affonso Brandão, Augusto Penna, Lincoln Brandão, Oscar Gonçalves, Aureliano Magalhães, Waldemar Jacob e outros, os seus fundadores, foi crescendo o glorioso alviverde⁷⁹.

Segundo as lembranças de Guilherme Halfeld, os americanos decidiram transferir o “campo” para uma outra rua, “que embora não fosse próprio, era menos impróprio”. Este novo campo era um terreno desterrado, junto a um barranco (que sempre fazia as vezes de arquibancada para as crianças que procuravam assistir aos jogos dos meninos do America)⁸⁰. Mas o fato mais importante ocorreria em 1913. Segundo Couto (2003, p. 46):

O ano de 1913, precisamente o mês de setembro foi decisivo para a história do América. Com dificuldades financeiras para se manter, o time do *Minas Gerais*, fundado em 1911, que tinha como presidente de honra o então prefeito Olinto Meireles, propôs uma fusão aos garotos do América. Em troca de jogar pelo alviverde, os atletas do *Minas Gerais* concederam o seu campo situado na avenida Paraopeba (atual av. Augusto de Lima), duas traves de gol, uma bola de futebol além de alguns objetos da secretaria. Em princípio, a proposta não foi muito bem aceita pelos garotos. Eles temiam perder seu lugar no time principal para os recém-chegados, uma vez que estes eram bem mais velhos. Entretanto, a vontade de possuir um campo que lhes desse boa condição para os treinos e também para os jogos fez com que, aos poucos, a ideia lhes tornasse simpática⁸¹.

Todos estes “campos”, no entanto, ainda não condiziam com a lógica de um “estádio”, com uma estrutura que garantisse ao espetáculo (e ao público assistente) as condições necessárias para concorrer com outras “praças” esportivas. Com uma maior organicidade e menor efemeridade dos clubes, o futebol exigia novas configurações (dentre elas, a de um local apropriado para a realização dos jogos). Em 1914 foi instituído o campeonato “Taça Bueno Brandão”, disputado entre os primeiros times do *Athletico*, do *Yale* e do *America*. Embora a organização da disputa coubesse aos próprios sócios dos clubes participantes, este torneio se tornou um marco impulsionador para a criação de uma Liga de futebol da cidade. A fundação de uma Liga representativa demonstrava a necessidade de uma outra lógica de organização, de uma nova exigência para gerenciar a ideia do espetáculo. Este campeonato garantiria de vez a apropriação do Prado Mineiro como espaço principal do futebol na cidade. Flagrantes da Revista *Vita* ilustram a utilização do Prado (já como estádio de futebol),

⁷⁹MINAS Sport. Belo Horizonte, 8 nov. 1925, p. 1.

⁸⁰ HALFELD, Guilherme. **De pequenas brincadeiras muitas vezes nascem grandes cousas:** um pouco da história do America Football Club, por um americano fundador. Minas Gerais, Belo Horizonte, 19 maio 1928. (recorte do Arquivo Privado do Abílio Barreto – MHABABPi 7/061).

⁸¹ COUTO, Euclides de Freitas. **Belo Horizonte e o futebol:** integração social e identidade e identidades coletivas (1897-1927). 2003. 142f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

demonstrando a sua importância para o desenvolvimento do esporte bretão em Belo Horizonte:

Figura 12 – Instantâneos no Prado Mineiro na realização da “Taça Bueno Brandão”.



Fonte: VITA, a. 1, n. 15, 26 jul. 1914.

Os principais acontecimentos futebolísticos tiveram como palco principal, a partir de 1914, o *ground* do Prado Mineiro. A partida entre o Club Athletico Mineiro e o Grambery (de Juiz de Fora), ganhou destacada cobertura da imprensa local, e na foto estampada na Revista Vita, a composição de todo um cenário distintivo tinha como pano de fundo o Prado Mineiro:

Figura 13 – O match realizado no dia 7 de setembro entre o Athletico Mineiro e o Grambery.



Fonte: A Vida de Minas, a. 1, n. 5 e 6, 30 set. 1915.

O Prado seguiria, ao longo da década de 1910, sendo o principal espaço institucionalizado na capital mineira para a prática do futebol, que ganhava cada vez mais destaque no cenário social da cidade. A imprensa destacava a importância do estádio para os belo-horizontinos, boa parte deles já imbuídos do espírito esportivo que os elevava à categoria de *sportman* e *sportwoman*.

De toda forma, o espaço seria mesmo destinado ao público afeito ao divertimento esportivo da cidade, notadamente àqueles aficionados pelo esporte bretão, que em meados da década de 1910, se consolidava como uma das principais possibilidades de vivência social, via “diversão ao ar livre”. Assim, destacados sujeitos se reuniam no seu tempo livre e se deslocavam ao Prado Mineiro para acompanhar o desenrolar dos embates futebolísticos que ali se davam, conforme ilustra a foto do periódico “Vida de Minas”, revista que destacava os movimentos sociais do Estado, nomeadamente da Capital:

Figura 14 - “Sahindo do Prado Mineiro, depois do ultimo match de football”



Fonte: Revista “A Vida de Minas”, Belo Horizonte, 30 set. 1915. p. 21

No entanto, às portas da década seguinte, o estádio parecia ter se tornado acanhado para as pretensões que a lógica do espetáculo esportivo buscava. Os mecanismos da diversão espetacularizada se desenvolveram rapidamente, sempre visando o público espectador. O transporte público passava a atender uma demanda até então inexistente. Pela relativa e incômoda localização do Prado Mineiro, que era considerado distante do centro urbano e de difícil acessibilidade, ações pontuais tencionavam minimizar esta questão. Em um Festival da Liga Mineira de 1917, lia-se o anúncio de que “[...] haverá bondes para o Prado de 5 em 5 minutos”⁸². Ou ainda, em 1919, quando do encontro inter-estadual entre os combinados carioca e mineiro, para o qual “a assistencia no importante jogo inter-estadual vai ser colossal, devendo, portanto, a Liga Mineira tomar providencias para facilidade de locomoção dos assistentes”⁸³. Nesta perspectiva, é esclarecedor o fato de que:

Isso estava obviamente relacionado com os próprios movimentos de urbanização das cidades. Com a expansão das cidades, o oferecimento de meios de transporte adequados foi uma dimensão importante para garantir o progresso. Da mesma forma que a melhoria do sistema de transportes foi fundamental para o sucesso dos clubes, já que permitia o afluxo da população aos eventos, também as instalações esportivas geraram focos de urbanização ao seu redor.⁸⁴

⁸²MINAS Geraes. Belo Horizonte, 11 fev. 1917. Seção Festas e diversões (Sports), p.7.

⁸³MINAS Geraes. Belo Horizonte, 09 ago. 1919. Seção Sports, p.7.

⁸⁴MELO, 2007, p. 152.

Os anos finais da década de 1910 marcam a marcha derradeira do Prado Mineiro rumo ao seu esgotamento funcional, enquanto o principal palco futebolístico da cidade. Ele já não atendia à crescente demanda e interesse do esporte na Capital, tanto pelo tamanho (que já àquela altura se tornara acanhado), pelas acomodações (já não atendia às exigências de conforto das principais praças esportivas de outras importantes cidades), e pela distância (claramente um incômodo para os *sportmens* locais). Neste sentido, os discursos começam a se configurar na perspectiva de um novo estádio, mais adequado a um outro padrão estético/arquitetônico que vinha se dando nos principais centros irradiadores de cultura esportiva no mundo (notadamente os estádios ingleses), e no Brasil (destacadamente na Capital Federal, o Rio de Janeiro).

A edificação do estádio americano em Belo Horizonte demarca o início de construção do próximo capítulo, que vai se atentar para a profusão de estádios erguidos entre as décadas de 1920 e 1930.

II A DÉCADA DE 1920 E OS NOVOS ESTÁDIOS: “*UMA NECESSIDADE ORGÂNICA DO FOOTBALL*”

Se durante mais de uma década o Prado Mineiro abrigava exclusivamente os principais confrontos futebolísticos em Belo Horizonte, os anos de 1920 recebem uma profusão de estádios na geografia urbana da capital. Reflexo, muito provavelmente, da crescente necessidade que o futebol (principal catalisador de um projeto onde o espetáculo esportivo se configurava como intento) impunha enquanto uma ordenação arquitetônica e espacial. Após a construção dos estádios do América e do Palestra, em 1923, dois grandiosos projetos são inaugurados pouco tempo depois. Em 1929, o Atlético e o América competem com os principais clubes de futebol do país, ao erguerem suas praças esportivas sob a égide de uma portentosa modernidade.

A nota intitulada “A necessidade de um campo”, afirmava que “entre as questões que reclamam solução urgente nos ‘matches’ de ‘football’ está por sem dúvida, a dos campos”. Ao cobrar a construção de mais campos de futebol, o periódico levava em consideração o fato do “‘Prado’ ser o único, nesta capital, que oferece maiores comodidades aos espectadores”. Acrescentava ainda que “é esta uma questão de alta gravidade e que se impõe como necessidade orgânica do football”.⁸⁵

Um novo estádio de futebol já ecoava como importante e urgente realização, posto que, além da distância, o Prado Mineiro não comportava mais do que 1.500 espectadores sentados. Certamente, o aumento da assistência presente aos jogos significava também um aumento dos lucros advindos das partidas. A maior comodidade do público era também lembrada como uma outra necessidade a ser alcançada. Embora a cobrança do jornal O FOOT-BALL tenha ocorrido em 1917, a Revista Tank retomava o assunto, obviamente não solucionado em 1919, data da publicação. Nela, um trecho do artigo intitulado “A Liga Mineira” apontava:

Para esses tempos aureos, já se taçam (sic) no papel os castellos das futuras archibancadas e demais dependencias, à semelhança das que enfeitam as adjacencias dos rectangulos desportivos do Rio. Uma cousa, porém desde já ficou assentada: a mudança do campo da Liga para o terreno do Parque onde outr’ora existiu o campo do finado Sports Hygienicos. Acabou-se o martyrio da poeira do Calafate que o nariz bello-horizontino supportava a custo e o maldito

⁸⁵ O FOOT-BALL. Belo Horizonte, p.1, 13 set. 1917.

acotovelamento dos bondes cheios, que eram os desmancha-prazeres da brigada marmanja dos torcedores e da cohorte louçã das torcedoras gentis.⁸⁶

Mas seria mesmo o América a concretizar o sonho dos *sportmens* belorizontinos. O fato foi devidamente noticiado pela “Seção Sportiva” do jornal “A Capital”, que animadamente anunciava:

O glorioso America F.B.C., que pela quarta vez, conquista o honroso titulo de campeão mineiro, no correr deste anno, vae construir as suas archibancadas à avenida Paraopeba. O elegante pavilhão americano, cujo projecto nos foi dado examinar, vae occupar todo o lado esquerdo do quarteirão da avenida e será dotado de todas as acomodações, de modo a tornar o “sport” mais procurado pelas commodidades que os jogadores e “afficionados” possam encontrar. Não seria licito negar-se que o “foot-ball” já se arraigou entre nós. É certo que este genero de “sport”, ás vezes, devido o nosso clima tropical apresenta alguns inconvenientes. Mas, seja como fôr, o povo gosta do “sport” e os nossos “footballers” podem ser comparados aos melhores do orbe. Si assim é, o America merece applausos por querer dotar a Capital de um confortavel “stadium” e ao disciplinado campeão não negaremos o nosso apoio, assim como aos demais clubs, que honram os “sports” entre nós.⁸⁷

O ambicioso projeto de soerguimento de um estádio de futebol pelo América refletia a realidade vivenciada pelo esporte na Capital. Anunciado em 1921, com o início das obras em abril de 1922, o *stadium* do América é inaugurado em 06 de maio de 1923, com grande destaque na imprensa belo-horizontina. No periódico oficial do Estado, a notícia ganhava ares de um importante evento social, sendo assim descrito: “de facto, o vasto e confortavel stadium do America, construído com todos os requisitos modernos e no centro da cidade, virá dar enorme impulso ao foot-ball nesta Capital”⁸⁸. A referência aos “requisitos modernos” enfatizava uma nova ordenação espacial presente no projeto arquitetônico do estádio americano. A ansiedade que reinava sobre a inauguração da obra é devidamente refletida pelos jornais, que destacavam:

Realiza-se hoje a inauguração official da praça de sports do “America F. C.” Essa festa, que será offerecida ao exmo. sr. dr. Raul Soares, presidente do Estado, como o socio mais antigo do club, terá o comparecimento pessoal de s. exc. e das altas auctoridades do Estado, a quem foram dirigidos convites especiaes pela directoria do gremio horizontino.⁸⁹

A presença do governador do Estado (sócio do clube, aliás), e de outras altas autoridades, ilustrava o alcance que a inauguração da praça de esportes do América atingia.

⁸⁶ REVISTA Tank. Belo Horizonte, anno I, n. 1, 01 jan. 1919.

⁸⁷ A CAPITAL. Belo Horizonte, p. 2, 18 fev. 1921.

⁸⁸ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 03 maio 1923. Seção Desportos, p.10.

⁸⁹ MINAS Geraes. Belo Horizonte, 06 maio 1923. Seção Desportos, p.8.

Uma descrição pormenorizada da estrutura do estádio demonstrava o quanto o clube mineiro se atentava para questões fundamentais condizentes às necessidades e exigências da modernidade, do espetáculo e do divertimento. Um trecho da nota do jornal dimensionava vários aspectos envolvidos por detrás da inauguração de tal obra:

Início da construção das archibancadas: 30 de abril de 1922 [...]. Extensão: 66 metros de comprimento por 6,50 de largura. As archibancadas propriamente ditas accomodam folgadoamente 2.000 pessoas, e as geraes e demais dependências cerca de 3.000. Na parte inferior estão confortavelmente installadas todas as dependencias do club. Ha um salão nobre para recepções officiaes, outro para as reuniões da directoria, outro para a secretaria; salão para gymnasticas, amplo e arejado, com 14 metros de comprimento por 6 de largura; toilette para senhoras, dois “bars”, dois vestiarios com banheiros annexos e installações sanitarias. As geraes são tambem providas de archibancadas que, embora provisórias, são relativamente confortaveis. [...] Toda a construcção é solidamente murada. A entrada para as geraes se fará pelos portões da rua Curityba e da esquina desta rua com a avenida Paraopeba. O ingresso para as archibancadas se fará pelo portão alto da Avenida Paraopeba. O publico terá acesso nas archibancadas pelas escadas das extremidades, ficando a escada central reservada ao mundo official e aos socios.⁹⁰

Para se vislumbrar a dimensão de toda esta estrutura, a planta do “Projeto de Archibancadas do America Foot-Ball Club” (Fig. 15), expõe imageticamente as pretensões do elitizado clube da Capital:

Figura 15 – Projecto de Archibancadas do America Foot-Ball-Club.



Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – APCBH.

A primeira importante evidência está no fato da ampliação da capacidade do público assistente. Se o Prado comportava 1.500 espectadores, o novo estádio do América triplicava a possibilidade de absorção das pessoas ao espetáculo. Quanto mais público, tanto melhor. Uma outra consideração relevante pode ser feita para além da ideia da quantidade: a qualidade passava a receber maiores cuidados. A atenção dada a elementos como o “acomodar folgadoamente”, ou “confortavelmente instaladas”, apontavam na direção de que não mais apenas importava “quem” estava, ou “quantos” estavam, mas agora também o

⁹⁰MINAS Geraes. Belo Horizonte, 06 maio 1923. Seção Desportos, p.8.

“como” estavam. Qualidade esta condicionada à classe social, pois os espaços se distinguiam de acordo com as destinações diferenciadas da plateia. O salão nobre de recepções, os bares e a sala de ginástica certamente representavam espaços reservados aos sócios do clube, nomeadamente sujeitos da elite. As “gerais”, destinadas aos menos privilegiados, embora contassem com provisórias arquibancadas, possuíam um “relativo conforto”, o que indica um conforto provavelmente menor do que os demais lugares.

O aspecto segregacionista ordenava as entradas específicas de cada tipo de público, evitando o contato social entre os pares de classes distintas. Internamente, o mundo oficial e os sócios ainda mereciam um destacado local, com acesso pelas escadas centrais. Os demais entravam pelas extremidades da arquibancada, desde que possuíssem condição financeira suficiente para não assistir às partidas das gerais, certamente o lugar menos digno do estádio. E para garantir que só tivesse acesso ao espetáculo esportivo quem de fato tivesse pago por ele, a nota faz questão de enfatizar que “toda a construção é solidamente murada”, alterando a ordem que vigorava até então, de campos abertos e que permitiam que “todos” pudessem assistir, mesmo sem a aquisição paga dos ingressos.

Figura 16 – Estádio do América em 1923, ano da sua inauguração.



Fonte: Enciclopédia do América MG. 2012, p. 54.

A imagem do estádio (Fig. 16) deixa evidenciado a separação espacial de geral e arquibancadas, realçando a determinação da devida ocupação estabelecida na relação sujeitos-lugares.

O geógrafo Gilmar Mascarenhas, ao discorrer sobre a dimensão simbólica do espaço de jogo do futebol, constrói importantes argumentos que reforçam os significados postos na estrutura deliberadamente pensada na construção dos estádios. O autor atenta para a monumentalidade do objeto e a recorrente divisão de “classes” no seu interior: elite e autoridades na tribuna, setores médios nas cadeiras e o povo aglomerado em pé, na parte inferior do estádio, com péssima visibilidade do campo de jogo.⁹¹

Independentemente da posição ocupada no estádio, o interesse central estava na propagação de um ideário esportivo, alardeando a onda do ativismo e dos seus desdobramentos, convocando (e convencendo) a população à adesão ao espetáculo. Neste sentido, o esporte se transmutava em eficaz estratégia, e o futebol, carro-chefe desta iniciativa, se desenvolvia em sintonia com as demandas de uma cidade moderna. De acordo com Sevcenko,

[...] é preciso considerar simultaneamente o poderoso atrativo exercido pelos esportes sobre as várias comunidades, para se poder avaliar a magnitude do seu impacto cultural. Independente do que as autoridades públicas ou desportivas pensassem ou pretendessem a partir dele, a prática ou mesmo a contemplação do esporte traziam uma gratificação instantânea para seus aficionados. A intensidade e a pleora de estímulos, emoções, adestramentos, agilidades, impulsos, excitação, perspicácia, divertimento e gozo, se ofereciam como ganhos imediatos aos praticantes ou entusiastas dos esportes. Os poderes públicos podiam ou não manifestar intenções categóricas em relação aos efeitos sociais da disseminação das atividades atléticas, mas nelas os indivíduos e as comunidades encontrariam, por sua própria conta, um recurso de satisfação de muitas de suas carências e um meio de despertarem e disporem de porções negligenciadas, rejeitadas ou frustradas das suas energias. Fosse como simples exercício, como metáfora, como ritual ou celebração, o esporte tanto viria preencher o vazio da ruptura abrupta ocorrida na rotina cotidiana das comunidades, como traria o potencial de novas alternativas de adaptação e um novo repertório de atitudes congênicas a um mundo em imprevisível fermentação.⁹²

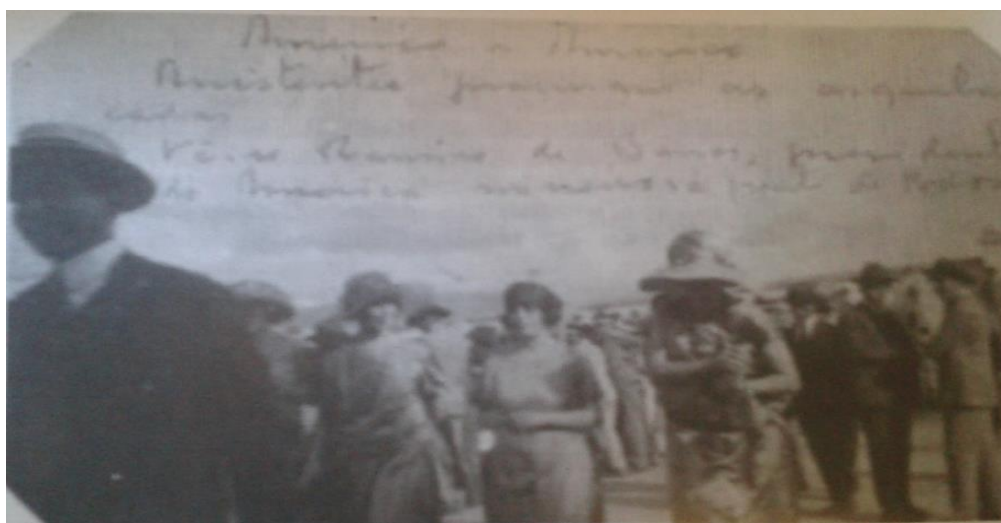
A representatividade de tal feito (a construção do estádio americano) é expressa em inúmeros fatos. Um deles, apontado por Carlos Paiva (historiador oficial do clube), diz respeito à atratividade que o novo espaço esportivo traria para as mulheres. Segundo o mesmo, o América tornou-se o primeiro clube de Minas Gerais a possuir um campo gramado, cercado de arquibancadas, com vestiários, banheiros e instalações condignas. Nestas condições, as senhoras e senhoritas voltariam a prestigiar os jogos de futebol, pois segundo

⁹¹ MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 19-20, p. 61-70, jan./dez. de 2005.

⁹² SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 48.

a imprensa da época, “anteriormente a quase ausência das graciosas horizontinas aos campos era motivada pela falta absoluta de conforto que oferecia o Prado Mineiro, campo oficial da Liga. A distância ‘colossal’ do centro da cidade, o pó ‘imundo’ do caminho, a dificuldade de bondes para a volta”⁹³. Todas estas dificuldades seriam sanadas com o ‘stadium’ americano, pois “para a felicidade das ‘melindrosas’ agora já existe um estádio, [...] indiscutivelmente o melhor de Minas Gerais”⁹⁴. A figura 17 ilustra a chamativa presença feminina na festa de inauguração do estádio americano, reforçando, imagetivamente, a nova situação apontada pela imprensa:

Figura 17 – Assistência feminina na inauguração do estádio



Fonte: Enciclopédia do América MG. 2012, p. 56.

A festa da inauguração oficial do estádio ocorreu no dia 06 de maio de 1923. Para marcar o evento, o homônimo carioca (um dos mais importantes clubes de futebol do país à época), foi o convidado de honra para a realização de um amistoso. Segundo a “Enciclopédia do América-MG”, obra memorialística do clube, “a importância do evento fez com que o Presidente do Estado, Dr. Raul Soares (conselheiro do América), desse o chute inicial” (Fig. 18). A associação do clube com figuras do mundo político seria outra importante marca deste, e se fazia presente nas mais significativas ocasiões.

⁹³ Enciclopédia do América MG. 2012, p. 55.

⁹⁴ *Idem.*

Figura 18– Pontapé inicial dado pelo Presidente do Estado, Dr. Raul Soares.



Fonte: Enciclopédia do América MG. 2012, p. 56.

O estádio americano (que não possuía um nome próprio), convergiria para si o protagonismo espacial das partidas de futebol na cidade, tendo como coadjuvante o “estadinho do Palestra”. No entanto, este protagonismo não duraria mais do que cinco anos, posto que o clube americano inauguraria outro estádio em 1928 (assunto que trataremos mais à frente do capítulo).

Neste mesmo ano, em 1923, o clube italiano da cidade, fundado em 1921, reivindicava também um espaço próprio, expresso na construção do seu estádio. O Palestra Itália, que vinha perseguindo a sua afirmação no seio esportivo da Capital, também enxergava na construção do seu “campo” uma possibilidade de marcar posição quanto à presença entre os times “grandes” e importantes. Ter um território particular aumentava a identificação do clube com a colônia de italianos, além de representar uma visibilidade concreta e palpável do clube com a cidade. Em vias de ser concluído, o estádio palestrino merecia as considerações da seção esportiva do Minas Geraes, que relatava:

A PRAÇA DESPORTIVA DO PALESTRA ITALIA – A convite de um dos membros da directoria do Palestra Italia, tivemos, hontem, o prazer de visitar a ampla e confortavel praça de desportos daquelle club, em construcção à avenida Paraopeba. [...] As archibancadas, com lotação para mais de 600 pessoas, já se acham quase concluidas e representam um lindo aspecto, pela sua construcção elegante e leve.⁹⁵

A numerosa colônia italiana de Belo Horizonte assumia, definitivamente, o futebol como “um meio de evitar a dispersão de sua comunidade”⁹⁶. Este mecanismo de integração

⁹⁵MINAS Geraes. Belo Horizonte, 24 ago. 1923. Seção Desportos, p. 18.

⁹⁶FRANZINI, Fábio. Esporte, cidade e modernidade: São Paulo. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 57.

comunitária se destacava, dentre outras estratégias promovidas pelos imigrantes da capital. Uma delas foi a publicação de um periódico dedicado à população itálica, escrito exclusivamente na língua pátria, denominado “Araldo Italiano”. Este jornal fazia repercutir, entre a comunidade italiana, os fatos e notícias pertinentes a tal grupo social. Na edição de 31 de julho de 1923, em sua seção esportiva, denominada “O Araldo Sportivo”, o periódico ressalta a importância do esporte (futebol), e anuncia a construção do estádio da “Società Sportiva Palestra Italia”. A nota descreve, em trechos destacados:

Questa fiorente società sportiva, della quale é presidente l’egregio Giovane, sr. Alberto Noce, progredisce giorno per giorno, data la straordinaria buona volontà dela direzione tutta e dato l’entusiasmo dei suoi 300 soci. Se volessimo passare in rivista il progresso fatto in questi due anni e mezzo d’esistenza, vedremmo ancora una volta che in tutte le cose quando l’italiano vuole as esser grande. Fondata il 2 gennaio 1921, come conseguenza del successo ottenuto dalla omonima di San Paolo, che riuscì campione de S. Paolo del 1920; ottenne subito dalla colonia italiana quell’appoggio morale e materiale che erano necessari al suo rapido sviluppo. [...] **Costituitasi la società, fu primo pensiero dela direzione di ottenere del suo campo sportivo.** La sede della società non la preoccupava, perché la direzione della Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso aveva gentilmente concesso alla consore la il suo edificio social. **Scelto il campo ed ottenuto, per legge municipale, la concessione del medesimo,** chefu dato per “aforamento” si pensó subito a murare e a spianare il terreno ottenuto, nel che si guastarono oltre 30 contos di reis. Murato il campo, fu duopo prepare propriamente il campo di foot-ball col piantare la gramigna necessaria, livellare il terreno, ecc; servizio che costó non meno di 7 contos de réis. **La società sta attualmente costruendo una magnifica archibancata, che sarà futuramente la “geral”, poiché la costruzione delle vere archibancate del Palestra sarà un grande edificio, nel quale saranno spaziosi saloni di ginnastica, di bigliardi, de “pingue-pongue”, ecc, oltre alle altre dipendenze del Club, cioè segretaria, tesoreria, gabinetto del presidente, sala per le adunanze, ecc.** L’edificio avrà 120 metri, cioè tutta la lunghezza del terreno, con la facciata nell’avenida Paraopeba, una delle piú belle e future della città. Insomma sarà una casa completa, dove i soci troveranno tutte le comodità necessarie ed una associazione recreativa come la Palestra Italia. La costruzione del padiglione definitivo, secondo é intenzione del Palestra, sarà iniziata l’anno venturo. Le spese per la costruzione attuale supereranno i 30 contos de réis. La Società conta piú di 300 soci ed il numero aumenta, giorno per giorno. Come si vede é una società che fa onore al lavoro degli italiani e che merita tutto l’appoggio delle Colonia non solo di Bello Horizonte, ma di tutto lo Stato di Minas. [...] L’ “Araldo” é organo ufficiale del Palestra Italia, e come tale dará della società, in tutti i numeri, notizie che interesseranno i soci ed i “torcedores”. **Il padiglione che si sta costruendo sarà inaugurato fra breve, com una festa come poche volte sono state fatte**^{97, 9899}

⁹⁷ARALDO Italiano. Belo Horizonte, p. 2, 31 jul. 1923.

⁹⁸Grifos nossos.

⁹⁹Este clube desportivo próspero, cujo presidente é o distinto jovem, sr. Alberto Noce, que progride dia a dia, dada a boa vontade extraordinária de todas as direções e dado o entusiasmo dos seus membros. Se tivéssemos de passar em revista os progressos realizados nestes dois anos e meio de existência, veríamos mais uma vez que em todas as coisas, quando o italiano quer ele consegue ser grande. Fundada 02 de janeiro 1921, como resultado do sucesso do clube de mesmo nome em São Paulo, que sucedeu o campeão de S. Paulo, em 1920; obtido imediatamente da colônia italiana o apoio material e moral de que eram necessários para o seu rápido desenvolvimento. Seu primeiro presidente foi o magnifico nosso compatriota, sg. Aurelio Nogueira, sócio da

É possível destacarmos, na nota do periódico, importantes referências quanto à construção do seu estádio, e do quanto isto representava uma central necessidade. Ao afirmar que, “assim que constituída a Sociedade, foi primeiro pensamento da direção a obtenção de um campo esportivo”, os italianos já demonstravam estar antenados com a relevância de um espaço esportivo que pudesse encrustar os vínculos identitários, intenção esta já deliberadamente posta na fundação de um clube de futebol. Com a ajuda financeira dos seus 300 sócios, o estádio ia tomando forma, e já se previa, para o ano seguinte, a construção do pavilhão definitivo, complementando a estrutura inaugural de arquibancadas e campo.

A pretensão explicitada pelo “Araldo Italiano” em julho, seria concretizada em parte com a inauguração do estádio palestrino, em setembro. Os festejos referentes a tal fato são destacadamente evidenciados no periódico italiano/belorizontino:

Figura 19 – Manchete da seção esportiva do Araldo Italiano



Fonte: Araldo Italiano. Belo Horizonte, p. 2, 20 set. 1923.

firma importante desta forte capital, Walnut & CIA que, com essa energia, que representava os fortes Calabreses. a empresa foi capaz de desenhar um futuro magnífico. A gerência sabia de tudo compreender a sg. Walnut e acompanhou-o com entusiasmo. Formado agora, foi o primeiro pensamento da direção de obter a terra do governo municipal adequado para a construção do seu campo de esportes. A sede da empresa não está preocupado, porque a direção da sociedade italiana de caridade e de ajuda mútua tinha graciosamente concedido seu edifício social. Campo escolhido e obtido, por lei municipal, que foi dado a aforamento, ele pensou imediatamente em construir os muros e pensou no nivelamento do terreno, em que gastou mais de 30 contos de réis. Murado o campo, foi mais tarde preparar adequadamente para o campo de foot-ball e plantou a grama necessária, fez bem o nível do chão, etc; serviço que não custou menos do que sete contos de réis. Atualmente é construído pela sociedade uma magnífica arquibancada, que será futuramente a geral, pois a construção da verdadeira arquibancada do palestra será um grande edifício, que terá bilhar, salão espaçoso, mesa de pin-pong, etc., além de outros vícios. O edifício terá 120 metros, que é de todo o comprimento do chão com a parte frontal localizado na avenida Paraopeba, uma das mais belas e luxuosas da cidade. Em suma, será uma casa completa, onde os membros irão encontrar todas as facilidades de que precisam de uma associação recreativa como é o Palestra Itália. A construção do segundo pavilhão final, é a intenção e vontade, que inicie no próximo ano. Os custos para a construção atual excedem 30 contos de réis. A sociedade tem mais de 300 membros e o número está aumentando dia a dia. Como se vê, é uma sociedade que honra o trabalho e mérito italiano, não só de Belo Horizonte, mas de todo o estado de Minas. O L'araldo é o órgão oficial da Colônia Italiana, e como tal vai dar à sociedade, em todos os números, notícias, o que afetará os acionistas e torcedores. O pavilhão que está sendo construído e que será inaugurado em breve, com uma festa como poucas vezes foram feitas.

Em trechos da nota, podia-se ler:

Oggi comemorando le data gloriosa del XX Settembre, il Palestra Italia inizia i festeggiamenti per l'inaugurazione del su Campo Sportivo e del padiglione, che, futuramente, sarà la sua "geral". Il palestra in riservato i pas'i ali' ambasciata carioca al Grande Hotel, ove pure si terra Il bancheto in suo onore. S. Ecc., Il Presidente dei lo Stato, invitato dalla comissione del Palestra, ha promessa d'intervenice personalmente al giuoco, e dará il calcio inaugurale. S. Ecc., Il prefetto Municipale, Dott Flavio Santos, presidira il banchetto, oltre ad intervenire alla festa. Il Segretario di Stato invitati, pure interveranno o si farana reperesentare. La Kermesse S'inizia oggi ed avra senza ubbio ottima riuscita. Domani e dopodomani, continuerá la kermesse, Che sil chiu e sabato. Il Palestra invita per no tromezzo tutte le associazioni sportive, tarti gli italini ei qui ed il popolo bellanzotino a volver intervenire alla stazione, sabato, 22 alle ore 10, per ricevere l'ambasciata del Flamengo, e domenica mattina, alle ore 8 nel campo del Palestra, al Barro Preto, prima, alla bendizione del campo e poi allá massa campale, chesi dirá diferente alla chiesa del Barro Preto ambiate cerimonte efficiate dal representante di Sua Ecc il vescovo di questa Diocese. Il giuoco preliminare del giorno 23, sara, come si disse, tra le valorosa prime squadre dell'America e deli' Athletico ed avrá lueo alle ore 13. Prima della partida principale, ver falta la distribuzione de una medaglie d'oro, a ciaschedunodei ter campioni: Blanca. Eitare e Fredenreich, e di 14 medaglie d'argento ai giuocatori della seconda squadra del Palestra cae riuisci campione di Bello Horizonte l'anno passato. La tombola sarà puré sorteggiata prima del giuoco principale. L'"Araldo" publicherá, domenica mattina, um bolletino com i nome del giuocatori del 4 "teams" Che prenderanno parte lla festa. Se possibile, publicheremo pure delle fotografie^{100, 101}

Embora sendo mais acanhado, no que diz respeito à capacidade de público, o Estádio do Barro Preto¹⁰², como ficou conhecido num primeiro momento, representava a crescente

¹⁰⁰Araldo Italiano. Belo Horizonte, p. 2, 20 set. 1923.

¹⁰¹ Hoje comemorando a data gloriosa do dia 20 de setembro, o Palestra Itália inicia os festejos para a inauguração do seu campo esportivo e do pavilhão que futuramente será a sua "geral". Chegam hoje Bianco e El Tore do Palestra de São Paulo, e Friedenreich do Paulistano, que vieram para jogar no time do Palestra que jogará contra o Flamengo do Rio no próximo domingo. O Palestra tem reservado os lugares para a Embaixada Carioca, no Grande Hotel, onde também será realizado um banquete em sua homenagem. O Presidente do Estado, convidado pela comissão do Palestra, prometeu de intervir parcialmente no jogo e de desejar boa sorte. O prefeito municipal, Dr. Flavio Santos, estará presente além de intervir na festa; os senhores secretários de Estado convidados também vão intervir ou fazer-se representar. O festival começa hoje e será sem dúvida um grande sucesso, amanhã e depois de amanhã, continua o evento que termina sábado. O Palestra convida, sem restrições, todas as associações esportivas de Belo Horizonte, todos os Italianos que estão aqui e toda a população belorizontina a participarem na estação sábado às 10 horas para receber a embaixada da Flamengo e domingo de manhã às 8 no campo do Palestra no Barro preto. Primeiro o campo será abençoado e depois da missa que vai ser na Igreja do Barro Preto, as duas cerimônias iram se iniciar com o representante de sua Exc., o Bispo Diocesano. O jogo preliminar do dia 23 será como se diz, entre as valentes primeiras equipes do América e do Atlético, às 13:00 horas. Antes de começar a partida principal vai ser distribuída uma medalha de ouro aos três campeões, Bianco, El Tore e Friedenreich, e 14 medalhas de prata aos jogadores da segunda equipe do Palestra que foi campeão de Belo Horizonte no ano passado. [...] L'Araldo vai publicar um formulário domingo de manhã com os nomes dos jogadores dos quatro times que vão fazer parte da festa. Vamos publicar fotografias, dentro das nossas possibilidades.

¹⁰²Barro Preto é o nome do bairro onde o estádio foi construído.

penetração da colônia italiana no cotidiano da cidade, e se tornava uma alternativa para o mando de jogos oficiais da Liga Mineira. Na figura 20, temos o time palestrino que participou da inauguração do estádio. Já na figura 21, um flagrante de uma partida de futebol em meados da década de 1930:

Figura 20 – Time do Palestra Italia que participou da inauguração do estádio, em 1923.



Fonte: Arquivo Cruzeiro Esporte Clube

Figura 21 – Tarde de clássico no velho estadinho do Palestra, no Barro Preto.



Fonte: Arquivo Jornal Hoje em Dia

Ainda na década de 1920, uma nova situação modificaria o cenário da cidade, no que tange à constituição dos seus estádios de futebol. Entre os anos de 1923 e 1927, os principais palcos futebolísticos seriam de fato os estádios do América e o do Palestra. Porém, América e Atlético deixariam os campos da central avenida Paraopeba (atual Augusto de Lima), e tomariam rumos diferentes. De acordo com o historiador Carlos Paiva, a prefeitura precisava

dos terrenos do estádio americano e do campo atleticano (ficavam um de frente para o outro, onde hoje se situam, respectivamente, o Mercado Central e o Centro de Convenções *Minascentro*). O poder público local objetivava construir, nestes espaços, o Mercado Central e a Secretaria de Saúde. O governo propôs aos clubes a construção de novos estádios em troca de seus terrenos. Nas palavras de Carlos Paiva, “aceita a troca, enquanto o Atlético recebeu o seu estádio inteiramente construído, o do América foi entregue inacabado”¹⁰³. No Relatório de Prefeitos (1927-1928), encontra-se a mensagem do Prefeito Cristiano Monteiro Machado, apresentada ao Conselho Deliberativo, datada de outubro de 1928. No documento lê-se, na íntegra:

Campo do America

Annunciei-vos o anno passado para localizar o novo Mercado no quarteirão em que está sendo levantado, fez a Prefeitura um entendimento com a sociedade sportiva America Foot Ball Club, em virtude do qual se comprometteu a dar à mesma sociedade um outro campo com as bemfeitorias existentes no que tomava a seu domínio. Em novembro proximo espero que a Prefeitura tenha resgatado o compromisso assumido. O campo está concluído, bem como tres grandes archibancadas em cimento armado e varios outros serviços complementares que dão ao conjunto um aspecto de certa imponência. Estão sendo agora preparados os campos para os jogos de tennis e bascket ball. O compromisso assumido como vêdes, foi consequencia de uma necessidade imperiosa. No entanto, elle resultará benefico, trazendo à vida urbana mais um campo sportivo modelar, que tanto realce poderá dar à educação physica da mocidade¹⁰⁴.

Assim, o estádio do América inaugurado em 1923 deixaria de existir, dando lugar a uma nova praça esportiva, considerada maior e mais “moderna”. O chamado “Estádio da Avenida Araguaya” ficava nas imediações do Parque Municipal, próximo ao ribeirão Arrudas, na avenida de mesmo nome. A sua inauguração ocorreu em 09 de setembro de 1928, em meio a uma atribulada situação, descrita a seguir pelo semanário esportivo “O Pirolito”:

O America, com o jogo de hontem, inaugurou o seu novo campo de football, localizado nas imediações do Parque Municipal. E fez mal o clube alvi-verde em precipitar essa inauguração, por isso que, ainda inacabadas as obras, o campo apresenta-se em lastimável estado: as archibancadas ainda não têm cercaduras; ainda não há reservados para a diretoria da Liga e dos Clubs, nem para a imprensa (manda a verdade seja dito que a diretoria do alvi-verde improvisou, na archibancada dos sócios, um excelente reservado para os chronistas, que puderam acompanhar assim, o perfeito desenrolar do jogo); o gramado não está em condições de ser utilizado em pugnas officiaes e de grande responsabilidade, como o de hontem; em certas ocasiões, era tal a nuvem de poeira que se levantava da arena de lueta que não se via a bola, nem mesmo os jogadores; finalmente, a poeira horrível que dominava todo o ambiente foi o martyrio da enorme assistência que

¹⁰³ PAIVA, Carlos. **Enciclopédia do América-MG**. Belo Horizonte: Ed. Alicerce, 2012. p. 62.

¹⁰⁴Relatório de prefeitos (1927-1928), p. 24.

encheu as vastas dependências americanas. [...] Culpada, porém, é a Liga Mineira que oficializou o campo sem mais preâmbulos, quando lhe cumpria impedir se realizassem ali, por enquanto, partidas officiaes. Culpada também é a Prefeitura, que não se dignou mandar irrigar as ruas adjacentes ao campo, nas quaes a poeira se elevavaa nível superior a 20 centímetros¹⁰⁵.

Não foi possível compreender os motivos da “apressada” inauguração. Contudo, entendo que um fato em particular possa ter profunda relação com o ocorrido: o estádio do rival atleticano estava em fase bastante adiantada no final do ano de 1928, com a sua inauguração prevista para o início do próximo ano. A rivalidade futebolística talvez tenha promovido a imperiosa necessidade de “sair à frente do clube opositor”, ainda que em condições não adequadas. Este mesmo Atlético seria o convidado para a partida amistosa de inauguração, onde o periódico esportivo dava especial atenção, anunciando no pós-jogo um público de 12 mil espectadores (há enorme disparidade entre as fontes periódicas e memorialísticas quanto à capacidade de público do estádio americano, variando entre cinco e doze mil). Abaixo, na figura 22, estampamos a entusiástica manchete do jornal, referindo-se ao confronto inaugural entre os velhos rivais como “o jogo dos campeões”:

Figura 22 - Manchete do “O Pirolito”, dando destaque à partida inaugural do estádio americano.



Fonte: O Pirolito. Belo Horizonte, p. 1, 10 set. 1928

Ainda sobre o jogo de inauguração do “Estádio da Avenida Araguaya”, vale o destaque imagético entre a foto estampada na obra memorialística do clube e no jornal esportivo. Enquanto na primeira ressalta-se a arquibancada central, destinada às figuras ilustres (o que entendemos como uma “seleção” de fonte direcionada à uma assepsia do ocorrido), o realce dado pelo periódico já se situa numa condição mais próxima à sua narrativa, evidenciando

¹⁰⁵ O Pirolito. Belo Horizonte, p. 1, 10 set. 1928.

assim as arquibancadas destinadas à população em geral, abarrotadas e com o público bastante próximo à linha lateral do campo. Estas imagens são expostas a seguir, respectivamente, nas figuras 23 e 24:

Figura 23 – Aspecto das archibancadas no jogo inaugural do estádio americano.



Fonte: Enciclopédia do América-MG, p. 63.

Figura 24 – Inauguração do estádio da Av. Araguaya



Fonte: O Pirolito. Belo Horizonte, p. 1, 10 set. 1928.

Quanto ao seu estádio, o América ainda se vangloriaria de ostentar o primeiro “placard” do Brasil. O uso de equipamentos tecnológicos ainda era bastante precário, e o clube da aristocracia mineira se esforçava na construção de uma entidade com imagem, ao mesmo tempo que tradicional, também moderna. Segundo relato de sua Enciclopédia, no dia 9 de dezembro,

[...] no jogo contra o Palestra pelo campeonato mineiro, com tempo chuvoso e campo molhado, o América inaugurou um grande relógio destinado a marcar o início do jogo e seu transcorrer. O relógio só marcava 45 minutos, tempo máximo regulamentar para cada tempo. Este relógio possuía nos seus lados um placar para marcar os gols da partida. Tratava-se de um dispositivo bem feito, grande, colocado em lugar saliente à direita das arquibancadas. Teve o mérito de ser o único no gênero existente no Brasil à época¹⁰⁶.

Figura 25 – “Placard” do estádio americano, em 1929.

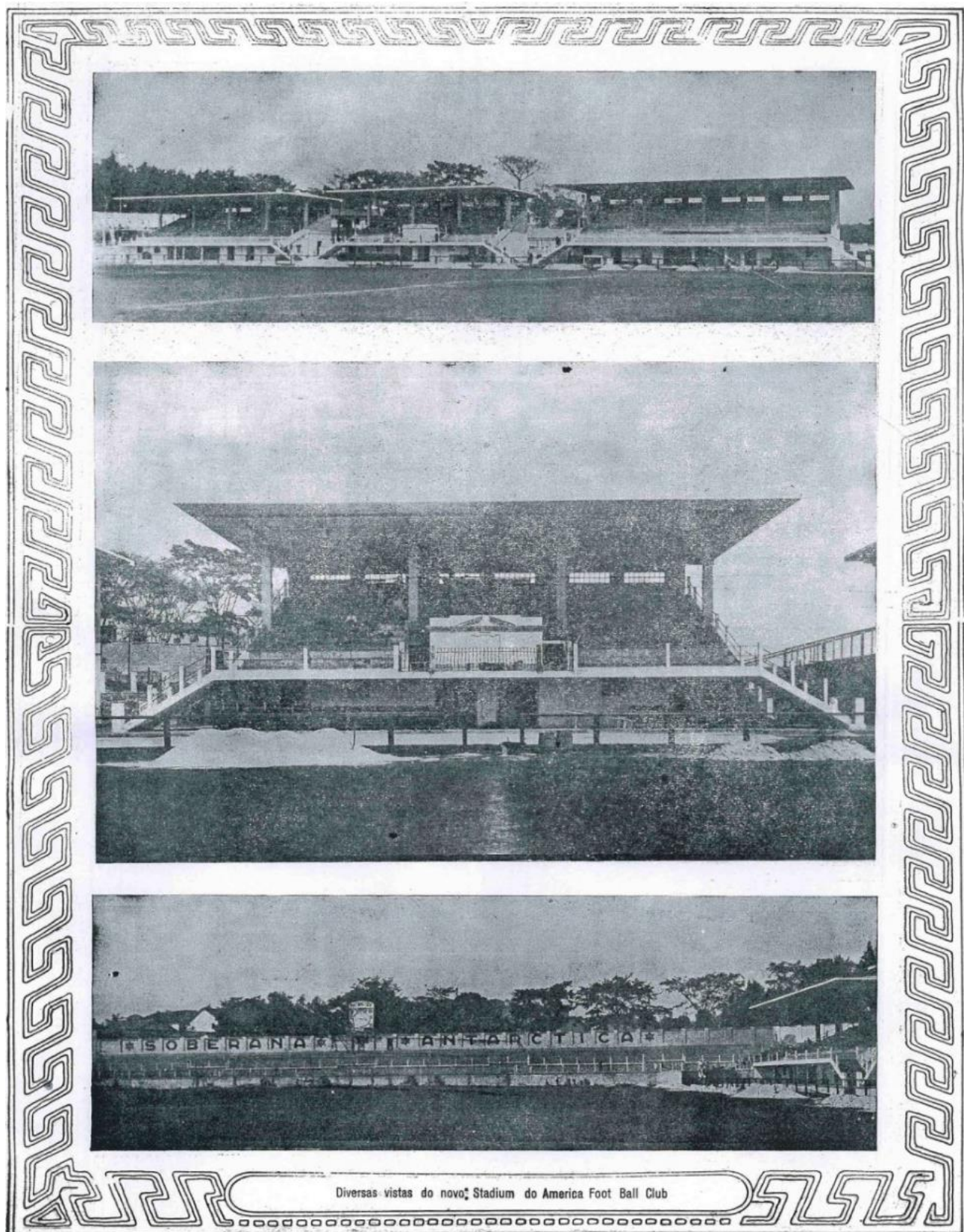


Fonte: Enciclopédia do América-MG, p. 63.

Um ano após a sua inauguração, o sisudo jornal oficial do estado, o “Minas Geraes”, homenageava a data, expondo em página inteira imagens do palco esportivo americano. Vale apontar, na figura 26, o fato dos três lances de arquibancadas em concreto, pensado para abrigar as principais torcidas da cidade: a do centro, reservada ao América (e destacada na foto da reportagem); a da esquerda, destinada aos palestrinos; e a da direita, dedicada aos torcedores atleticanos. Além disto, é possível vislumbrar também que o espaço de jogo já absorvia a lógica mercadológica, e estampava em letras garrafais, ao longo do seu muro interno, o comercial de uma conhecida marca de cerveja:

¹⁰⁶ PAIVA, Carlos. **Enciclopédia do América-MG**. Belo Horizonte: Ed. Alicerce, 2012, p. 62.

Figura 26 - “Diversas vistas do novo Stadium do America Foot Ball Club”.



Fonte: Minas Geraes, p. 10, 07.09.1929.

O estádio da Avenida Araguaya seria, assim, o principal cenário futebolístico da cidade de Belo Horizonte, dividindo espaço e atenção com o estádio do rival alvi-negro, que seria inaugurado logo em seguida, nos primeiros meses de 1929.

Com o nome do Presidente do Estado à época (lembre-se que foi ele que esteve à frente das negociações entre a permuta do terreno do campo atleticano e o novo espaço no nobre bairro de Lourdes), o estádio Antônio Carlos representaria uma nova possibilidade de assistir às partidas de futebol na Capital, quer pela sua dimensão grandiosa, quer pela sua estrutura e localização. A sua inauguração reverberou intensamente na imprensa, podendo ser localizado uma gama extensa de referências a tal acontecimento, principalmente por ter o Atlético convidado o Corinthians Paulista para o jogo inaugural. O *Minas Geraes*, por exemplo, tratava a nova praça de esportes atleticana como “a melhor do Estado e uma das maiores do paiz”¹⁰⁷, e especificava as obras do estádio, relatando:

As archibancadas, circumdando o campo em fôrma de U, e comportando em lotação 15.000 pessoas, são de duas categorias: as geraes, descobertas; e a parte nobre, toda abrigada por uma cobertura. Esta ultima, com 80 metros de comprimento, formando fachada sobre a rua Rio Grande do Sul, divide-se em três partes distintas, com entradas independentes e cada uma servida pelo seu bar com higienicas e confortaveis installações sanitarias. As partes lateraes, se destinam aos assistentes contribuintes e a central é reservada aos socios, com accommodação especial para chronistas desportivos, membros da directoria e convidados de honra.¹⁰⁸

O aumento da capacidade de público e o atendimento a questões ligadas à higiene e ao conforto davam prova de uma nova mentalidade, mais atenta a aspectos relacionados à demanda de consumo, cada vez mais ampliadas. A inauguração do estádio Antônio Carlos, com a realização da partida entre o Atlético e o Corinthians, era de fato tão significativa para a cidade, que o próprio comércio local indicava, na sua postura, tal condição:

CASAS COMERCIAES QUE FECHAM HOJE - Para que os seus empregados possam assistir ao grande embate entre o Athletico e o Corinthians Paulista, ficarão fechadas hoje as seguintes casas commerciaes da nossa praça: Casa Conto, Casa Hermany, Joalheria Padua, Sapataria Central, Oliveira, Costa & Comp., Joalheria Diamantina, Marcello de Oliveira & Souza, Casa Caldeira, Casa Machado Coelho, Casa Ferreira, Parc Royal, Casa Guanabara, Casa Para Todos, Casa Teixeira Neves Filho, Casa Antonio d’Almeida, Casa Crystal, Casa Selecta, Casa Oscar Marques, Casa Omega, A’ Sedan, Casa Saliba, Casa Royal Stores, A’ Auxiliadora e Papelaria Brasil.¹⁰⁹

¹⁰⁷MINAS Geraes. Belo Horizonte, 30 maio 1929. Seção Desportos, p. 10-1.

¹⁰⁸*Idem.*

¹⁰⁹*Idem.*

Poucas situações teriam força suficiente para paralisar boa parte do comércio. O futebol e as suas representações simbólicas impactavam a cidade com uma intensidade não percebida (ou não possível) em outras práticas sociais. A foto da inauguração do campo atleticano (Fig. 27), diz muito do espaço ocupado pelo esporte bretão em Belo Horizonte, naquele instante.

Figura 27– Inauguração do Estádio Antônio Carlos, em 30.05.1929.



Fonte: Acervo Clube Atlético Mineiro.

A descrição pormenorizada da inauguração do estádio pode ser encontrada na crônica do *Minas Geraes*, que narra o momento com ricos detalhes, e por esta razão, embora longa, mereça ser aqui transcrita:

A inauguração hontem realizada, com o maior brilho e entusiasmo, do grande e imponente “stadium” “Presidente Antonio Carlos”, do Club Athletico Mineiro, foi um acontecimento que ficará memorável nos annaes desportivos do nosso Estado.

Pouco antes das 15 horas, partiam do Palacio da Liberdade para alli os automóveis conduzindo o sr. presidente Antonio Carlos, acompanhado de sua filha Luizita Andrada e do assistente militar da Presidencia, commandante Oscar Paschoal, e os senhores dr. Francisco Campos, secretario do Interior; dr. Bias Fortes, secretario da Segurança e Assistencia Publica, e seu assistente militar, major J. Gabriel Marques; dr. Gudesteu Pires, secretario das Finanças; dr. Djalma Pinheiro Chagas, secretario da Agricultura; dr. Christiano Machado, prefeito da Capital, e dr. Abílio Machado, director da Imprensa Official. No portão central do novo “stadium”, a directoria do Athletico Mineiro aguardava o chefe do governo, que foi conduzido, com seus auxiliares, ao camarote de honra, debaixo de um longo e demorado estuar de palmas e aclamações de mais de trinta mil pessoas, que enchiam todas as archibancadas e se agglomeravam nas elevações vizinhas. O aspecto do “stadium”, occupado por uma multidão de espectadores, entre ao quaes se viam innumeradas senhoras e senhorinhas do nosso escól social, era de empolgante effeito e communicativo entusiasmo. [...] Seguiu-se a inauguração do “ground” pela madrinha do novo “stadium”, menina Luizita Andrada, filha do sr. Presidente Antonio Carlos, a qual procedeu ao baptismo do campo com “champagne”, de accordo com as praxes sportivas, o que fez por entre palma e vivas da multidão. [...] Desde que vimos acompanhando o desenvolvimento da cultura physica dos filhos de nossa terra, sentimos que um verdadeiro deslumbramento, um impulso estupendo de entusiasmo domina e impera em todos os corações da gente mineira. Apreciado, a principio, por pequeno circulo de elementos da sociedade, cultivado por reduzido grupo de adeptos, foi gigantesco e rapido o movimento progressivo do sport em Minas, movimento este que se operou em todas as classes sociaes, arrastando dezenas de milhares de pessoas aos campos da lucta, no anseio louvável de applaudir e incitar os seus affeicionados nos jogos sportivos. E a prova disso, deunos hontem o Club Athletico Mineiro, com o soberbo spectaculo, jamais visto em todos os tempos em nossa Capital, da inauguração do seu excellente “stadium”, obra que atesta o esforço e o entusiasmo dos pioneiros do athletismo. [...] E não foram só as 30.000 vozes da assistencia, que enchia as archibancadas athleticas, que ovacionaram a turma alvi-negra, gloriosa de tão renhido prelio, mas toda a Minas Geraes, em todos os rincões do nosso sertão, em todo o paiz onde o mineiro se encontra, vozes e palmas coroaram o esforço e o denodo dos “sportmen” bellorizontinos, que, numa arrancada magnifica souberam collocar o seu estado elevado em que se encontram as suas co-irmãs da Federação. Minas está de parabéns!¹¹⁰

Ir aos estádios e campos acabou se tornando um dos programas favoritos dos habitantes. A ponto mesmo de, aos domingos sem futebol, receberem a denominação de “domingos vasios”¹¹¹. E a cidade correspondia à demanda e à expectativa da população local. Com três estádios, que somados abrigavam em média 20 mil espectadores, Belo Horizonte se situava em privilegiada posição quanto às principais praças esportivas do país à época. Até 1930 São Paulo não possuía nenhum grande estádio, à exceção do inacabado Parque Antarctica, do Palestra Itália Paulista. A Capital Federal, o Rio de Janeiro, ostentava o fato de possuir o primeiro estádio do país¹¹², construído em 1918 para abrigar o mais importante torneio de futebol continental entre seleções, o Campeonato Sulamericano; e também o

¹¹⁰MINAS Geraes. Belo Horizonte, 31 maio 1929. Seção Desportos, p. 5.

¹¹¹ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 02 fev. 1930.

¹¹²Estamos tratando aqui do Estádio das Laranjeiras.

estádio da colônia portuguesa, São Januário, inaugurado em 1927 (e que passaria a ser o principal estádio do país até a construção do Pacaembu, em São Paulo, no ano de 1940). Ainda assim, Belo Horizonte conseguia alcançar uma posição de profundo destaque no que diz respeito a seus estádios.

Mantendo uma característica de um estádio de bairro, atrelado ao vínculo com a colônia italiana residente em Barro Preto, o estádio do Palestra era o menor e mais acanhado entre os três, durante a década de 1930. A rivalidade, neste aspecto, se concentrava mesmo entre os estádios Antônio Carlos e o da Av. Araguaya. Se um possuía o dispositivo do placar, o outro tratava logo de fazer frente à estas aquisições e melhoramentos. Na disputa pela conquista de mais espaço e importância na vida social de Belo Horizonte, o Club Athletico Mineiro dava mais um passo importante, que iria marcar o ano de 1930: a inauguração do sistema de iluminação permitiria, pela primeira vez, a ocorrência de um jogo noturno.

Aparentemente simples, este fato representou uma verdadeira revolução na vida esportiva da Capital, por possibilitar uma outra forma de apropriação do jogo, com horários diferenciados e a construção de uma cultura esportiva vivenciada sob uma nova ordem de tempo e espaços. Coube ao clube juizforano do Sport se bater com o Atlético, em uma festiva noite esportiva. A novidade do primeiro jogo noturno em Belo Horizonte despertava a curiosidade de uma imensa torcida, que compareceu ao estádio para ver a vitória da equipe local pelo dilatado placar de 10 x 2. Certamente, o fato não passaria em branco pela imprensa, que imprimia suas impressões sobre o acontecimento:

O PRIMEIRO NOCTURNO DE HONTEM - Gente chegando. Ambiente de circo. Banda de musica. Assovios ao estylo de vaias amarra-cahorro. Meninos vendendo amendoins. Marinetti uniformizado de jogador de golf. Marinetti discutindo com Jairo: - Você não joga hoje. Você não quis dormir durante o dia, como eu mandei. Jogo nocturno é diferente. Quem fizer farra de dia não põe o pé na bola. [...] Confusão. Poeira subindo. Poeira dourada, à luz dos reflectores. O pessoal chispando a pé, desde o alto da Barroca à avenida Affonso Penna, [...] commemorando a primeira victoria do Athletico. A victoria que o sol não viu¹¹³.

¹¹³MINAS Geraes. Belo Horizonte, 10 ago. 1930. Seção Desportos, p. 10.

Torcer à noite já era possível, e as torres de iluminação representavam uma conquista da modernidade a serviço do desenvolvimento do esporte. Se as torres projetavam imensos fochos de luz sobre o campo, fazendo brilhar os olhares atônitos dos torcedores, elas também permitiam, em jogos que ocorriam durante o dia, o crescimento da capacidade de público, que se debruçava sobre a estrutura metálica em busca de um ângulo original, ou de um espaço inexistente nas arquibancadas lotadas. A foto abaixo (Fig. 28) ilustra a inusitada apropriação das hastes de iluminação pela torcida do Atlético, demonstrando o seu fervor pelo time.

Figura 28 – Torcedores atleticanos sobre a torre de iluminação do estádio Antônio Carlos.



Fonte: Acervo do Centro Atletico de Memória.

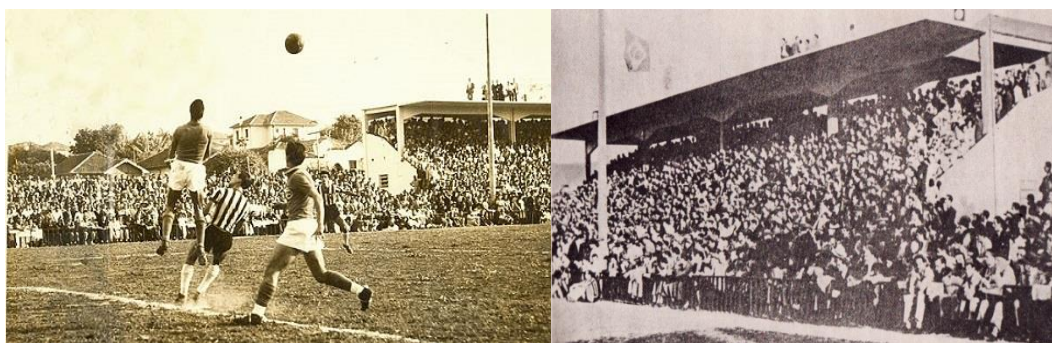
Na década de 1940, todos os três estádios passariam por importantes reformas, sendo assim, reinaugurados e rebatizados com nomes de políticos (à exceção do Atlético, que já possuía o nome do Presidente do Estado e o manteve)¹¹⁴. Nesta lógica, o chamado “estadinho

¹¹⁴O Estádio do Pacaembu foi inaugurado em 1940, se tornando o maior e mais moderno estádio do país à época. Infiro assim, que este movimento de reformas tencionou rivalizar com esta situação particular, haja vista que Minas Gerais (e Belo Horizonte, particularmente) se espelhava no Rio de Janeiro e São Paulo como referências de um estilo de vida moderno e republicano.

do Barro Preto”, pertencente ao clube da colônia italiana local, e já sob a insígnia de Cruzeiro Esporte Clube¹¹⁵, reinaugura o seu estádio, ampliando-o significativamente, além de torná-lo mais moderno. As arquibancadas de madeira das gerais foram substituídas por 11 degraus de cimento e passou a ter uma extensão de 250 metros. As arquibancadas das sociais também substituídas por cimento, tendo a sua área ampliada. A capacidade de público passou de 5 mil para 15 mil, triplicando sua possibilidade de absorção de público. Todas estas mudanças foram bancadas pelos sócios que contribuíram cada um com mil Cruzeiros. A reinauguração do estádio ocorreu em 1º de julho de 1945, numa partida festiva contra o Botafogo, do Rio de Janeiro. Numa disputa acirrada entre os dois maiores atacantes da época, Heleno de Freitas (Botafogo) e Niginho (Cruzeiro), o evento bateu recorde de público, com 15.000 torcedores¹¹⁶.

Meses mais tarde o estádio, que agora possuía o nome de Estádio Juscelino Kubitschek (em homenagem ao prefeito de Belo Horizonte à época), inaugurou sua iluminação. O time convidado para o evento foi o Flamengo, que não veio por conta dos desfalques, embora tenha alegado impossibilidade de pouso no campo de aviação. Assim, quem veio substituir o time rubro-negro foi o América-RJ, outra importante esquadra carioca¹¹⁷.

Figura 29 – Flagrantes de jogos no Estádio Juscelino Kubitschek.



Fonte: <http://static.goal.com/di/0EC9333EF988A5A22B543D174C69D948.jpg>

¹¹⁵Em 1942, todos os clubes de futebol vinculados à colônias italianas foram obrigados a alterarem suas cores e quaisquer outras referências itálicas. Por esta razão, o Palestra Itália de Belo Horizonte modifica seu nome, primeiramente para Ypiranga Esporte Clube, e depois, definitivamente, para Cruzeiro Esporte Clube, adotando as cores azul e branco como oficiais.

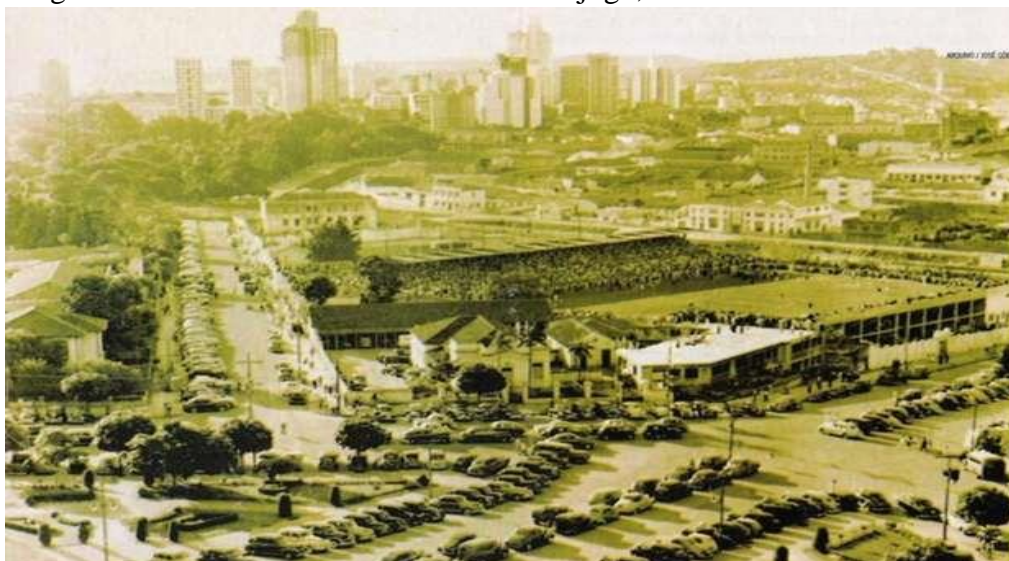
¹¹⁶ RIBEIRO, Henrique. **Almanaque do Cruzeiro**. Belo Horizonte: 2007. 560 p.

¹¹⁷ *Idem*.

Já o estádio da Av. Araguaya (que passou a se chamar oficialmente “Estádio Octacílio Negrão de Lima”, e também conhecido como “Estádio Alameda”) passaria por importantes intervenções em 1948, a ponto de ser chamado de “o novo velho estádio Alameda”, merecendo pomposa festa de reinauguração. Depois de ter passado por um período de poucas conquistas esportivas (em parte por ter resistido à adesão ao profissionalismo, em 1933), o América terminava a década de 1940 tentando recuperar o seu brilho de outrora. Dito por Carlos Paiva:

O maior exemplo desse reerguimento do próprio orgulho americano é a inauguração oficial do novo estádio (o velho estádio reformado) americano. Dotado de todos os requisitos indispensáveis ao conforto do público, o estádio americano representava um esforço hercúleo da sua diretoria, comandada pela mocidade do Presidente Alair Couto. Empreendedor arrojado, do acanhado estádinho construiu um palco para 15.000 torcedores. Constituiu acontecimento de relevo significativo na vida esportiva belo-horizontina e mineira a inauguração do novo estádio. Grandes cerimônias marcaram esta inauguração, quando o América fez realizar um torneio quadrangular. Veio o Vasco da Gama, que com seu “expressinho da vitória” acabava de conquistar (invicto) o torneio dos Campeões da América do Sul e o São Paulo, que foi o Campeão Paulista de 1948. Para completar o quadrangular foi convidado o Atlético, o maior adversário¹¹⁸.

Figura 30 – Estádio do Alameda em dia de jogo, em fins da década de 1940.



Fonte: Acervo América-MG

¹¹⁸ PAIVA, Carlos. **Enciclopédia do América-MG**. Belo Horizonte: Ed. Alicerce, 2012, p. 62.

O Estádio Antônio Carlos, que antes das reformas dos estádios dos clubes rivais era o maior da cidade, fez apenas pequenos melhoramentos, não envidando esforços para promover uma grande reforma. Manteve-se como um importante espaço futebolístico, embora com menor representatividade que antes.

Figura 31 - Em 1943, a torcida compareceu às arquibancadas para assistir a um treino do jogador Mário de Castro



Fonte: Arquivo Jornal Estado de Minas - 02/07/1943

Figura 32 - Vista do Estádio Antônio Carlos, nos anos finais da década de 1940.



Fonte: http://www.galomineiro.com.br/wiki/est%C3%A1dio_presidente_ant%C3%B4nio_carlos

Belo Horizonte chegava assim, ao final da década de 1940, com os seus três principais estádios em plena forma e em perfeitas condições de recebimento das partidas dos principais torneios. Mas o esforço para manter estes espaços esportivos parecia não ser suficiente para

a chegada de uma nova ordenação (política-econômica) do futebol. Com a ocorrência de uma Copa do Mundo no Brasil, em 1950, Belo Horizonte logo se coloca em posição de sedimento e nenhum dos estádios da capital passa pelo crivo da entidade organizadora do evento (FIFA). Este fato gerou o gradual definhamento dos antigos estádios belo-horizontinos.

No caso do estádio atleticano, a inauguração do Estádio Independência marcou a sua decadência, e acabou sendo vendido à prefeitura na década de 1960. Foi a solução do clube para a forte crise financeira. No espaço deveria ser construída, em até 15 anos, a nova sede administrativa da capital. Caso contrário, o imóvel obrigatoriamente seria devolvido ao Clube, o que ocorreu em 1991. Até aquele ano, o antigo estádio sofreu várias transformações. Foi desapropriado pela prefeitura em 1970, transformando-se em espaço para feiras e assembleias sindicais, e 10 anos mais tarde transformou-se em espaço de lazer. No entanto, como a prefeitura teria desvirtuado a finalidade da desapropriação, a diretoria alvinegra, na gestão de Afonso Paulino, entrou em litígio com a administração pública e ganhou o direito de retrocessão do terreno em 1991. Com a área em mãos novamente, a diretoria atleticana negociou o arrendamento por 30 anos do local com uma empresa, que investiu na época US\$ 80 milhões na construção de um grande centro de compras, inaugurado em novembro de 1996. Atualmente, o *shopping* é uma das principais fontes de renda fixa do clube¹¹⁹.

Figura 33 – Shopping construído no terreno do estádio Antônio Carlos



Fonte: http://www.galomineiro.com.br/wiki/est%C3%A1dio_presidente_ant%C3%B4nio_carlos

¹¹⁹MURTA, Eduardo. **Galo**: uma paixão centenária. Gutenberg, 2008. 192 p.

Já no caso do Estádio do Alameda, a situação não seria muito diferente, e nos primeiros anos da década de 1970 (mais especificamente em 1973), o estádio sucumbiria de vez. Na voz do historiador do clube, os derradeiros anos do Alameda são assim descritos:

O América devia milhões e não tinha como pagar, além de não ter nenhuma arrecadação, nem mesmo com o Alameda. O déficit crescia como uma bola de neve na avalanche, com vários títulos protestados. As folhas de pagamento não eram saldadas, com atrasos de pagamento dos atletas de até três meses e atrasos ainda maiores de funcionários, além do não pagamento de fornecedores. Os bancos não emprestavam mais e os diretores e o Presidente Ruy da Costa Val emitiam títulos em seu nome, com dificuldade para saldá-los. Não havia mais condição de “rolar” a dívida. A situação agravava-se em virtude de um fato que a maioria dos torcedores sequer sabia: a metade do campo já não pertencia mais ao América. Havia sido desapropriado pela Prefeitura, exatamente a parte mais valiosa, que dava de frente para a Av. Francisco Salles. Para legalizar a situação o América teve de contar com a boa vontade do Estado. Foram lavradas e registradas numerosas escrituras. As dimensões do campo, desatualizadas para o futebol (não tinham nem sequer 100 metros de comprimento), não permitiam mais o uso do mesmo. Não era usado nem para treinos. A questão era a venda da Alameda ou a insolvência. A preocupação geral, registrada nas atas das diversas reuniões, era de que o América, pagando as dívidas, ficasse sem patrimônio. Ruy da Costa Val e a diretoria assumiram o compromisso de isto não ocorreria. A Alameda foi vendida, então, para o Grupo Pão de Açúcar, que construiu um de seus supermercados Jumbo¹²⁰ no local¹²¹.

Figura 34 – Local atual do Estádio Alameda, em Belo Horizonte.



Fonte: <https://goo.gl/iM9H49>

¹²⁰ Atualmente se chama Supermercado Extra.

¹²¹ PAIVA, Carlos. **Enciclopédia do América-MG**. Belo Horizonte: Ed. Alicerce, 2012. p. 124.

O Estádio Juscelino Kubitschek foi o que se manteve mais próximo atualmente do que foi um dia. A última partida no estádio ocorreu em 14 de fevereiro de 1965, num jogo amistoso entre o Cruzeiro e o Democrata. A partir daí o clube celeste usava o velho estádinho para treinos e jogos das categorias de base. Em 1986, o campo e parte do estádio foram desmanchados e substituídos por piscinas e quadras, dando espaço a um clube campestre, que serviu para aumentar o quadro de sócios do clube, tornando-se mais uma fonte de renda. Os treinos das categorias de base foram transferidos para a Toca da Raposa. Hoje o espaço abriga uma estrutura voltada ao lazer de seus sócios, que conta com quatro quadras poliesportivas, sete quadras de peteca, restaurante, um ginásio coberto, três piscinas semiolímpicas e três piscinas infantis¹²².

Figura 35 – Sede campestre do Cruzeiro Esporte Clube, no lugar do outrora Estádio JK



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_Juscelino_Kubitschek_de_Oliveira#/media/File:Clubecruzeiro.JPG

Algumas questões são particularmente importantes, ao final deste capítulo, e as elenco a seguir, no intuito de provocar perspectivas reflexivas:

- **A profusão de estádios em Belo Horizonte num curto período de tempo, chegando a 1929 com três importantes espaços consolidados.** Isto denota a necessidade

¹²² RIBEIRO, Henrique. *Almanaque do Cruzeiro*. Belo Horizonte: 2007. 560 p.

de Belo Horizonte acompanhar e/ou se situar na vanguarda do desenvolvimento esportivo do país, construindo praças esportivas “monumentais”, modernas e adequadas a um novo tempo de demandas futebolísticas;

- **O fato de todos estes estádios se situarem em uma região central da cidade.** Provavelmente, este fato se deve à experiência não satisfatória com o antigo estádio do Prado Mineiro, que se localizava em uma região periférica e por isto, alvo de frequentes reclamações dos torcedores belo-horizontinos.

- **A associação destes estádios com entidades clubísticas de destaque em Belo Horizonte.** Tanto o Atlético quanto o América (clubes de forte tradição social/econômica), quanto o Palestra Itália (clube que recebia o significativo apoio da numerosa colônia italiana da cidade), vão protagonizar este movimento de construção dos estádios, enquanto estratégias de cooptação de torcedores, e também como demonstração de força e poder local, sempre recebendo (uns mais, outros menos), o incentivo do poder público, nos níveis municipal e estadual.

No próximo capítulo, empreendo esforços sobre o processo de construção do Estádio Independência, capitaneado pelo Sete de Setembro Futebol Clube, e que acabou se tornando o viável espaço para abrigar, a partir das exigências da FIFA, a Copa do Mundo de Futebol em Belo Horizonte, no ano de 1950.

III O GIGANTE DO HORTO: “*ORGULHO DE MINAS GERAIS*”

Neste capítulo expomos o cenário que permitiu a construção do Estádio Independência, como outra possibilidade arquitetônica (mais atendida com uma nova ordenação de estádios que começam a ser inaugurados a partir dos anos 1940), articulado com um discurso que trazia a reboque a necessidade de uma lógica que propunha grandiosidade, concretude (literalmente algo construído com base no concreto armado) e monumentalidade moderna (uma outra modernidade, mais potente e ampliada). De acordo com estudo empreendido por Schetino, é possível entender que “as construções grandiosas ultrapassam o seu tamanho físico. Transformam o espaço da cidade, mas representam também projetos políticos, com implicações nos costumes e modos de vida dos seus habitantes. Especialmente no caso dos estádios, instauram um conjunto de novas práticas em torno da cultura esportiva da cidade” (SCHETINO, 2014, p. 143).

Desta forma, o estádio do clube Sete de Setembro começa a se inscrever no cotidiano da cidade, primeiramente como desejo e vontade de um grupo de pessoas, destacadamente o seu presidente, Antônio Lunardi. Na edição de 20 de agosto de 1948, o jornal *Estado de Minas* anunciava nota da diretoria do grêmio setembrino, informando sobre o evento de início das obras do estádio:

A diretoria do Sete de Setembro fará realizar, amanhã, com expressivas solenidades, o início da terraplanagem do terreno onde será erguido o seu estádio, que receberá o nome do presidente da República, Gal. Eurico Gaspar Dutra. A primeira máquina para o aludido serviço chegou ontem à Capital, devendo vir outras até o princípio da próxima semana. Deliberaram os responsáveis pelo grêmio da Floresta¹²³ homenagear a imprensa falada e escrita da cidade, oferecendo aos jornalistas especializados um “drink” no local do seu estádio, esquina da Av. Silviano Brandão com a rua Pitangui, no Horto Florestal. A solenidade será efectuada às 15 horas. Além da crônica esportiva, deverão prestigiar o acontecimento altas figuras dos desportos da cidade, bem como da política mineira.¹²⁴

Em outra edição, o “Estado de Minas” registrava não o anúncio, mas o pós-ocorrido do lançamento das obras do estádio do Sete, dando relevante destaque na sua seção esportiva,

¹²³ O clube Sete de Setembro ganhava também a designação de “grêmio da Floresta” em função de se localizar no bairro do Horto Florestal, popularmente conhecido por “Floresta”.

¹²⁴ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 20 ago. 1948.

inclusive com a transcrição do discurso do presidente Lunardi. Com um texto intitulado “O SETE REALIZA SEU GRANDE SONHO”, a nota enfatizava:

O início das obras do estádio do Sete de Setembro, no dia de ontem, constituiu sem dúvida um dos grandes acontecimentos do esporte mineiro. Sendo um dos mais antigos clubes da capital, o Sete de Setembro vem, desde os seus primeiros dias, primando pela bravura na luta, pela elevação de ideias e desprendimento e amor à boa causa do esporte. Por isto, nada mais justo que as demonstrações de alegria dos aficionados florestinos, que assim concretizando um velho sonho, há muitos anos acalentado e que somente agora se torna realização. – MAGNÍFICO, O ESTÁDIO – O estádio do Sete será um dos mais completos de Minas Gerais e do país. Está localizado no Horto Florestal numa área de terreno ocupando 32.000 metros quadrados, sendo o local propício à construção. Terá a capacidade de 45.000 expectadores, sendo inteiramente fechado, com 30 degraus de arquibancadas. Conterá com 2.800 cadeiras de marmorites, tendo uma pista completa para atletismo, quadras de basket e voley-ball, atrás dos “goals”. Entre a meta e o 1º lance de gerais, haverá uma distância de 21 metros e no espaço compreendido entre o campo e o primeiro lance de degraus, há uma distância de 21 metros, sendo esta distância nas partes laterais reduzida a 6 metros. Nesta afixa de terreno está localizada a pista de atletismo, cujo nível é mais baixo 30 centímetros do campo de futebol. Um alambrado de 3 metros de altura evitará qualquer invasão de campo. A imprensa e jogadores ficarão completamente separados do público, em localizações especiais. 20 portões facilitarão o escoamento em menos de 10 minutos. Os serviços estão entregues à Construtora Meca Ltda., achando-se os serviços orçados em 5.000.000. As obras foram iniciadas ontem, com a terraplanagem do terreno, para o que encontra-se no terreno um grande trator. – ORADORES – Abrindo as solenidades, fez uso da palavra o vereador Antonio Lunardi, presidente do Sete de Setembro. Em discurso dos mais brilhantes, ressaltou o atual dirigente setembrino os trabalhos das diretorias passadas, cujos resultados estão sendo ressaltados agora, em sua gestão. Fazendo o elogio do trabalho do sr. Otacílio Negrão de Lima, em favor do clube, assim se referiu o sr. Antonio Lunardi: “Homens como o sr. Otacílio Negrão de Lima servem para desmentir aos céticos e provar que, ainda, nem tudo está perdido. É um grande conforto para nós, para os mineiros principalmente, a verificação de que um homem público cumpre o seu programa, mesmo à custa de muito sacrifício. Ninguém desconhece a precária situação em que foram encontrados os nossos cofres municipais. Entretanto, Belo Horizonte se transforma, se embeleza, se estende, e com isto, a Prefeitura não fica mais pobre; pelo contrário, enriquece aos olhos de seus munícipes, que aos poucos vão vendo os seus problemas resolvidos por esse grande matemático das equações do povo: Otacílio Negrão de Lima. [...] Esta data inicia uma nova fase na vida do Sete de Setembro, e começa uma nova etapa para o esporte mineiro. O povo terá, enfim, a sua praça de esportes. A minha promessa, como presidente do clube, de lutar por esta reivindicação, foi cumprida e o meu ideal como defensor de suas cores começa a realizar-se. Como vereador, também, penso não ter desiludido aos esportistas que em mim votaram, pois lutando pela causa do Sete do Setembro, creio ter lutado por uma grande parcela do esporte mineiro. Também, à imprensa esportiva da capital, em grande parte, o motivo desta festa, pois sempre contamos com o seu apoio, seu estímulo e seu interesse pelos nossos problemas. Aos demais vereadores de nossa Câmara, muito devemos também”. [...] Após a solenidade, a diretoria do Sete ofereceu uma chopada aos convidados¹²⁵.

¹²⁵ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 22 ago. 1948.

A reportagem trazia um instantâneo fotográfico, que ilustrava um momento da solenidade, conforme mostra a figura 36, abaixo:

Figura 36 - Aspecto da inauguração do serviço de terraplanagem no campo do Sete de Setembro



Fonte: Jornal Estado de Minas, 22.08.1948, p. 10.

Outro importante periódico local, o “Folha de Minas”, também narrava jornalisticamente os desdobramentos das festividades de lançamento das obras do estádio setembrino. Com texto intitulado “Lançado o marco de uma grande realização”, o jornal destacava:

Em brilhante solenidade, que contou com a presença de figuras de destaque nos meios sociais e esportivos da Capital, notando-se entre elas inúmeros vereadores, representantes da crônica falada e escrita da Cidade, representantes dos diversos clubes e autoridades, foram inauguradas ontem, às 14:30 horas, as obras e construção do novo estádio do Sete de Setembro de Futebol e Regatas, que será localizado em amplo e excelente terreno no Horto Florestal, com uma área aproximada de 32 mil metros. De acordo com a planta apresentada aos presentes, trata-se sem dúvida alguma de um notável empreendimento e que custará ao Sete mais ou menos cinco milhões de cruzeiros. O estádio, que será um dos mais belos e confortáveis do Brasil, terá capacidade para cerca de 45 a 50 mil pessoas, sendo dotado de pista de atletismo, quadras de basquete, vôlei, piscina, etc. A construção e o projeto são de responsabilidades da Construtora Meca Ltda., sendo os desenhos de autoria de Walter Paulo Carvalho, Luiz Noronha Braga, Silvio Costa. Durante a solenidade, fizeram uso da palavra o presidente Antonio Lunardi, o pe. Cir Assis Assunção, presidente da Câmara Estadual, e representante do prefeito Otacílio Negrão de Lima, vereador Antonio Vilela Teixeira Azevedo, em nome dos vereadores, David Cabernite, em nome da A.M.C.E, representando os cronistas e locutores esportivos da Capital, dr. Alvaro Afonso de Moraes e Sebastião Rodrigues da Costa. Oportunamente forneceremos mais amplos informes sobre o que será o grandioso estádio do Sete de Setembro Futebol e Regatas¹²⁶.

¹²⁶ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 22 ago. 1948.

O periódico, além de destacar a presença das autoridades (políticas e esportivas) presentes na solenidade, ilustrava o evento, com o registro fotográfico do momento em que Antonio Lunardi discursava:

Figura 37 – Discurso do vereador e presidente do Sete de Setembro, Antonio Lunardi (em destaque).



Fonte: Jornal Folha de Minas, 22.08.1948, p. 10.

O fato da construção de um novo estádio na capital não pertencer a nenhum dos principais clubes da cidade chamava a atenção, principalmente pelo vultoso projeto. Uma série de fatores convergem para a iniciativa do Sete de Setembro, mas o coeficiente político (especialmente a atuação do seu presidente Antônio Lunardi, que era vereador de Belo Horizonte e fortemente articulado ao meio político da capital) acaba sendo decisivo para o desenvolvimento de tamanha empreitada. A associação com o mundo político é recorrente em todo o processo de construção do estádio, como no final da nota supracitada, que anunciava, na solenidade de terraplanagem do terreno, o prestígio da presença de “altas figuras da política mineira”.

Se em 1948 o início das obras alcança a realidade, o sonho do estádio setembrino começava a ser desenhado anos antes, como parte de uma estratégia de crescimento do clube, que pretendia rivalizar com os três grandes da capital. Na publicação do *Diário Esportivo*, datado de 16 de agosto de 1945, essa tentativa de projeção no cenário futebolístico é destacado, com a nota intitulada “O Novo Sete”:

Enquanto isso opera-se num outro clube da capital, verdadeira revolução: é o Sete de Setembro de Futebol e Regatas, a caminho de obter seu próprio campo, quadra

de basket e vôlei, etc., antigas e legítimas aspirações dos florestinos. A administração de Ivo Melo remodelou o clube, tornou potente o onze principal, criou o Departamento de Remo, obteve subsídio oficial, etc. E, se conseguir realizar tudo que se acha encaminhado, tornará o grêmio rubro uma das maiores agremiações mineiras. Ao seu lado está uma mocidade dedicada, disposta e de valor. Recapitulando-se sumariamente a vida do Sete, desde o seu ressurgimento há alguns anos, é justo salientarmos os nomes do ex-presidente, cel. João Garzon; de **Antônio Lunardi**¹²⁷, antigo jogador e diretor; de Michel Bedran, ex-vice-presidente, além de outros trabalhadores do clube.¹²⁸

Personagem chave no desdobramento dos interesses do Sete, Antonio Lunardi¹²⁹ assumiria a presidência do clube em 10 de outubro de 1947, conforme anunciava o Folha de Minas, dando o seguinte destaque na sua seção esportiva:

Figura 38 – Manchete da seção esportiva anunciando novo presidente do Sete de Setembro



Fonte: Jornal Folha de Minas, 04.10.1947, p. 8.

No texto da nota, o jornal explicava o procedimento de eleição do clube setembrino, informando, dentre outras deliberações, que “[...] o presidente da mesa deu início à eleição do sucessor do presidente demissionário”. Em seguida, explicava que “[...] processou-se a votação, que teve o seguinte resultado: Sr. Antonio Lunardi, 10 votos; sr. Ivo Melo, 1 voto, e sr. Sebastião Rodrigues, 1 voto. Por conseguinte, o sr. Antonio Lunardi é o novo dirigente setembrino” (FOLHA DE MINAS, 1947, p. 8).

O papel de Lunardi foi fundamental para a realização das pretensões do grêmio florestino, atuando fortemente nos bastidores políticos em benefício do futebol belo-horizontino, especialmente da associação que presidia. O periódico *Estado de Minas*

¹²⁷Grifo Nosso.

¹²⁸DIÁRIO Esportivo. Belo Horizonte, p. 4, 16 ago. 1945.

¹²⁹Antônio Lunardi foi vereador na primeira Câmara de Belo Horizonte, entre os anos de 1947/1951. Em seguida, se tornou Deputado Estadual na segunda legislatura mineira, de 1951 a 1955. Além do envolvimento no campo político, Lunardi era próspero empresário, proprietário da Fábrica de Ladrilhos e Marmoraria Lunardi e Oficinas Lunardi Filhos Ltda.

acentuava a presença de Antônio Lunardi na sociedade local, dando ênfase à passagem de seu aniversário, realçando:

Transcorre hoje o aniversário do sr. Antônio Lunardi, presidente do Sete de Setembro. Elemento de projeção nos meios sociais, industriais, políticos e esportivos da capital, o supremo presidente do prestigioso grêmio da Floresta tem sido um batalhador da causa do esporte belorizontino e do progresso da capital mineira, o que lhe valeu ter sido eleito vereador à Câmara Municipal de Belo Horizonte. Esportista sincero e devotado, alia a estas qualidades atributos morais de dignidade pessoal, que lhe proporcionam o ambiente de estima em que se vê cercado. Na presidência do Sete de Setembro, vem desenvolvendo uma atuação brilhante e dinâmica no sentido de intensificar as atividades do clube que preside e colocá-lo na posição de relevo a que faz jus. Na Câmara Municipal, o sr. Antônio Lunardi tem sido um digno representante do povo, atento às suas necessidades e aos seus reclamos. A data de hoje surge, assim, como uma oportunidade para que sejam tributadas ao sr. Lunardi manifestações de apreço.¹³⁰

O Sete e Lunardi estavam profundamente imbricados. Em outra edição, o *Estado de Minas* fazia alusão à vitória do time da Floresta em um interestadual comemorativo do aniversário do clube, contra o Ipiranga, de São Paulo, destacando a atuação de Antônio Lunardi como central na nova fase da equipe setembrina. Parte destacada da reportagem, intitulada “A vitória deve ter compensado tudo”, segue transcrita abaixo:

Está o Sete de Setembro vivendo verdadeiramente dias jubilosos em sua longa história de clube lutador. Realmente os florestinos jamais andaram tão cheios de vida. [...] Outro detalhe curioso – a diretoria do Sete manteve-se em sessão permanente durante toda a semana que precedeu o choque contra o Ipiranga. Não deixa de constituir fato digno de nota, de vez que os nossos “grandes”, quando vejam um cotejo interestadual, o fazem apenas pelo telefone e deixam o barco correr... O Sete não, souo e trabalhou a valer. A Floresta andou em polvorosa nas últimas noites. Aliás, em menos de quinze dias, o populoso bairro foi promovido a centro urbano, tudo por causa do Sete. A avenida do Contorno e a rua Itajubá até pareciam a av. Afonso Pena. Nunca vimos tanto movimento. Cerveja vem jorrando por ali desde o empate com o Cruzeiro. Na terça-feira, contudo, a coisa ganhou novo colorido. Discurseiras, foguetes, tudo utilizável em ocasiões semelhantes esteve presente na Floresta naquela noite. Afinal de contas, está o Sete iniciando a longa caminhada rumo ao estrelato, ou melhor, tornando-se “grande”...¹³¹

A seguir, a nota faz menção à construção do estádio, e de como o mesmo teria fundamental importância no processo de desenvolvimento, não só do clube, mas do futebol e do esporte mineiro como um todo. Com o subtítulo em caixa alta “O ESTÁDIO VEM AÍ”, situado no corpo do texto da reportagem, o periódico enfatizava este aspecto, ressaltando o papel de Lunardi:

¹³⁰ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 17 ago. 1948.

¹³¹ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 03 set. 1948.

Ao presidente Lunardi, efetivamente, cabe boa parcela do novo ciclo de vida dos vermelhos. Está elevando o seu quadro a um posto que os céticos jamais acreditavam. Vejam só – já se pagam “bichos” polpudos no Sete de Setembro. E olhem que “bichos” ultimamente na Floresta é “mato” (desculpem o trocadilho). [...] Todo este progresso é devido graças ao apoio moral e material do presidente Lunardi e seus companheiros de diretoria. Barata, antigo jogador do clube, veio dar mais força ao Sete, sucedendo a Ivo Melo que também muito trabalhou. O estádio, que será inaugurado em 49 no Horto Florestal, cujas obras estão em pleno andamento, é uma prova de disposição, força de vontade e realização. Lunardi tem até prejudicado os seus afazeres de industrial e vereador municipal, a fim de dedicar ao Sete todo o seu tempo e esforço. [...] Enfim, o futebol montanhês sente-se jubiloso com essa agitação do Sete. É deixar o Sete “pintar o sete”.¹³²

O discurso recorrente era o de que, tendo um grande estádio, um grande time também passaria a ser realidade. Embora antigo e tradicional (o Sete de Setembro é fundado em 1913, e refundado no início da década de 1940), o Sete não passava de um clube acanhado, tratando-se de pretensões de conquistas e grandes vitórias. A perspectiva com a construção do estádio era de uma completa mudança neste estado de coisas. O chargista do jornal “Estado de Minas” conhecido como Mangabeira (que se notabilizou por criar os mascotes dos principais clubes mineiros), demonstrava numa charge publicada na edição de 29 de agosto de 1948 esta possibilidade (do estádio tornar o Sete um grande clube também nos resultados e conquistas). Na legenda da charge lê-se: “TIGRE¹³³ – Ah! Vou realizar o meu sonho... o estádio. RAPOSA¹³⁴ – Estará também sonhando em ganhar hoje?”

Figura 39 – Charge de Mangabeira



Fonte: Jornal “Estado de Minas”, 29 de Agosto de 1948, p. 13

Outro periódico que também repercutia a nova fase do Sete, associando a construção do seu estádio à uma concreta possibilidade de ascensão esportiva era a revista Vida

¹³² *Idem*

¹³³ Tigre era o mascote do Sete do Setembro.

¹³⁴ Raposa é o mascote do Cruzeiro Esporte Clube.

Esportiva, cuja reportagem em sua edição de dezembro de 1948 reforçava esta ideia, não economizando páginas para dizer deste novo momento do clube da Floresta. O texto da reportagem, transcrito abaixo na íntegra, tem a intenção de explicitar o cenário que por ora pretendo ilustrar:

Parece realmente impossível que um clube como o Sete de Setembro, grêmio simples e pequeno de reservas materiais, consiga realizar em Minas o que todos almejam e só os grandes tentam. O trabalho, a abnegação, o tirocínio, todavia, suprem muitas vezes o empecilho da carência de recursos financeiros. O material humano superpõe-se ao número das cifras na defesa de um ideal. Não conhece a fraqueza, nasce com o sol e não se põe com as estrelas. Eterniza-se, acompanha o anseio comum e só se extingue com a consumação da causa proposta. É a luta magnífica do espírito forte. É a batalha memorável do pequeno David igualando-se em terreno de luta aos “Golias” defensores das obras progressistas, consumidoras das imagens e aspirações dos artistas estetas humildes. A vida é a eterna luta do progresso. Nela, adentra poderosos, magnatas, gênios, idealizadores e contribuintes. Da contribuição de muitos resulta a obra comum. Na obra comum nem sempre se identificam os méritos da realização. O Sete sonhou com todos. Vem sonhando há muitos anos. Como “pequeno”, só lhe cabia sonhar. Desempenhava na sua estupenda folha de serviços e contribuições aos nossos esportes o papel do gênio humilde sem meios materiais de concretizar a riqueza de suas ideias, a grandeza de seus planos. Bastou-lhe o sôpro, uma brisa “cifrada”, para que se lançasse com valentia e segurança nos novos caminhos do seu horizonte. O Sete encontrou no auxílio dos nossos poderes administrativos municipais o que lhe faltava para dar corpo à obra idealizada. Foi rápida a manobra. Com apenas uma clarinada, com o toque de reunir e trabalhar dado pela diretoria do querido clube da Floresta, alinhavam-se nos terrenos do Horto Florestal aqueles que lá iam fincar os novos marcos decisivos do futuro do Sete, um amanhã que se anuncia festivo e cheio de luzes¹³⁵.

Este primeiro trecho da reportagem ressalta o esforço de um clube que, mesmo sendo considerado pequeno, se lança ao desafio da construção de um grande estádio (o maior de Minas Gerais e o terceiro maior do país, para dimensionar de acordo com a percepção do jornalista). Em seguida, o texto estabelece a relação de que o estádio poderia alçar o Sete à condição de um clube capaz de fazer frente aos principais times da cidade (América, Atlético e Cruzeiro, o *triumvirato* do futebol de Belo Horizonte). Em seu desdobramento, o registro jornalístico faz o seguinte destaque:

O mal do Sete foi o mal dos pequenos clubes. Não possui campo. Sem este, via-se a todo instante forçado a utilizar-se dos de seus co-irmãos, ou então, da praça de esportes do V Batalhão, de Santa Teresa. Estes fatos serviram para atrapalhar a arrancada do clube. Estava constantemente preso a questões de campo, o que vale dizer que estava impelido a aceitar a situação pouco lisonjeira de acomodar-se às contingências da hora, aproveitando-se deste ou daquele gramado para a realização de seus jogos. O Sete de Setembro foi um grande herói. Na sua longa estrada nos certames oficiais da nossa Federação, mais como concorrente que como pretendente às primeiras colocações, deu inequívocas demonstrações de boa vontade e

¹³⁵Revista Vida Esportiva, Dez. 1948, p. 17.

elogiável espírito de cooperação. Vivendo num regime amadorista em meio ao ambiente profissional, nada mais poderia almejar senão igualar-se pelo coração à maior capacidade de seus mais categorizados adversários. Na sua modéstia, no seu regime de poucas despesas e muito esforço, revelou-se extraordinário, esplêndido mesmo. Forneceu em dosagem contínua ao futebol mineiro e nacional uma apreciável quantidade de valores de marca na prática do popular esporte. O Sete é um eterno trampolim de valores: é mais ainda, é uma magnífica escola onde se professa a doutrina clássica do amadorismo, moldada com amor e sacrifícios aos aperfeiçoamentos impostos pelas novas crenças e métodos. O Sete soube conservar na sua pequenez a nobreza da prática do esporte pelo esporte. Aí está sua maior grandeza. Estão abertos os horizontes para o Sete de Setembro Futebol Clube. Uma ampla e bela área, localizada no Horto Florestal, servirá de abrigo às novas e radiantes perspectivas de engrandecimento dos “florestinos”. A obra idealizada dentro das exigências da engenharia moderna e das reais necessidades do nosso numeroso público desportivo, está fadada a suplantiar todas as expectativas. Com o maior estádio de Minas, o Sete deixará de ser considerado um clube “pequeno”. Não será mais um mero participante de campeonatos. Terá um grande patrimônio a zelar. O ano de 1949, para ele, será, antes de tudo, o ano da ascensão, da subida até o lugar reservado aos “grandes”. Como um dos “grandes”, com a sua magnífica reserva moral e capacidade administrativa dos seus atuais dirigentes, o eterno lanterninha dos nossos certames resplandecerá em luzes vivas, irradiando com pujança as suas novas glórias que virão, honrando e prestigiando com denodo e merecimento as próprias grandezas do esporte mineiro¹³⁶.

De fato, a revista enaltecia o clube, seu estádio e seu presidente (considerado o grande responsável pela realização de tal empreitada). É emblemática a foto que ilustra a reportagem do periódico, com Lunardi mostrando ao redator do Vida Esportiva o local do maior Estádio de Minas Gerais:

Figura 40 - Antonio Lunardi mostra ao redator do Vida Esportiva o local do maior Estádio de Minas Gerais.

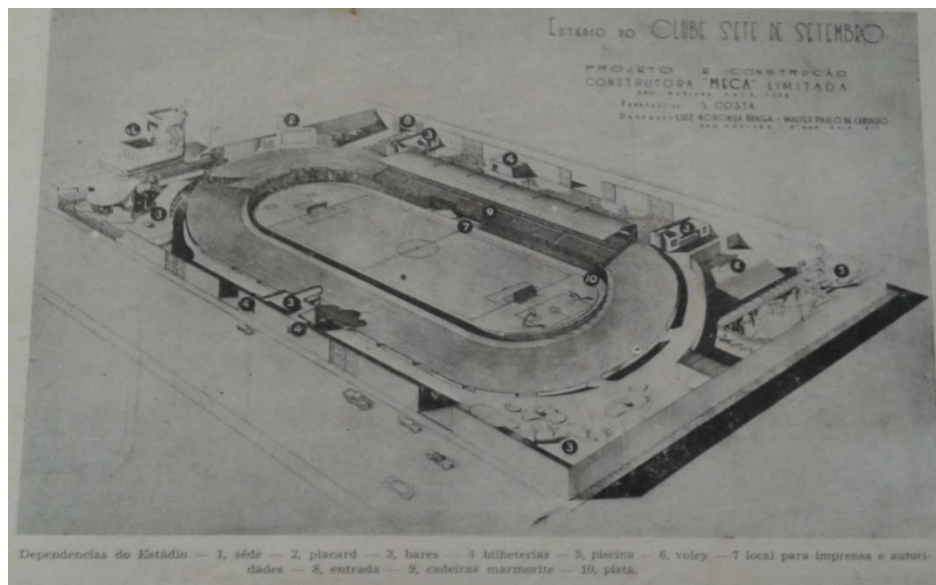


Fonte: Revista Vida Esportiva, Dez/1948, p. 10.

¹³⁶ *Idem.*

Por fim, já na contracapa da revista, os editores expõem a planta e o projeto de construção do estádio, que explicitava imagetivamente as intenções portentosas dos seus idealizadores:

Figura 41 - Projeto de Construção do Estádio do Clube Sete de Setembro.



Fonte: Revista Vida Esportiva, Dez/1948, contracapa.

Se Lunardi capitaneava as ações em prol do Sete, um outro personagem também se mostrava fundamentalmente importante, atuando fortemente a favor do esporte belo-horizontino (destacadamente o futebol): o prefeito Octacílio Negrão de Lima¹³⁷, reconhecidamente um “esportista cem por cento”¹³⁸, que no seu segundo mandato implementa intervenções concretas no sentido de potencializar o futebol da cidade. Uma delas (provavelmente a mais importante de todas), diz respeito à concretização de um subsídio financeiro para os principais clubes de futebol da capital (na verdade a maior parte do recurso iria para os três principais clubes da cidade, mais o Sete). Tal atitude é amplamente repercutida na imprensa belo-horizontina, em sua grande parte favorável (embora alguns periódicos tenham críticas contundentes à referida ajuda monetária). O “Estado de Minas”, por exemplo, apoia a atitude do prefeito, reservando um considerável espaço de positiva ressonância, como lê-se a seguir:

¹³⁷Foi o vigésimo primeiro prefeito de Belo Horizonte, exercendo mandato de 8 de abril de 1935 a 18 de abril de 1938; e vigésimo nono prefeito, no mandato de 12 de dezembro de 1947 a 1 de fevereiro de 1951 na Prefeitura de Belo Horizonte.

¹³⁸Última novidade. Estado de Minas, 14/04/1948.

Temos hoje a notícia que realmente merece ser qualificada de importante para a vida e o desenvolvimento dos esportes nesta Capital. Soluciona-se o imperioso problema dos estádios dos nossos quatro clubes: Clube Atlético Mineiro, América Futebol Clube, Cruzeiro Esporte Clube e Sete de Setembro de Futebol e Regatas. A boa nova vem-nos da Municipalidade e só poderia ser dada por esse administrador de larga visão, por esse esportista de superior linhagem que é o dr. Otacílio Negrão de Lima, em consonância com o presidente da Câmara, padre Cir Assunção e dos vereadores da cidade. Por muitos motivos – e principalmente pela razão que acima apontamos – o dia de hoje é de júbilo para todos os clubes e para todos os esportistas. [...] Chegou finalmente o dia dos esportes. É claro que a ação do governador da Capital deveria fazer-se atuar no centro vital do problema. **Faltam-nos estádios**¹³⁹. Se o povo aprecia o esporte e para comparecer aos “meetings” atléticos pede ao menos relativo conforto, dê-se ao povo os estádios que exige, com o maior conforto. É o que faz agora a nossa Municipalidade, através da ação esclarecida do dr. Otacílio Negrão de Lima. Ficou deliberado ontem que os nossos quatro grandes clubes - Atlético, América, Cruzeiro e Sete de Setembro – receberão auxílio valioso e decisivo para ampliação, reformas e construção de suas praças de esporte. Conforme anunciamos, na manhã de ontem o prefeito reuniu em seu gabinete os presidentes dos citados grêmios e deles ouviu o relato da situação, indicando necessidades inadiáveis. Da reunião participaram a maioria dos vereadores e esportistas interessados. Foi então discutida a melhor maneira de dar cumprimento ao dispositivo da lei votada pela Câmara Municipal, autorizando doações aos clubes pela verba destinada ao incremento das atividades esportivas, culturais e artísticas. Constatamos, afinal, que os representantes credenciados dos clubes da capital saíram satisfeítíssimos com os resultados da entrevista, confessando-se entusiasmados e otimistas quanto ao futuro do esporte mineiro. Vale referir, por exemplo, que ao Sete de Setembro foram proporcionados meios para construir o seu estádio -velhíssimo sonho de várias gerações daquele clube de lutadores e incansáveis servidores da vida atlética do nosso Estado. Esta é verdadeiramente a nota emocionante desta notícia: doravante, o Sete de Setembro é de fato um clube que possui patrimônio, lastreando a sua fibra inatacável e o seu passado glorioso. [...] HOMENAGEM AO PREFEITO –Os grêmios esportivos de Belo Horizonte, demonstrando o seu agradecimento ao prefeito Otacílio Negrão de Lima, que tão bem soube resolver a sua situação financeira, irão homenageá-lo, amanhã, por ocasião da inauguração do estádio que tem o seu nome. O chefe do executivo municipal receberá a manifestação de aplausos pelo seu patriótico gesto de atleticanos, americanos, setembrinos e cruzeirenses, além dos numerosos adeptos dos grêmios varzeanos, quando entrar em campo para dar o “kick-off” da partida Vasco x América¹⁴⁰.

A menção ao prefeito como o homem público responsável por oxigenar os clubes belo-horizontinos (especialmente no que tange à reforma dos estádios dos grandes clubes e da construção do clube setembrino), vinha a reboque do discurso político atrelado às necessárias intervenções do poder público local, e atendidas por um sujeito afeito e sensível a estas demandas. Entendia-se, via discurso jornalístico, que era urgente a questão de estádios melhores (no caso das reformas), e de um grande estádio para a cidade (no caso da construção do estádio do Sete), além do socorro às causas do esporte (destacadamente o futebol, via

¹³⁹Grifo nosso.

¹⁴⁰ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 4, 26 mai. 1948.

ajuda aos clubes amadores). A reportagem inclusive estampava uma foto do “prefeito desportista”, com bastante destaque, demonstrando o apoio ao alcaide belo-horizontino e às suas ações:

Figura 42 – Prefeito Otacílio Negrão de Lima



Fonte: Jornal Estado de Minas, 26.05.1948, p. 4.

O prefeito valeu-se de uma destinação financeira prevista na Lei Municipal nº10, de 8 de março de 1948, que instituía, dentre outras possibilidades, o repasse para custeio de atividades culturais, artísticas e desportivas. A íntegra da referida lei segue abaixo:

LEI Nº 10 de 8 de Março de 1948

AUTORIZA A EMISSÃO DE APÓLICES

O Povo do Município de Belo Horizonte, por seus representantes, decreta e eu sanciono a seguinte lei.

Art. 1º Fica o Prefeito de Belo Horizonte autorizado a emitir Cr\$ 75.000.000,00 (setenta e cinco milhões de cruzeiros) em apólice, ao Portador, do valor nominal de Cr\$ 1.000,00 (mil cruzeiros) cada uma, a juros de 7% ao ano, pagáveis semestralmente e resgatáveis no prazo de vinte (20) anos, a partir de 1958 (mil novecentos e cinquenta e oito).

Art. 2º Para o resgate das apólices dentro do prazo fixado no artigo anterior, o Prefeito organizará a tabela de anuidade.

Art. 3º A operação de crédito autorizada pela presente lei se destina ao custeio dos seguintes serviços:

I - Para conclusão das obras de captação do ribeirão "Mutuca".....Cr
7.000.000,00

II - Para captação do ribeirão dos Feixo.....7.000.000,00

III - Para as obras contra as cheias dos córregos Serra, Acaba Mundo e
Leitão.....16.000.000,00

IV - Para atender os "restos a pagar" dos exercícios de 1944 a
1947.....20.000.000,00

**V - Para incentivar as atividades culturais, artísticas e
esportivas.....20.000.000,00¹⁴¹**

VI - Para atender aos problemas ocasionados pela enchente do dia 28 de fevereiro
último, na Capital.....5.000.000,00

TOTAL.....Cr\$ 75.000.000,00

Art. 4º O produto da emissão autorizada pela presente lei não poderá ter aplicação
diferente da estabelecida no artigo anterior.

Art. 5º Fica o Prefeito autorizado a abrir empréstimos, para execução dos serviços
mencionados no artigo 3.º, mediante caução das apólices a serem emitidas, na
proporção que considerar conveniente.

Art. 6º Fica o Prefeito autorizado a abrir o necessário crédito especial, para custeio
de todas as despesas de confecção e colocação dos títulos a que se refere a presente
lei.

Art. 7º Revogam-se as disposições em contrário, entrando a presente lei em vigor
na data de sua publicação.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem couber a execução desta lei, que a
cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.

Belo Horizonte, 8 de março de 1948

Bento Gonçalves Filho.

Vice-Prefeito em exercício¹⁴²

A reunião do prefeito com os dirigentes dos clubes ocorrera em fins de maio, e poucos
dias depois já se publicava um decreto com o valor específico destinado às entidades
esportivas. O Decreto nº 10, de 4 de junho de 1948 estabelecia, na íntegra:

DECRETO Nº 10, DE 4 DE JUNHO DE 1948.

ABRE CRÉDITO ESPECIAL PARA INCENTIVAR ATIVIDADES
CULTURAIS, ARTÍSTICAS E ESPORTIVAS.

¹⁴¹Grifo nosso.

¹⁴² Disponível em: <http://leismunicipa.is/mfigj>. Acesso em 15 jul.2016.

O Prefeito Municipal de Belo Horizonte, no exercício de suas atribuições e em cumprimento da lei nº 10, de 8 de março de 1948, decreta:

Art. 1º Fica aberto o crédito especial de doze milhões de cruzeiros (Cr\$ 12.000.000,00) para atender ao pagamento das despesas mencionadas no item V, do art. 3º, da Lei nº 10, de 8 de março de 1948.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário, entrando êste decreto em vigor na data de sua publicação.

Mando, portanto, a quem o conhecimento e execução do presente decreto pertencerem, que o cumpra e faça cumprir tão inteiramente como nele se contém.

Belo Horizonte, 4 de junho de 1948

Octacilio Negrão de Lima

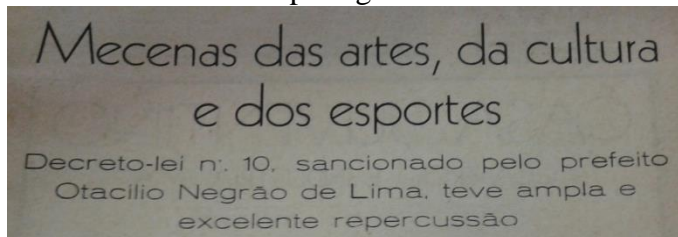
Prefeito de Belo Horizonte

Polynice Rabelo Mourão

Secretário¹⁴³

Otacílio Negrão de Lima seguia potencializando seu capital político através do investimento no esporte. Ex-jogador ligado à diretoria do América Futebol Clube, o governador enxergava no futebol uma ótima oportunidade de popularizar a sua gestão. O Decreto-Lei nº10 rendia dividendos importantes para a sua gestão. A “Revista América”, na sua edição de julho/agosto de 1948, dedica grande parte em homenagem ao prefeito, destacando o impacto positivo da promulgação do referido decreto. No texto pode-se observar um tom bastante enfático em prol do gestor mineiro, conforme lê-se abaixo:

Figura 43 – Manchete da reportagem sobre o Decreto-Lei nº 10.



Fonte: Revista América, Julho/Agosto de 1948, p. 7

Poucos decretos municipais de outros tempos tiveram tão ampla repercussão em nosso meio como o de número 10, sancionado pelo Prefeito Otacílio Negrão de Lima, que concede subvenção às atividades culturais, artísticas e esportivas. Houve, na Antiguidade, homens de fortuna que protegiam as artes e a cultura. Eram os Mecenas, que encontravam nos artistas, poetas e sábios, o derivativo de que

¹⁴³ Disponível em: <http://leismunicipa.is/fijgm>. Acesso em 15 jul.2016.

careciam. Tôda gente medianamente instruída sabe que o futebol constitui a “coqueluche” das grandes massas brasileiras e, aqui em Belo Horizonte, é o esporte preferido da maioria. Ninguém desconhece, porém, que o nosso futebol se envereda há tempos pelo labirinto de uma crise sem precedentes, a ponto de ameaçar o prestígio que Minas ostenta perante o desporto nacional. A crise asfíxiante que assoberbava os nossos clubes parecia irremovível. Eis que surge o Prefeito Otacílio Negrão de Lima e, num de seus mais inspirados atos, afasta o perigo para longe, abrindo novas e alentadoras perspectivas para o futebol mineiro. Se o futebol está no sangue do povo, nele exercendo forte domínio e levando-o às mais variadas sensações de prazer, ampará-lo ao lado da arte e da cultura se nos afigura tarefa de alto patriotismo. Esses milhões de cruzeiros que o Prefeito Otacílio Negrão de Lima deu ao América, Atlético, Cruzeiro, Sete e ao amadorismo mineiro, dentro em breve colocarão os nossos clubes no mesmo pé de igualdade aos maiores grêmios do futebol carioca e paulista. E aí então se verá quem detém os trunfos invencíveis do futebol nacional. O decreto, visto pelo prisma da sinceridade, imparcialidade e honestidade, foi um dos mais felizes e oportunos lavrados pelo Prefeito Otacílio Negrão de Lima. E não é de se admirar porquanto s. excia. já está habituado, apesar da sua curta mas operosa administração, a fazer e atender a todos os justos reclamos do povo de Belo Horizonte¹⁴⁴.

Em seguida, a revista estampa o flagrante fotográfico da assinatura do ato, publicandoo em meia página do periódico:

Figura 44 – Ato de assinatura do Decreto-Lei n. 10



Fonte: Revista América, Julho/Agosto de 1948, p. 8.

Para se ter uma ideia do montante do empréstimo, 12 milhões de cruzeiros corrigidos para a moeda atual equivaleria, aproximadamente, a 60 milhões de reais. No entanto, este vultoso crédito aos clubes da capital não era visto como uma unanimidade positiva em todos os periódicos. O “Folha de Minas”, por exemplo, deixava claro a sua (o)posição, questionando a validade do repasse desse aporte de recursos para o futebol local. Na coluna “Nossa Opinião”, localizada no interior da seção de esportes do jornal, o texto assinado pelo pseudônimo *Agabêa* tecia críticas bastante demarcadas quanto à esta questão. Na edição de

¹⁴⁴Revista América, Julho/Agosto de 1948, p. 7.

30 de setembro de 1948, o jornalista explicitava, em um texto intitulado “Quando a esmola é muita...”:

Não há muito, dizíamos – repetindo o ditado que o próprio povo consagrou – que “a esmola quando é grande, reclama que se desconfie dela”. E lembrávamos isso com relação aos 12 milhões que a Câmara Municipal, pela sua maioria, votara como verba de auxílio ao futebol profissional de Belo Horizonte. Não desconfiávamos, apenas, da enormidade da esmola. Lamentávamos, mais, o critério infeliz que conduziu os nobres representantes do povo na distribuição dessa verba. Cruzeiro, Atlético e América, cada qual recebeu 2 milhões de cruzeiros. O Sete – em razão de circunstâncias especiais¹⁴⁵ – recebeu 3 milhões. Enquanto isso, aos clubes menores – em número incalculável – caberia tão somente a soma de 1 milhão, que representa algo assim como um pingo d’água na boca de quem tem muita sede. Os restantes 2 milhões eram destinados – como são, realmente, à elevação de dois clubes amadores à divisão profissional, e agora já os sabemos destinados ao Terrestre e ao Tremedal. De fato era muito dinheiro. Ponderávamos contrariamente ao sistema de distribuição aos clubes profissionais, enquanto o amadorismo morre à míngua. E lamentávamos, tão somente, sob este aspecto, embora escondendo alguma desconfiança com referência à prodigalidade dos homens responsáveis pela ideia. Os outros – os que votaram contra a medida, na edilidade – poderiam ter suas razões para fazê-lo. Talvez entendessem que a municipalidade, que não podia despender a quantia de 10 mil cruzeiros para a construção de um mausoléu ao pracinha morto na Itália, muito mais logicamente não estaria em condições de ofertar, de mão beijada, 12 milhões de cruzeiros ao esporte. Isso não nos interessa, entretanto. Essa questão de defesa de erário público é do próprio povo, é coisa que cabe a eles – representantes desse povo. A questão que nos toca, mais intimamente – pelo menos em razão de nossas funções – é essa que se prende ao esporte, particularmente. Mas os dias passaram-se. A medida que foram seguindo, entretanto, as cortinas se abriram e a verdade se mostrou, sem véus e sem embuços. Agora vemos que os gatos das verdadeiras intenções ficaram, mesmo, com os rabos de fora. A maioria da Câmara Municipal apresentou, votou e aprovou – tudo com a rapidez que lhe é característica – um projeto que há de valer, ao esporte, a retirada paulatina daquilo que lhe foi dado. Então, a esmola quando é grande não merece que se desconfie dela? Por menos enfiado que seja nos assuntos referentes à questões legislativas, o cronista especializado sabe ler e entender as coisas. Começamos descobrindo, no projeto que tributa o esporte, um golpe inteligente que lhe se aplica. Em seguida descobrimos que, com o projeto aprovado, revoga-se o decreto municipal n. 98, que impõe a imunidade tributária para todas as agremiações e organizações esportivas que, direta ou indiretamente, se ligam ao Conselho Nacional de Esportes. A própria Constituição – que tantos juraram defender – estabelece a impossibilidade da revogação do decreto, quer em seu artigo 173, quer no artigo 11, quando veda aos Municípios lançar impostos sobre instituições de educação social e assistência social ou tudo aquilo que, no País, seja aplicado para esses fins. Foram os próprios senhores vereadores que, na defesa valorosa de do seu interesse em servir ao esporte, dando-lhe 12 milhões de cruzeiros, reforçaram o conceito de que o esporte é um meio de educação. Cabe-nos, pois, concluir – e com a própria Constituição – que o esporte não pode ser tributado. Mas que vamos fazer. Pouco vale o raciocínio e o bom senso de tanta gente. A verdade é que a Prefeitura passará a cobrar um cruzeiro por cada entrada vendida para as diversas competições esportivas. Dessa importância, 60 por cento se destinarão ao Conselho Municipal de Esportes, que a própria edilidade criou. Os outros 40 por cento... Ah! amigos... os outros 40 por cento somarão, aos poucos, a retirada completa de tudo o que o esporte recebeu da municipalidade. Porque,

¹⁴⁵ “Circunstâncias especiais” em função da construção do estádio. 3 milhões de cruzeiros corresponderia, em valores aproximados, a 15 milhões de reais nos dias atuais.

amigos, os 40 por cento - diz o projeto que agora é lei – destinam-se à prefeitura, como “compensação pelos auxílios concedidos”. Esporte, fonte de energia, competição educativa! Esporte, meio de se fazer política e fonte de intenções excusas (sic).¹⁴⁶

A crítica se fazia claramente em duas frentes: à real necessidade do repasse, considerando-se os fins; e à destinação tributária, considerando-se as vantagens que o próprio poder público obteria. Para tornar mais nítido os desdobramentos da lei a que o anônimo jornalista se referia, a expomos abaixo na íntegra:

LEI Nº 48 de 8 de Outubro de 1948

REVOGA O DECRETO-LEI Nº 98, DE 13 DE AGOSTO DE 1941 E DISPÕE SOBRE IMPOSTO DE DIVERSÕES ESPORTIVAS.

O Povo do Município de Belo Horizonte, por seus representantes, decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º Fica revogado o decreto-lei n.º 98, de 13 de agosto de 1941.

Art. 2º O imposto de diversões sobre competições desportivas de qualquer natureza será deduzido do preço de entrada, á razão de um cruzeiro por unidade.

Art. 3º Da importancia arrecadada em cada competição, 60% (sessenta por cento) serão recolhidos diretamente pelo fiscal arrecadador a estabelecimento bancário designado pelo Prefeito, em conta de auxilios a esportes, constituindo o restantes compensação á Prefeitura pelos auxilios já concedidos.

Art. 4º A aplicação do fundo acima instituido ficará a cargo da Comissão Municipal de Esportes, de acôrdo com regulamento a ser baixado pelo Prefeito.

Art. 5º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem couber a execução desta lei, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.

Belo Horizonte 8 de outubro de 1948

O Prefeito

Otacilio Negrão de Lima¹⁴⁷

Em outra edição, o mesmo periódico, desta vez na coluna “Nos Bastidores” (uma coluna sem assinatura de autoria, e notadamente com tom mais irônico e satírico), denunciava a sua desconfiança em relação ao dinheiro aportado aos clubes de futebol:

¹⁴⁶ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 30 set. 1948.

¹⁴⁷ Disponível em: <http://leismunicipa.is/mhjic>. Acesso em 15 jul.2016.

Foi antontem aprovado, em terceira e última discussão, o projeto de lei que tributa o esporte. O interessante é que nossa edilidade é quase toda composta de elementos ligados ao esporte, inclusive o seu presidente, que ocupa igual posto no Conselho Deliberativo do Sete, enquanto seja ele um atleticano apaixonado. Nos corredores da Camara, a propósito da medida, ouvimos o seguinte diálogo entre os vereadores Antonio Lunardi e Jorge Ferraz, o primeiro, presidente do Sete, e o segundo, autor do projeto que foi aprovado pela maioria: JORGE FERRAZ – O nobre vereador anda sumido. Naturalmente, os afazeres do esporte são muitos, tomam-lhe todo o tempo. ANTONIO LUNARDI – Não é isso, caro colega. Ando meio ocupado. Penso seriamente na construção do nosso estádio, que será erguido mediante a verba de três milhões, concedida pela Municipalidade. JORGE FERRAZ – Sim. Será um belo estádio, graças aos votos da maioria. ANTONIO LUNARDI – Mas não compreendo bem essa história que vocês inventaram agora. JORGE FERRAZ - História? ANTONIO LUNARDI – Sim, essa “tributação ao esporte”. JORGE FERRAZ – Deixe isto de lado, amigo Lunardi. O auxílio de 12 milhões era apenas um empréstimo. E convém salientar: empréstimo sem juros¹⁴⁸.

Por fim, com a inevitável aprovação da lei, *Agabêa* retornaria com uma nuance ainda mais ácida, contundentemente contrário a todo este cenário que se instaurava (notadamente o fato do esporte e o futebol servirem de manobra de favorecimento político, sustentado por uma Câmara bastante interessada em tal contexto). Em um novo texto na coluna “Nossa Opinião”, publicado em 12 de novembro de 1948, o jornalista mostrava o seu descontentamento, apontando:

Quando olhamos para as filas intermináveis, seja a do leite, da carne ou de outra qualquer, que retratam o desajustamento da vida existente, ou quando nos quedamos, irritados à espera do transporte que nos levará à casa, pensamos na monstruosidade da lei que concedeu, ao esporte, ou melhor, a determinados grêmios profissionais, a modesta quantia de 12 milhões de cruzeiros. Que o Prefeito da Capital, imbuído do desejo de desenvolver as atividades físicas do nosso povo, julgue necessário o apoio ao profissionalismo, mesmo em detrimento do povo modesto das vilas, desse mesmo que ocorreu às urnas para eleger-lo, ainda compreendemos. Naturalmente, tem s. excia. suas razões de foro íntimo, as quais não nos cabe julgar. Não aceitaremos, entretanto, nenhum argumento de quantos, também eleitos pelo povo para defende-lo na Camara Municipal, venham a defender, ainda que em tese, a referida lei. Não desconhecemos, é certo, que a maioria dos elementos da nossa edilidade está intimamente ligada ao esporte, o que aparentemente justificaria este espírito altamente filantrópico. São 12 milhões de cruzeiros destinados a equilibrar as finanças do Atlético, algo desajustadas; a cobrir os gastos feitos pelo América, que reconstruiu seu estádio numa época em que a vida não estava nada fácil; a propiciar, ao Cruzeiro, a oportunidade de ostentar grandeza, pois o grêmio “celeste” não deve a ninguém. Até aí, seis milhões de cruzeiros! **Ao Sete, três milhões para a construção de um estádio, do estádio que deverá tornar-se palco, se Deus quiser, de vários jogos do sul-americano**¹⁴⁹. Ao amadorismo, uma migalha, uma gota d’água no oceano. Ao Terrestre e Tremedal, não como amadores, mas como profissionais, 1 milhão a cada. Eis aí a obra magnífica de quantos votaram a favor da aprovação da lei em apreço. Enquanto isso o povo sofre, vive entregue às maiores dificuldades. Passa fome, até mesmo nos campos de futebol. Até aí, tudo muito... mal. Mas coisa pior

¹⁴⁸ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 06 out. 1948.

¹⁴⁹Grifo nosso.

viria. Onde arranjar o dinheiro para tamanho gasto? Surgiu, então, a ideia luminosa: tributar o esporte. Algumas vezes se levantaram e gritaram: “é inconstitucional”. A maioria respondeu: “é, mas não faz mal”. [...] O tempo dirá melhor. A nossa opinião está exposta. Pode ser que estejamos errados. Se estivermos, receberemos depois com prazer os recortes desta crônica, com os clássicos desaforos. Isso porque nosso erro valerá menos que o benefício que o esporte mineiro irá receber¹⁵⁰.

O evidente tom dissonante entre os dois periódicos apontava para alinhamentos políticos claramente distintos. Enquanto o “Folha de Minas” se mostrava com uma postura oposicionista, o “Estado de Minas” construía o seu editorial com bastante empatia e conformação ao poder público local. A imprensa (e nesta época os jornais impressos e revistas protagonizam o cenário midiático) ocupava um papel fundamental no ordenamento social, alinhando com os poderes instituídos relações de interesses e mútua colaboração (ou oposição, quando os interesses conflitavam). A imparcialidade que recorrentemente se apregoava nos editoriais raramente era vista na prática jornalística.

No dizer de Cruz e Peixoto (2005, p. 259), é possível pensar que os jornais atuam

[...] no fomento à adesão ou ao dissenso, mobilizando para a ação; na articulação, divulgação e disseminação de projetos, ideias, valores, comportamentos, etc.; na produção de referências homogêneas e cristalizadas para a memória social; pela repetição e naturalização do inusitado no cotidiano, produzindo o esquecimento; no alinhamento da experiência vivida globalmente num mesmo tempo histórico na sua atividade de produção de informação de atualidade; na formação de nossa visão imediata de realidade e de mundo; na formação do consumidor, funcionando como vitrine do mundo das mercadorias e produção das marcas¹⁵¹.

No caso particular do “Estado de Minas”, a sua postura de proximidade e até propagandista do governo mineiro pode ser entendida através da sua política editorial, que fazia parte de um projeto nacional de imprensa com expressiva relação de poder, constituída através da formação do grupo *Diários Associados*, capitaneado pelo maior empresário da imprensa brasileira à época, Assis Chateaubriand. Este entendimento é confirmado por Couto (2014, p. 5), ao explicar que:

Por ser parte da cadeia de imprensa denominada *Diários Associados*, o *Estado de Minas* adotava o posicionamento político de seu proprietário, Assis Chateaubriand. Desde meados da década de 1920, Chateaubriand mostrara-se inclinado a apoiar um modelo de desenvolvimento econômico baseado no capital externo. [...] Pode-se dizer, portanto, que, no contexto pós-Guerra, os *Diários Associados*, incluindo o *Estado de Minas*, apoiaram o alinhamento brasileiro ao “bloco capitalista” e,

¹⁵⁰ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 12 nov. 1948.

¹⁵¹ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

sobretudo, às propostas norte-americanas de desenvolvimento econômico pautado na livre circulação do capital externo¹⁵².

Ainda que no plano político as divergências de interesses fossem explícitas, no campo do futebol por vezes a produção de discursos se tornava convergente. Este parecia ser o caso da construção do estádio setembrino, que era bem visto aos olhos de boa parte da imprensa, confirmando o grave interesse que havia na edificação de um estádio que se fizesse à altura da capital mineira. Como o andamento das obras parecia mais lento do que o esperado, uma “campanha do cimento” foi promovida, com vistas à maior agilidade no processo de construção do estádio. Grande parte da imprensa adere fortemente à campanha, que contava também com os demais principais clubes de futebol de cidade. Isto pode ser percebido em inúmeras publicações nos mais importantes periódicos, que propagandeavam a necessidade de continuidade das obras, como a nota exposta na seção esportiva do “Estado de Minas”, na sua edição de 22 de dezembro de 1948, onde lia-se:

A campanha do cimento, lançada pela Rádio Guarani, em combinação com o ESTADO DE MINAS, vem alcançando grande êxito, superando mesmo os cálculos iniciais. Os leitores tem compreendido a nossa iniciativa e não tem faltado com o seu apoio. Ademais, o Estádio Independência será o orgulho de todos os mineiros, como o é o Pacaembu dos paulistas. – COOPERAM ELEMENTOS DO CRUZEIRO – Espontaneamente, diversos próceres do Cruzeiro, numa atitude de solidariedade, procuraram a nossa reportagem, a fim de participar a sua adesão à iniciativa dos diretores do Sete, pondo à disposição de sua diretoria 4 sacos de cimento. São os seguintes os que ofertaram cimento ao estádio setembrino: Dionísio Fantoni (Niginho), Sestilho Marone, Artur Lopes e dr. Nicola Costa Neto, respectivamente técnico, adepto, diretor de futebol e conselheiro do Cruzeiro E. C. [...] Avisamos aos nossos leitores, tanto da capital como do interior, que para doar ao Sete cimento (\$30,00 cada saco), basta escrever às seções de esporte do Estado de Minas e da Rádio Guarani, dando nome e endereço. Possivelmente, na edição de amanhã, daremos à publicação os nomes dos doadores que já sobem a quase 210, num período de 12 dias em que foi lançada a campanha¹⁵³.

Mesmo que a campanha do cimento fosse capitaneada pela Rádio Guarani e pelo jornal Estado de Minas, outros órgãos da imprensa (inclusive opositores), faziam coro e aderiam à proposta, juntamente com pessoas físicas e jurídicas, conforme mostrava a matéria publicada na edição do “Estado de Minas”, no dia 26 de dezembro de 1948:

Temos hoje mais algumas adesões à campanha do cimento, destinada às obras do Estádio Independência, do Sete de Setembro. As seções de esporte do ESTADO DE MINAS e do “Diário da Tarde” resolveram colaborar, ofertando cada cronista

¹⁵²COUTO, Euclides de Freitas; LAGE, Marcus Vinícius Costa; LIMA, Karen dos Santos. O Independência e a dependência: análise histórica da cobertura jornalística em tempos de preparativos para a IV Copa do Mundo de futebol (1950) em Belo Horizonte/MG. **Revista Contemporânea** – Dossiê História & Esporte, Ano 4, v. 2, n. 4, 2014.

¹⁵³ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 9, 22 dez. 1948.

a quantia correspondente à um saco de cimento. Desse modo, o Sete colherá um total de 11 sacos, sendo 5 da nossa secção e 6 da do “Diário da Tarde”. – TAMBÉM A “FOLHA DE MINAS” E “VIDA ESPORTIVA” – O chefe da página esportiva da “Folha de Minas”, juntamente com os seus companheiros Murilo Cláudio, Sérvulo Tavares e Helton deliberaram participar da campanha, tendo cada um deles oferecido um saco, ou seja, Cr. \$30,00. Também os diretores da revista “Vida Esportiva” nos procuraram para comunicar as suas adesões. Outra colaboração valiosa é a do sr. Nelson Tibau, esportista radicado ao Cruzeiro, que ofereceu cinco sacos, batendo o recorde individual de doação. – OFERTA DAS BALAS “ASTROS” – Procurou a nossa reportagem o sr. Mozar França, residente à rua Artur Lobo, 161, proprietário das “Balas Astros”, para nos cientificar de que a sua empresa oferecerá ao Sete de Setembro dois sacos de cimento, podendo os mesmos serem procurados no endereço acima. Também o sr. Hélio de Paula, residente à rua Anhanguera, 47, em Santa Tereza, nos procurou para doar um saco. Assim, cresce a campanha patrocinada pelo ESTADO DE MINAS e Rádio Guarani, evoluindo-se o número de doadores.

No final do ano de 1948 eram as chuvas que causavam maior preocupação com o prosseguimento das obras, chegando mesmo a paralisá-las. A reportagem do “Estado de Minas” alardeava sua preocupação, pois o cronograma de execução começava a se estender para fora do prazo previsto. Assim tratava o jornal a questão:

Estão paralisadas as obras do estádio do Sete de Setembro. Motivo: as copiosas chuvas que fustigam a cidade, há muitos dias. Essa medida da diretoria setembrina foi tomada em virtude dos prejuízos que advirão se prosseguir com os serviços. Ademais, os trabalhos não rendem e os operários (cerca de 200) não tem os seus movimentos facilitados, porque além da chuva forte, sopra um vento terrível que a tudo destrói. Desde anteontem foram paralisados todos os trabalhos, que serão recomeçados quando tempo o permitir¹⁵⁴.

Embora a desejosa pressa dos executores do projeto esbarrasse nos mais variados contratemplos, o estádio seguia irrompendo na paisagem da Floresta, alimentando a expectativa da sua conclusão pela comunidade desportiva da cidade. A “Revista América”, na sua edição de novembro de 1948, apresenta duas reportagens bastante expressivas sobre o andamento das obras do estádio setembrino, fazendo vivas manifestações sobre a importância da sua construção. A primeira, de ordem mais técnica, descreve os procedimentos da complexa terraplanagem que teve que ser feita para preparar o terreno. Na chamada da matéria lia-se: “As gigantescas obras de terraplanagem executadas na futura e grande praça de esportes mereceram os mais entusiasmados elogios dos melhores entendedores da matéria”. O texto, na íntegra, segue abaixo:

Como é de amplo conhecimento público, o Sete de Setembro Futebol Clube, velha agremiação da Floresta e que obedece à sábia orientação de Antonio Lunardi, está

¹⁵⁴ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 9, 18 dez. 1948.

construindo um estádio que vai ser o terceiro do Brasil. Com o auxílio da Prefeitura Municipal e de todos os desportistas de Minas, o clube rubro levanta no Horto Florestal monumental estádio, capaz de abrigar multidão de 45 mil almas e que deverá estar pronto em setembro de 49, a tempo, portanto, de nele serem realizadas pelepas pelo campeonato mundial, que no Brasil será disputado em julho de 1950. Para que seu estádio pudesse ser erguido num tempo relativamente tão curto, o Sete de Setembro defrontou, de início, um problema: o da terraplanagem, que é exatamente o de maior vulto e importância, desde que as arquibancadas e gerais, todas assentadas nos morros que circundam no campo não contarão com as obras gigantescas de concreto, com custosas estruturas, etc. Os degraus, rasgados nas elevações que cercam a cancha, requererem um trabalho habilíssimo e levariam longo tempo, de que o Sete não poderia dispor. O Sete de Setembro entregou então, a Pedro Murthé de Araújo a realização dessa enorme parte das obras de seu estádio. E em 60 dias, um prazo curtíssimo, Pedro Murthé de Araújo entregou ao clube rubro seu estádio rasgado na terra, pronto para receber o revestimento. Foi um trabalho notabilíssimo e que mereceu dos melhores entendedores do assunto, técnico, engenheiros, empreiteiros, etc., os mais entusiasmados elogios. Um engenheiro carioca disse mesmo que, nessa espécie de serviço de terra, requerendo tanto cuidado, competência e habilidade, a obra executada por Pedro Murthé de Araújo é a segunda do Brasil¹⁵⁵.

A segunda reportagem da revista do clube americano é na verdade um relato. Na seção “Última Página”, o cronista (que não assina o texto), narra a sua visita às obras do estádio setembrino e descreve as suas impressões ao longo da crônica. É notável o quanto a dimensão do estádio afeta o narrador, evidenciando a importância que tal empreendimento teria para o cotidiano esportivo da cidade de Belo Horizonte, e mais ainda, para o orgulho do povo mineiro. O registro jornalístico, intitulado “O Estádio do Sete”, é assim apresentado:

Alair Couto, o homem que conseguiu fazer o milagre da ressurreição do América e com ele incorporou-se definitivamente à história do glorioso clube alvi-verde como o seu maior presidente, levou-nos às terras rubras da agremiação de Raimundo Sampaio. No coração do Horto Florestal, alongamento da Floresta, tradicionalmente sede do Sete de Setembro, pudemos encontrar, num sábado em que todos descansavam da árdua jornada semanal e buscavam recuperar forças, os operários da grande obra setembrina desdobrando-se para rasgar num círculo de morros altos, velhos e duros, a forma oval do futuro e monumental estádio, que deverá ser, salvo cálculos falhos, um dos primeiros de todo o Brasil, em amplitude e capacidade. Pisamos terras setembrinas com emoção inegável. Um presidente e um cronista, sem ligação direta com o Sete, entravam sem convite na casa alheia ainda em construção. E porque àquela hora outros já não estavam senão os trabalhadores, e porque os diretores decerto teriam ido ver o “match” antecipado da rodada, pudemos permanecer largo tempo examinando tudo, sem a menor cerimônia, sem obrigações estabelecidas de elogiar o que estava sendo pela primeira vez visto. Os elogios ditos, então, têm por isso mesmo, a valorização formidável das coisas faladas com espontaneidade e convicção. E foi assim que exaltamos o arrojo dos setembrinos, a coragem de um presidente, a visão de um homem público. Lembramos o entusiasmo desmedido da gente rubra, exultando de contentamento com a iniciativa e dispondo-se a lutar pelo seu sucesso; lembramos o desassombro de um paredro que se dispôs a meter-se em semelhante empresa, cheia sempre dos maiores problemas; lembramos, por fim – como não poderia deixar de acontecer – a lealdade do Prefeito, homem que vem cumprindo à risca,

¹⁵⁵ Revista América, Novembro de 1948, p. 23.

desde que galgou as escadarias do Palácio da Municipalidade, todas as promessas feitas ao esporte. Em razão de tudo isso é que o Sete de Setembro terá, ainda em 49, o seu grande estádio, com capacidade para mais de 40 mil pessoas, verdadeiro monumento desportivo, um gigante de cimento encostado em enormes morros, impávido a desafiar as multidões, engolindo sem parar milhares e milhares de ardorosos amantes dos esportes. Trabalha o Sete. Para construir sua casa, para possuir o seu lar. Aqui de fora, sem pensar em bandeiras, sem cogitar de cores, formamos sua grande, sua colossal torcida, fazendo colossal força para que os rubros, construindo seu estádio, não só se incorporem aos “grandes” do futebol de Minas, mas encontrem os caminhos de um futuro definitivamente seguro e grandioso¹⁵⁶.

Em ambas as reportagens o anúncio de que o estádio ficaria pronto em 1949 apontava uma projeção que, embora desejada, dificilmente se efetivaria. Ainda assim, Lunardi faria alardeado anúncio aos incrédulos jornalistas cariocas, em viagem que fez à Capital do país. Esta viagem acaba sendo registrada e tendo cobertura da imprensa belo-horizontina, como mostra a reportagem do periódico “Folha de Minas”, ao estampar em destaque a manchete: “Seguirá hoje para o Rio o Presidente Antonio Lunardi”:

Segundo apuramos ontem nos círculos esportivos ligados ao Sete de Setembro F. C., o presidente Antonio Lunardi deverá seguir na manhã de hoje, de automóvel, para a capital do país. Sabe-se que o dinâmico procer florestino irá ao Rio em missão esportiva. Todavia duas hipóteses¹⁵⁷ se fazem sobre os verdadeiros motivos da repentina viagem do vereador Antonio Lunardi à Capital do país. Acreditam uns que a missão se alia à próxima disputa, no Brasil, da “Copa do Mundo”. Como é de conhecimento do público, o presidente da Confederação Brasileira de Desportos, sr. Rivadavia Correia Meyer, comprometeu-se a fazer realizar alguns jogos do certame em Belo Horizonte, desde que ficassem concluídas as obras do estádio do Sete de Setembro Futebol Clube, com capacidade para numeroso público. Pois bem, divulga-se que o sr. Antonio Lunardi irá pedir o pronunciamento oficial e definitivo da C.B.D, e, caso seja afirmativa a promessa, serão realizados entendimentos diretos com o prefeito da Capital, no sentido de que sejam atacados com urgência os trabalhos de construção do grandioso estádio do grêmio florestino, conforme promessa do sr. Otacílio Negrão de Lima¹⁵⁸.

De fato, esta seria a hipótese que se confirmaria ao longo da semana em que Lunardi permaneceu no Rio de Janeiro. Realizando um trabalho de relações públicas, o dirigente setembrino comunicava e propalava à imprensa carioca os seus planos, já claramente vislumbrando a conivente oportunidade da realização da Copa do Mundo em terras brasileiras para capitanear o aceleração das obras do seu estádio, bem como da sua divulgação e valorização. Nota-se que esta tratativa se dá praticamente um ano após o início de construção do estádio, o que reforça a nossa hipótese que, de fato, o Independência não

¹⁵⁶ Revista América, Novembro de 1948, p. 28.

¹⁵⁷ Tratamos aqui na nota apenas da primeira hipótese. A segunda hipótese dizia respeito à especulação de que a viagem do dirigente florestino seria para tratar de reforços para o clube setembrino.

¹⁵⁸ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 01 jul. 1949.

tem a sua edificação motivada originalmente pela realização da Copa do Mundo no Brasil. Em outra edição, o “Folha de Minas” explicitava as manobras de Lunardi, esclarecendo os motivos da sua viagem:

RIO, 7 (Asapress) – Encontra-se aqui, o sr. Antonio Lunardi, presidente do Sete de Setembro Futebol Clube, de Belo Horizonte, que comunicou à Confederação Brasileira de Desportos, que em abril do próximo ano será inaugurado o “Estádio Independência”, o maior de Minas e um dos melhores do Brasil, onde poderão ser realizados jogos do campeonato mundial. O sr. Antonio Lunardi esteve também em visita a alguns jornais da Capital, expondo o plano da construção do estádio setembrino, dizendo que a municipalidade belorizontina ajudará seu clube em seu intento de dotar Minas Gerais de um estádio à altura de seu prestígio e renome esportivos. Por ocasião da inauguração do “Estádio Independência”, irão a Belo Horizonte dezenas de dirigentes e esportistas cariocas, como convidados especiais do fidalgo grêmio belorizontino, podendo assim ver de perto a grandiosa obra do Sete de Setembro, que não estão medindo sacrifícios no sentido de construir uma magnífica praça esportiva. O sr. Antonio Lunardi foi recebido pelos dirigentes da CBD, a quem disse da boa nova, tendo os jornais locais dedicado manchetes ao grande empreendimento do tradicional clube belorizontino¹⁵⁹.

A partir daqui há uma evidente mudança nos rumos da construção do Independência. Desmontando a tese que recorrentemente vigora (não apenas no senso-comum, mas também em parte das publicações científicas), de que o estádio teria sido construído *para*¹⁶⁰ a realização do Campeonato Mundial de 1950, as evidências encontradas nas fontes indicam que o mesmo não foi concebido, primariamente, como parte do conjunto de exigências da FIFA para a consecução do evento em Belo Horizonte. Ele *tornou-se*¹⁶¹ o estádio da Copa em Belo Horizonte, já durante o processo de sua execução, em função das investidas do presidente do Sete, Antonio Lunardi, com o apoio do poder público local (que enxergava no sediamiento belorizontino uma propaganda mundial para a cidade). Para esclarecer melhor este fato (que julgo essencial para o entendimento da representação que tenciono elaborar), a cronologia dos acontecimentos a seguir se mostra fundamental.

Talvez o fato mais relevante que tenha corroborado para que o Brasil fosse escolhido o país-sede da Copa do Mundo de Futebol de 1950 tenha sido a ocorrência da Segunda Grande Guerra. Isto porque, na reunião entre os dirigentes da FIFA que acontecera durante a Copa de 1938 para definição das candidaturas dos países que receberiam a próxima Copa do Mundo (que seria em 1942), a grande favorita era a Alemanha (avalizada pelo sucesso dos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936). Outra forte candidata era a Argentina, que já tinha

¹⁵⁹ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 09 jul. 1949.

¹⁶⁰ Grifo nosso.

¹⁶¹ *Idem*.

sido preterida por outras duas vezes e alegava o fato de que a Europa recebera duas edições seguidas (1934, na Itália; e 1938, na França), devendo portanto ocorrer uma mudança de continente. O Brasil também apresentara sua candidatura, usando como argumento principal o fato de ser o único país sul-americano a participar de todas as três edições anteriores.

Jules Rimet, então presidente da FIFA e conhecido por possuir hábil jogo político, se viu em uma condição desconfortável, posto que brasileiros e argentinos (sentindo o franco favoritismo alemão) queixavam-se de um indisfarçável eurocentrismo nas decisões da entidade. A eclosão da Segunda Grande Guerra alteraria os rumos de todo o processo de escolha (e colateralmente facilitaria a deliberação de Rimet). Suspensa as duas edições seguintes (1942 e 1946), uma nova reunião da FIFA somente aconteceria em julho de 1946, em Luxemburgo. Com a Europa devastada pelos confrontos bélicos, e a derrotada Alemanha fora do páreo (o país perdera inclusive sua filiação à FIFA, tendo sido expulsa juntamente com o Japão), o caminho parecia aberto para o Brasil confirmar sua intenção de sediar o evento (principalmente com a desistência da vizinha Argentina)¹⁶².

No entanto, a presença de Belo Horizonte como cidade-sede da Copa só viria a ser confirmada em 1949, apenas um ano antes da realização do evento, conforme apontam as fontes periódicas que apresentamos a seguir, numa cronologia da imprensa belorizontina sobre todo este acontecimento.

A Revista do América, em sua edição de outubro de 1948, confirmava a ocorrência da Copa do Mundo no Brasil, e anunciava que os jogos do certame em Belo Horizonte se dariam no Estádio da Alameda (estádio do clube americano), de fato a praça esportiva mais preparada para receber o torneio, embora o seu tamanho (não comportava mais do que quinze mil pessoas) fosse recorrentemente questionado pelo Comitê Organizador da Copa, que desejava um espaço maior. A reportagem da revista expunha o anúncio, na expectativa que o Alameda fosse confirmado como o palco da cidade para o evento, e descrevia:

O DIÁRIO, do dia 19 de agosto, publicou a seguinte notícia a respeito do campeonato do mundo de 1950: PARIS, 18 (France Presse) – Para organização definitiva da disputa da Copa Mundial a comissão constituída para esse fim reuniu-se hoje na sede da Federação Francesa de Futebol, sob a presidência do sr. Jules Rimet, presentes os delegados Mouro, da Itália; Rous, da Inglaterra; Sotero Cosme, Celio de Barros e Castelo Branco, do Brasil; e Schicker, secretário-geral da FIFA.

¹⁶² Este parágrafo e o anterior foram escritos com subsídios de informações contidas na Revista “O Gigante do Horto - A história do Estádio Independência”, editada em 2012 pelo Jornal Hoje em Dia, p. 14-16.

A comissão registrou as decisões tomadas pelo congresso da FIFA reunido recentemente em Londres, em 27 e 28 de julho, relativa à organização da Copa do Mundo. As disposições relativas ao regulamento das partidas foram incorporadas ao regulamento definitivo e transmitidas às associações nacionais de futebol. Já se sabe que o sistema adotado pelo congresso será o de campeonato, isto é, todas as equipes lutarão umas com outras pelo menos uma vez, pois não seria justo com os quadros fossem eliminados por um só jogo. Por outro lado, que suportar (*sic*) com a realização da Copa do Mundo foram previstas, a um tal montante, que se tornou necessário marcar número suficiente de encontros para cobrir o total. A estada das equipes fica com efeito, a cargo da federação organizadora. O prazo de inscrição terminará a 31 de dezembro próximo e o campeonato se disputará de 15 de junho a 15 de julho de 1950, num prazo máximo de três semanas. Após tomadas as deliberações foi suspensa a sessão, devendo a Copa do Mundo reunir-se novamente na primeira quinzena de janeiro de 1949, em Genebra¹⁶³.

Perceba-se a clara dissonância entre a manchete e o texto¹⁶⁴, que não aponta, em momento algum, o estádio da Alameda como local de realização das partidas. Neste momento (outubro de 1948), sequer Belo Horizonte estava confirmada como cidade-sede, ficando evidente que a notícia não passava de uma manifesta intenção dos editores da revista, notadamente um órgão que reverberava interesses do América F. C., em propagandear e dar visibilidade ao seu estádio. Para se ter uma ideia de tal intento, o periódico chega a trazer, ao lado do texto, ilustrações do estádio americano como já sendo este praticamente garantido enquanto cenário para os jogos da Copa na cidade:

Figura 45 – Flagrantes de partidas realizadas no Estádio da Alameda.



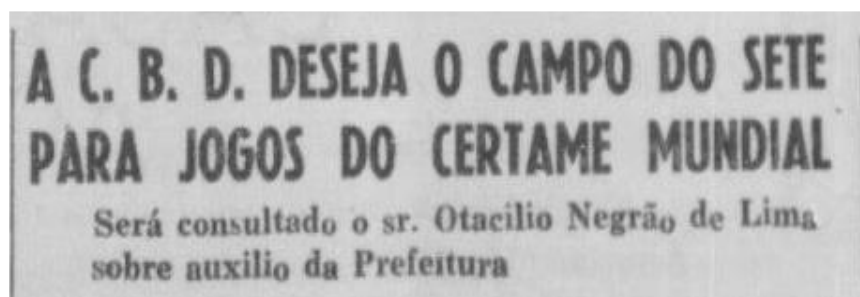
Fonte: Revista América, Outubro de 1948.

Meses depois, ficava evidente que o Alameda não atendia às necessidades impostas pela CBD e FIFA, sendo considerado de fato um estádio acanhado frente à dimensão do

¹⁶³ Revista América, Outubro de 1948, p. 31.

¹⁶⁴ O texto refere-se a um telegrama da entidade FIFA, publicado no jornal carioca “O Diário”, e republicado na Revista do América, na sua edição de Outubro de 1948.

maior evento futebolístico mundial. Em uma matéria do “Estado de Minas”, de 12 de junho de 1949 (pouco antes da viagem de Lunardi ao Rio), a própria Confederação Brasileira demonstrava forte interesse na conclusão do Independência (praticamente condicionando isto à realização dos jogos em Belo Horizonte). Com a manchete estampada em caixa alta “INTERESSADA NA CONCLUSÃO DAS OBRAS”, a reportagem fazia alusão à necessidade do campo do Sete estar pronto para que a cidade pudesse receber partidas do Mundial:



Belo Horizonte está dentro das chaves do local das semi-finais no certame mundial, que o Brasil levará a efeito no próximo ano. A possibilidade de presenciarmos jogos da maior competição do futebol universal está, no entanto, na dependência de um grande estádio em Belo Horizonte. Representando um avanço no nosso “association”, a nossa maior praça de esportes – o estádio da Alameda – ainda é considerada pequena para que, pela CBD, possa ser usada como local das maiores pelepas internacionais a que poderemos assistir. A nossa esperança fica assim repousando no possível êxito do empreendimento do Sete de Setembro, que iniciou há tempos a construção do Estádio Independência, com uma capacidade projetada para setenta mil pessoas. Embora revestido de enorme idealismo, o projeto do quadro florestino é totalmente inviável sem o auxílio dos nossos poderes públicos. E foi confiando na ajuda da nossa edilidade, embora não haja ainda notícia de uma promessa oficial da mesma, que o clube do sr. Antonio Lunardi iniciou a construção da obra, que poderá mudar a história do seu destino. – A CBD CONSULTARÁ O PREFEITO – Ontem, a nossa reportagem conseguiu apurar, em círculos ligados ao Sete de Setembro, uma nova sensacional. Vendo na pretensão do clube rubro um significado para o desporto nacional, ligado diretamente à organização de seus planos para o campeonato do Mundo, a CBD fará uma consulta ao sr. Otacilio Negrão de Lima, prefeito da Capital, sobre a possibilidade de uma ajuda oficial realmente efetiva na intenção de molde a assegurar a conclusão do estádio, ainda a tempo do certame mundial. O certo é que, pela resposta do prefeito, poderemos saber brevemente se teremos ou não jogos do Campeonato do Mundo em Belo Horizonte¹⁶⁵.

Muito provavelmente a viagem de Antonio Lunardi à capital do país logo em seguida se deu em razão da busca de uma garantia, por parte dos organizadores do evento, de que os jogos da Copa ocorreriam em Belo Horizonte, caso o Independência ficasse pronto. Com esta

¹⁶⁵ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 9, 12 jun. 1949.

hipoteca, Lunardi poderia fazer pressão à municipalidade para que investisse na conclusão do seu estádio.

De fato, a ida do dirigente setembrino ao Rio de Janeiro parecia surtir imediato efeito. O “Estado de Minas”, via telegramas e telefonemas, seguia atualizando as informações sobre os resultados da investida do clube da Floresta aos próceres cebedenses. E as notícias davam conta de que Belo Horizonte sediaria uma das chaves do Mundial, desde que o estádio Independência ficasse pronto a tempo. Os dirigentes da CBD também anunciavam uma série de viagens à capital mineira, para visitar as obras de construção do estádio, fiscalizando e relatando o andamento das mesmas ao Comitê Organizador. A matéria esclarecia:

RIO, 4 (Meridional) – Acaba a Confederação Brasileira de Desportos de atender ao anseio dos mineiros que desejavam ardentemente que Belo Horizonte fosse incluída entre as cidades brasileiras que servirão de palco para os jogos da Copa do Mundo. Na tarde de hoje, o presidente da entidade suprema, dr. Rivadávia Corrêa Meyer programou uma chave do Campeonato do Mundo para a capital montanhesa, constante de três rodadas duplas. A partida inaugural foi escalada para o dia 29 de junho de 1950. Além desta Capital e de São Paulo, também Porto Alegre foi aquinhoadada com uma “chave”. – TAMBÉM UMA FINAL EM BELO HORIZONTE – RIO, 4 (Pelo Telefone) – Deliberou igualmente a CBD que fará realizar no Estádio Independência uma das finais do certame mundial, uma vez que que as arrecadações das pugnas eliminatórias sejam compensadoras. Nesta hipótese, terão os montanhese 7 pelepas internacionais para ver e, por conseguinte, conhecer no mínimo quatro seleções europeias. Pode-se acrescentar ainda que, segundo um telegrama recentemente divulgado aqui, caberá a Minas ver o grupo que inclui as representações da Inglaterra, País de Gales e Escócia. – VISITARÃO O ESTÁDIO DO SETE – RIO, 4 (Meridional) – Fala-se aqui que o presidente do Conselho Nacional de Desportos, dr. João Lira Filho, visitará as obras de construção do Estádio Independência, no próximo dia 17 do corrente. Em sua companhia irão os srs. Plínio Segurado Pinto e Canor Simões Coelho. O primeiro é figura de projeção dentro da CBD e o segundo representante dos clubes e da Federação Mineira nesta Capital. – ESTÁ NO RIO O PRESIDENTE LUNARDI – Podemos, de nossa parte, informar que o presidente do Sete, sr. Antonio Lunardi, se encontra no Rio desde sábado ultimo, tendo ido à Guanabara para tratar deste assunto e de promover uma exibição do Brasil em Belo Horizonte¹⁶⁶.

A vinda dos dirigentes da CBD seria acompanhada com vivo interesse pela imprensa belorizontina. Conforme anunciado pelos jornais do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte, a comitiva da Confederação Brasileira de Futebol desembarcava na capital mineira para acompanhar o andamento das obras do estádio do Sete.

Os proceres cebedenses começaram a chegar à cidade, na tarde de ontem. Por via aerea, desembarcaram na Pampulha os srs. Irineu Chaves e Luiz Vinhais, dirigentes da entidade máxima, que aqui aguardarão a chegada dos srs. Rivadavia Corrêa Meyer, João Lira Filho e Pizarro Filho, para dar início às visitas aos estádios do Sete

¹⁶⁶ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 05 jul. 1949.

e do América. Observarão aqueles esportistas todos os detalhes da futura praça de esportes do clube rubro, bem como as acomodações do “Otacílio Negrão de Lima”, pois a Confederação Brasileira está mesmo interessada em fazer disputarem Belo Horizonte semi-finais do certame brasileiro e uma “chave” do Campeonato do Mundo. Depois de assistirem ao jogo Atlético x Sete, visitaram os esportistas guanabarininos a redação do ESTADO DE MINAS, onde examinaram, com interesse, aspectos das obras de construção do Estádio Independência, acompanhados pelo comandante Oscar Pascoal, presidente do Conselho Superior da Federação Mineira.

A comitiva carioca realizou, durante a sua estada, importantes tratativas no sentido de viabilizar a vinda de jogos da Copa do Mundo para a capital mineira. Outra reportagem do “Estado de Minas” reverberava, ainda com mais entusiasmo, o pós ocorrido do encontro, destacando com ênfase os resultados do mesmo entre as autoridades esportivas nacional com os representantes mineiros (políticos e desportivos):

Bem impressionados os proceres cebedenses

[...] A MISSÃO DOS VISITANTES – Como se sabe, esses esportistas vieram a Belo Horizonte afim de conservar a possibilidade de ser a capital uma das sedes do Campeonato do Mundo, a realizar-se em 1950 e ainda do Campeonato Brasileiro, que se disputará no fim deste ano e princípios de 1950. Seu objetivo primordial foi visitar as obras do “Estádio Independência”, que o Sete está construindo no Horto. As obras do campo, iniciadas em 1948, tiveram prosseguimento rápido e se encontram já bastante adiantadas. Por outro lado, também o campo do América será vistoriado, pois tem uma boa capacidade, colocando-se entre as grandes praças de esporte do Brasil.

NOS CAMPOS DO SETE E DO AMERICA – Na manhã de domingo, estiveram os dirigentes da CBD em visita ao estádio do Sete. Lá tivemos oportunidade de comprovar a boa impressão causada pelo andamento das obras. [...] IMPRESSÕES – Tivemos oportunidade de palestrar com o dr. Rivadávia Corrêa Meyer, presidente da CBD, sobre as futuras competições de envergadura que serão patrocinadas pela entidade, o Campeonato Brasileiro e o Campeonato Mundial. Inicialmente, declarou s. s.: - “Estou verdadeiramente satisfeito com as obras do estádio do Sete de Setembro. Depois de completado, poder-se-á equiparar ao Pacaembu e São Januário, ficando inferior somente ao Estádio Nacional do Rio de Janeiro. Achei as obras adiantadas e, com auxílio oficial e coragem por parte dos empreendedores deste magnífico trabalho, em pouco tempo elas estarão prontas. – O CAMPEONATO DO MUNDO – Prossegue o dr. Rivadávia: - “Assim, creio que poderemos fazer realizar jogos do Campeonato Mundial em Belo Horizonte, satisfazendo assim os justos anseios dos esportistas mineiros, que, pela ação grandiosa no cenário esportivo nacional, se fizeram credores de toda a atenção e portadores irrefutáveis do direito de assistir jogos a jogos de grande importância. O estádio do Sete, depois de pronto, servirá magnificamente para o nosso objetivo. Nessa ocasião, quando se disputarem prélios reunindo seleções mundiais, teremos que acrescentar aos desportistas mineiros, além das homenagens de estilo, um bravo “hurrah” pela grandeza e magnificência do “Estádio Independência”. – A CHAVE DA INGLATERRA PARA BELO HORIZONTE – Sobre a organização geral do Campeonato Mundial, assim se expressou o dr. Rivadávia C. Meyer: - “Ainda não organizamos definitivamente a tabela para o campeonato. Entretanto, apesar de estarmos ainda em fase de estudo e de nada se achar assentado em

definitivo, posso desde já adiantar alguma coisa, resultado de demorados estudos, que puderam apenas fazer com que tivéssemos um ligeiro esboço dessa organização. Tivemos e temos naturalmente o cuidado de estudar uma fórmula, segundo a qual ficassem os principais competidores para as disputas finais. Assim, o plano é o seguinte: Teremos quatro chaves, cada uma delas com seis jogos. Como cabeças, teremos as quatro nações onde o futebol está mais adiantado: Inglaterra, Brasil, Argentina e Itália. Sob o ponto de vista financeiro e mesmo para melhor organização, colocamos a chave do Brasil para ser disputada no Rio de Janeiro; a da Itália, para São Paulo; a da Argentina, para o Rio Grande do Sul e Curitiba; e a da Inglaterra para Belo Horizonte e, possivelmente, Recife e Bahia. Assim, os mineiros terão oportunidade de assistir a exhibições da qual participarão a equipe inglesa e outras da Europa. Sem dúvida, grandes jogos. Temos em mente realizar, a princípio, três jogos em Belo Horizonte. Conforme os resultados obtidos, então faremos disputar mais. [...] A PALAVRA DO PREFEITO – Na tarde de ontem, durante a visita que foi feita ao Estádio “Antonio Carlos”, o prefeito Otacílio Negrão de Lima teve oportunidade de nos declarar que acha viável a finalização das obras, antes de junho de 1950. Declarou que isto será possível, pois a Prefeitura colaborará eficientemente. Resta que os setembrinos e os esportistas em geral se movimentem, afim de auxiliar. – “Da parte da Prefeitura – declarou – existe boa vontade e desejo sincero de colaborar. Havemos de levar adiante as obras. Para isso é necessário, antes de tudo, um trabalho desinteressado e dedicado dos esportistas mineiros”. [...] VISITA AO GOVERNADOR – Às 18 horas, estiveram em visita de cordialidade no Palácio da Liberdade, onde palestraram longamente com o governador Milton Campos, que se declarou jubiloso com a perspectiva de grandes espetáculos esportivos na capital mineira¹⁶⁷.

Novamente o prefeito da capital mineira volta a ser protagonista neste processo. Com a pressão da CBD e do vereador Antonio Lunardi, Otacílio Negrão de Lima se vê numa posição politicamente desconfortável: não bancar o término das obras do estádio setembrino (e ficar com o ônus de Belo Horizonte não sediar a Copa do Mundo); ou assumir definitivamente a conclusão do Independência (o que quer dizer assumir um compromisso financeiro elevado), mas capitalizar o fato da cidade ser sede do maior evento de futebol no mundo. Tudo indicava que a sua decisão pendia mesmo para a segunda hipótese. Em junho de 1949, já se percebia um movimento da municipalidade neste sentido:

¹⁶⁷ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 19 jul. 1949.



Conforme foi noticiado, o sr. Nagib Alcici, credenciado pela Confederação Brasileira de Desportos, entregou um ofício ao prefeito Otacílio Negrão de Lima, no qual a entidade suprema solicitava informações à Prefeitura, atinentes à construção do Estádio Independência, do Sete de Setembro, ora em execução no Horto Florestal. Pedia a CBD esclarecimentos sobre o término das obras, pois a realização dos jogos da Copa do Mundo em nossa Capital estará condicionada somente à conclusão dos serviços, a tempo do certame cujo princípio está previsto para a segunda quinzena de junho de 1950, ou melhor, daqui a um ano exatamente. O prefeito belo-horizontino declarou ao representante da CBD que estava pronto a determinar a conclusão das obras, desde que a mentora indígena lhe oficiasse, comprometendo-se a fazer a programação antecipada dos cotejos que pretende efetuar em Belo Horizonte. A reportagem do Estado de Minas, por outro lado, pode antecipar que a Prefeitura já tomou para si a tarefa de conclusão das obras do Estádio Independência. Tanto isto é verdade que, já há dias, começaram os serviços de abertura de ruas em torno do estádio e deverá assumir a responsabilidade da construção na próxima segunda-feira. A firma que vinha se encarregando dos trabalhos de erguimento do estádio, a empresa Meca Construtora S.A., segundo declarações do sr. Damas Tunes à reportagem, já recebeu aviso prévio, devendo o prazo vencer no dia de hoje. Podemos ainda acrescentar que a Prefeitura mandará diversas turmas para o Horto, esperando-se que o término da construção atinja o princípio do ano próximo, a tempo pois do Campeonato Brasileiro. Aliás, muita coisa já está pronta, principalmente a drenagem do terreno, trabalho dos mais difíceis e lentos¹⁶⁸.

Na visita da comitiva cebedense à Belo Horizonte em julho de 1949, Otacílio Negrão de Lima também seria personagem principal. A reunião dos dirigentes com o prefeito da capital foi destacada pelo jornal “Estado de Minas”, apresentando uma foto do flagrante do encontro com uma descrição que vinha logo abaixo:

¹⁶⁸ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 9, 18 jun. 1949.



A conferência com o prefeito de Belo Horizonte, sr. Otacílio Negrão de Lima foi à tarde, tendo o presidente da CBD, sr. Rivadávia Corrêa Meyer, Castelo Branco e os demais componentes da ilustre comitiva trocado ideias com o governador da cidade sobre as obras do Estádio do Sete de Setembro, agora sob a responsabilidade da Prefeitura da Capital. Ficou então entendido que a entidade máxima programará uma das chaves do Campeonato do Mundo em Belo Horizonte no campo florestino¹⁶⁹.

Com efeito, em meados de 1949 muito já se havia feito no terreno do Horto Florestal (embora muito ainda a se fazer havia). Para se ter uma ideia do ponto em que se encontravam as obras do estádio Independência, a “Revista Olímpica” trazia, em sua edição de Julho/Agosto de 1949, uma reportagem que mostrava (com textos e fotografias), o andamento dos trabalhos do campo do Sete, já o anunciando como o cenário da Copa do Mundo em Belo Horizonte:

Estádio. É sem dúvida o tema do momento, preferido pela maioria dos esportistas do Brasil, seja nos grandes ou pequenos centros. É um problema de difícil solução, já que todos sabem o quanto de sacrifícios requer a construção de uma grande praça. Agora mesmo, com a aproximação do certame mundial de futebol, o assunto que já há alguns anos dominava os meios esportivos nacionais passou a constituir o mais importante e discutido. São Januário, no Rio, seria pequeno para as grandes peijas da Copa Jules Rimet. Então iniciou-se, depois de grandes e famosas lutas e discussões, a construção do estádio Municipal, que será o mais suntuoso e de maior capacidade do mundo. Praticamente resolvido o problema no Rio de Janeiro, as atenções dos responsáveis pela CBD se voltaram para os Estados, onde serão realizados jogos pelo Campeonato Mundial. São Paulo possui o Pacaembu, que embora não atenda a necessidade do futebol paulista, poderá oferecer boas rendas para os cofres da CBD. Resolvido o problema no Rio e em São Paulo, a preocupação dos dirigentes cebedenses passou para Belo Horizonte. Sendo, sem dúvida alguma, o terceiro centro esportivo do Brasil, foi a cidade escolhida para servir de local para a chave número 3 dos prélios da Copa, da qual fará parte a Inglaterra. Veio logo a pergunta: “E o local para esses importantes jogos”? A Alameda seria, naturalmente, incapaz para uma peija em que tomasse parte a Inglaterra. O campo do Barro Preto, idem, longe de resolver o problema. Então veio a lembrança do Estádio Independência, que o Sete, com grande e formidável esforço, vem construindo no Horto. O clube florestino, desde sua fundação, luta

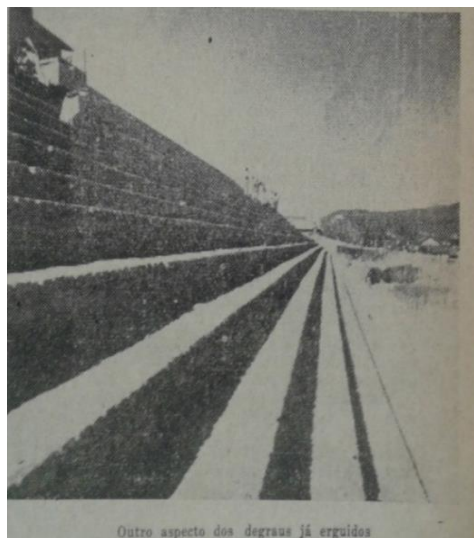
¹⁶⁹ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 19 jul. 1949.

com o problema do campo. E só um presidente como Antonio Lunardi poderia, com toda sorte de sacrifícios, iniciar a construção do estádio que em breve será o maior de Minas. Antonio Lunardi terá, por certo, gravado o seu nome na história do futebol mineiro e na memória dos esportistas de Minas, como um dos maiores vultos do esporte nacional. A obra que ele, sem medir sacrifícios iniciou, é fantástica e monumental. O esporte mineiro será o único beneficiado com seu colossal empreendimento e o clube florestino será também um dos nossos “grandes” – isso em consequência do esforço incomensurável de Lunardi. À ele, pois, a admiração de todo o bom desportista das Alterosas. Mas o Sete de Setembro estaria em condições de dar a Minas o seu estádio a tempo da Copa do Mundo? Uma interrogação que passou a preocupar os responsáveis pelo sucesso do certame mundial. Então, Otacílio Negrão de Lima, o dinâmico Governador da Cidade, entrou decisivamente no caso, dando-lhe uma solução satisfatória, qual seja a encampação das obras do Estádio Independência, pela Prefeitura. Otacílio Negrão de Lima é o patrono dos esportes de Minas. Um título que se ajusta bem ao grande prefeito, sem dúvida o maior benfeitor dos nossos clubes. A sua gloriosa trajetória no futebol mineiro já é conhecida de todo o público. Antes, já tinha o seu nome intimamente ligado ao esporte montanhês. Ao ocupar novamente o posto de governador da Capital teve a preocupação de auxiliar os nossos clubes, de dar-lhes oportunidade para se tornarem maiores e equipararem-se aos grandes grêmios do Rio e São Paulo. Auxiliou o Atlético, o América e o Cruzeiro. Promoveu o Circuito da Pampulha e deu também grandes somas ao esporte amador. Prosseguindo em seu programa de bem servir a Minas esportiva, encampou o estádio do Sete, para que em julho próximo tenhamos local para a Copa do Mundo. Tudo isso fez Otacílio Negrão de Lima e por isso também merece a admiração de nosso público esportivo. O estádio do Sete será uma realidade. Será o maior de Minas e o terceiro do Brasil, isto graças ao trabalho desprezioso de Antonio Lunardi, e ao auxílio decisivo de Otacílio Negrão de Lima. Minas e o Sete estão, pois, de parabéns: o nosso Estado por possuir um patrono à altura de suas tradições esportivas e o clube vermelho, um presidente merecedor de nossos maiores elogios. Cerca de 45 mil pessoas terão assento no monumento rubro¹⁷⁰

Além da extensa reportagem, a matéria é bastante ilustrada, com fotos das obras do estádio e várias chamadas em destaque, como expomos a seguir:



¹⁷⁰ Revista Olímpica, Jul./Ago. de 1949, p. 10-11.



Outro aspecto dos degraus já erguidos



Vista da enorme parte construída

No entanto, Otacílio Negrão de Lima, mesmo disposto a ceder às exigências da CBD e às cobranças de Lunardi, reivindicava firmes garantias no sentido de que a Prefeitura obtivesse contrapartidas, recebendo vantagens (inclusive e principalmente financeiras), ao sediar jogos da Copa do Mundo na cidade. Após a visita dos dirigentes da Confederação, o prefeito vai pessoalmente à entidade, na capital do País, e se encontra com Rivadávia Corrêa Meyer¹⁷¹, e mais uma vez escuta que, sem a conclusão do Independência, Belo Horizonte não receberia a Copa do Mundo¹⁷².

Ao retornar para a capital mineira, Otacílio Negrão de Lima elabora as bases do convênio que definitivamente acertaria a participação da cidade no certame mundial, com o sediamiento de três partidas da primeira fase do evento (muito menos que o prometido pela entidade). Assim, ainda em agosto de 1949, firmava-se o contrato entre a CBD e a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, documento que apresentava as seguintes normativas:

1º) A Confederação Brasileira de Desportos se obriga a realizar em Belo Horizonte, em junho ou julho de 1950, três jogos da Copa do Mundo, entre equipes integrantes de uma das suas quatro “chaves”.

2º) A Confederação Brasileira de Desportos se obriga a entregar a essa Prefeitura 50 (cinquenta) das melhores localidades, para cada jogo que for realizado.

3º) A CBD se obriga a custear as passagens, estada e transportes dos membros componentes das delegações que se locomoverem para os jogos em Belo Horizonte.

¹⁷¹ Esta reunião ocorreu no dia 1º de Agosto de 1949.

¹⁷² Revista “O Gigante do Horto - A história do Estádio Independência”, editada em 2012 pelo Jornal Hoje em Dia, p. 18.

4º) A Prefeitura de Belo Horizonte se obriga a garantir à CBD a renda de Cr\$ 1.500.000,00 (um milhão e quinhentos mil cruzeiros¹⁷³), como receita mínima dos três jogos.

5º) A Prefeitura de Belo Horizonte se obriga a pagar à CBD, à título de auxílio, pela realização dos três jogos, a importância de Cr\$ 240.000,00 (duzentos e quarenta mil cruzeiros¹⁷⁴), sendo a metade em 30 de março de 1950 e o restante na véspera da disputa do primeiro jogo.

6º) Caso a renda apurada nos três jogos realizados não atinja a cifra da garantia, prevista no item 4 (quatro), a CBD, para completar aquela garantia mínima, terá que despendar parte ou todo, de acordo com o que for necessário, da importância do auxílio mencionado no item 5 (cinco).

7º) Caso ainda o auxílio de Cr\$ 240.000,00 (duzentos e quarenta mil cruzeiros) não seja suficiente para completar a da garantia prevista no item 4 (quatro), a Prefeitura de Belo Horizonte se obriga a completar, com os seus próprios recursos, esta quantia.

8º) A renda total dos três jogos realizados em Belo Horizonte, embora seja superior a importância garantida no item 4 (quatro) será entregue à CBD, para ser computada na renda geral da Copa do Mundo e, conseqüentemente, dividida na forma de seu Regulamento.

9º) Embora a renda dos três jogos ultrapasse a importância de Cr\$ 1.500.000,00 (um milhão e quinhentos mil cruzeiros), a Prefeitura de Belo Horizonte terá que pagar à CBD o auxílio previsto no item 4 (quatro)¹⁷⁵.

Como se vê, o jogo de negociações se mantinha acirrado. Nenhum dos lados (CBD e Prefeitura), queria assumir os jogos da Copa em Belo Horizonte sem as garantias necessárias dos recursos financeiros (na verdade, pelo contrato estabelecido, a Prefeitura estava *comprando* os três jogos do Mundial, e obviamente esperava lucrar com o *produto* adquirido). Além disso, os negócios tratados entre a CBD e a Prefeitura levantavam desconfianças em parte do meio esportivo da cidade, que enxergavam nas transações de acordos a preeminência de interesses financeiros sobre as demais questões. Essas suspeitas podem ser percebidas em relatos jornalísticos da época, como expresso na coluna “Conversa ao Pé do Fogo”, intitulada “Receita de Bilac”, em que o cronista que assinava com o pseudônimo de “Cabeça de Fogo” descrevia, ironicamente, uma suposta conversa à *mineira* sobre os últimos acontecimentos esportivos:

¹⁷³Este valor atualizado para a moeda corrente vigente equivale a 7.500.000,00 (sete milhões e quinhentos mil reais).

¹⁷⁴Este valor atualizado para a moeda corrente vigente equivale a 1.200.000,00 (um milhão e duzentos mil reais).

¹⁷⁵Revista “O Gigante do Horto - A história do Estádio Independência”, editada em 2012 pelo Jornal Hoje em Dia, p. 19.

A visita dos proceres cebedenses a Belo Horizonte trouxe novas esperanças para o futebol mineiro. - Parece, compadre, que a Confederação não é, tão madrasta para com Minas. - Bem, compadre, não discuto sua tese. Mas, que eles tem boa conversa não há dúvida. E é conversa “internacional”. - Mas o discurso do Rivadavia na Federação, agradecendo ao Mario gomes aquelas azeitonas e uma “pinga de salão”, me deixou bem impressionado, principalmente pelo tom de sinceridade do ilustre esportista que dirige a CBD. - Sim, compadre, não devemos duvidar de que a Confederação, pela palavra do seu presidente, declare a todos que a entidade não se move apenas em torno do dinheiro. - Eu ouvi isso. E ainda mais: que a CBD colocava todos em situação de igualdade e que seus atos não eram para atender apenas ao regionalismo. Minas estava colocada no mesmo plano das entidades dos demais Estados. E isso é de comover, compadre! - Pois eu não estou comovido. “Como ver esta mudança brusca de atitude”? - Bem, o que houve foi o seguinte: o Lunardi, que está dinâmico para elevar o Sete às alturas, gastou do bolso dele mil cruzeiros para trazer o “quadro” cebedense aqui, para fazê-los compreender que o clube da Floresta pode oferecer campo para os jogos internacionais. - Mas o prefeito Otacílio Negrão ajudou também. - Sim. E para ele ficou reservada a “facada” maior. Imagine você que, além da rendas dos jogos que serão programados para Belo Horizonte, a Confederação quer ainda uma ajudazinha de 300 mil cruzeiros! - Em compensação, como diz o vereador Olavo Leite Bastos, Belo Horizonte receberá uma propaganda jamais alcançada por outra cidade, porque aqui serão realizados jogos que estão na chave da Inglaterra. - Quer dizer que a nossa capital entrará na famosa “chave inglesa”? - Foi o que prometeu o Riva. E você havia de ouvir o discurso dele na Federação quando citou Olavo Bilac. Que poesia, compadre. - Mas o que é que tem a poesia de Bilac com o futebol? - Eu lhe explico, compadre: Rivadavia é realmente um esportista correto e sincero. Quando ele citou Bilac, foi para relembrar que o príncipe dos poetas brasileiros dizia que o ideal é tudo na vida; com o ideal havia coesão, com a coesão havia movimento, etc. - E ele está certo, compadre. - Não digo que esteja errado. Mas o que observei foi uma troca de olhar entre o Castelo e o Irineu, assim traduzido: o movimento é dinheiro. E nosso ideal é só movimento¹⁷⁶.

No segundo semestre de 1949, após as obras terem sido encampadas pela Prefeitura, era perceptível um aumento no ritmo da construção do Independência, embora ainda o mesmo estivesse longe de ser concluído, o que causava enorme preocupação entre os organizadores da Copa. Em outubro deste mesmo ano, a entidade representativa do futebol brasileiro, mesmo com o contrato firmado com a municipalidade belorizontina, parecia não estar convicta da realização do torneio na cidade, face à incerteza do término da edificação do estádio (condição determinada pela CBD para sedimento dos jogos na capital). Pelo menos é o que aponta o telegrama enviado em 11 de outubro de 1949 e publicado no jornal “Estado de Minas”, como se lê:

RIO, 11 (M.) - A CBD indicou à FIFA três campos para a Copa do Mundo, que são os seguintes: o estádio municipal, do Rio; o Pacaembu, de São Paulo; e São Januário. Os demais campos serão indicados até dezembro, quando a comissão de organização do certame se reunirá aqui para as últimas providências¹⁷⁷.

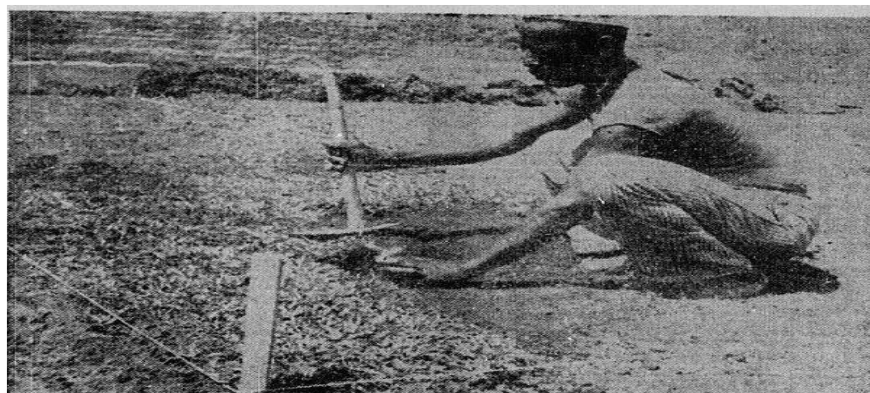
¹⁷⁶ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 22 jul. 1949.

¹⁷⁷ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 4, 12 out. 1949.

Pelo visto, levando-se em consideração o teor do conteúdo do telegrama, a confiança na conclusão do estádio setembrino não era das maiores. Por esta razão, a imprensa belorizontina se esforçava em elaborar um discurso de otimismo com relação ao cumprimento dos prazos estabelecidos pela CBD. A matéria ilustrada publicada pelo “Estado de Minas” reforçava esta lógica, e apontava em três fotografias instantes do andamento das obras, devidamente acompanhadas de descrições:



1 – A Copa do Mundo é o assunto do novo e do velho Continente. Belo Horizonte terá uma chave para presenciar. Por isso toda a cidade acompanha com interesse o desenvolvimento das obras do Estádio Independência. O ESTADO DE MINAS esteve no Horto e pôde constatar o progresso dos serviços. O plantio do grama, iniciado na última sexta-feira, por uma turma de 25 operários, é a maior novidade do monumental estádio.



2 – A época das chuvas que atravessamos auxiliará em muito o crescimento da grama, admitindo-se que se possa utilizar do campo tão logo termine a plantação. O relvado está sendo retirado em placas de um pântano próximo da Fazenda do Florestal, transportado diariamente por caminhões e logo plantado. Aliás, a diretoria do Sete contratou jardineiros especializados para que o serviço fique perfeito.

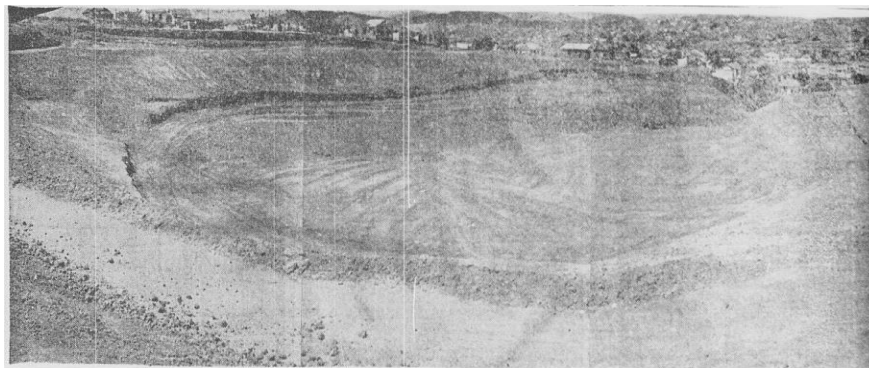


3 – Também foram iniciados os trabalhos de cimentação dos degraus, somando 30, em torno de todo o estádio. Toda a parte da imensa curva já está pronta, estando os operários em atividade nas duas retas. Também a outra curva, de concreto armado, será iniciada esta semana¹⁷⁸, já que o projeto ficou pronto e o serviço de terra também teve início¹⁷⁹.

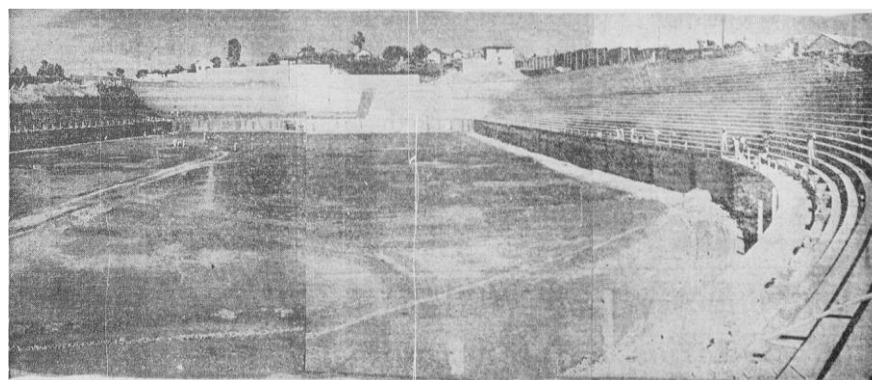
O fim do ano de 1949 reservava expectativas e anseios (mais ansiedade que anseio), entre a realidade da construção e o desejo da conclusão. No entanto, o tom anunciado pela imprensa seguia sendo extremamente copioso, produzindo discursos de convencimento e de ufanismo quanto ao estádio Independência. Na sua edição de 11 de dezembro daquele ano, o “Estado de Minas” trazia uma reportagem ilustrada, fazendo uma comparação com o “antes” e o “depois” das obras, explicitando imagetivamente a evolução dos serviços com o claro intuito de comprovar que os prazos seriam cumpridos:

¹⁷⁸A outra curvatura do estádio sequer chegou a ser concluída, pois a chuva, o dinheiro e o tempo impediriam o “fechamento” do estádio, permanecendo o mesmo com o seu aspecto de ferradura.

¹⁷⁹ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 09 nov. 1949.



ONTEM – O estádio do Sete de Setembro era quase um sonho. Apenas o local, um grande local. A topografia muito semelhante à do terreno onde se ergue o majestoso Estádio Municipal de Pacaembu. Um vale imenso, formado por um morro, dando a impressão de enorme ferradura. De início, viram os dirigentes do Sete que seu trabalho seria enormemente facilitado, dadas as condições da encosta, que reduziriam praticamente ao nada o emprego do concreto-armado. Os degraus se cavariam facilmente nos barrancos, para receber os tijolos e uma cobertura simples de cimento. Ontem, o estádio do Sete era quase um sonho. (Foto de Eugenio H. Silva)



HOJE - A praça de esportes do Horto, o Estádio Independência, é uma realidade. Realidade que engrandece os nossos sentimentos de progresso. Realidade que atesta o esforço e a tenacidade do presidente Antonio Lunardi. Realidade que aumenta a dívida de Belo Horizonte para com o prefeito Otacílio Negrão de Lima, pois ninguém desconhece que a Municipalidade encampou os serviços, dando-lhes todo o alento e transformando o sonho de ontem em portentosa realidade de hoje. Aí está, ainda não completo, mas atestando já proporções admiráveis o Estádio Independência, onde os mineiros poderão ver jogos do certame mundial. Um grande presente do Sete de Setembro ao esporte de Minas. (Foto de Eugenio H. Silva)¹⁸⁰

O ano acabaria com uma crônica de Etienne de Castro, intitulada “Deus lhe pague”, onde o mesmo fazia referências elevadas de agradecimento aos mentores do projeto, notadamente ao prefeito Otacílio Negrão de Lima, responsável, segundo o texto, pela possibilidade de execução das intenções setembrinas. Na crônica também é possível se apropriar do discurso que promove a ilustração da importância do estádio para a cidade, não

¹⁸⁰ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 11 dez. 1949.

apenas no meio esportivo, mas em todos os seus aspectos, destacadamente a projeção que Belo Horizonte teria ao expor tal monumento para o país e para o mundo:

Quando se anunciou aos quatro ventos da cidade que o Sete de Setembro teria um estádio com capacidade para mais de 50 mil pessoas e dotado dos melhores requisitos – embora uma feição simples, porém suficientemente capaz de atender a todas as necessidades do futebol mineiro no presente e no futuro – houve um movimento de ceticismo. Uma utopia o Sete ter um estádio! Pois aí está, senhores incrédulos, esta obra magnífica, que a mão do destino, este mesmo destino que Deus lhe traçou, até o ano de 49, uma vida simples, em meio às maiores aperturas, construiu para que o grêmio florestino deixasse de ser o pequeno garoto das ruas, roto e maltrapilho, mas de coração bom e de corpo sadio, para se transformar em personagem digno das atenções gerais. Poderíamos dizer, como Euclides da Cunha, que o destino, que o removera do lar desprotegido, fez-lhe afinal uma concessão. Nós nos recordamos de quando, na administração do Ivo Melo, se verificou o nascimento da ideia, que foi tomando corpo e forma, até se transformar em criança cheia de atrativos. Mas, durante aquele período, a despeito dos esforços e das vitaminas que Raimundo Sampaio lhe dava, a criança não conseguiu aprender a andar. Conseguiu, isto sim, engatinhar, caindo aqui e acolá, mas vivei dentro de suas fracas possibilidades, até que o pai e o médico lhe deram o impulso de que o organismo necessitava. Ao desvelo paterno de Antonio Lunardi e à competência e ao dinamismo de Otacílio Negrão de Lima deve o Sete a realização da obra, que está causando justa admiração, oferecendo a Minas e ao Brasil perspectivas amplas de uma evolução, que há muito desejávamos. Para aqui já convergem os olhares atentos e cobiçosos da CBD e seus homens, que não desbravam sertões, mas que inteligentemente se aproveitam das estradas para descobrir suas “minas”. A realização de jogos do campeonato do mundo e do campeonato brasileiro já se considera como fato concreto, de vez que o interesse revelado pelos que dirigem o futebol brasileiro moveu os proceres cebedenses no sentido da exploração de novos mercados. Não precisamos aqui entrar em detalhes do Estádio Independência e nem encarecer o valor da sua obra e nem os benefícios que irá trazer ao futebol mineiro e, sobretudo, ao Sete de Setembro. O que nos leva aqui a comentar o fato é situar, sem que seja pretensão nos utilizarmos de um binóculo de longo alcance, é que na própria palavra de batismo da praça de esportes do grêmio florestino está a sua independência e, porque não proclamar, a própria independência do futebol mineiro. Já não existe mais o sonho. Naquele período, as visões foram frequentes e os pesadelos variados. Agora, é a realidade que brilha como uma manhã de sol dos dias de verão. Tudo seria sido inútil, na construção do projeto, se o Sete não houvesse encontrado no sr. Otacílio Negrão um amigo e um bem feitor na sua trajetória. Não foram vãs as promessas. A obra aí está. E não se considera como um presente somente ao Sete, mas também ao futebol mineiro, que precisava de uma casa ampla e confortável, para abrigar uma grande família. Por isto mesmo, devemos considerar que os agradecimentos não devem partir somente dos setembrinos ao prefeito, mas também de todos os desportistas mineiros, pelos benefícios que proporcionará o estádio. Apenas, os adeptos do rubro devem mais a Otacílio Negrão de Lima, que levou o clube da porta da igreja para os salões de um palácio, fazendo-nos lembrar a grande obra de Joraci Camargo: - Deus lhe pague. E aí está, para todos os setembrinos, a fórmula do agradecimento, que é aquela que vem do coração¹⁸¹.

¹⁸¹ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 13 dez. 1949.

Uma imagem que ilustra bem o andamento das obras no final do ano de 1949 mostra que de fato, se muito havia sido feito, muito ainda estava por se fazer. Este estado de coisas certamente gerava apreensão de todos os envolvidos no projeto de construção do estádio:

Figura 46 – Construção do Estádio Independência no final do ano de 1949.



Fonte: Acervo do América Futebol Clube.

Em janeiro de 1950 (portanto a menos de sete meses da Copa do Mundo), o Independência seguia despertando os maiores interesses da comunidade esportiva de Belo Horizonte, manifestados via imprensa local. A “Revista América” trazia um extenso editorial como matéria principal na sua edição deste mês/ano, apresentando em duas páginas inteiras textos e imagens referentes à construção do estádio da Floresta. A reportagem é assinada pelo jornalista esportivo Januário Carneiro, que destacava, dentre outras coisas, a grandiosidade monumental do projeto:

A Copa do Mundo de 1950, com toda a sua grandiosidade espetacular, populariza a atenção universal dos aficionados do esporte. A gigantesca parada de equipes formidáveis e craques maravilhosos, nata do futebol mundial, vai encantar as multidões que encherão os estádios do Rio, de São Paulo, de Belo Horizonte e Porto Alegre. Evento que num mesmo país só se registra de cem em cem anos, o desfile das 16 nações pelos gramados nacionais já tomou conta das atenções da torcida e da crônica. Já agora, seis meses antes do magno certame, a Taça Jules Rimet é o assunto absoluto¹⁸².

Em seguida, Januário Carneiro fazia menção à importância de Belo Horizonte poder sediar uma das chaves do torneio, graças ao estádio setembrino:

BELO HORIZONTE E A COPA DO MUNDO – Por justiça e felicidade, Belo Horizonte não foi excluída do programa de jogos da Copa do Mundo que o Brasil patrocinará. Longas e trabalhosas démarches tiveram como consequência lógica a escolha da capital de Minas Gerais para sede de partidas de uma das quatro chaves.

¹⁸² Revista América, Jan. de 1950, p. 11.

Inglaterra ou Irlanda (o que para nós, mineiros, representa quase a mesma coisa), virão para a cancha belorizontina, trazendo consigo mais três equipes de alta expressão. [...] Para que o acontecimento de tanta monta pudesse vir a ser assentado como está, desde há muito que se trabalha intensamente nesta moderna cidade. Exatamente porque tinha de ser atendida a condição principal: apresentar uma praça de esporte ampla nas dimensões e dentro dos rigores impostos pelas leis e regulamentos, no que concerne à construção e às instalações. Passada estava a época dos estádios acanhados de 10 a 15 mil lugares, onde tantos acontecimentos memoráveis para o esporte de Minas se desenrolaram. Havia essas praças de esportes passado à época da “pedra lascada”. Nem mesmo a ampla remodelação que o gênio de Alair Couto conseguira levantar, quase por um milagre, no América, servira para nos colocar na primeira linha dos centros desportivos continentais. Coisa de maior fôlego tinha de ser construída. Pois coube ao Sete de Setembro Futebol Clube, exatamente a menor das agremiações principais belorizontinas, marcar um tento espetacular. Tendo participado do grupo que recebeu vultosa dotação da Municipalidade, ganhado 3 milhões de cruzeiros em apólices, o clube rubro comprou um terreno, iniciou a terraplanagem e as primeiras construções. Cedo, porém, verificou que era impossível prosseguir o que planejava. Foi quando surgiu a hipótese de serem efetivados encontros da Copa do Mundo na praça de esportes rubra. Diante de dois motivos de mais alta relevância – a necessidade de dar à cidade um grande estádio e de patrocinar jogos da Copa do Mundo – Otacílio Negrão de Lima, o esportista número um de Minas Gerais, decidiu encampar a obra que vinha sendo executada pelo Sete de Setembro. A construção tomou, então, um rumo seguro e definitivo¹⁸³.

Em seguida, a reportagem descrevia o conjunto das obras do estádio, tentando apresentá-lo ao leitor. Para isto, além do texto, Januário valia-se de imagens da construção já em estado bastante adiantado:



O QUE SERÁ O ESTÁDIO DA INDEPENDÊNCIA – Falando à reportagem, o presidente Antonio Lunardi, do Sete de Setembro Futebol Clube, teve oportunidade de revelar detalhes dos mais interessantes. Idealizador e realizador da grande obra, o padroeiro vereador expôs longamente todos os planos. Em suma o que se segue: O Estádio da Independência, cujos portões serão abertos ao público em junho do corrente ano, para o primeiro jogo da Copa do Mundo em Belo Horizonte, terá capacidade para abrigar 65 mil espectadores, num máximo de lotação, entre os de pé e os assentados. As cadeiras atingirão um número de 3 mil, todas de marmorite, cobertas, colocadas em 17 degraus acima dos 30 que compõem a fisionomia normal da praça de esportes. Logo, a arquibancada principal, numa extensão de 105 metros, terá 47 degraus. O estádio terá forma oval, completamente fechado, à

¹⁸³ Revista América, Jan. de 1950, p. 11.

semelhança do Fluminense. Seu custo total será de 12 milhões de cruzeiros¹⁸⁴, preço bastante baixo, o que se explica em virtude de ser o estádio construído num vale, cercados por morros que, em altura, distância e forma, já davam a ideia do estádio, como agora está construído. Bastou cortar os degraus no chão e cobri-los de tijolos. Assim, sucedeu na parte que está pronta, formando uma ferradura. O concreto armado será necessário apenas para fechar esta ferradura, o que já está sendo providenciado. Sob o trecho do fechamento da ferradura e sob os 17 degraus suplementares da social, serão instalados dormitórios, restaurante, gabinete médico e dentário completo, um ginásio de basquetebol à semelhança do Flamengo e um cinema popular. O primeiro degrau das arquibancadas está 3 metros e 80 acima do nível do campo, o que dispensa o alambrado e torna a invasão do campo impraticável. A entrada e o escoamento far-se-ão por 13 amplos portões, em 10 minutos. As vias de acesso ao estádio são várias ruas largas e uma avenida. Os meios de transportes são muitos: ônibus, bondes, auto-lotações e trens suburbanos. O estádio está a vinte minutos do centro da cidade, viajando-se em bonde¹⁸⁵.

Por fim, a reportagem enaltece o Sete de Setembro, o seu estádio (monumental, na visão de Januário Carneiro), e o fato do mesmo permitir a ocorrência de jogos da Copa do Mundo na cidade:

MOLDURA DIGNA DE UM GRANDE ACONTECIMENTO – Já em março o Sete de Setembro estará pisando o tapete verde da sua praça de esportes. A primeira que possuirá, depois de com ela sonhar durante todos os seus trinta e tantos anos de existência. Caberá a ela colocar o Sete no nível dos três grandes do futebol de Minas, que passa assim, a ser quatro. E o Sete de Setembro dando à cidade, ao estado e ao país um monumento como este seu Estádio da Independência, oferecerá moldura digna ao quadro raro que se chama Copa do Mundo¹⁸⁶.

Com efeito, mesmo com as produções discursivas da imprensa elaborando um cenário de confiança, a distância entre o tempo e o término do estádio ia ficando cada vez menor. Há menos de cinco meses da Copa do Mundo, a preocupação parecia ser maior que a certeza. A nota do “Estado de Minas” deixava evidente a apreensão diante da situação:

A Copa do Mundo é o assunto que fascina o Brasil esportivo e que muitos anos após a sua realização ainda será lembrado com saudades pelos brasileiros da atual geração. Sim, o país que consegue promover um certame de tamanha envergadura se coloca em evidência. E para lográ-lo muitos sacrifícios são realizados, queimando-se cartuchos de influência internacional. Daí o extraordinário interesse em todo o país em torno da grande disputa que teremos na segunda quinzena de junho. OS MINEIROS ESTÃO FRIOS – Em São Paulo e no Rio, os jornais, as emissoras, em suma, o povo, todos comentam entusiasticamente o grande acontecimento. Até no Sul e no Norte a Copa do Mundo é o prato do dia, mesmo sabendo os sulinos, bem como os nordestinos, que a eles não está definitivamente assegurado o privilégio de ver as famosas seleções européias em seus gramados. Faltam estádios à altura da expressão do campeonato mundial. Nós mineiros, todavia, estamos dormindo sobre a segurança da realização de uma chave em Belo Horizonte, justamente a das mais importantes, aquela que reunirá os ingleses, escoceses e gauleses. A promessa do presidente Rivadávia Corrêa Meyer, de realizar aqui os jogos aludidos, e a construção do estádio Independência, parecem

¹⁸⁴ Em valores atualizados este valor corresponde à cerca de 60 milhões de reais.

¹⁸⁵ Revista América, Jan. de 1950, p. 11-12.

¹⁸⁶ Revista América, Jan. de 1950, p. 12.

que nos trouxeram uma segurança em torno da questão, ocasionando tranquilidade de causar apreensões, principalmente em relação à construção dessa grande praça de esportes. UM TOQUE DE ALERTA – O repórter do Estado de Minas esteve outro dia no Horto Florestal. As obras do estádio do Sete de Setembro estão inegavelmente adiantadas, porém muito longe da sua conclusão, faltando justamente a parte mais ingrata da obra para ser completada. Queremos nos referir ao fechamento da “ferradura”. Como se sabe, os degraus da “ferradura” foram erguidos numa encosta que tem aquela formação. Esta parte está totalmente liquidada, ficando o restante para ser construído em concreto armado. Pois bem, nesse trecho fez-se um aterro de mais de cinco metros, detalhe que forçará os responsáveis pela obra a “plantar” estacas em profundidade bem perto do dobro do aterro, quer dizer, exigirá semelhante trabalho um tempo enorme, não se falando no complemento, que será a construção da imensa armadura e o seu respectivo enchimento de concreto. Depois há que considerar o tempo que se consumirá com o acabamento e, pior ainda, com a abertura da praça fronteira à porta principal do estádio. Ora, diante do exíguo espaço de tempo que nos resta para o início da Copa (4 meses e pouco) e ainda o quadro de chuvas que atravessamos, estima-se que dificilmente teremos os serviços prontos e a tempo dos jogos. Salvo se a Prefeitura acelerar o andamento das obras, pois do contrário teme-se pela sua conclusão. Eis aí a razão do nosso toque de alerta¹⁸⁷.

Ora, se até mesmo o “Estado de Minas”, periódico de grande circulação e declaradamente apoiador da construção do estádio e da realização da Copa do Mundo se mostrava preocupado, as razões não seriam indevidas. De fato, o estádio viria a ser concluído inacabadamente (com a famosa abertura na “ferradura”, que perduraria ao longo do tempo e se tornando uma das suas marcas arquitetônicas).

Segundo relato do suplemento especial do jornal “Hoje em Dia”, Otacílio Negrão de Lima faria uma nova investida financeira para honrar o compromisso com a CBD e entregar o Independência em condições (ainda que não satisfatórias) de receber as partidas do Mundial acordadas para a cidade:

Começou uma verdadeira corrida para terminar a obra do Independência. O projeto original foi abandonado e a forma do estádio foi adaptada à realidade financeira do município. Mesmo assim, no início de 1950, Belo Horizonte esteve ameaçada de perder os jogos da Copa do Mundo, pois os dirigentes da Fifa não acreditavam que o Gigante do Horto ficasse pronto a tempo da disputa do Mundial. O prefeito Otacílio Negrão de Lima abriu os cofres e, em 3 de junho de 1950, três semanas antes da abertura do Mundial, o italiano Ottorino Barassi, integrante da diretoria da Fifa [...] vistoriou o Independência. E o dirigente deixou o Gigante do Horto pessimista. Ele não acreditava que o estádio ficasse pronto para receber a Copa do Mundo. Reclamou ainda do fato de o estádio ser aberto e não ter divisão de setores, o que obrigaria a adoção de preço único de ingressos em Belo Horizonte, implicando prejuízo financeiro. Mário Gomes, presidente da Federação Mineira de Futebol (FMF) na época, foi ao Rio de Janeiro contornar a situação. Em 16 de junho, Ottorino Barassi entregou o relatório sobre o Independência aprovando o estádio e confirmando Belo Horizonte no torneio. Mas a organização evitou

¹⁸⁷ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 9, 02 fev. 1950.

mandar para a cidade¹⁸⁸, temendo prejuízos, aqueles que considerava os melhores confrontos¹⁸⁹.

Em março de 1950, a edição da revista “Vida Esportiva” admitia a participação de Belo Horizonte na Copa do Mundo, e centrava o texto da reportagem no Estádio Independência, como elemento determinante para a ocorrência do evento na cidade:

Aproxima-se rapidamente a realização do IV Campeonato Mundial de Futebol e, com ele, a oportunidade dos mineiros assistirem aos jogos programados para o Estádio do Sete. Segundo os rumores propagados, Minas serviria de sede para as partidas da Argentina ou da Inglaterra. O posterior afastamento dos portenhos, tido como coisa já definitiva, aumentou as possibilidades de vir a Inglaterra fazer peão de sua chave em nossa Capital. Verificando-se tal acontecimento, assistiremos, incontestavelmente, o maior espetáculo esportivo de todos os tempos em nosso Estado. Enfim, aguardemos pela publicação oficial da FIFA, logo após o término da fase eliminatória. No momento, interessa-nos mais diretamente o andamento das obras do futuro e grandioso Estádio Independência, palco das partidas do Campeonato Mundial no Estado de Minas Gerais. Apenas quatro meses distanciam-nos dessa formidável competição, tempo, na verdade, bem exíguo para a total finalização das obras. Cremos, no entanto, levando em boa conta o empenho da administração municipal e da diretoria do grêmio florestino, que o Estádio do Sete estará, na época do colossal certame, em condições de abrigar uma formidável assistência, muito embora, ao que nos parece, não se conclua até aquela época a cobertura das arquibancadas. Isto, todavia, não poderá servir de empecilho para a concretização de tão brilhante festa, uma vez que estará assegurada a total lotação do magnífico estádio. No intuito de dar pleno conhecimento aos nossos leitores da arrojada iniciativa do clube de Antonio Lunardi, repetimos, a seguir, os pormenores da obra em andamento. A capacidade total do Estádio será de 45.000 espectadores. O campo terá as dimensões internacionais, circundado por uma magnífica pista de atletismo de 6 metros de largura. As arquibancadas serão construídas com 30 degraus, com 0,50 x 0,30. Cerca de 3 mil cadeiras de marmorite serão instaladas perto das sociais. O campo estará 3 metros abaixo do nível do primeiro degrau das arquibancadas. Será drenado, tecnicamente, de modo a permitir rápido escoamento das águas fluviais. 4/5 das arquibancadas terão degraus em alvenaria de tijolo e 1/5 em estrutura de concreto armado. Sob essa estrutura serão localizadas as dependências essenciais do clube, constando de três vestiários com instalações completas, sala para a Secretaria e uma outra maior para o Conselho do Clube. Haverá, ainda, uma entrada ampla para caminhões no campo. Perto do nível da pista será feito um reservado coberto para os representantes da Imprensa, Rádio e autoridades policiais. O acesso à arquibancada será quase todo de cima para baixo, feito livremente. O Estádio terá 8 entradas amplas¹⁹⁰.

Até este instante a reportagem focava os aspectos estruturais da obra, e ilustrava, no centro da página, uma vista aérea do estádio, onde podia-se ler duas notas abaixo da fotografia: “Vista aérea do Estádio Independência, a futura praça de esportes do Sete de

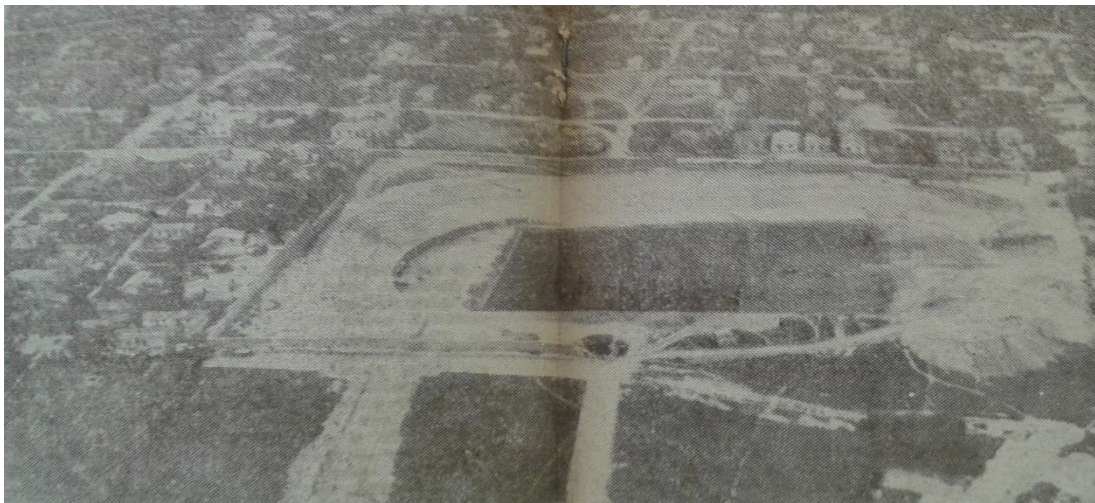
¹⁸⁸ Os confrontos que ocorreram no estádio Independência pela Copa do Mundo seriam: Iugoslávia x Suíça; Inglaterra x Estados Unidos; e Uruguai x Bolívia.

¹⁸⁹ Revista “O Gigante do Horto - A história do Estádio Independência”, editada em 2012 pelo Jornal Hoje em Dia, p. 20.

¹⁹⁰ Revista *Vida Esportiva*, março de 1950, p. 18.

Setembro F. C., palco das partidas do Campeonato Mundial no Estado de Minas Gerais”; e outra, que dizia: “Construção ampla e moderna, será o Estádio independência, o maior e mais completo do estado, com capacidade total para 45.000 pessoas”. A imagem, que ocupava grande parte da reportagem em dupla página, mostrava a dimensão da obra, bem como revelava uma Belo Horizonte que ainda se expandia e se urbanizava (nota-se o entorno do estádio com poucas habitações e construções):

Figura 47 - Vista aérea do Estádio Independência, quatro meses antes da sua inauguração.



Fonte – Revista *Vida Esportiva*, março de 1950, p. 18/19.

Depois de destacar os aspectos técnicos e dimensionais da obra, a reportagem avançava, dessa vez dando ênfase aos personagens que permitiram o erguimento do estádio. Para a revista,

Dois nomes merecem especial destaque no trabalho de levantamento do Estádio Independência, legítimo orgulho dos desportos em Minas Gerais: - o prefeito Otacílio Negrão de Lima e o vereador Antonio Lunardi, presidente do Sete de Setembro F. C. O chefe do Executivo Municipal, a exemplo do prefeito General Angelo Mendes de Moraes no trabalho de edificação do gigantesco Estádio Municipal, no Rio de Janeiro, prestou valiosíssimo apoio ao grande empreendimento, contribuindo de forma decisiva para a conquista de tão significativo triunfo, a construção da magnífica praça de esportes. Por outro lado, o presidente Antonio Lunardi, simples e devotado, vem sendo uma figura de prôa na consecução da grande aspiração do seu clube. Sua orientação segura e conscienciosa proporcionará, certamente, novos e radiantes dias de prosperidade e glórias à falange setembrina. Da ação conjunta dos dois brilhantes administradores resultará, muito breve, a conquista magna do desporto mineiro – o Estádio Independência, palco de jogos do IV Campeonato Mundial de Futebol e a maior e mais completa praça de esportes das Alterosas. Rendendo nosso preito de gratidão e reconhecimento ao desempenho dos dois verdadeiros heróis de tão difícil batalha, nada mais estamos fazendo que ressaltar, de uma forma justa e merecida, o triunfo esplêndido daqueles que tudo fizeram e continuam fazendo para o levantamento

do esporte mineiro, dando-lhe a sólida base de sua estrutura – um Estádio amplo e moderno, velho e sempre acalentado sonho dos desportistas montanheses¹⁹¹.

Ao fazer tal reconhecimento, o periódico também expõe, imagetivamente, a figura dos dois atores considerados centrais para a realização do “sonho montanhês”. De cada lado da página, Otacílio Negrão de Lima e Antonio Lunardi são exibidos em fotografias de destaque no seio da reportagem:



O presidente Antônio Lunardi, simples e devotado, vem sendo uma figura de proa na conquista da grande aspiração do seu clube — o Estádio “Independência”. Sua orientação segura proporcionará, certamente, novos e radiantes dias de prosperidade à falange do Sete.



O prefeito Otacílio Negrão de Lima, grande amigo dos esportes, prestou valiosíssimo apoio ao magnífico empreendimento, contribuindo de forma decisiva para a conquista de tão significativo triunfo, a construção do Estádio “Independência”.

Apesar dos indisfarçáveis contratempos, estádio setembrino seguia rumo à sua inauguração (menos pomposa do que se pretendia e muito tempo depois do que se previa¹⁹²). Em 18 de junho de 1950, o Sete abria os portões do seu estádio para uma “pré-estreia”, recebendo um treino da sua equipe profissional. Uma abissal distância do fausto desejado, haja vista que as tratativas iniciais davam conta de um jogo mais importante do que um treino entre titulares e reservas do seu quadro principal. O ocorrido jogo-treino, no entanto, acabou sendo bastante concorrido, não obstante o fato da curiosidade sobre o estádio ter arrebanhado uma pequena multidão para um evento que, em condições normais, não despertaria tanto interesse. O jornal “Folha de Minas” registrou assim a pré-inauguração do estádio:

¹⁹¹Revista *Vida Esportiva*, março de 1950, p. 19.

¹⁹²A intenção inicial do Sete era inaugurar o seu estádio no dia 07.09.49, data do seu 36º aniversário de fundação.

Constituiu um espetáculo magnífico, na manhã de domingo, o primeiro contato das equipes do Sete de Setembro com o gramado do “Estádio Independência”. Uma enorme assistência, calculada em cerca de cinco mil pessoas, transportaram-se na manhã esplêndida de anteontem, para o Horto Florestal, a fim de conhecer a maior praça de esportes de Minas Gerais e assistir ao primeiro contato dos vermelhos com o tapete verde do seu monumental estádio. Aqueles que estiveram no “Colosso Setembrino” ficaram entusiasmados com a notável obra que o grêmio de Antonio Lunardi ergueu com a ajuda da Prefeitura de Belo Horizonte, pois, na verdade, o “Estádio Independência” é a realização de um sonho acalentado durante 37 anos pelos adeptos do querido clube da Floresta – o seu campo próprio. E aí está, diante dos nossos olhos, a realidade desse sonho que para muitos parecia impossível¹⁹³.

Depois de tantas indefinições, finalmente o anúncio das partidas que seriam realizadas em Belo Horizonte dava definitivo alento à todos os envolvidos e interessados. Com isto, já era possível projetar a inauguração do “Gigante do Horto” para a primeira partida da Copa do Mundo na cidade. A reportagem do “Folha de Minas” estampava a notícia, com avivado entusiasmo, e apresentava a matéria:

Viverá Minas Gerais domingo um dia de gala, com a inauguração do Estádio Independência, pertencente ao Sete de Setembro, uma obra de proporções gigantescas, e que vem atestando o desenvolvimento dos esportes do nosso Estado. O presidente Antonio Lunardi, recebendo a colaboração do prefeito da Capital, dr. Otacílio Negrão de Lima, levou à frente a construção de um estádio com capacidade para mais de 40 mil pessoas, dentro das mais modernas linhas da engenharia mundial. Saberá, contudo, o público esportivo das Alterosas reconhecer o esforço e o trabalho desses abnegados esportistas, que antes de tudo pensaram em trabalhar pelo crescente progresso de Minas, não medindo sacrifícios para que o nosso Estado possuísse uma praça de esportes digna do seu desenvolvimento. E já domingo, os esportistas mineiros encontrarão abertos os portões do majestoso Estádio Independência, assistindo na ocasião a uma partida verdadeiramente sensacional, em disputa da Copa do Mundo¹⁹⁴.

A partida entre Suíça e Iugoslávia, no dia 25 de junho de 1950, marcaria de fato o jogo inaugural do novo estádio de Belo Horizonte. Obviamente, são fartas as matérias em periódicos locais que tratam do ocorrido. Destacamos aqui a reportagem do “Estado de Minas”, que reverbera ecos logo antes da partida (o destaque, neste caso, estava mais no jogo do que propriamente no estádio). No entanto, no canto baixo do lado direito, uma fotografia

¹⁹³ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 9, 20 jun. 1950.

¹⁹⁴ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 21 jun. 1950.

fazia reconhecer o palco que sediava o evento, e mostrava o sentimento de dever cumprido frente à demanda colocada pela FIFA e CBD:

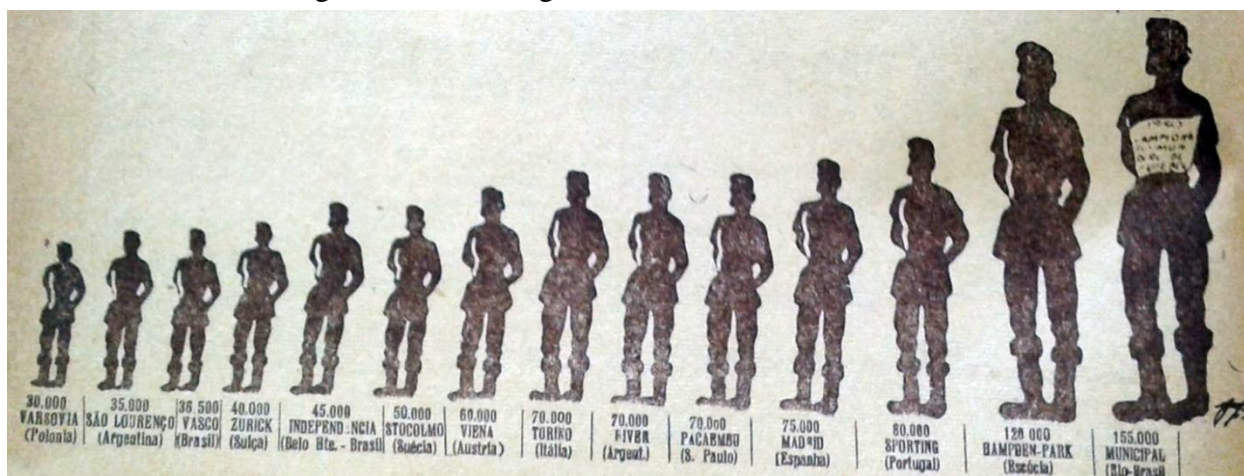


A NOSSA PARTE – O futebol mineiro entra nesta grandiosa competição que é o campeonato do mundo com o Independência. Foi o que pudemos oferecer à CBD e que demos em colaboração para o sucesso da maior iniciativa de todos os tempos do futebol brasileiro. É um estádio que ainda não é o que será, mas que já pode ser visto sem qualquer desdouro por desportistas mineiros e estrangeiros e perfeitamente à altura de permitir jogos de grande vulto em Belo Horizonte. O internacional desta tarde permitirá assim ao público mineiro ver dois quadros que nunca viu e ainda o maior estádio de que dispomos no momento. (Foto de Francisco Martins)¹⁹⁵

O Independência cumpria a sua função, de dotar a capital mineira com um estádio de futebol que fizesse frente às maiores cidades do país. Símbolo de um *status* e da fundação de uma baliza arquitetônica que projetava Belo Horizonte para o resto do mundo, o estádio do Sete de Setembro inaugurava uma nova era no futebol belorizontino (embora, posteriormente, essa “era” seria compreendida como uma transição entre duas fases de construção dos estádios na cidade). De toda forma, celebrava-se, com a inauguração do “Gigante da Floresta”, um momento de pletora e grandiosidade, onde o orgulho de Minas Gerais parecia se renovar frente ao monumento erguido no Horto. Iconicamente, vale estampar a arte produzida pela revista “Vida Esportiva”, no intuito de expor e comparar os maiores estádios do mundo. O Independência aparece, então, entre as dez maiores praças esportivas mundiais, e a terceira do país (perdendo apenas para o Estádio Municipal do Rio de Janeiro/Maracanã e o Pacaembu, em São Paulo):

¹⁹⁵ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 2, 25 jun. 1950.

Figura 48 - Ranking dos maiores estádios do mundo.



Fonte: Revista *Vida Esportiva*, março de 1950, p. 6

Após a Copa do Mundo o Independência seguiria sendo, durante uma década e meia, o principal palco do futebol de Belo Horizonte, concentrando a atenção das mais importantes disputas e torneios na cidade. A sua existência também contribuiria decisivamente para o ostracismo dos demais estádios da capital, que sucumbiriam frente à uma presença tão significativa (assunto que abordamos no capítulo anterior).

Com a inauguração de um outro gigante em 1965 (desta vez o da Pampulha, em detrimento do Horto), o Independência sofreria o mesmo abandono que causara aos outros estádios que o antecederam, e cada vez mais amargava a perda do brilho de outrora.

Na década de 1970 e início dos anos 80, o Independência sediou algumas partidas do Esab¹⁹⁶, e do próprio Sete de Setembro. Sua falta de uso chegou a tal ponto, que o estádio recebeu também corridas de carro e até futebol de automóveis. Em agosto de 1984, no entanto, assume o governador Hélio Garcia, reconhecidamente um apreciador do futebol e antigo frequentador do estádio. Com as negociações mediadas por Hélio Garcia, o Independência é repassado do Sete de Setembro para o Estado de Minas Gerais, em regime de comodato. O Governo então promove uma reforma no estádio, que é reaberto em janeiro de 1986, com uma partida que fazia reviver o “Clássico das Multidões”, entre o Atlético e o América¹⁹⁷.

¹⁹⁶Time de futebol da cidade de Contagem, que fica na região metropolitana de Belo Horizonte.

¹⁹⁷Revista “O Gigante do Horto - A história do Estádio Independência”, editada em 2012 pelo Jornal Hoje em Dia, p. 50.

Figura 49 - Ingresso original do clássico que reinaugurou o estádio do Independência em 1986.



Fonte: Acervo Particular de Mário Monteiro.

Sucedeu a Hélio Garcia no governo do Estado o americano Newton Cardoso, que entabulou considerável esforço no sentido de dotar o seu clube de estima com um estádio próprio (o antigo estádio da Alameda sequer existia mais). Todo este processo é descrito pelo historiador oficial do América, Carlos Paiva, que relata:

Em 6 de maio de 1988, o Sete de Setembro Futebol Clube remete ao Governador Newton Cardoso um documento onde assume o compromisso de celebrar um “Convênio” com o América para utilização comum do estádio Raymundo Sampaio (que era americano e a muito já manifestara o desejo de passar o estádio para seu time de coração). O “Convênio de Cooperação Técnico-Financeira” é assinado no dia 9. Assinam pelo América seu presidente, Magnus Lívio Lucas de Carvalho, e o presidente do Conselho Deliberativo, Ruy da Costa Val; pelo Sete assinam seu presidente, Raymundo Nonato Sampaio, e o presidente do C. D., Emanuel Sampaio. A ADEMG se retira do Independência evitando maiores encargos, mas com o direito de sua utilização para suas atividades. Por outro lado, o América assina responsabilizando-se pela manutenção do estádio. Newton Cardoso aprovou a parceria, e assinou o termo de comodato. O América recebe então a administração do estádio. As chaves são entregues no Gabinete do Secretário em uma solenidade, pelo presidente da ADEMG, Oswaldo Nobre. Estão presentes o Deputado José Adamo Belato, Secretário de Estado de Esportes; Afonso Celso Raso, Magnus Lívio L. de Carvalho, Paulo Afonso A. da Silva, Luiz Marcos Moreira e José Flávio Lanna Drumond. [...] Mais tarde o presidente Marcus Vinícius Salum conseguiu prorrogar o comodato por mais 50 anos, em transação comercial com o Sete de Setembro. Devidamente autorizado pelos “notáveis”, Marcus Salum alienou o Vale Verde, situado em Contagem, e com os recursos adquiriu do Sete de Setembro os direitos comerciais relacionados ao Independência. Em 2003, por atos societários, foi realizada a incorporação do Estádio Independência ao patrimônio do América Futebol Clube¹⁹⁸.

¹⁹⁸ PAIVA, Carlos. *Enciclopédia do América MG*. 2012, p. 137-138.

A solenidade de entrega das chaves do Independência (do Sete para o América) é ilustrada com destaque na obra memorialística do clube americano, que expõe:

Figura 50 - As chaves do Estádio Independência são repassadas ao América F. C. pelo Sete de Setembro F. C.

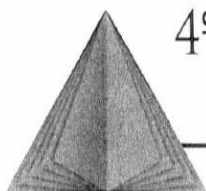


Fonte: Enciclopédia do América MG. 2012, p. 138.

Encerrava-se assim a história do Independência com o clube Sete de Setembro. Da aventura de Antonio Lunardi em construir um estádio à altura da capital mineira restara o legado de concreto, assumido então pelo América, que dali em diante se tornaria o proprietário e gestor da praça esportiva. O Sete de Setembro não se tornou um grande clube da cidade por possuir um estádio, e a sua falência decretava o fim de uma história importante e decisiva para o cenário futebolístico de Belo Horizonte. Os procedimentos de transferência dos bens do Sete (incluindo o estádio) ao América, passaram pelos trâmites jurídicos que oficializaram assim o acordo firmado entre ambos.

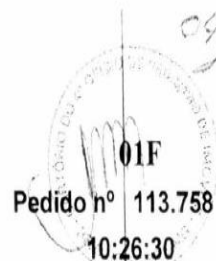
Toda esta transação pode ser comprovada através da documentação firmada em cartório das várias etapas deste processo, conforme apuramos e expomos a seguir:

Figura 51 - Convênio de Cooperação Técnico-Financeira firmado entre os clubes Sete de Setembro F. C. e o América F. C., em 16 de maio de 1988.



4º REGISTRO DE IMÓVEIS DE BELO HORIZONTE

MINAS GERAIS



CÓD.	MAT. Nº	REGISTROS E AVERBAÇÕES
R.1	72436	<p>Prot. nº 171.110 - 24/04/2000 - Convênio de Cooperação Técnico-Financeira - firmado pelo Sete de Setembro Futebol Clube, sociedade esportiva com sede nesta Capital, representada por seu presidente, Sr. Raimundo Nonato Sampaio, brasileiro, casado, comerciante, CPF. 249.114.216/87, a seguir designado Sete, como primeiro contratante; e o América Futebol Clube, sociedade esportiva com sede nesta Capital, CGC. nº 17.297.516/0001/42, representada por seu presidente, Sr. Magnus Lívio Lucas de Carvalho, brasileiro, casado, industrial, CPF. 000.275.201/25, a seguir denominado América, como segundo contratante, têm entre si ajustado o presente convênio de cooperação técnico-financeiro, que se regerá pelas cláusulas e condições seguintes: Cláusula Primeira - Constitui objeto do presente convênio a utilização e administração, pelo América, do Estádio Raimundo Sampaio, de propriedade</p> <p>- continua no verso -</p>

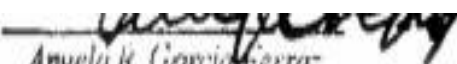
4.º OFÍCIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS DE BELO HORIZONTE - MG

FICHA Nº

01

Rua São Paulo, 1938 - Lourdes - 30170-132 - Belo Horizonte - MG

Tel.: (31) 3291-5958 - Fax (31) 3275-3512 - SP (11) 2626-6727 - www.4ribh.com.br - cartorio@4ribh.com.br


Angela R. Garcia Ferraz

OFICIAL INTERINA

Mpt.72.436 - Registros e Averbações - continuação -

dade do Sete, compreendendo o campo de futebol, arquibancadas, vestiários, bilheterias, cabines de rádio e televisão, sanitários, - instalações elétricas, iluminação, setores aquáticos e de lazer, com todas as benfeitorias, instalações e pertences. Cláusula Segunda - Poderá o América promover reformas e melhoramentos nas áreas do setor aquático e de lazer do Estádio Raimundo Sampaio, correndo as despesas por sua responsabilidade. Cláusula terceira: A administração do Estádio Raimundo Sampaio, com todas as suas benfeitorias, instalações e pertences, caberá ao América, que se responsabilizará por todos os encargos dela decorrentes, a partir desta data. Cláusula Quarta - O América poderá utilizar o Estádio Raimundo Sampaio para realização e promoção de atividades esportivas, sociais e culturais, explorando comercialmente locais de publicidade áreas disponíveis, não podendo transferir ou negociar o presente convênio com terceiros. Cláusula Quinta - O prazo do presente contrato é de 20 (vinte) anos, a partir desta data; Parágrafo único - Findo o prazo indicado na cláusula, será o mesmo prorrogado por mais 10 (dez) anos, em havendo interesse do América, ao final do qual o Estádio Raimundo Sampaio será devolvido ao Sete, no estado em que se encontrar, livre de qualquer

- continua na ficha 2 -

R.1 72436 Prot. 171.110 - 24/04 /2000 - Convênio-continuação

onus, vedado ao América a cobrança de indenização a qualquer título, sendo-lhe facultado tão somente retirar documentos, arquivos, máquinas e aparelhos de sua propriedade que não façam parte do Estádio propriamente dito. Cláusula Sexta - O América poderá fazer as suas expensas, todas as reformas e melhorias que julgar convenientes, que ficarão incorporadas ao patrimônio do Sete, ao fim deste convênio. Parágrafo único - O América recebe o Estádio Raimundo Sampaio no estado em que se encontra, mas livre de qualquer onus, encargo ou responsabilidade, inclusive de ocupantes, a qualquer título, obrigando-se a devolvê-lo nas mesmas condições, ficando este convênio. Cláusula Sétima: Ao Sete ficam assegurados os seguintes direitos: 1º) recebimento mensal de CZ\$.. \$160.000,00 (cento e sessenta mil cruzados), hoje correspondendo a 195,02 OTNs, no período de abril a dezembro de 1988, passando a CZ\$200.000,00 (duzentos mil cruzados), no período de janeiro de 1989 a 31 de março de 1991; haverá reajustamentos trienais respeitando sempre o número de 195,02 OTNs, transformado o seu valor em cruzados, ou na moeda corrente, nas épocas dos reajustamentos. 2º) - além da parte fixa o ítem 1º, o Sete terá direito aos seguintes percentuais: a) participação de 5% (cinco por cento) sobre a renda líquida dos alugueis do campo de futebol, exceto nos jogos em que atuarem equipes do Sete e/ou América b) participação de 5% sobre a venda dos ingressos, nos shows ou eventos não esportivos patrocinados pelo América c) participação de 50% (cinquenta por cento) no arrendamento do estádio para promoções esportivas de terceiros; d) todo o resultado da exploração e comercialização de 4 bares atualmente existentes no estádio; 3) - os integrantes da Diretoria e membros

- continua no verso -

02V
 Pedido nº 113.758

TRANSPORTE

R. 1 - 72.436 - Prot. 171.110 - 24/04/2000 - Convênio-cont.

do Conselho Deliberativo e do Conselho Fiscal do Sete terão livre ingresso ao Estádio Raimundo Sampaio, em todas as programações esportivas, obrigando-se o América a fornecer nos mesmos, anualmente, credencial ou permanente. 4º) O Sete poderá usar, duas vezes por semana, um dos campos de futebol de Centro de Treinamento "Lanna Drummond", do América, que poderá indicar outro campo para treinamento da equipe setembrina, arcando o América com as despesas de transporte e aluguel, limitados a dois dias por semana; 5º) - os jogos oficiais do Sete, programados pela FMP serão realizados no Estádio Raimundo Sampaio, onde haverá um vestiário exclusivo para o Sete; 6º) - os atuais sócios do Sete, conforme relação anexa, poderão frequentar o setor aquático, continuando a pagar suas mensalidades em nome do Sete, mas a favor do América, cujo valor será o mesmo para os associados dos dois clubes; 7º) - O Sete poderá fiscalizar os borderôns financeiros, relativos às diversas programações esportivas e eventos realizados no Estádio Raimundo Sampaio; 8º) caberá ao Sete uma sala no Estádio, para funcionamento de sua Diretoria e de sua Secretaria; 9º) - caberá ao Sete a comercialização dos ambulantes no Estádio, devidamente uniformizados; 10º) - até que o Centro de Treinamento "Lanna Drummond" tenha condições de uso por parte do Sete, fica assegurado o direito de utilização do Estádio Raimundo Sampaio, para treinamento, no máximo duas vezes por semana. Ao América fica assegurado, na vigência deste convênio, o direito de treinamento, no Estádio, duas vezes por semana. - Cláusula oitava - Ao América ficam assegurados ainda os seguintes direitos: 1º) - instalação de no máximo mais dois bares, com áreas de construção idêntica aos atuais, que serão explorados e comercializados pelo América; 2º) - instalação e exploração de bares provisórios, quando necessários, em caso de eventos especiais; 3º) - aceitação de novos sócios para freqüência aos setores de lazer e aquático, mediante contribuição mensal, sendo vedada a venda de quotas patrimoniais; 4º) - utilização e administração plena do Estádio Raimundo Sampaio, de acordo com as finalidades deste convênio. Cláusula Nonna - O América depositará mensalmente, até o dia 10 seguinte, em conta Bancária do Sete, a parte fixa mencionada cláusula sétima. Os percentuais sobre show e aluguel será depositados até 5 dias após a realização dos eventos. Cláusula Décima - A denominação "Raimundo Sampaio" - continua na ficha 3



4º REGISTRO DE IMÓVEIS DE BELO HORIZONTE

MINAS GERAIS

03F
Pedido nº 113.758

72.436

Cód.	Mat. N.º	Livro 2
		<p>- Partes dos lotes coloniais nºs. 4, 5 e 6 da ex-colônia Américo Werneck, com a área de 21.800,00m²</p>
R.1	72436	<p>Prot.171.110 - 24 / 04/2000 - Convênio-continuação-paió", dada ao Estádio, não poderá ser modificada, de forma alguma. Cláusula Décima primeira - Serão respeitados pelas partes os atuais contratos firmados pela ADEMG, com ressalva dos 4 bares existentes que serão explorados pelo Sete. Cláusula décima Segunda - O presente convênio é firmado com plena - anuência e autorização dos Conselhos Deliberativos do Sete e do América, conforme cópias das atas das reuniões dos referidos órgãos colegiados, que ficam fazendo parte integrante deste instrumento. Os casos conflitantes, não esclarecidos ou determinados serão sanados em forma de aditamento que será parte integrante do presente convênio. Cláusula décima terceira - O presente convênio poderá ser rescindido no caso de ocorrências das seguintes hipóteses: - a) mudança pelo América de finalidade do Estádio Raimundo Sampaio; b) - descumprimento pelo América de qualquer responsabilidade que lhe impõe este instrumento. Parágrafo único - Mediante aviso por escrito, com antecedência mínima de 6 (seis) meses, poderá o América rescindir o presente contrato, sem que assista às partes qualquer indenização. Cláusula Décima quarta: As partes diligenciarão junto à Secretaria de Esportes, Lazer e Turismo do Estado de Minas Gerais (SELT), órgão ao qual está vinculada a Administração de Estádios do Estado de Minas Gerais (ADEMG) na forma do disposto pelo decreto nº 23.373, de 24 de janeiro de 1984, no sentido de ser rescindido o comodato existente entre ela e o Sete, após o que vigorará o presente convênio. Caso este convênio não venha a ser implementado, todo e qualquer adiantamento, que vier a ser feito, com base no presente, será considerado como doação ao Sete. Cláusula décima quinta - O teor do presente contrato - continua no verso -</p>
4.º OFÍCIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS DE BELO HORIZONTE - MG		FICHA N.º 3



TRANSPORTE

R. 1 - 72.436 - Prot. 171.110 - 24/04/2000 - Convênio-cont.

to é o desta Capital, com renúncia expressa de qualquer outro que tenha ou venha a ter as partes contratantes. E, por estarem assim justo e contrato, firmam o presente instrumento em 02 (duas) vias de igual teor, na presença de duas testemunhas que também o leram e assinam. Belo Horizonte, 16 de maio de 1988; aa) Raimundo Bonato Sampaio, Pre. Sete de Setembro F. Clube; Magnus Lívio Lucas de Carvalho, Pres. América Futebol Clube, Emanoel Sampaio, Pres. do C. Deliberativo do Sete de Setembro, Rui da Costa Vasl, Pres. do Cons. Delib. América F. Clube; Eduardo L. B. Sampaio, Vice-Pres. do Sete de Setembro F. Clube, Antônio Fontes, Vice-Pres. do C. Deliberativo do Sete de Setembro F. Clube; ilegível - Diretor Financeiro do Sete de Setembro Futebol Clube; e testemunhas - duas - as. ilegíveis. Dou fé. Protocolo sob nº 171.110, de 06/4/2000. Dou fé.

Angela R. Garcia Ferrer
Angela R. Garcia Ferrer

Fonte: Documento público. 4º Registro de Imóveis de Belo Horizonte.

Após o Convênio de Cooperação Técnico-Financeira, ocorre a inclusão de um termo aditivo, firmado em 24 de março de 1999. Este documento também é explicitado abaixo:

Figura 52 – Termo aditivo do Convênio de Cooperação Técnico-Financeira firmado entre os clubes Sete de Setembro F. C. e o América F. C., em 26 de março de 1999.

Angela R. Garcia Ferrer
Angela R. Garcia Ferrer

Av. 2 - 72.436 - Prot. nº 171.424 - 26/03/1999 - Termo Aditivo datado de 24/03/1999 - pelo instrumento ora reportado, o Sete de Setembro Futebol Clube, sociedade esportiva com sede nesta Capital, inscrito no CNPJ sob nº 17.455.213/0001/00, a seguir simplesmente designado Sete; e o América Futebol Clube, sociedade esportiva com sede nesta Capital, CNPJ. sob nº 17.297.516/0001/42, , simplesmente designado América, ajustaram o presente Termo Aditivo ao Convênio de Cooperação Técnico Financeiro, firmado em 16/05/1988 (o "Contrato Original) e convalidado em 20/07/1989 (o "Primeiro Aditivo), através de Contrato de Comodato firmado entre o Sete e a Administração de Estádios do Estado de Minas Gerais, com intervenção da Secretaria de Esporte Lazer e Turismo de Minas Gerais, homologado pelo Governador do Estado de Minas Gerais, regendo-se pelas cláusulas e condições seguintes: Cláusula - Primeira - A cláusula quinta do "Contrato Original" e seu parágrafo único passam a vigorar sob a seguinte redação: "Cláusula quinta - O prazo do presente contrato é de 80 (oitenta) anos, tendo início em 16 de maio de 1988 e término em 15 de maio de 2068. Parágrafo único - Findo o prazo acima, o América devolverá ao Sete o imóvel em objeto, no estado em que se encontrar, mediante prévio pagamento, pelo Sete, do valor aceito pelo América como o correspondente às benfeitorias nele realizadas durante a vigência do comodato. Cláusula Segunda: O América, neste ato, paga ao Sete, para liquidação e ex

- continua na ficha 4 -



4º REGISTRO DE IMÓVEIS DE BELO HORIZONTE

MINAS GERAIS

04F
Pedido nº 113.758

72.436

Cód.	Mat. N.º		Livro 2
		- Partes dos lotes coloniais nºs. 4, 5 e 6 da ex-colônia América Werneek, com a área de 21.800,00m ²	
Av2	72436	<p>Prot. 171.424 - 24/04/2000 - Termo Aditivo- cont. tinção de todas as obrigações por ele assumidas na Cláusula Sétima do "Contrato Original" e seus incisos, ora adaptado, a importância de R\$250.000,00 (duzentos e cinquenta mil reais) que o Sete expressa e formalmente declara haver recebida e achada conforme, outorgando quitação. Ficam revogados os direitos assegurados do Sete na Cláusula Sétima e seus incisos do "Contrato Original", declarados inegociáveis doravante. Pelo presente instrumento (ora reportado) o Sete outorga ao América plena, irrevogável e irrevogável quitação das obrigações assumidas na Cláusula Sétima do "Contrato Original" e seus incisos, incluindo-se aí todas as obrigações vencidas e vincendas, nada mais sendo exigível, do América, agora ou no futuro. Cláusula terceira - Fica mantida a denominação "Raimundo Sampaio" dada ao Estádio Independência, que não poderá ser modificada, sem expressa autorização do Sete. Cláusula Quarta - A Administração do Estádio "Raimundo Sampaio", como todas as suas benfeitorias, instalações e pertences, caberá exclusivamente ao América, que se responsabilizará por todos os encargos dela decorrentes, na sua posse. Cláusula Quinta - É vedado ao Sete fazer quaisquer convênios ou contra os de qualquer natureza que envolvam, direta ou indiretamente a utilização do Estádio "Raimundo Sampaio". Cláusula Sexta - O presente Termo Aditivo é firmado com plena anuência e autorização dos Conselhos Deliberativos do Sete e do América, conforme cópias das atas das reuniões dos referidos órgãos e colegiados, que ficam fazendo parte integrante deste instrumento ora averbado. Cláusula Sétima - As demais cláusulas dos pertinentes atos primitivos, desde que não alteradas por via deste aditivo, continuam em plena vigência. Cláusula Oitava - As partes expressamente autorizam</p> <p>- continua no verso -</p>	
4.º OFÍCIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS DE BELO HORIZONTE - MG			FICHA N.º 4

Rua São Paulo, 1938 - Lourdes - 30170-132 - Belo Horizonte - MG

Tel.: (11) 3291-5958 - Fax (11) 3275-3512 - SP (11) 2626-6727 - www.4ribh.com.br - cartorio@4ribh.com.br

04V

Pedido nº 113.758

TRANSPORTE

Av. 2 - 72.436 - Prot. 171.424 - 24/04/2000 - Termo Adit. continuação

a averbação e/ou registro do presente instrumento e dos seus pertinentes atos anteriores no Cartório de Registro de Imóveis competente. Cláusula nona - As presentes disposições e os pertinentes atos primitivos, foram e são celebrados sob as cláusulas de irrevoabilidade e irretratabilidade. Cláusula Décima - O foro do presente contrato é o desta Capital, com renúncia expressa de qualquer outro que tenham ou venham a ter as partes contratantes. E, por estarem assim justo e contratado, formam o presente instrumento em 02 (duas) vias de igual teor, na presença de duas testemunhas que também leram e assinaram: Belo Horizonte, 24 de março de 1999. (aa) Raimundo Nonato Sampaio, Pres. Sete de Setembro F. Clube, CPF. 249.113.216/87; Marcus Vinícius Sallum - Pres. América Futebol Clube, CPF. 301.014.506/30; Lúcio dos Santos, Pres. do Cos. Deliberativo do Sete de Setembro Futebol Clube, CPF. 164.873.206/25; Jayme Rigueira, Pres. do Cons. Deliberativo do América Futebol Clube, CPF. MF nº 010.987.186/04; Maurício Vianna Dias, Vice Presidente do América Futebol Clube, CPF. 006.82.376/87; Armando Cordeiro, Conselheiro do Sete de Setembro Futebol Clube, CPF. nº 049.115.396/15; Celso Pereira Campos, Conselheiro do Sete de Setembro, CPF. 278.542.216/34; Armando Cordeiro, Conselheiro do Sete de Setembro Futebol Clube, CPF. 098.499.806/30; Teodomiro Braga da Silva, Vice-Pres. do C. Delib. do América Futebol Clube, CPF. 049.115.396/15; Marcílio Simim Carneiro, Diretor Financeiro do Sete de Setembro Futebol Clube, CPF. 132.625.806/00; Testemunhas: aa) José Flávio Lanna Drumond e Hélio Costa Campos Mello. Data do protocolo: 05/04/2000. Deu fé.

[Assinatura]
Armando Cordeiro
 OFICIAL INTERINA

Av. 3 - 72.436 - Prot. nº 171.425 - 24/04/2000 - Termo Aditivo datado de 26/03/1999 - pelo instrumento ora reportado, o Sete de Setembro Futebol Clube, sociedade esportiva com sede nesta Capital, CNPJ nº 17.455.213/0001/00, simplesmente designado Sete, e o América Futebol Clube, sociedade esportiva com sede nesta Capital, CNPJ 17.297.516/0001/42, designado América - tem entre si ajustado o presente Termo Aditivo ao Convênio de Cooperação Técnico-Financeira, firmado em 15/05/1988 (o "Contrato Original") e seu aditivo firmado em 24/03/1999 (o "Primeiro Aditivo"), e convalidado em 20/07/1989 (o "Primeiro Aditivo"), através de Contrato de

- continua na ficha 5 -



4º REGISTRO DE IMÓVEIS DE BELO HORIZONTE

M I N A S G E R A I S

05F
Pedido nº 113.758

72.436

Cód.	Mat. N.º	Livro 2
		- Partes dos lotes coloniais nºs. 4, 5 e 6 da ex-colônia Américo Werneck, com a área de 21.800,00m ²
v3	72436	<p>Prot. 171.425 - 24/04 /2000 - Termo A it. - cont.</p> <p>Comodato firmado entre o Sete e a Administração de Estádios do Estado de Minas Gerais, com a interve- niência da Secretaria de Esporte e Lazer e Turismo de Minas Gerais, homologado pelo Governador do Esta- do de Minas Gerais, reg não-se pelas cláusulas e - condições seguintes: Cláusula primeira - fica pac- tuado entre o América e o Sete que este adotará as providências necessárias para a cessão àquele, em caráter definitivo, do Estádio Independência, com todas a sua estrutura, benfeitorias e instalações , em sequência ao Contrato Original e seu Primeiro - Aditivo. Cláusula Segunda: pela cessão definitiva do Estádio Independência, em conformidade com a - cláusula primeira deste instrumento, o América paga rá adicionalmente ao Sete, a importância de R\$ \$550.000,00 (quinhentos e cinquenta mil reais) da seguinte forma: a) uma parcela no valor de R\$ \$235.200,00 (duzentos e trinta e cinco mil e duzen- tos reais), a ser paga até o dia 26/04/1999, median- te operação de desconto bancário de 04 (quatro) no- tas promissórias emitidas por Direcional Engenharia Ltda. a favor do América, com vencimento respectiva- mente para 26/04/1999, 26/05/1999, 26/06/1999 e 26/07/1999, no valor cada uma de R\$58.800,00 (cin- quenta e oito mil e oitocentos reais), cujo produto será revertido ao Sete, obrigando-se o América a complementar eventual importância da operação de desconto efetuada, de modo a atingir o valor de R\$.. \$235.200,00 (duzentos e trinta e cinco mil reais);- b) uma parcela no valor de R\$20.800,00 (vinte mil e oitocentos reais), a ser paga até o dia 26/06/1999, representada por uma nota promissória de emissão do América em favor do Sete, no valor de R\$20.800,00 (vinte mil e oitocentos reais), com vencimento para 26/09/1999. c) A importância de R\$294.000,00 (duzen- - continua no verso -</p>
4.º OFÍCIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS DE BELO HORIZONTE - MG		FICHA N.º



~~TRANSPORTE~~

Av. 3 - 72.436 - Prot. 171.445 - 24/04/2000 - Ativo-cont.

tos e noventa e quatro mil reais), mediante dação em pagamento de 05 notas promissórias de emissão de Direcional Engenharia Ltda, a favor do América, com vencimento respectivamente para 25/08/1999, 26/09/1999, 26/10/1999, 26/11/1999 e 26/12/1999 cada uma no valor de R\$58.800,00 (cinquenta e oito mil e oitocentos reais), obrigando-se o América a complementar o valor equivalente à atualização dos valores de cada uma das referidas notas promissórias, mediante aplicação do índice de remuneração de depósitos bancários em caderneta de poupança; E por estarem assim justo e contratado, firmaram o presente instrumento ora averbado) em duas vias de igual teor, na presença de duas testemunhas que também leram e assinaram. Belo Horizonte 26 de março de 1999. aa) Raimundo Nonato Sampaio - Pres. Sete de Setembro F. Clube, CPF. 249.113.216/87; Marcus Vinícius Salum, Pres. América Futebol Clube, CPF. 301.014.506/30; Maurício Vianna Dias, Vice-Presidente do América Futebol Clube, CPF. 006.828.376/87; Testemunhas: aa) José Flávio Lanna Drumond e Hélio Costa Campos Mello. Dou fé.

Angela R. Garcia Ferraz
 Oficial Interina

Fonte: Documento público. 4º Registro de Imóveis de Belo Horizonte.

Por fim, a definitiva incorporação do estádio ao patrimônio do clube americano, também devidamente registrada em cartório, conforme aponta o documento abaixo:

Figura 53 - Incorporação societária do Sete de Setembro ao América F. C.

R-5-72.436. Protocolo nº 236.438, em 18/3/2008. **INCORPORAÇÃO.** Nos termos da escritura pública datada de 25/02/2008, livro 447-N, folhas 177/178, do 7º Tabelionato de Notas de Belo Horizonte, o imóvel acima matriculado de propriedade da extinta empresa **SETE DE SETEMBRO FUTEBOL CLUBE**, que era inscrita no CNPJ sob o nº 17.455.213/0001-00, foi incorporado por **AMÉRICA FUTEBOL CLUBE**, com sede em Belo Horizonte, na Rua Mantena, 80, Bairro Ouro Preto, CNPJ nº 17.297.516/0001-42, em cumprimento a incorporação societária do SETE DE SETEMBRO FUTEBOL CLUBE aprovada na Assembleia Geral realizada em 24/04/2003, devidamente registrada na Av-32 do Registro 55.362 do Registro Civil das Pessoas Jurídicas de Belo Horizonte. O imóvel foi incorporado pelo valor de R\$13.532,55. Declarou o adquirente, por seu representante, ter conhecimento do gravame de penhora constante do registro R-4 da presente matrícula, e assume a responsabilidade pelo mesmo ou seu devido cancelamento. Consta da escritura que o adquirente dispensou a apresentação das certidões de ações e feitos ajuizados em nome do transmitente. Valor fiscal R\$1.637.678,00. Emolumentos: R\$1.212,94. Taxa de fiscalização: R\$936,23. Total: R\$2.149,17. Data do registro: 20/03/2008. [mfccrs]. Dou fé.

Adriana de Lourdes Lopes
 Escrevente Autorizada

Fonte: Documento público. 4º Registro de Imóveis de Belo Horizonte.

Já de posse do América F. C., o estádio Independência reassume seu papel de importante espaço no cenário do futebol em Belo Horizonte. E novamente uma Copa do Mundo no Brasil faria o “Gigante do Horto” voltar a ser protagonista. Para a realização do evento no país em 2014, o América se associa ao Governo do Estado de Minas Gerais para uma ampla reforma e modernização do estádio, passando o mesmo a ser gerido por um consórcio, através de comodato. Segundo texto situado no site da concessionária vencedora da licitação,

A inauguração da Arena Independência marcou o início de um novo tempo na gestão de arenas em Minas Gerais, com a chegada da Concessionária Arena Independência, formada pelas empresas Ingresso Fácil e BWA Administração de Arenas, vencedora de licitação realizada em novembro de 2011, que garantiu a concessão da administração do estádio por 10 anos. Após a reforma, o Independência ficou cedido pelo América ao Governo do Estado por 28 anos, até 21 de outubro de 2037. O Governo fiscaliza a administração do estádio, cuja operação é de responsabilidade da Concessionária Arena Independência¹⁹⁹.

Depois de ganhada a licitação, a BWA estabelece uma parceria com o Clube Atlético Mineiro, com finalidade de exploração comercial por parte deste. Segundo explica o jornalista esportivo Chico Maia, assim ficou a relação entre as partes na gerência do “novo velho estádio”:

Proprietário do estádio, o América cedeu o Independência ao governo de Minas por 20 anos, em troca da reconstrução do estádio. A BWA venceu a licitação e vai administrar o local por 10 anos. A empresa fechou um contrato com o Atlético para explorar comercialmente a nova arena. Cada parte tem direito a 45% do lucro. O América e o governo do Estado levam, cada, 5% da renda bruta²⁰⁰.

Na visão do presidente americano à época do estabelecimento do contrato, é possível confirmar o teor da fala do jornalista. De acordo com Marcus Salum:

Já renda de bilheteria das partidas é do clube mandante. Ela é do time que joga. O Cruzeiro vai pegar a renda, vai pagar a despesa que o estádio cobra (aluguel). A parte comercial do Atlético é em cima de toda despesa e em cima de todo lucro. O América e o governo têm 10% da receita bruta do estádio. O Atlético receberá 45% sobre os lucros do estádio. É uma coisa diferente²⁰¹.

¹⁹⁹ Disponível em: <http://www.arenaindependencia.net/site/arena/independencia/> Acesso em: 06 set.2016

²⁰⁰ Disponível em: <http://blog.chicomaia.com.br/2012/02/24/aprovado-o-contrato-do-atletico-com-a-bwa-no-estadio-independencia/> Acesso em 06 set.2016

²⁰¹ *Idem*.

As imagens da reforma, bem como a conclusão da “Arena Independência”, foram expostas com entusiasmo e com fartura pela imprensa local, que reverberava o novo momento vivido pelo estádio que ainda resistia ao tempo na paisagem belorizontina:

Figura 54 - Obras no Estádio Independência



Fonte: Tarcísio Badaró / Globoesporte.com

Figura 55 - Arena Independência



Fonte: <http://domtotal.com/noticia.php?notId=457640>

A reinauguração do Independência, já no formato de Arena, ocorreu no dia 25 de abril de 2012, com a realização da partida amistosa entre o América (dono do estádio) e o time portenho do Argentinos Juniors²⁰².

²⁰²O América venceria a partida pelo placar de 2x1.

IV O COLOSSO DA PAMPULHA: “*o maior e mais moderno estádio do mundo*”

Da frustração decepcionante da perda do título em 1950 à alegria eufórica da conquista em 1958. Este parece ser o lapso de tempo que demarca a distância entre o estádio Independência e o estádio Minas Gerais. Embora a inauguração deste último ocorra em 1965, o ano de 1958 surge como o momento em que o discurso sobre a necessidade de um novo estádio ganha força e presença. Os periódicos apontam, em vários sentidos, a falência dos estádios da capital, embora o Independência não tenha completado sequer uma década e os outros principais estádios tenham passado por profundas reformas e melhoramentos, notadamente na década de 1940.

O jornal “Folha de Minas”, em sua edição de 11 de julho de 1958, já atentava para esta questão com a publicação de uma reportagem, cuja chamada alardeava atenção para o fato das “incompletas e deficientes instalações dos nossos estádios”. O texto esclarecia as críticas, ressaltando:

Numa competição desportiva, muitos fatos ocorrem sem que o público esportivo tome conhecimento e das consequências que podem acarretar. Em comentários anteriores, focalizamos a necessidade dos clubes a se integrarem nos regulamentos previstos nas leis da Federação Internacional de Futebol Associado. As entidades controladoras dos regulamentos, via de regra, não cumprem integralmente os dispositivos, deixando de punir as irregularidades, aparentemente, sem importância. Vamos citar por exemplo: é expressamente impraticável o estádio que não possui túnel para entrada e saída dos litigantes. A permanência de elementos estranhos à competição, dentro do campo. [...] Nas arquibancadas e gerais e outros pontos deveriam ser policiados, já que a maioria do público se localiza nestas dependências, evitando, desta forma, as possibilidades de brigas, confusões e ainda mais, a série de impropérios e ofensas morais aos participantes da luta. Moralizar, este é o termo, os recalcados que vão aos estádios dar vazão aos seus sentimentos de pouca educação esportiva. [...] Também os locutores e técnicos das rádios ficam dentro do campo, outro desrespeito.²⁰³

O teor da narrativa do cronista associa as confusões do jogo ao estado inapropriado e precariedade dos estádios, que contribuía, assim, para a potencialização dos comportamentos indesejados. O aperto e o desconforto dos torcedores nos estádios da capital são duramente criticados. A respectiva reportagem ilustra o contexto da escrita condenatória com uma foto, apresentando visualmente aquilo que as palavras do texto buscavam alcançar:

²⁰³ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 11 jul. 1958.

Figura 56 - “Cenas como esta registram-se com frequência em nossos estádios”.



Fonte: Jornal Folha de Minas, 11.07.1958, p. 7.

Uma semana depois desta edição, o mesmo periódico retoma o assunto, ampliando a discussão sobre a questão dos estádios. Estampada em letras garrafais, a reportagem exibia a seguinte manchete:

ESTADIOS MINEIROS: FALTA O MINIMO REQUISITO DE CONFORTO

Desta feita, a retomada do debate trazia novos e mais contundentes elementos, como a falta de estrutura para o trabalho dos jornalistas, para além da recorrente falta de conforto dos torcedores e da inadequação quanto aos requisitos normativos. Novamente, as fotos ajudam a compor um cenário visual, e contribuem para enriquecer a compreensão do texto jornalístico, conforme descrito nas legendas:

Figura 57 – Fotos ilustrativas da reportagem sobre estádios de Belo Horizonte.



O MAU TEMPO NÃO ESPANTA O PÚBLICO ESPORTIVO — Guarda-chuvas abertos, indiferentes às Variações do tempo, permanece nos seus postos assistindo as partidas, que nem sempre ou quase nunca se constituem em primor de técnica

AS ÚNICAS CABINES EXISTENTES NOS ESTÁDIOS DA CAPITAL — Estão localizadas no estádio Independência e podem ser vistas na parte superior do flagrante, observando-se ainda um grande público, tomando literalmente as dependências do gigante do Horto. Se o futebol mineiro ainda sobrevive é porque o público não foge aos estádios, embora exposto a todas as desconfortos, que os dirigentes não procuram suprir ou pelo menos, reduzir

Fonte: Jornal Folha de Minas, 18.07.1958, p. 10.

Ao lado das imagens, a nota do periódico trazia o discurso, acentuando a retórica da necessidade de estádios maiores e mais condizentes com o espetáculo do futebol na cidade:

Muitas vezes esteve o futebol mineiro às portas de uma verdadeira falência em razão das arrecadações insuficientes para a manutenção de um regime profissional. Nestas oportunidades a culpa era atribuída ao público que não queria prestigiar com sua presença os espetáculos esportivos ou a à imprensa, que não dava cobertura necessária para atrair os espectadores aos estádios. Nunca porém, procuraram os paredros examinar as verdadeiras causas do afastamento do público dos estádios, pois a culpa está diretamente ligada à inércia dos mesmos. ESTÁDIOS SEM O MÍNIMO CONFORTO — Culpou-se a imprensa, que abnegadamente tudo faz para aumentar o interesse do público pelo futebol, às vezes chegando a tachar uma autêntica “pelada” como um clássico. Culpa-se o público. Mas este, está comprovado, comparece e gosta do futebol e mesmo em espetáculos de incrível mediocridade comparece com seus cruzeiros que ajudam o futebol de Minas a sobreviver. Comparece, sejamos claros, mesmo sabendo que terá que enfrentar toda a sorte de desconforto, mesmo sabendo que o transporte para o estádio é dificultoso, mesmo sabendo que, a não ser por preços exorbitantes, não poderá comprar uma laranja sequer no estádio, mesmo sabendo que estará exposto à inclemência do tempo, pois os nossos estádios, à exceção do Atlético e América (reservados aos seus associados), não possuem cobertura, num lamentável descaso. CABINES PARA A IMPRENSA — Os rapazes do rádio e dos jornais, igualmente não merecem o devido apoio dos nossos dirigentes esportivos. Os estádios da capital, exceção ao Independência, não possuem cabines para que, possam deste local, afastado do público e suas paixões clubísticas livres das intempéries, desenvolver o seu trabalho. Ainda na noite de quarta-feira no campo do Cruzeiro, vimos reproduzir-se um espetáculo dos mais lamentáveis. Todo aquele público que ali estava, que enfrentou o mau tempo para comparecer ao Barro Preto, que

desprezou sua comodidade para assistir ao prélio, teve que ficar exposto à chuva incessante que caía, num perigo evidente à sua própria saúde. E aquele público, fiel ao seu espetáculo favorito não arredou pé, senão quando Joaquim Gonçalves trilou pela última vez o seu apito. Mas também os jornalistas e locutores que se encontravam no exercício de uma função de interesse dos próprios clubes, ali estavam expostos à chuva no cumprimento de sua missão.²⁰⁴

As intermitentes reclamações sobre a precariedade e atraso dos estádios da capital parecem logo surtir efeito. O final do ano esportivo de 1958 se agita com dois importantes anúncios para a construção de estádios na cidade, e reserva recorrentemente grandes e destacadas notícias sobre as propostas para a edificação de um outro espaço futebolístico na capital. Em agosto de 1958, o jornal “Folha de Minas” anunciava com bastante destaque o projeto de construção do estádio Universitário, de grandiosas proporções. A reportagem estampa a manchete, em caixa alta:

Será Uma Realidade o Estadio Universitario

No texto da matéria, é possível ler uma longa e precisa explanação sobre vários detalhes da obra, como local, custos, financiamento, notas técnicas, dentre outros, como apresentado abaixo:

A Federação Universitária Mineira de Esportes [FUME] acaba de apresentar à imprensa da Capital os planos, esboços e maquete do Estádio Universitário, a mais arrojada obra arquitetônica do Estado e uma das mais imponentes do país. Todos os planos da obra são de autoria do Dr. Eduardo Guimarães, que realizou o trabalho dentro de um mês e quinze dias. O Dr. Eduardo Guimarães é do escritório técnico da Cidade Universitária, outra vultosa construção em benefício dos acadêmicos mineiros. LOCALIZAÇÃO, ÁREA E CAPACIDADE – O Estádio Universitário está localizado nos terrenos da Cidade Universitária, entre a Igreja de São Francisco e o Colégio Militar, abrangendo uma área de 15.000 metros quadrados. O estádio comportará sentadas comodamente 52.000 pessoas e 70.000 com lotação em pé. Trata-se portanto do terceiro estádio do país. CUSTO DA OBRA – Esta monumental obra está orçada em 120.000.000 de cruzeiros aproximadamente²⁰⁵. Os encargos da construção ficarão sob responsabilidade da FUME e da Reitoria da Universidade de Minas Gerais. A entidade acadêmica, bem como a Reitoria da UMG vão pleitear verbas federais e estaduais. A conclusão desta magnífica obra está estimada para três anos. DETALHES TÉCNICOS – Esta praça de esportes distará do centro comercial da cidade, tomando por base a Praça Sete, apenas oito quilômetros, podendo o movimento dirigir-se para lá por meio das avenidas Antonio Carlos, Pedro II e BR-51, além da Avenida Perimetral, pertencente à Cidade Universitária. À margem do Estádio, haverá seis praças de estacionamento para automóveis e diversos tipos de transportes. De acordo com dados técnicos

²⁰⁴ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 18 jul. 1958.

²⁰⁵ Aproximadamente 192 milhões de reais nos dias de hoje.

estudados pelo realizador do projeto, o Estádio suprirá as necessidades futebolísticas da Capital até o ano 2000. As arquibancadas serão circundadas por um amplo corredor que dará fácil acesso às mesmas, dotados de bares e instalações sanitárias de 50 a 50 metros. ESCOAMENTO – Construído dentro das normas funcionais o Estádio Universitário terá 26 portões de saída que proporcionarão o escoamento total de suas dependências no tempo de seis minutos. Após o fácil escoamento os espectadores terão livre acesso ao parque de estacionamento que fica à margem do Estádio. ENTROSAMENTO DE CALENDÁRIOS – A FUME entrosará com a Federação Mineira de Futebol os seus calendários, de modo que as primeiras pelepas da cidade, do Estado ou até mesmo internacional possam ser disputadas no estádio, mediante uma compensação de 5% da renda. Esta medida virá beneficiar os clubes citadinos mormente porque não será permitida a entrada de universitários sem pagar ingresso.²⁰⁶

Toda essa magnitude do projeto vinha acompanhada de uma foto da maquete do estádio, ilustrando o discurso jornalístico:

Figura 58 – Fotos ilustrativas da maquete do Estádio Universitário



Fonte: Jornal Folha de Minas, 23.08.1958, p. 1.

Outro importante periódico local, o “Estado de Minas”, também noticiava a construção do Estádio Universitário, dando ênfase à proposta encabeçada pela Federação Universitária Mineira de Esportes (FUME), e realçando a importância de tal projeto:

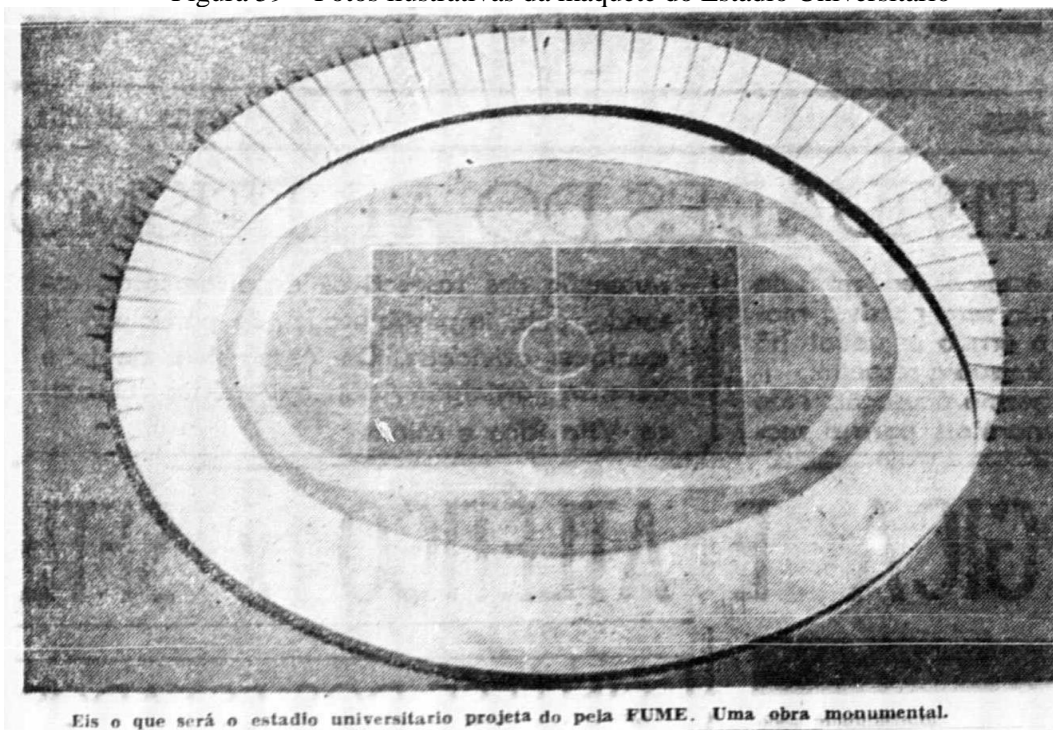
²⁰⁶ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 23 ago. 1958.

Um dos mais acalentados desejos dos desportistas mineiros – dos amantes do futebol, especialmente – é, indiscutivelmente, o de que nossa capital, a mais progressista do Brasil, contar com estádio à altura de seus méritos. As inúmeras gestões promovidas, primeiro pelo Atlético, depois pelo Cruzeiro, e ultimamente pelo presidente da F.M.F, sr. Francisco Cortes, em nada resultaram, pelo menos até agora. Surgiu, então, a ideia da FUME de conseguir um estádio, em princípio para os universitários. A ideia, magnífica, encontrou eco e criou uma onda de entusiasmo em torno dela, inclusive da parte do Reitor da U.M.G, que mandou fazer os estudos do plano pelo Escritório Técnico da Cidade Universitária. Em cerca de dois meses, não só os planos, mas também a “maquete” do estádio ficaram prontos. Foi, na realidade, um trabalho de fôlego. Todavia, houve uma compensação, pois o projeto ficou maravilhoso, como se poderá ter uma pálida ideia no que reproduzimos aqui. O estádio universitário, que ficará sob a administração conjunta da Reitoria e da FUME, abrigará, comodamente, 55.000 pessoas e terá capacidade de evacuação, pelas suas inúmeras saídas, em seis minutos apenas. Terá, por outro lado, três vias de acesso: Av. Antônio Carlos, Av. Pedro II e a Av. Perimetral da cidade universitária, ficando distante do centro da cidade (Praça Sete) somente 10 quilômetros. O Estádio Universitário, que poderá resolver o problema do futebol mineiro, por mais alguns anos, foi orçado em 120 milhões de cruzeiros e o seu pagamento, de acordo com o plano traçado, deverá ser liquidado em seis anos. Para tanto, contarão a Reitoria e a FUME com a ajuda dos governos federal e estadual, representado por uma verba anual. Certo é que o prof. Sílvio Raso, da Diretoria de Esportes, ficou vivamente interessado com o que viu e prometeu levar o projeto e o pedido de ajuda ao sr. Governador do Estado. Tudo indica que a Diretoria de Esportes colaborará para que o estádio seja uma realidade. Depois de pronto. O estádio poderá ser utilizado para as grandes festas do futebol mineiro, para os clássicos e para os encontros interestaduais e internacionais, mediante pequena compensação. A fim de, juntamente com o Ministro da Educação, conseguir o interesse do presidência da República, seguiu para o Rio, acompanhado o Reitor Pedro Paulo Penido, o presidente da Fume, Gil Cesar Moreira de Abreu. Espera o jovem e dinâmico presidente, com os planos e plantas que conduz, obter o apoio do governo federal para a grande iniciativa.²⁰⁷

A exposição imagética do projeto, estampada pela foto da maquete, também vinha ilustrando a reportagem, e apresentava visualmente a proporção da obra pretendida. Não coincidentemente, é possível perceber uma clara semelhança com o maior estádio do país, o Maracanã, evidentemente uma referência de modernidade e monumentalidade a ser alcançada por aquele que, ao menos nas pretensões, viria a ser o maior estádio do estado de Minas Gerais, encravado na sua capital:

²⁰⁷ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 2, 20 ago. 1958.

Figura 59 – Fotos ilustrativas da maquete do Estádio Universitário



Eis o que será o estádio universitário projetado pela FUME. Uma obra monumental.

Fonte: Jornal Estado de Minas, 20.08.1958, p. 2

Enquanto a ideia do Estádio Universitário aparecia nos noticiários, um outro projeto ganhava força e terreno. No mês de setembro uma reportagem intitulada “Realidade: Estádio Municipal”, apresentava um já adiantado cenário:

Com os resultados verificados na reunião de anteontem, na sede da Federação Mineira de Futebol, está praticamente concluído o plano do presidente da entidade, em construir nas imediações da Capital o Estádio Municipal. O assunto submetido a exame pelo Conselho Superior, foi aprovado e veio trazer satisfação aos esportistas mineiros, que viram na obra idealizada pelo sr. Francisco Cortes, motivo de aplausos. [...] O contrato para a construção do Estádio foi assinado, anteontem à noite, na sede da Federação Mineira de Futebol, entre os sr. Francisco Cortes, representando a Entidade e que figura como locatário, de um lado, e de outro, a Câmara de Comércio Latino-Americana, organização sediada no Rio, onde tem seu escritório central e que se fez representar pelo seu diretor-adjunto, sr. Antonio Augusto de Oliveira. O terreno onde será construído o Estádio, ficará sob o controle da Federação Mineira de Futebol. O financiamento para a grande obra será realizado com base na venda das cadeiras cativas, através de um plano popular de fácil aquisição. De acordo com o esquema traçado, serão postas à venda 6 mil cadeiras cativas, à razão de 15 mil cruzeiros²⁰⁸ cada e 2 mil cadeiras perpétuas, ao preço de 40 mil cruzeiros²⁰⁹ em prestações mensais de 500 e 1000 cruzeiros²¹⁰, perfazendo um total de 170 milhões de cruzeiros²¹¹. O terreno será adquirido por 9 milhões de cruzeiros.²¹²

²⁰⁸24 mil reais em valor atualizado.

²⁰⁹64 mil reais em valor atualizado.

²¹⁰800 reais e 1600 reais em valor atualizado.

²¹¹ 272 milhões de reais em valor atualizado.

²¹² FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 06 set. 1958.

Um dos personagens importantes neste processo era o presidente da Federação Mineira de Futebol, Francisco Cortes. Obstinado por um grandioso estádio na sua gestão, aos moldes do Maracanã, Cortes se torna um extraordinário articulador nos bastidores políticos e na imprensa, procurando convencer os atores que julgava necessários para a consecução do seu intento. Num primeiro momento, a parceria vislumbrada se deu entre a Federação Mineira de Futebol e a Câmara de Comércio Latino-Americano (CCLA). Conforme anunciado pela reportagem acima, a estratégia de captação de recursos para a construção do estádio foi o financiamento de cadeiras cativas e perpétuas. Com custo estimado em 50 milhões de cruzeiros²¹³ à mais do que o estádio universitário, a venda de cadeiras se tornou fundamental para que o estádio municipal se viabilizasse, conforme propaganda estampada na Revista Alterosa, na sua edição de novembro de 1958:

Figura 60 – Propaganda de venda de cadeiras cativas/perpétuas do Estádio Belo Horizonte.

Reserve agora sua

CADEIRA CATIVA

OU PERPÉTUA

NO FUTURO
GRANDE ESTÁDIO
BELO HORIZONTE

Você terá também sua cadeira reservada para assistir seus jogos favoritos no Estádio mais moderno do mundo. Os recursos da técnica foram mobilizados para que os mineiros tenham sua grande praça de esportes o mais breve possível.

- Uma cadeira cativa vale por 5 anos – você paga Cr. \$2.700,00 de entrada e o restante em prestações de Cr. \$500,00 a uma de Cr. \$800,00.
- As cadeiras perpétuas valem por toda a vida do Estádio – pagamos Cr. \$7.000,00 de entrada e o restante em prestações de Cr. \$1.000,00.
- Ao adquirir uma cadeira, você não estará apenas zelando pelo seu conforto – estará dando um passo certo para o progresso de nosso futebol.

O Estádio Belo Horizonte a iniciativa da Federação Mineira de Futebol e ficará localizado em ampla área de Km. 4 da BR-2. Terá acomodações para 80.000 pessoas.

VENDAS E INFORMAÇÕES
CÂMARA DE COMÉRCIO Latino-Americana
Matriz – Av. Rio Branco, 172 – 2º andar – Fone 32-2633
Rio de Janeiro
Sucursal – Rua Tupis, 282 – S. Loja de “O Globo” – Fone 4-8465
B. Horizonte

ALTEROSA 1 DE NOVEMBRO DE 1958

Fonte: Revista Alterosa, 01.11.1958, p. 6.

²¹³ Em reais este valor seria estimado em aproximadamente 80 milhões.

A figura de Francisco Cortes ganhava projeção à medida que angariava confiança e parceiros para o seu projeto. O “Estado de Minas”, principal jornal da cidade, enfatiza a presença de Cortes à frente da empreitada, e apresentava o estádio municipal já como “uma realidade”:

Estão em vias de conclusão todos os pormenores dos planos para início imediato das obras do Estádio Municipal de Belo Horizonte, à margem da BR-3, a 4 quilômetros apenas da Praça Sete e com capacidade para 80 mil pessoas. De acordo com o esquema traçado, serão postos à venda 6 mil cadeiras cativas, à razão de 15 mil cruzeiros; 2 mil cadeiras perpétuas, a 40 mil, pagas em prestações de 500 a 1.000 cruzeiros respectivamente. Como se verifica, o plano oferece condições acessíveis a todas as bolsas. Aspecto de suma importância e que deve ser levado ao conhecimento geral refere-se ao consórcio encarregado da execução das obras: Camara de Comercio Latino-Americano. Indiscutivelmente, trata-se de uma poderosa e conceituada organização, já tendo dado cabal prova de sua eficiência e idoneidade, quer na colaboração do “Metro”, do Rio, com 40 milhões, quer nas Obrigações Brasília (NOVACAP), com 30 milhões de cruzeiros, além do contrato firmado com o Governo do Espírito Santo para a construção de grande central elétrica, orçada em 150 milhões de cruzeiros e inúmeras outras obras de vulto. [...] Importante reunião será levada a efeito, hoje, entre os membros da aludida organização, o presidente da FMF, Francisco de Castro Cortes e o engenheiro Rafael Galvão Junior, que é o autor do projeto do Maracanã e a quem deverão ser confiadas as providências técnicas ligadas às obras da moderna praça de esportes. Na foto, o sr. Francisco de Castro Cortes, quando assinava contrato com a empresa para a construção do Estádio, cercado por diversos próceres do esporte mineiro.²¹⁴

Figura 61 – Francisco Cortes assinando contrato para a construção do Estádio Municipal.



Fonte: Jornal Estado de Minas, 10.09.1958, p. 1

A imprensa já dava como certa a construção de um novo estádio na cidade, prestando apoio à uma causa tida como essencial ao esporte mineiro, publicizando e dando grande visibilidade ao projeto do Estádio Municipal. São muitas as notícias, beirando à periodicidade diária, em um esforço jornalístico de informar, mas sobretudo com o propósito de encampar

²¹⁴ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p.1, 10 set. 1958.

a ideia e reforçar o convencimento da necessidade orgânica de um outro espaço para abrigar o espetáculo futebolístico da capital. O “Estado de Minas” denominava de “batalha do estádio” as diligências para efetivação do plano do estádio municipal. Em reportagem de 13 de setembro de 1958, intitulada “VENCIDA NOVA ETAPA DA BATALHA DO ESTÁDIO”, o influente jornal local prosseguia argumentando em favor da causa, e destacava a assinatura do contrato relativo aos projetos como fato fundamental para concretização da ideia. Em íntegra, relata a nota:

A construção de um grande estádio para o futebol mineiro, iniciativa das mais felizes do sr. Francisco de Castro Cortes, está, presentemente, no ponto em que praticamente não se admite possibilidade de fracasso. Sob o impulso da Camara de Comercio Latino-Americano, organização das mais conceituadas das que se conhecem, todas as providencias para a coordenação dos trabalhos foram tomadas, após estudos que recomendam seus diretores, afastando-se, inclusive, dificuldades naturais. Assim, a construção do estádio, na forma esquematizada, está agora a caminho de plena efetivação. Depois das medidas estabelecidas e dos contratos firmados entre a Camara de Comercio Latino-Americano, para a construção, foi assinado, ontem, no Hotel Sul Americano, o contrato entre a F.M.F. e os arquitetos que deverão realizar os estudos definitivos e projetar a monumental praça de esportes de Lagoa Sêca. Assim, representada a FMF pelos srs. Francisco de Castro Cortes e Ulisses Silva, e com o sr. Antonio Augusto de Oliveira, diretor adjunto da Camara de Comercio, representando os engenheiros Rafael Galvão e Rafael Galvão Junior, foi assinado o contrato, por força do qual aqueles conhecidos técnicos iniciarão logo os estudos preliminares, necessários à elaboração do anteprojetado, projeto oficial e projeto para execução e fiscalização. Na próxima segunda-feira, será feito o levantamento do terreno, pelo topógrafo sr. J. Ramos Vilas Bôas. O futuro estádio terá a denominação provisória de Belo Horizonte (sugestão do nosso colega Afonso de Sousa), até que por concurso popular receba nome definitivo.²¹⁵

Figura 62 – Francisco Cortes assinando contrato para a construção do Estádio Municipal.



Fonte: Jornal Estado de Minas, 13.09.1958, p. 1

²¹⁵ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 13 set. 1958.

O projeto do Estádio Municipal parecia mesmo estar à frente da proposta da FUME, pois agregava em torno dele personagens e instituições de maior vulto e influência. As notícias do estádio universitário vão minguando na mesma proporção da ocorrência de um maior incremento noticioso do “Estádio Municipal”. Ainda no mês de setembro, o periódico “Folha de Minas” seguia dando destaque ao plano capitaneado por Francisco Cortes, apresentando uma imagem do local onde seria erguido o futuro estádio, além de citar a ocorrência de uma reunião da Câmara de Comércio Latino-Americano com figuras da imprensa local, como explicitado abaixo:

Figura 63 – Local onde seria construído o Estádio Municipal.



Fonte: Jornal Folha de Minas, 17.09.1958, p. 7.

A descrição que vinha em conjunto com a imagem acima relatava:

Para estudar e traçar planos sobre o lançamento de vendas das cadeiras cativas e outros assuntos de interesse para a construção do futuro Estádio Municipal, a ser construído no quilômetro 4, da BR-3, local denominado Lagoa Seca, foi realizada uma mesa redonda na sala de reuniões “Irineu Marinho”, da sucursal de “O Globo”, visando solucionar tais problemas. Estiveram reunidos os srs. Hélio Vaz de Melo, diretor da sucursal e encarregado dos interesses da Câmara de Comércio Latino-Americana, responsável pela construção do Estádio, Antonio Augusto de Oliveira, assistente da sucursal os cronistas Cleto Filho, Januário Carneiro, Carlos Etiene de Castro, Afonso de Souza, Alcebíades Dias e José Bonifácio Costa Filho, representantes da imprensa escrita, falada e televisionada.²¹⁶

²¹⁶ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 17 set. 1958.

Na mesma data, o “Estado de Minas” fazia parecida alusão em uma nota ilustrada, onde apresentava o local de construção do futuro estádio, destacando que o mesmo seguia sua “marcha”, em ritmo acelerado:

Figura 64 – Nota ilustrada sobre o andamento da construção do estádio.



Fonte: Jornal Folha de Minas, 17.09.1958, p. 1.

No entanto, o mesmo exemplar trazia também uma reportagem de primeira página (em seção principal, não na seção esportiva), onde se apresentava uma aproximação que começava a se desenhar com maior nitidez: o uso político do projeto do estádio. Nela, é realçado o apoio emprestado à causa pelo candidato à prefeito de Belo Horizonte, Amintas de Barros. Além de conectar a figura do postulante cargo de prefeito à construção do estádio, o periódico destaca o discurso de Barros, em que se enfatiza a ideia de tal espaço como fundamental para o desenvolvimento da cidade. A manchete do jornal não deixava a menor dúvida do quanto esta relação era potente:

AMINTAS DE BARROS NAS FILEIRAS DOS QUE LUTAM PELA CONSTRUÇÃO DO ESTADIO

No subtítulo da matéria, podia-se ler que “uma vez à frente do governo da cidade, tudo fará para que se concretize o velho sonho do futebol mineiro”. E em seguida o texto, assim descrito:

Dentre os problemas de que mais depende o progresso do futebol mineiro nenhum possui a relevância daquele que diz respeito à construção de um estádio condizente com as suas possibilidades de fortalecimento e, portanto, à altura de suas mais legítimas aspirações. Efetivamente, carece o “association” de Minas de uma praça de esportes dotada de instalações modernas e capacidade para acolher maior público, oferecendo-lhe condições de conforto de que ainda não pode usufruir nos estádios atualmente existentes. Há, como é do domínio geral, um movimento encabeçado pelo sr. Francisco Cortes, já em fase bastante adiantada, levando mesmo a crer que o velho sonho dos desportistas mineiros será, em breve, uma auspiciosa realidade. No entanto, é fora de dúvida que ainda restam etapas importantes a vencer, especialmente no que tange à execução das obras, que, pelo seu vulto, não poderão prescindir do decisivo apoio dos poderes públicos. AMINTAS DE BARROS APOIA – Sobre o importante empreendimento, ouvimos ontem a palavra do sr. Amintas de Barros, candidato apontado pela maioria dos observadores políticos como o futuro prefeito da Capital mineira²¹⁷. Disse-nos o eminente político:- Observo com interesse e entusiasmo o movimento que se desenvolve visando à construção de um estádio para o futebol mineiro. Trata-se, efetivamente, de uma iniciativa digna, não apenas de aplausos, mas também do concreto apoio dos homens que detém qualquer parcela de poder. A construção do estádio virá ao encontro dos mais justos anseios dos desportistas do nosso Estado. Porque em verdade, tal obra representará a libertação do futebol mineiro, proporcionando-lhe os meios de que necessita e a que faz jus para se impor, no cenário esportivo do país, como um dos seus mais altos expoentes, através da mobilização racional dos invejáveis recursos humanos de que dispõe, sem a dispersão de forças que tanto tem contribuído para retardar sua marcha rumo à prosperidade e à consagração. Prosseguindo, afirmou:- Uma vez conduzido ao governo da cidade, o apoio que como entusiasta do esporte venho oferecendo ao futebol mineiro encontrará correspondência em atos que concorram, tanto quanto possível, para a concretização desse grandioso sonho que é o estádio. Incorporando-me, desde logo, às fileiras de quantos se batem por essa nobre causa, quero acentuar que tudo quanto depender da Municipalidade será feito para que o povo mineiro possa contar com o valioso patrimônio que há tantos anos vem reivindicando.²¹⁸

No ano da eleição para prefeito, parecia bastante conveniente associar a imagem de “apoiador dos esportes”, e neste sentido, nada mais visível que um grande estádio para uma plataforma de governo. O discurso de Amintas de Barros estava em consonância com o

²¹⁷ De fato, Amintas de Barros seria eleito prefeito de Belo Horizonte para o mandato 31.01.1959/31.01.1963.

²¹⁸ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 17 set. 1958.

anseio dos desportistas da cidade, e mais que isso, de grande parte da população belorizontina, desejosa de um monumento à altura do Maracanã. A apropriação de questões ligadas ao campo esportivo pelo meio político não era novidade, mas ganhava novos contornos à medida que um projeto de tamanho vulto aparecia no horizonte como uma realidade possível. Junto à reportagem, estampa-se a imagem de Amintas de Barros discursando, o que reforça ainda mais a propaganda em favor do candidato:

Figura 65 - Amintas de Barros discursando a favor do estádio.



Fonte: Jornal Estado de Minas, 17.09.1958, p. 1.

Tudo levava a crer que não haveria mais volta quanto à concretização do grande estádio de Minas Gerais. As recorrentes notas davam conta da proximidade de realização do ansiado projeto. Uma delas apresentava o levantamento topográfico do terreno do estádio, destacando a presença dos responsáveis:

Figura 66 – Nota ilustrada tratando do levantamento topográfico.



Fonte: Jornal Estado de Minas, 25.09.1958, p. 1.

De fato, tal proporção de importância que ganhava o projeto do novo estádio produzia desconfianças quanto à sua conclusão (embora os jornais insistissem em reforçar o discurso da obra como uma já realidade). Para arrefecer quaisquer dúvidas que pairassem sobre a continuidade da proposta, o presidente da entidade responsável pela construção do estádio (Câmara de Comércio Latino Americano) dá uma entrevista para o periódico “Estado de Minas”, no sentido de dirimir qualquer suspeição sobre o andamento dos planos. Em destaque, a manchete da reportagem/entrevista trazia:

“Fiquem certos os mineiros: o estádio virá”

O texto em seguida explicitava:

A magnífica iniciativa do sr. Francisco de Castro Cortes, no sentido da construção de um estádio para Belo Horizonte, o que todos consideram como sendo o passo decisivo para a emancipação do futebol mineiro, vem despertando comentários favoráveis, havendo, em consequência, maior interesse em torno do movimento. A

chegada, ontem, a esta Capital, do general Carlos M. Medeiros, presidente da Camara de Comercio Latino-Americano, criou uma nova expectativa com relação a determinadas medidas que estavam sendo aguardadas com a vinda do ilustre desportista. A necessidade de informar o público sobre o andamento das medidas preliminares, além de outras já anunciadas, levou nossa reportagem a estabelecer contacto com o general Carlos Medeiros, do qual solicitamos esclarecimentos sobre o andamento do assunto. Homem de visão, claro, preciso e objetivo, o presidente da Camara de Comercio Latino-Americano, que tem tido uma atuação de destaque à frente da citada organização, respondendo a uma pergunta nossa a respeito do retardamento do plano para a construção do estádio, declarou: - Verdade seja dita: o que tem retardado o lançamento do plano para construção do Estádio de Belo Horizonte é uma recomendação do presidente Francisco de Castro Cortes, que considerou mais interessante levá-lo a efeito após o pleito de 3 de outubro, a fim de que sua feliz iniciativa não seja levada à conta de propósitos eleitorais, já que o dirigente máximo da Federação Mineira de Futebol é candidato à deputado estadual. Evidentemente, porém, tal retardamento em nada prejudicará o andamento das providências consideradas básicas para efetivação do plano. Tudo está preparado para o início da venda de cadeiras e adoção de outras medidas que impulsionem, com a instalação oficial, nesta Capital, do escritório da Camara de Comercio Latino-Americano. Fique certo, entretanto, o público mineiro – o Estádio virá.²¹⁹

Acima da nota, a reportagem apresentava um destaque fotográfico da entrevista com o presidente da Camara de Comercio Latino-Americano:

Figura 67 – Presidente da CCLA, general Carlos Medeiros em entrevista ao Estado de Minas.



Fonte: Jornal Estado de Minas, 26.09.1958, p. 1.

É fundamental o esclarecimento de que, assim como os demais estádios que já haviam sido construídos na capital, este empreendimento pertencia à iniciativa privada (no caso FMF e Camara de Comércio Latino-Americano). E assim como todos os outros, a dependência do poder público para desenvolvimento do projeto e conclusão das obras parece ser umbilical. A evidente aproximação com o campo político, no sentido de garantir o comprometimento dos atores públicos que assumam o investimento de tal empreitada é novamente articulada

²¹⁹ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 26 set. 1958.

nos bastidores, com mecanismos de adesão para o abono e fiança do conjunto de autoridades do Estado.

Para isto, uma iniciativa da CCLA buscava garantias de financiamento do poder público local (prefeitura), organizando um documento onde o futuro prefeito de Belo Horizonte assumisse o compromisso formal de encampar a construção do estádio, definindo os moldes do apoio que deveria ser prestado. Este contexto é apresentado em uma reportagem do “Estado de Minas”, que projetava em sua manchete:

**NÃO SERÁ CASSADO PELO FUTURO PREFEITO
O APOIO DA MUNICIPALIDADE AO ESTÁDIO**

Em seguida, o texto jornalístico destacava os meandros da construção do documento e a adesão dos candidatos à prefeitura:

Através de uma feliz iniciativa do sr. Hélio Vaz de Melo, membro da Camara de Comercio Latino-Americana, está assegurado todo o apoio do futuro Prefeito da Capital às obras do estádio afetas à Prefeitura. Como se recorda, afirmou o sr. Celso de Azevedo que será iniciado na próxima semana o serviço de terraplanagem e ligação da estrada do Country Clube (antigo) ao local onde será construído o Estádio. Assim, o trabalho não sofrerá solução de continuidade, visto como o diretor da sucursal de “O Globo”, reunindo os atuais candidatos em reunião que se efetuou na sala “Irineu Marinho”, o compromisso de envidar, o que for feito, todos os esforços no sentido da concretização da obra, não só através de apoio moral como também material, já que todos consideram ser a construção do Estádio uma obra de grande interesse para a cidade. Da decisão e de firmado um documento, que recebeu as assinaturas de Renato Falci, Amintas de Barros, Davidson P. da Rocha e Nelson Tibau. Eis o teor da declaração: “Aos 26 dias do mês de setembro de 1958, reuniram-se na sala ‘Irineu Marinho’, Helio Vaz de Melo, Diretor da Sucursal de ‘O Globo’, os candidatos à Prefeitura da Cidade de Belo Horizonte, numa reunião com o objetivo de acordar o desenvolvimento e incentivo ao Turismo na Capital.

- 1- Estiveram presentes os candidatos abaixo assinados, que, compreendendo o alcance da iniciativa de “O Globo” Sucursal de Belo Horizonte, aceitaram o convite para tomar conhecimento do plano elaborado, com a única e exclusiva finalidade de beneficiar a capital do Estado, com uma fonte de renda explorada pelos mais adiantados centros do universo.
- 2- Propõe a Sucursal de “O Globo” a apoiar as iniciativas do Prefeito Eleito, divulgando-as no país e exterior, dando o maior de seus esforços junto às autoridades Estaduais e Federais, visando canalizar verbas para o incremento Turístico em todos os seus aspectos.

3- Para tanto espera receber dos dignos candidatos, a palavra de apoio à nossa iniciativa que visa os seguintes aspectos²²⁰:

F) Cooperar com a Federação Mineira de Futebol, e a Câmara de Comércio Latino-Americana, que iniciam movimento para construir em nossa cidade, moderno e amplo estádio de futebol, com capacidade para 80 mil pessoas:

I – Serviço de terraplanagem na área adquirida na Lagoa Seca.

II – Plano de abastecimento de água (estudos e execução).

III – Construção, entre o antigo Country Club e o Estádio de Belo Horizonte (Lagoa Seca) da Avenida já projetada no Plano Diretor da Prefeitura.

IV- Serviço de esgoto (estudo).

V – Abertura de uma Avenida no Bairro de Santa Lúcia, ligando a BR/3 à Cidade Jardim.

Esse notável empreendimento muito virá beneficiar o esporte, a cultura física e a divulgação da cidade, pois não seria necessário repetir-se que a conquista pelo Brasil da VI Copa do Mundo, na Suécia, projetou o nome do nosso país no Exterior, como jamais havíamos conseguido antes. Em síntese, procuramos trabalhar em benefício da cidade, querida por todos nós e orgulho de todos os brasileiros.

Belo Horizonte, 26 de setembro de 1958 (Seguem-se as assinaturas)

Em tempo: Com relação ao item “F” o Prefeito eleito envidará todos os esforços no sentido da concretização da obra, não só com apoio moral e material, assim como encaminhando ao poder legislativo mensagens necessárias à execução da obra. Se o atual Prefeito tiver a iniciativa da realização constante do item “F”, os candidatos se comprometem a continuar essa obra de grande interesse da cidade. Quanto ao item 3, letras A, B, C, D e E, o Prefeito eleito se compromete a apoiá-los decisivamente.

Belo Horizonte, 26 de setembro de 1958 (Seguem-se assinaturas).²²¹

Se era preciso angariar o suporte e o auxílio dos candidatos à prefeito, o atual mandatário da cidade também não ficava de fora da participação de tal projeto. Celso de Azevedo, ainda que nos últimos momentos da sua gestão, se mostrava apoiador da construção do Estádio Municipal, emprestando sua imagem e capital político para alavancar o desenvolvimento de edificação do novo e monumental espaço esportivo da Capital. Há apenas dois dias da eleição para novo alcaide, Celso de Azevedo visita Lagoa Seca, local escolhido para abrigar o estádio. O jornal “Folha de Minas” dá visibilidade ao ocorrido, aquele que seria um dos últimos atos políticos do atual prefeito:

Os trabalhos preliminares para a construção do Estádio que tomou provisoriamente a denominação de Belo Horizonte, continuam em ritmo acelerado. Depois das medidas já conhecidas do público, os dirigentes da Federação Mineira de Futebol e da Câmara de Comércio Latino-Americana levaram o prefeito Celso de Azevedo ao terreno adquirido para localização do Estádio. A visita do Governador da cidade foi proveitosa, uma vez que o presidente da Federação conseguiu que a Prefeitura realizasse os serviços de terraplanagem bem como a construção de uma outra via de acesso ao futuro Estádio, que será a ligação da estrada do antigo Country Club ao terreno onde deverá ser construída a maior praça de futebol de Minas. A foto

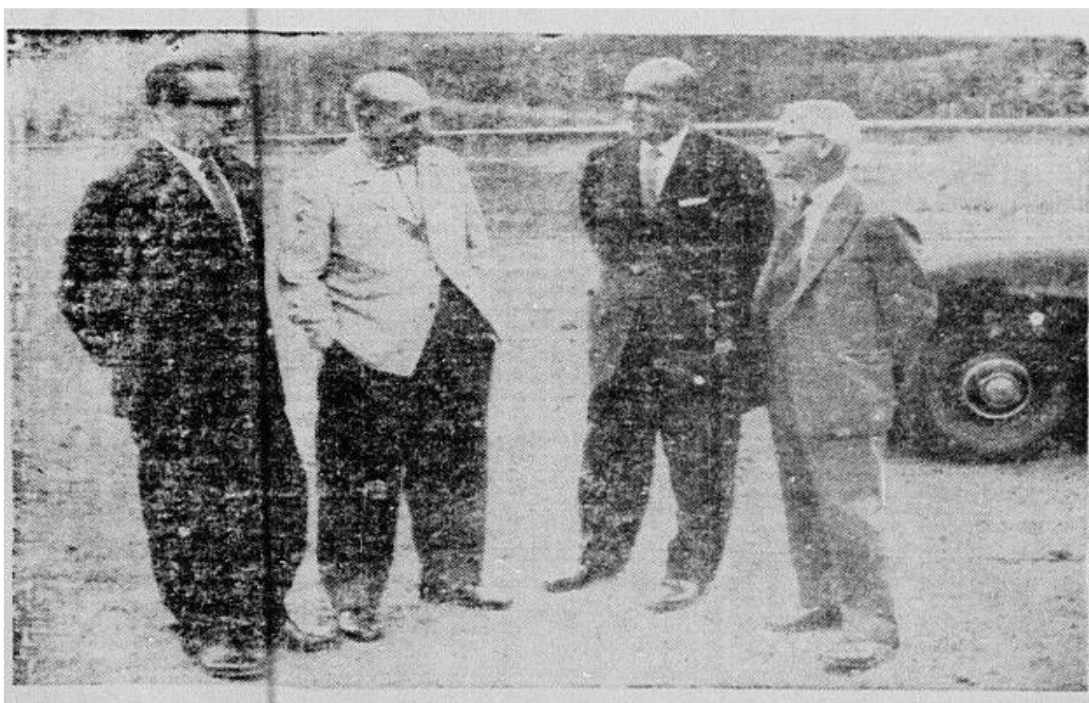
²²⁰Destacamos aqui na transcrição da nota apenas o item “F” e seus subitens, que tratam de maneira direta no documento as questões relativas à construção do estádio.

²²¹ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 3, 05 out. 1958.

mostra um aspecto da visita do Prefeito Celso de Azevedo à Lagoa Seca, vendo-se também o presidente da F.M.F., sr. Francisco Cortes, a quem Minas vai ficar devendo o grande empreendimento, o general Carlos M. Medeiros, presidente da Câmara Latino Americana e do sr. Ulisses Silva, presidente do Conselho Superior da F.M.F.²²²

Abaixo, a foto que ilustrava a matéria:

Figura 68 – O Prefeito no local do futuro Estádio Municipal.



Fonte: Jornal Folha de Minas, 01.10.1958, p. 7.

Embora grande parte da imprensa se posicionasse à favor do projeto do Estádio Municipal, era possível vislumbrar alguns focos de resistência e questionamento, de maneira bastante pontual e isolada do contexto favorável que se apresentava. Neste sentido, na sua edição de 03 de outubro de 1958, o “Folha de Minas” apresenta, na coluna intitulada “Umas e Outras”, uma matéria com viés nitidamente contestador, assinada pelo jornalista esportivo Raimundo Ramos de Oliveira:

Estão falando insistentemente em construir um majestoso estádio com capacidade para 100 mil pessoas, confortável, a última palavra em engenharia moderna, um “segundo Maracanã”, etc. etc. etc. E sabem aonde? Às margens da BR-3!!! No local conhecido como “Lagoa Seca”. Longe, mas muito longe mesmo, do centro da cidade. A única via de acesso é a rodovia que liga Belo Horizonte ao Rio de Janeiro! Isto equivale a dizer que nos dias de grandes “clássicos”, o tráfego na BR-3 será um suplício... E nos jogos noturnos pouca gente deixará o conforto de um

²²² FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 01 out. 1958.

colchão de molas para retornar à casa pela madrugada. Sobre a pretensão dos idealizadores do “estádio da Lagoa Seca”, o locutor Ulpiano Chaves, da Rádio Itatiaia, comentava outro dia: - “Eles estão querendo é retrato nos jornais e entrevistas nas emissoras. O resto é ‘conversa fiada’”. Concordamos.²²³

No entanto, o que reverberava mesmo na imprensa era o otimismo e a confiança. As relações com os agentes do poder público se ampliavam à medida que o projeto ganhava maior visibilidade (o que certamente contribuía para angariar atenção no sentido de lucro e retorno político). Desta feita, pela primeira vez, aparece nos jornais a figura do governador do Estado, Bias Fortes, declarando apoio (“moral e material”) que permitissem o início das obras do estádio. Em reportagem do “Estado de Minas”, evidenciava-se a presença do governador mineiro:

A série de providências tomadas pela Federação Mineira de Futebol, através dos srs. Francisco de Castro Cortes e de Ulisses Silva, bem como pela Camara de Comercio Latino Americano, junto ao Governador Bias Fortes e o Prefeito Celso Azevedo constitui elementos de valorização para o êxito da construção do estádio de Belo Horizonte. As decisões já tomadas pelo prefeito da cidade [...] e, agora as medidas tomadas pelo Governador Bias Fortes junto ao DER, não deixam mais dúvidas quanto ao êxito da obra. O ritmo acelerado que está tomando o grande empreendimento do presidente Francisco Cortes se verifica neste novo detalhe – em 24 horas o Governador do Estado incumbe o Departamento de Estradas e Rodagem de providenciar a execução dos serviços de sondagem da área e de todos os serviços de terra. E contando com a boa vontade e o dinamismo do seu diretor, dr. Randolpho Trindade, podemos informar que através do contacto ontem estabelecido entre os elementos que da Camara e da Federação as medidas necessárias já foram tomadas para o início das obras.²²⁴

O lançamento oficial de venda das cadeiras cativas e perpétuas é anunciado com grande destaque ainda no mês de outubro de 1958. E para isto, uma verdadeira festa esportiva foi planejada, tendo como estratégia principal a presença do capitão da conquista da Copa de 1958, o zagueiro Belini, juntamente com a Taça Jules Rimet. Um anúncio de página inteira é estampado na edição do “Folha de Minas”, publicizando o evento e dando visibilidade para a venda das cadeiras do novo estádio:

²²³ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 03 out. 1958.

²²⁴ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 11 out. 1958.

Figura 69 – Publicidade de lançamento da venda das cadeiras do Estádio Belo Horizonte.



**GRANDE
ACONTECIMENTO
ESPORTIVO**

BELINI

O "GRANDE CAPITÃO" ESTARÁ PESSOALMENTE
EM BELO HORIZONTE COM A LEGÍTIMA
TAÇA "JULES RIMET"

O famoso zagueiro do esporte brasileiro abrirá com sua presença o lançamento oficial das cadeiras cativas e perpétuas do futuro Estádio Belo Horizonte, o 2º maior do Brasil, com capacidade para 80.000 espectadores. Na ocasião terão início os trabalhos de construção da grande Praça de Esportes, iniciativa da Federação Mineira de Futebol.

**ESTÁDIO
BELO HORIZONTE**

CADEIRA CATIVA Utilização durante 5 anos Preço Cr\$ 15.000,00
Entrada de Cr\$ 2.700,00, 23 prestações de Cr\$ 500,00 e uma de Cr\$ 800,00
CADEIRA PERPÉTUA Utilizada por toda vida Preço Cr\$ 40.000,00
Entrada de 7.200,00, 32 prestações de 1.000,00 e uma de Cr\$ 800,00

Um lançamento da
**CÂMARA DE COMÉRCIO
Latino-Americana**

Matriz - AV. Rio Branco, 177 - 3º andar - Fone 32-2633 - Rio de Janeiro
Sucursal de B. Horizonte - R. Tupis, 203 - 1ª loja de "O GLOBO" Fone 4-8465

Fonte: Jornal Folha de Minas, 14.10.1958, p. 7.

O "Estado de Minas" dá ainda maior destaque para a venda das cadeiras, pois além de estampar uma publicidade paga, trazia uma reportagem ilustrada logo acima do anúncio, relevando o sucesso de comercialização dos lugares do estádio:

Figura 70 – Publicidade de lançamento do Estádio Belo Horizonte.

**CÂMARA DE COMÉRCIO
LATINO-AMERICANA**

inicia suas atividades em
Belo Horizonte com
um grande lançamento



ESTÁDIO BELO HORIZONTE
DENOMINAÇÃO PROVISÓRIA

Minas Gerais terá, brevemente, o mais belo e mais moderno...
Estádio do Brasil, a ser construído em Belo Horizonte pela Federação Mineira de Futebol. Sua capacidade será de 80.000 pessoas e a construção será financiada pela venda de cadeiras cativas e perpétuas, garantindo ao espectador mais conforto e uma colaboração inestimável ao progresso do futebol montanhês.



Um lançamento de
**CÂMARA DE COMÉRCIO
Latino-Americana**

Matriz - Av. Rio Branco, 177 - 3.º and. - Fone 32-2633 - Rio de Janeiro
Sucursal - Rua Tupis, 203 - Loja de "O GLOBO" - Fone 4-8465 - B. Horizonte

A Câmara de Comércio Latino-Americana é uma organização especializada em investimentos responsável por um sem número de realizações como: Venda de obrigações da Cia. Metropolitana do Rio de Janeiro (através do Banco da Prefeitura), as Obrigações Brasília, venda de ações do "Super Mercado Puga", ações para instalação da "Espírito Santo Centrais Elétricas" (150 milhões) e construtora, em colaboração com seu grupo europeu, da "Refinaria de Cubatão".

Fonte: Jornal Estado de Minas, 16.10.1958, p. 1.

Acima do anúncio, a reportagem intitulada "Prossegue com êxito a venda de cadeira", trazia pormenores das negociações:

A venda de cadeiras, base essencial para a construção do estádio Belo Horizonte, continua em plano de evidência e de grande interesse. Os elementos de maior visão, que se dispõem a facilitar a tarefa da Federação Mineira de Futebol, colocados na órbita esportiva, estão decididamente convencidos de que o objetivo será alcançado. O lançamento da venda das cadeiras cativas e perpétuas tem encontrado ampla aceitação. Uma organização de largo crédito e tirocínio – a Camara de Comercio Latino-Americana – está à frente do movimento, já alcançando êxito animador nestes primeiros dias. As fotos acima mostram figuras de projeção nos nossos meios esportivos quando adquiriam cadeiras perpétuas, numa colaboração estreita com o futebol mineiro. Os flagrantes foram colhidos no momento em que assinavam as fichas de inscrição. Trata-se de desportistas com excelentes serviços prestados ao esporte mineiro e de alto conceito social, como o sr. Alair Couto, ex-dirigente máximo do América e presidente do Conselho Deliberativo do alvi-verde. Adquiriu ele duas cadeiras perpétuas – uma para si e outra para seu filho Alair Gonçalves Couto Junior. Em seguida, vemos os srs. Antonino Pontes e Nelson Campos (sentados) e Francisco Brandi e Jorge Ferreira, homens de destaque do Atlético e do Cruzeiro. O presidente carijó reservou 10 cadeiras perpétuas e o ex-diretor de futebol do Cruzeiro, duas. Por último, temos os srs. Antonio Antoriano e Adil de Oliveira, o primeiro prócer cruzeirense e o segundo atual vice-presidente em exercício da FMF.²²⁵

Figura 71 – Flagrante de aquisição de cadeiras do estádio Belo Horizonte por personalidades esportivas locais.



Fonte: Jornal Estado de Minas, 16.10.1958, p. 1.

Todo este estado animador de coisas em torno do estádio recebe, porém, uma inesperada reviravolta. Em meio ao furor de entusiasmo, a venda do terreno do estádio passa a ser questionada pelo banqueiro Antônio Mourão Guimarães, que se proclama o verdadeiro proprietário da gleba de Lagoa Seca, não reconhecendo a negociação firmada e declarada pela Camara de Comercio Latino-Americana. Toda esta situação é descrita na edição do Estado de Minas, datada de 23 de outubro de 1958:

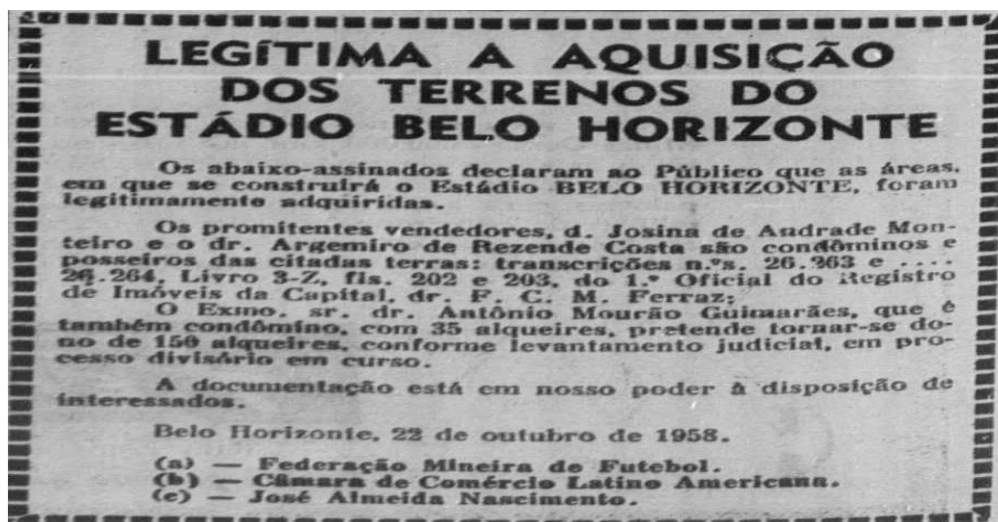
Com o extraordinário desenvolvimento de Belo Horizonte, um dos desejos mais fortes de sua população vem sendo a construção de um grande estádio esportivo. As aspirações nesse sentido, envolvendo a aplicação de vultoso capital, não puderam até hoje ser concretizadas, sobretudo porque o governo do Estado e a administração do Município, assoberbadas de compromissos, preferem adiar a sua

²²⁵ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 16 out. 1958.

participação financeira em qualquer empreendimento daquela natureza. Ultimamente, porém, a Federação Mineira de Futebol, sem prescindir, é verdade, da cooperação dos poderes oficiais, ajuntou uma fórmula de financiamento e pôs mãos à obra. Adquiriu vasta gleba, à margem da BR-3, e contratou a construção com a Câmara de Comércio Latino-Americana. Os serviços preliminares no local começaram a ser realizados, quando, ontem, surgiu verdadeira “bomba” nos meios esportivos. Estaria em situação ilegal a cessão dos terrenos. Nesse sentido, o banqueiro Antônio Mourão Guimarães, declarando-se proprietário da área, interpelou o DER, por intermédio do advogado Jonas Barcelos, sobre as perfurações que lá estão sendo feitas. Por outro lado, o mesmo causídico vai dirigir interpelações à F.M.F., e à citada Câmara, prevendo-se, esse modo, que uma batalha judicial já se arma. É que o sr. Antonio Mourão Guimarães se declara dono dos terrenos, há mais de 10 anos e, interpelado à respeito pela reportagem afirma que não permitirá a “usurpação do que é seu”. De outra parte, a F. M.F., assevera que a transação tem todas as características da legitimidade. De tudo se conclui que, com a pendência que se inicia, a grande obra por certo sofrerá sensível atraso, a menos que a F.M.F. volte suas vistas para outro ponto, desprezando tudo o que já se fez com referência à localização do estádio.²²⁶

Logo abaixo da referida matéria, a reportagem do “Estado de Minas” apresenta uma nota, estampada em um quadro, e assinada pelos responsáveis da construção do estádio, reiterando a legitimidade do negócio:

Figura 72 – Nota explicativa dos construtores do estádio sobre a legitimidade do terreno.



Fonte: Jornal Estado de Minas, 23.10.1958, p. 2.

O assunto se torna de fato tão grave que logo as partes envolvidas (e interessadas) iniciam tratativas no sentido de resolução do impasse. A urgência e a necessidade de um novo estádio para a cidade fazia tudo ganhar uma proporção ainda maior do que pudesse parecer. O próprio presidente da CCLA, general Carlos Medeiros, vem à Belo Horizonte se

²²⁶ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 2, 23 out. 1958.

encontrar com o banqueiro Antonio Mourão, fato registrado pelo “Estado de Minas”, que destacava:

A questão surgida com relação ao terreno onde a Federação Mineira de Futebol pretende construir o estádio Belo Horizonte está atravessando a fase de estudos e dos entendimentos necessários, em busca de uma fórmula conciliatória que permita a efetivação da iniciativa do presidente Francisco de Castro Cortes, que tantos aplausos tem merecido do público esportivo. A parte preliminar dos entendimentos já está sendo equacionada. A vinda a esta Capital do general Carlos M. Medeiros, presidente da Camara de Comércio Latino-Americana, ativou as negociações, tornando-as mais objetivas. Assim, na tarde de ontem, diretores daquela organização [...] procuraram o dr. Antonio Mourão Guimarães, com o objetivo de trocar ideias sobre o impasse. Apurou a nossa reportagem que as conversações se conduziram com elevação, tendo o dr. Antonio Mourão Guimarães, após tecer comentários os mais favoráveis sobre a necessidade da construção de um estádio para Belo Horizonte, obra que seria inclusive um marco de progresso para a cidade. [...] A impressão deixada pela atitude do dr. Mourão Guimarães criou um ambiente de razoável otimismo em torno de uma solução prática.²²⁷

O imbróglio seguiria sobressaindo-se nos noticiários locais, sendo acompanhado de vivo interesse pela população belorizontina, em especial à comunidade esportiva da cidade, que ansiava por um grandioso estádio. O fim de 1958 e o início de 1959 é marcado pelas tentativas de solução do “problema dos terrenos”, justificando mais ainda a série de reportagens que o jornal “Estado de Minas” nominou de “a batalha do estádio”. Vencida esta batalha, no entanto, a guerra não poderia prescindir da forte campanha que justificasse e desse legitimidade ao “Estádio Belo Horizonte”. Uma relevante estratégia de convencimento se situava no apontamento de que outras importantes cidades se atentavam para a imperativa questão de estádios cada vez maiores, mais modernos e condizentes com o pretenso desenvolvimento de sua gente. Se o Maracanã era a principal referência de comparação e tentativa de alcance, a construção do Morumbi torna-se também um aliado no discurso de que Minas Gerais não poderia ficar para trás quanto à esta demanda. Assim, a visita de dirigentes do clube, bem como dos responsáveis pela construção do estádio São-Paulino à Belo Horizonte, a convite da FMF (na pessoa de Francisco Cortes), demonstra claramente este intento. A imprensa noticiava com entusiasmo a chegada da comitiva paulista, dando detalhes do encontro:

À convite da Federação Mineira de Futebol, chegarão hoje, às 12 horas, à Capital, os srs. Vicente Feola, Mario Naddeo e Tomaz Mazzoni, técnico e superintendente do São Paulo, e jornalista, respectivamente. Conforme anunciamos, os conhecidos

²²⁷ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 2, 29 out. 1958.

desportistas bandeirantes virão à cidade, a fim de fazer uma exposição sobre a construção do Estádio do Morumbi, considerado como um dos mais belos do mundo. A presença dos três próceres na Capital reveste-se de acentuada importância. Na oportunidade, eles darão uma ideia exata de como conseguiram realizar o auto-financiamento que possibilitou ao clube tricolor levantar o capital necessário à grande obra. Fornecerão todos os detalhes aos dirigentes da entidade mineira, que espera desenvolver, nos mesmos moldes, a tarefa de levantar fundos para erguer, na BR-3, o Estádio “Belo Horizonte”. Possivelmente na parte da tarde, os visitantes, em companhia de diretores da FMF, terão ensejo de conhecer o local em que será construída a maior praça de esportes de Minas Gerais. À noite, farão uma mesa redonda, oportunidade em que darão aos mentores mineiros as diretrizes para a concretização do empreendimento. [...] Ao que fomos informados, juntamente com os três desportistas, virá também o engenheiro construtor do Morumbi, dr. Roberto de Barros Lima.²²⁸

O desdobramento da visita é também explorado pelo periódico, que evidenciava a linear relação entre o novo estádio e o desenvolvimento do futebol mineiro. A reportagem trazia uma manchete bastante contundente:



SÓ O ESTADIO EMANCIPARÁ O FUTEBOL MINEIRO

E seguia o texto abaixo da chamada, em que se explicitava as falas dos dirigentes paulistas:

“Se os mineiros desejam, como acredito, marchar lado a lado com os que lideram o futebol brasileiro, não têm outra estrada a percorrer – união em torno da construção do Estádio projetado pela Federação Mineira de Futebol” – Estas foram as palavras iniciais de Vicente Feola, homem simples, franco, decidido e, sobretudo consciencioso em suas atitudes e palavras. Sua vinda a esta Capital, numa feliz iniciativa do presidente Francisco Castro Cortes, bem como a dos srs. Mario Naddeo e dr. Antonio Rizzo Filho, elementos que estão intimamente ligados numa tarefa de vulto – a construção do Estádio do São Paulo – atingiu a finalidade desejada pela entidade e pela Camara de Comercio Latino-Americana, que por esta forma proporcionaram aos mineiros o conhecimento das bases sólidas de uma grande realização. A exposição dos citados elementos, através de uma linguagem que não comportou sofismas e que não saiu da linha da realidade dos fatos, foi uma demonstração positiva de que também Belo Horizonte pode ter seu estádio, à base do autofinanciamento, isto é, através da arrecadação da venda de cadeiras. A propósito, disse Feola, com absoluta autoridade: “Tenho fê numa obra que foi planejada em condições perfeitamente realizáveis, cooperando os mineiros de maneira direta, ou seja, comprando cadeiras. Estes serão os beneméritos do futebol, porque darão o Estádio à sua terra. Basta um pouco de coragem, entusiasmo, espírito de cooperação e, sobretudo, de bairrismo. Isto não falta aos paulistas e tem sido mesmo uma das molas propulsoras do progresso de São Paulo e do seu povo.

²²⁸ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 2, 06 jan. 1959.

O resto foi completado pela imprensa, fator de êxito no nosso empreendimento. Em Minas estou certo de que acontecerá o mesmo”.²²⁹

O discurso de Feola (beirando à um garoto-propaganda do empreendimento mineiro) é bastante emblemático em alguns aspectos, ressaltando a necessidade da venda de cadeiras e da adesão “corajosa” do povo mineiro ao projeto do estádio, bem como do bairrismo, condição essencial para o desenvolvimento local. Os primeiros meses de 1959 parecem confirmar a expectativa positiva depositada sobre o estádio. A exposição do *out-door* do empreendimento nas páginas do “Estado de Minas” é uma incontestável demonstração do aparente êxito da empreitada:

Figura 73 – Anúncio em out-door do Estádio Belo Horizonte.



Fonte: Jornal Estado de Minas, 10.02.1959, p. 1.

Todo este cenário de otimismo, grandemente reforçado pela imprensa, não parece ter sido suficiente para fazer o “Estádio de Côrtes” virar uma realidade. Por trás do movimento explicitado pelos periódicos, o presidente da FMF enfrentava forte oposição política, destacadamente na figura de Abraão Caram (ex-presidente da FMF), que lidera uma campanha contrária ao projeto do estádio Belo Horizonte nos moldes propostos, arrebanhando a seu favor importantes e influentes desportistas locais. Assoma-se a isto o fato dos resultados das vendas de cadeiras cativas (estratégia principal de financiamento do estádio) se encontrarem bem abaixo do esperado.²³⁰

Como resultado deste conjunto de forças, a viabilidade do projeto do “Estádio Belo Horizonte” passa a ser duramente questionada. No entanto, a ideia de um novo e monumental

²²⁹ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 08 jan. 1959.

²³⁰ VIEIRA, José Flávio Dias; RASO, Afonso Celso. **Mineirão**: o maior gol de Minas. Ed. Littera Maciel, 1978.

estádio já estava implantada. Nas palavras dos jornalistas que produziram o suplemento especial “Mineirão 40 anos: paixão e emoção”²³¹, é possível entender que “do ponto de vista prático, a ideia de Cortes foi o esteio para se chegar ao projeto consolidado do Mineirão”. Para que a cidade não ficasse órfã de tal empreendimento, propostas de captação de recursos que tornasse o plano exequível começam a surgir como salvaguarda do projeto. Sobre este movimento, o suplemento explica:

Para reforçar o caixa da empreitada, o jornalista Benedito Adami de Carvalho sugeriu que os recursos para viabilizar as obras poderiam vir de extrações especiais da Loteria Mineira. A FMF, como entidade privada, não tinha poderes para requerer dinheiro advindo do jogo estatal. Criou-se um impasse, pois o sucesso do projeto dependia de injunções políticas. Surge, neste contexto, o recém-eleito deputado estadual Jorge Carone, filiado ao Partido Republicano. [...] O parlamentar foi convencido a apresentar um projeto de lei na Assembléia Legislativa propondo a participação da Loteria na construção da arena. O projeto, porém, esbarrou na inconstitucionalidade avaliada pelo deputado Manoel Costa, presidente da Comissão de Justiça. Costa, todavia, era partidário da construção e arquitetou com Carone uma forma de tornar legal a proposta. [...] Ele viaja para o Rio de Janeiro, onde encontra o modelo que daria legitimidade à sua proposta. Durante dois dias, vasculha os estatutos da Loteria Federal e lá acha a solução. O decreto federal 6259 permitia às loterias (inclusive as estaduais) criar taxas com a finalidade de tornar exequíveis projetos de interesse público. Carone então refaz seu rascunho de projeto. Na apresentação da nova redação, o parlamentar propõe que 10% sobre o preço cobrado do bilhete sejam vinculados às obras de um novo estádio. Manoel Costa atribui legalidade ao projeto e o envia à Comissão de Finanças, onde os deputados Aécio Cunha e Sebastião Patrus aderem incondicionalmente ao projeto de Carone. A gestação do Mineirão parecia transitar rápida e sem problemas.²³²

A realidade, no entanto, ainda apresentaria uma série de entraves entre o início do projeto do Deputado Jorge Carone e a concretização do estádio. É possível captar muito deste processo pela narrativa da imprensa periódica local. Na segunda metade de 1959, as notícias sobre a proposta do parlamentar mineiro começam a povoar com vigor as páginas dos jornais. A aprovação em terceira discussão do projeto é destaque no “Estado de Minas”, que anunciava:

O projeto n.º 117, de autoria do deputado Jorge Carone Filho, que dispõe sobre a construção de um estádio na Capital, foi aprovado, ontem, pela Assembléia Legislativa, em terceira discussão. De acordo com os diversos itens fixados no projeto em apreço, a praça de esportes destinada à prática do futebol e atletismo terá capacidade para 100 mil pessoas, devendo ser construída em terreno de propriedade do Estado. A construção da grande obra e, posteriormente, sua administração, ficarão a cargo da Diretoria de Esportes de Minas Gerais, que será auxiliada por um Conselho de Administração, composto de 9 membros não

²³¹ SEIXAS, Wagner; SIMÕES, Alexandre; RIBEIRO, Carlos Henrique. **Mineirão 40 anos: paixão e emoção**. Belo Horizonte: ADEMG, 2005, p. 12.

²³² SEIXAS, Wagner; SIMÕES, Alexandre; RIBEIRO, Carlos Henrique. **Mineirão 40 anos: paixão e emoção**. Belo Horizonte: ADEMG, 2005, p. 14.

remunerados, designados pelo governador do estado, da seguinte forma: representante do governo; da Assembléia Legislativa, indicado pela sua comissão executiva; Prefeitura Municipal; Federação Mineira de Futebol; clubes profissionais, indicação do Conselho Divisional; da Diretoria de Esportes; Associação Mineira de Cronistas Esportivos; Federação Universitária Mineira de Esportes. Caberá ao poder executivo designar um dos engenheiros da Diretoria de Esportes para exercer as funções de administrador do futuro estádio montanhês.²³³

Assim, poucos dias depois, lia-se a manchete: “Será sancionado amanhã o projeto de construção do Estádio”. O texto da primeira página explicava:

Será sancionado amanhã, às 18 hs., em solenidade no Palácio da Liberdade, o projeto que institui a taxa a ser cobrada sobre o preço dos bilhetes da Loteria Estadual, com a finalidade de proporcionar recursos necessários à construção do Estádio Minas Gerais, nesta Capital. [...] À solenidade de assinatura do novo texto legal, deverão estar presentes o deputado Jorge Carone, autor da proposição da lei, outros parlamentares, autoridades do governo e figuras do esporte. A lei deverá ser regulamentada dentro do prazo de quinze dias, contados de sua publicação no órgão oficial. Ao que apuramos, o seu regulamento já foi elaborado e será baixado nos próximos dias, em decreto do governador Bias Fortes.²³⁴

Pela primeira vez um estádio na capital não seria vinculado à uma instituição privada (clubes ou Federação). O Estádio Minas Gerais se tornaria assim, o inaugural investimento totalmente público do governo de Estado em uma obra desta natureza. Obviamente, a assinatura do governador Bias Fortes que sanciona a lei do Estádio é revestida de grande cobertura midiática. A imprensa explícita, com destacada proeminência, aquilo que parecia ser definitivamente o começo de um projeto que iria garantir a concretização de um forte anseio de parte da população belorizontina, notadamente dos sujeitos afeitos ao universo esportivo e principalmente futebolístico. O evento (muito mais político que esportivo), ocupa grande espaço no noticiário, como a cobertura feita pelo “Estado de Minas”, que trazia além do texto jornalístico, flagrantes fotográficos para ilustrar o momento. A matéria, publicada em sua edição de 14 de agosto de 1959, aclarava:

O primeiro orador da solenidade foi o sr. Jorge Carone, autor da proposição aprovada pela Assembléia Legislativa, recentemente. Salientou o seu contentamento pelo êxito da tarefa até então julgada, simplesmente, como um sonho. Disse que tinha certeza que a sua luta, juntamente com a de outras pessoas interessadas na concretização da monumental obra, iria mais cedo ou mais tarde, alcançar o verdadeiro objetivo. Sublinhou, em seguida, que a compreensão de seus colegas da Assembléia e apoio recebido do governador Bias Fortes em todas as oportunidades, vieram colaborar para que o projeto se tramitasse rapidamente pelas comissões e se tornasse realidade. Finalmente, acentuou a necessidade de se redobrar os esforços no sentido de consolidar o empreendimento, eis que a primeira batalha já estava vencida. No entanto, frisou, que o apoio da Diretoria de Esportes,

²³³ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 01 ago. 1959.

²³⁴ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 12 ago. 1959.

que será a responsável pela construção do estádio, terá que ser cada vez mais intenso, com o sentido único de contribuição para a causa, no menor espaço de tempo possível. Após o discurso proferido pelo deputado Carone, o governador Bias Fortes, sob aplausos dos presentes, sancionou a lei que proporcionará a construção da maior praça de esportes de Minas Gerais. OUTROS ORADORES – Coube ao presidente da FMF, sr. Francisco Castro de Cortes, fazer uso da palavra, em nome da entidade que dirige e dos clubes filiados. Em sua rápida oração, o dirigente assinalou a importância do ato em relação ao futebol mineiro, há muito necessitado de melhores condições para o seu efetivo desenvolvimento. Posteriormente, o dr. José Luiz Azevedo, dirigente máximo do basquetebol, falou em nome das federações especializadas. [...] “VAMOS CONSTRUIR O ESTÁDIO” – De improviso, o chefe do executivo mineiro se dirigiu aos presentes, salientando: - “É com o maior prazer que acabo de sancionar a lei que permitirá a construção de uma grande praça de esportes. Jamais deixei de considerar este problema, pois há muito que venho me batendo pelo desenvolvimento físico de nossa juventude, através da Diretoria de Esportes. A compreensão dos homens do esporte e também dos nossos deputados à Assembléia proporcionaram finalmente o projeto que deverá criar os melhores benefícios ao esporte. Devemos, doravante, partir unidos com o pensamento único de construir a grande praça de esportes, através da arrecadação dos bilhetes da Loteria de Minas Gerais, cujos serviços às mais diferentes modalidades não merece registro, eis que é do conhecimento de todos. Para que tudo possa transcorrer dentro das previsões, é necessário porém que todos trabalhem com a mesma finalidade, e este é o apelo que faço, no momento. Vamos construir o estádio. Darei, como até aqui, todos os meus esforços, podem estar certos”²³⁵.

As fotos que registram o solene ato da assinatura estampam a primeira página da seção esportiva, e dão a dimensão do ocorrido:

Figura 74 – Flagrante da assinatura da lei que autoriza a construção do Estádio Minas Gerais.



Fonte: Jornal Estado de Minas, 14.08.1959, p. 1.

²³⁵ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 14 ago. 1959.

Para que se tenha uma noção mais exata do que trata a referida lei, expomos abaixo na íntegra o seu texto original, conforme documento disponibilizado pelo acervo da Assembleia Legislativa de Minas Gerais:

Regulamenta a lei nº 1.947, de 12 de agosto de 1959.

O Governador do Estado de Minas Gerais, no exercício de suas atribuições, e tendo em vista o disposto no art. 10, da lei nº 1.947, de 12 de agosto de 1959, que dispõe sobre a construção de um Estádio em Belo Horizonte para a prática do futebol e atletismo e contém outras providências, decreta:

Art. 1º – A construção do Estádio a que se refere a lei nº 1.947, de 12 de agosto de 1959 e, posteriormente a sua administração, ficarão a cargo da Diretoria de Esportes de Minas Gerais.

Art. 2º – A Diretoria de Esportes, para os efeitos do artigo anterior, será assistida por um Conselho de Administração, composto de 10 (dez) membros representantes das entidades mencionadas no art. 2º, da lei nº 1.947, de 12 de agosto de 1959, não remunerados e designados pelo Governador do Estado.

Parágrafo único – O mandato do Conselheiro será por tempo indeterminado, sendo facultada sua substituição, por ato do Governador do Estado, precedido de solicitação da entidade representada quando esta o tenha indicado.

Art. 3º – A Diretoria de Esportes exercerá os encargos previstos no artigo 1º deste decreto através de um Administrador que será designado pelo Governador do Estado entre os engenheiros do quadro de pessoal da mesma Diretoria.

Parágrafo Único – O Administrador, além dos vencimentos e vantagens do seu cargo, perceberá por conta da quota atribuída ao Estádio, na conformidade do art. 6º, item IV, da lei nº 1.947, de 12 de agosto de 1959, uma gratificação que será arbitrada pelo Governador do Estado.

Art. 4º – Ao Conselho de Administração, como órgão de assistência à Diretoria de Esportes competirá traçar as diretrizes gerais dos trabalhos, decidir as questões de interesse do Estádio e Fiscalizar todos os atos relativos à sua construção.

Art. 5º – Ao Conselho de Administração competirá, ainda, pronunciar-se sobre as concorrências públicas, que se farão nos termos da lei, julgar mensalmente as contas do Administrador e colaborador o seu regimento interno.

Art. 6º – Ao Administrador competirá:

- a) executar as decisões do Conselho de Administração;
- b) dirigir todos os serviços atinentes ao Estado, através dos órgãos próprios da Diretoria de Esportes;
- c) administrar técnica e financeiramente o Estádio;
- d) prestar contas mensalmente ao Conselho de Administração.

Parágrafo Único – O disposto no item “b”, deste artigo não prejudicará a normal execução do programa de Diretoria de Esportes.

Art. 7º – Incumbirá ao Administrador movimentar as importâncias depositadas pela Loteria do Estado de Minas Gerais, à ordem da Diretoria de Esportes, em conta especial a que se refere o art. 10 deste decreto, prestando contas ao Tribunal de Contas, na conformidade da legislação e normas vigentes.

Art. 8º – Com observância do disposto neste decreto, as atribuições e normas de trabalho do Conselho de Administração e do Administrador constarão do regulamento a ser elaborado pelo Conselho que, dentro de 30 (trinta) dias contados de sua instalação, o submeterá à aprovação do Governador do Estado.

Art. 9º – A Loteria do Estado de Minas Gerais cobrará de seus agentes, sobre o custo real do bilhete de cada extração uma taxa de 10% (dez por cento) que será assim distribuída:

a) Três por cento para construção do edifício sede do Poder Legislativo do Estado de Minas Gerais, inclusive despesas para sua instalação e as referentes a concorrência pública para escolha do projeto, com as especificações necessárias, e o aluguel do prédio provisório e sua instalação, durante a construção do definitivo, bem como as relativas a estudos e meios para o seu melhor funcionamento;

b) Um e meio por cento à Secretaria de Saúde e Assistência – Departamento de Tuberculose – para construção e manutenção de dispensários de tuberculose no interior do Estado, bem como à Santas Casas ou Hospitais das localidades sede dos referidos dispensários, para o fim de internação de tuberculosos pobres;

c) Um e meio por cento, em parcelas iguais, às seguintes instituições de assistência ao tuberculoso pobre, para manutenção dos doentes internados em seus sanatórios:

I – Fundação “Waldomiro Lobo”;

II – Fundação Imaculada Contra a Tuberculose;

III – Sanatório Imaculada Conceição, da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte;

IV – Sanatório “Marques Lisbôa”

d) Quatro por cento para construção do Estádio.

Art. 10 – A Loteria do Estado de Minas Gerais depositará mensalmente, em conta vinculada, em Banco de que o Estado participe como acionista, ou em estabelecimento de crédito que se proponha, em melhores condições, a critério do Conselho de Administração e mediante controle, a financiar as obras, à ordem da Diretoria de Esportes de Minas Gerais, em “Conta Especial de Construção do Estádio Minas Gerais”, a quota a que se refere a letra “d” do artigo anterior.

Art. 11 – A quota referida na letra “a”, do artigo 9º deste decreto, será depositada mensalmente pela Loteria do Estado de Minas Gerais, também em conta vinculada em Banco de que o Estado participe como acionista, à ordem da Comissão Executiva da Assembleia Legislativa, como representante do Poder Legislativo Estadual.

Art. 12 – As quotas a que se refere as letras “b” e “c”, do art. 9º, para efeito da destinação ali prevista, serão igualmente depositadas pela Loteria do Estado de Minas Gerais, em conta vinculada, em Banco de que o Estado participe como acionista, à ordem da Secretaria de Saúde e Assistência.

Art. 13 – As importâncias mensais provenientes da aplicação do artigo 9º deste decreto, serão depositadas, na forma prescrita nos artigos 10, 11 e 12, até o dia 20 (vinte) do mês subsequente ao de sua arrecadação e serão escrituradas, sob rubrica própria, na contabilidade da Loteria do Estado de Minas Gerais.

Art. 14 – A Secretaria de Saúde e Assistência prestará contas, diretamente ao Tribunal de Contas, das importâncias recebidas em decorrência do disposto na letra “b” do art. 9º, deste decreto, na forma da legislação vigente.

Art. 15 – Semestralmente, e por intermédio da Secretaria de Saúde e Assistência, as instituições de assistência ao tuberculoso pobre, referido na letra “c”, do art. 9º, deste decreto, prestarão contas das importâncias recebidas ao Tribunal de Contas do Estado, na forma da legislação em vigor.

Art. 16 – A taxa de 10% (dez por cento) sobre o custo real do bilhete, a que se refere o art. 6º da lei nº 1.947, de 12 de agosto de 1959, será devida a partir da próxima extração da Loteria do Estado de Minas Gerais.

§ 1º - A Loteria do Estado de Minas Gerais expedirá avisos públicos e comunicações aos seus agentes, para efeito da cobrança da taxa, relativamente às extrações do mês de setembro.

§ 2º – A partir da primeira extração do mês de outubro, o valor da taxa a que se refere este artigo será expressamente consignada no bilhete.

Art. 17 – O pagamento, pela Diretoria de Esportes de Minas Gerais, da indenização autorizada nos termos do art. 9º, da Lei nº 1.947, de 12 de agosto de 1959, dependerá das seguintes condições:

a) apresentação, pela Federação Mineira de Futebol, dos comprovantes do recebimento correspondente à entrada inicial da venda das cadeiras perpétuas do Estádio que mencionada entidade programava construir;

b) entrega gratuita, pela Federação Mineira de Futebol, dos estudos, plantas, projetos e especificações relativas ao estádio que a entidade programava construir.

Parágrafo Único – A despesa resultante do disposto neste artigo correrá por conta da quota atribuída ao Estádio pelo art. 9º, letra “d” deste decreto.

Art. 18 – O cumprimento do disposto no art. 8º, da lei nº 1.947, de 12 de agosto de 1959, far-se-á com a observância das normas estabelecidas no presente decreto.

Art. 19 – Revogam-se as disposições em contrário, entrando este decreto em vigor na data de sua publicação.

Dado no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte aos 29 de agosto de 1959

JOSÉ FRANCISCO BIAS FORTES²³⁶

Após encaminhada a Lei, uma questão também relevante passava a ser destaque: o local onde o estádio seria erguido. Em uma reportagem intitulada “Estádio Estadual Ficará

²³⁶Disponível em: <http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=5637&comp=&ano=1959>. Acesso em: 05 março 2017

Localizado no Bairro da Gameleira ou na Pampulha”, o “Estado de Minas” apresentava o cenário que debatia sobre as resoluções referentes ao local, evidenciado a participação do autor do Projeto de Lei, Deputado Jorge Carone:

O assunto concernente à construção do Estádio Estadual volta a despertar alto interesse, face às atividades do deputado Jorge Carone, autor do projeto que dará ao futebol mineiro aquilo que deverá redimi-lo técnica e financeiramente. Já teve início a “operação local”. Em companhia de Gil César e Silvio Raso, o deputado Carone visitou diversos locais indicados como em condições para a construção do Estádio. Dentre esses pontos, dois deles vêm merecendo as preferências: Gameleira e Pampulha. Ambos, apresentando topografias excelentes, e dispõem de magníficas vias de acesso e escoamento de público. A escolha definitiva dar-se-á nos próximos dias. Em palestra mantida com o deputado Carone, em nossa redação, pudemos deduzir os progressos que vêm cercando a concretização do velho sonho dos desportistas mineiros. Disse-nos, então, Jorge Carone: - “Felizmente, estamos sentindo, a cada dia, maior receptividade envolvendo a construção do Estádio. Dirigentes, adeptos, imprensa, enfim, em todas as camadas o entusiasmo é notório, o que nos anima a prosseguir. Não haverá solução de continuidade”. – Pampulha ou Gameleira? – “Estamos caminhando para encontrar o local ideal. Tanto a Gameleira, quanto a Pampulha oferecem condições magníficas, mesmo porque possui o Estado ali, terrenos próprios à obra”.²³⁷

A Pampulha seria o local escolhido, e representaria também uma tentativa de povoar/valorizar o afastado bairro planejado na gestão do outrora prefeito/governador Juscelino Kubitschek. Sobre este momento, o suplemento “Mineirão 40 Anos” esclarece:

Superada esta etapa, o grupo esbarrou num problema aparentemente insolúvel: onde construir a arena? Gil César e Jorge Carone passam a procurar um local. Cortaram a cidade em todos os pontos. Avaliaram áreas na BR-3, no antigo Instituto João Pinheiro (na avenida Amazonas), outra no extinto Matadouro, no bairro Aarão Reis. Descartaram estes lugares após descobrirem a Pampulha. Na verdade, Gil já conhecia o local, quando da caçada anterior pela construção do Estádio Universitário. Ambos se aventuraram na inóspita região, vencendo arame farpado, rastejando em terreno pedregoso e ganhando picadas de insetos. Apesar dos percalços, eles encontraram o berço ideal do Mineirão: uma área de 300 mil metros quadrados. [...] O terreno escolhido pertencia à Universidade Federal de Minas Gerais e dependia da aprovação do reitor Pedro Paulo Penido. A UFMG tinha interesse em ceder a área, pois iniciara naquela época a construção do campus da Pampulha, onde centralizaria a administração. Ele precisava contar com um vizinho imponente que contribuísse para povoar a isolada região. Com as obras do estádio, Penido poderia convencer os funcionários da instituição a trabalharem no novo campus, pois enfrentava forte resistência à mudança. Mais uma vez o projeto dependia de intervenções políticas. E a sina do Mineirão parecia delineada pela coincidência. O ministro da Educação do governo JK, Clóvis Salgado, por graça do destino, pertencia ao mesmo partido de Jorge Carone. Artur Bernardes, presidente do Partido Republicano, foi fígado pelo persistente deputado e aderiu a proposta. O comodato entre a UFMG e a AEMG foi assinado em 25 de fevereiro de 1960.²³⁸

²³⁷ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 02 out. 1959.

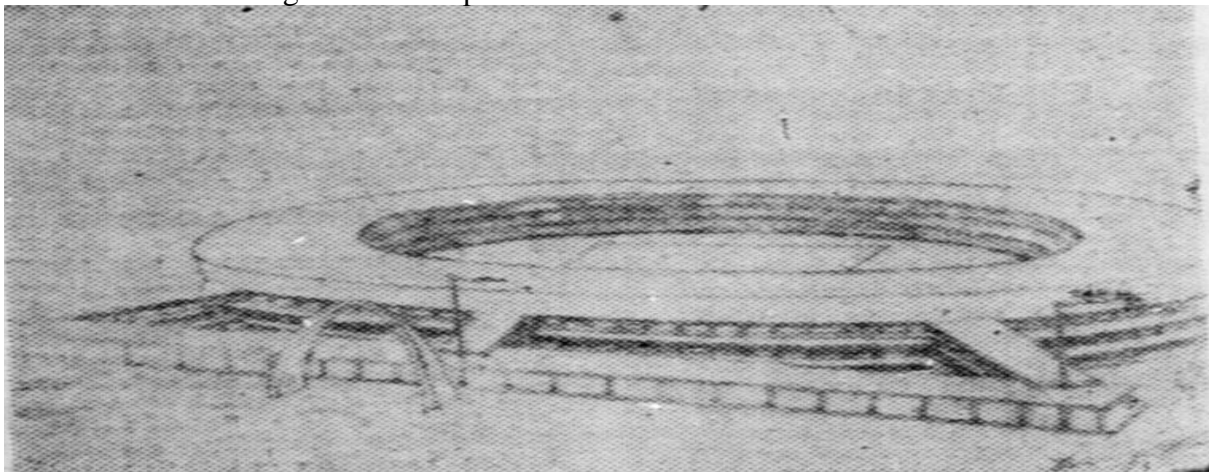
²³⁸ SEIXAS, Wagner; SIMÕES, Alexandre; RIBEIRO, Carlos Henrique. **Mineirão 40 anos: paixão e emoção**. Belo Horizonte: ADEMG, 2005, p. 15.

A assinatura do convênio foi amplamente exposta na imprensa, realçando detalhes e pontuando a importância do ato. O periódico “Folha de Minas”, em matéria assinada com o título “Estádio Minas Gerais: Homologação do Convênio”, tratava do assunto, conforme explicitado pela reportagem abaixo:

O esporte mineiro celebra hoje uma festa. É que, com a presença do Presidente da República, do governador Bias Fortes, bem como de altas autoridades do nosso mundo esportivo, político, administrativo, civil e militar, na sede da Reitoria da UMG, ou mesmo no Palácio da Liberdade será homologado o Convênio firmado a 25 de fevereiro último, no Rio de Janeiro, pelo deputado Jorge Carone, sr. Gil César Moreira de Abreu, o ministro Clóvis Salgado e o Magnífico Reitor Pedro Paulo Penido, dotando o nosso Estado de um magnífico Estádio, que receberá, como se sabe, a denominação de “Minas Gerais”, o qual será construído, dentro em breve, como esperamos, nos terrenos da Cidade Universitária, na Pampulha. Tal homologação será, por certo, mais uma etapa que se define para satisfação integral dos mineiros. O Estádio Minas Gerais compreenderá, em síntese, além das instalações para a prática do futebol, as que se destinarão à prática dos esportes especializados com acomodações para as delegações ou embaixadas esportivas, etc, tendo o estádio capacidade para 100 mil espectadores. – A PEDRA FUNDAMENTAL – Por premência de tempo, não será feito, ainda desta vez, o lançamento da pedra fundamental do Estádio “Minas Gerais”, havendo hoje, simplesmente em solenidade que por certo será das mais expressivas a homologação do mencionado Convênio pelo Presidente da República e pelo Governador do Estado. – INÍCIO DAS OBRAS – De conformidade com uma das cláusulas do mencionado convênio a ser homologado hoje, as obras de construção do Estádio “Minas Gerais” deverão ser iniciadas no prazo de 90 dias a contar de sua vigência. Sem dúvida, como salientamos, hoje será um dia de júbilo e de festa para o esporte mineiro.²³⁹

A reportagem ainda trazia ilustrada uma maquete do estádio, apresentando um panorama do que viria a ser o monumental espaço esportivo da capital:

Figura 75 – Maquete do Estádio “Minas Gerais”.



Fonte: Jornal Folha de Minas, 05.03.1960, p. 6.

²³⁹ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 05 mar. 1960.

Daí para frente, todos os esforços se concentravam mesmo em dar continuidade às obras, sem perder o fôlego que comprometera os anteriores projetos. Nos anos seguintes, as notícias vão se concentrar no andamento da construção do estádio, evidenciando aspectos importantes para a compreensão do cenário que compunha todo o processo.

A denominação da nova praça esportiva, por exemplo, era um destes elementos e passava a merecer maior atenção, trazendo à tona o evidente envolvimento do campo político, que obviamente buscava capitalizar vantagens a partir da consolidação do enorme anseio da população esportiva da cidade. Saía à frente nesta etapa o nome do governador mineiro, que angariava a simpatia de boa parte dos envolvidos no projeto, conforme anunciava a reportagem do “Estado de Minas”:

Atitude simpática e que por certo terá ampla repercussão em nossos meios sociais-desportivos, acaba de tomar o Conselho de Administração do Estádio. Reconhecendo o amplo apoio que tem recebido do governo do Estado, para execução das respectivas obras e ainda em homenagem ao trabalho desenvolvido pessoalmente pelo chefe do Executivo, no sentido de se tornar realidade velho sonho dos mineiros, resolveu, aquele Conselho por maioria, fazer indicação à Assembléia Legislativa, para que a praça de esportes receba o nome do ilustre governador Bias Fortes. Trata-se, sem dúvida, de resolução das mais felizes, ao se levar em conta o auxílio do governo para que o Estádio seja concluído no menor espaço de tempo possível, dotando, portanto, nossa Capital de uma obra à altura de seu progresso e que será recebida com orgulho pelos mineiros, notadamente aqueles que estão mais ligados às atividades esportivas.²⁴⁰

O definição do nome do estádio seria revelador de um embate político que viria a definir os rumos da sua construção²⁴¹. Por ora, a indicação de Bias Fortes teve forte aceitação e parecia ser de fato a futura denominação da nova praça esportiva. O início da construção, com a presença das máquinas que cortavam o desenho do estádio, ganhava destacado espaço na imprensa, em meados de 1960. Uma reportagem do “Folha de Minas”, ocupando página inteira, pormenorizava o princípio dos trabalhos, e anunciava emblemática manchete: **COMEÇA A SURGIR – O SONHO SE REALIZA.**

O texto seguia descrevendo vários detalhes, tratando o estádio como uma realidade que dificilmente deixaria de acontecer:

Desta feita, o esperado estádio para Belo Horizonte sairá mesmo, pois não ficará como das vezes anteriores, em apenas projetos, vendas de cadeiras cativas, etc. etc. Com o projeto de lei aprovado pela Assembleia Legislativa, de autoria do deputado

²⁴⁰ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 2, 02 abr. 1960.

²⁴¹Trataremos deste assunto de maneira pontual mais à frente do capítulo.

Jorge Carone Filho, e sancionado pelo sr. Governador Bias Fortes, a realização desta esperada obra de beleza arquitetônica e de conforto dos desportistas mineiros, pois sua capacidade será de 100 mil pessoas assentadas, teremos dentro de anos mais ou menos, em pleno funcionamento o Estádio “Governador Bias Fortes”, para muitos um sonho, que se transforma em realidade. O autor do projeto do Estádio “Governador Bias Fortes” é o conhecido arquiteto Eduardo Guimarães, nome bastante conhecido dentro da engenharia nacional, através de trabalhos dignos dos maiores elogios. Buscou o dr. Eduardo Guimarães os detalhes dos maiores estádios existentes de todo o mundo e deles tirou um o que de mais interessante poderia aproveitar para projetar esta obra que será, dentro em breve, outro orgulho dos mineiros, principalmente dos belorizontinos que deverão contar com o segundo grande estádio do universo. O Estádio “Governador Bias Fortes”, conforme já salientamos, tem capacidade para 100 mil pessoas assentadas, sendo 50 mil espectadores nas arquibancadas; 30 mil nas gerais e 20 mil nas cadeiras. Recolhemos alguns dados técnicos para melhor esclarecer aos nossos leitores. Todo o Estádio será coberto, inclusive as gerais. Haverá acesso independente para todos os setores, inclusive para a imprensa. Haverá uma área de estacionamento para cerca de 3 mil carros de todos os tipos. O acesso será muito rápido e fácil pelas Avenidas Antonio Carlos, Catalão (prolongamento da Pedro II), e Perimetral. Serão construídas 18 belíssimas cabines especiais para a crônica falada, escrita e televisionada. As linhas do Estádio “Governador Bias Fortes” são moderníssimas e, na certa, o trabalho do dr. Eduardo Guimarães servirá de modelo para outras praças de esportes que serão construídas não só em Minas Gerais, mas, também, em outras partes do Brasil. Conversamos com o engenheiro Gil César Moreira de Abreu, administrador do Estádio “Governador Bias Fortes”, sob a sequência das obras que estão seguindo um ritmo normal. Da palestra com o dr. Gil anotamos que os serviços de sondagem já foram terminados, estando em terraplanagem, que estarão terminados dentro de 60 dias. A concorrência das fundações terminará no dia 25 de maio, pois as fundações começarão antes de terminada a terraplanagem, a fim de facilitar outros trabalhos de sequência. Estão em plena execução as redes hidráulicas e elétrica. Com satisfação, o administrador do Estádio “Governador Bias Fortes” anunciou que já existe água no local e, também, luz. A partir de amanhã, segunda-feira, serão colocados 24 holofotes em torno da área, para permitir trabalhos noturnos²⁴².

O destaque recorrente da associação do Estádio com o nome do governador Bias Fortes parecia ser intencional. Em outras duas partes, a reportagem releva o mandatário mineiro, justificando a pretensa denominação do espaço esportivo como justa e acertada. Seguiu o texto:

No decorrer da próxima semana o Conselho Administrativo do Estádio estará reunido com o Governador Bias Fortes tratando do empréstimo de oito milhões de cruzeiros, que serão pagos em 3 cotações da quota da Loteria do Estado de Minas Gerais. Com este financiamento, as obras terão ritmo acelerado, acreditando-se que com outros empréstimos o Estádio “Governador Bias Fortes” esteja concluído num tempo recorde: dois anos e meio. No próximo dia 15 do corrente o Governador José Francisco Bias Fortes, acompanhado de seu Secretariado, visitará as diversas obras deste grande empreendimento arquitetônico que é o Estádio “Governador Bias Fortes”. Ali, o chefe do executivo mineiro e seus auxiliares diretos poderão tirar uma conclusão da grandiosidade deste projeto de lei do deputado Jorge Carone

²⁴² FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 11, 01 mai. 1960.

Filho, nome que ficará guardado para sempre pelos desportistas, como o deputado das grandes realizações²⁴³.

O tom ardorosamente político ainda reservava um espaço na página, com um quadro que fazia menção à nomenclatura do estádio, tantas e repetidas vezes citada na reportagem. Lê-se no quadro estampado pelo periódico:

ESTÁDIO “GOVERNADOR BIAS FORTES”

A denominação de “Governador Bias Fortes” para o futuro estádio de 100 mil pessoas, com que contará o público esportivo de Minas Gerais, foi bem resolvida por todos aqueles que conhecem de perto os esforços com que o governador José Francisco Bias Fortes sempre atendeu aos promotores desta grande realização esportiva para nossa terra. Esta denominação representa o apreço e o agradecimento dos desportistas montanhesees ao ilustre chefe do executivo mineiro.

Ilustrando a matéria, o periódico apresentava uma série de fotografias, com as máquinas trabalhando e a presença de sujeitos importantes no processo de construção do estádio. Destacamos duas delas abaixo:

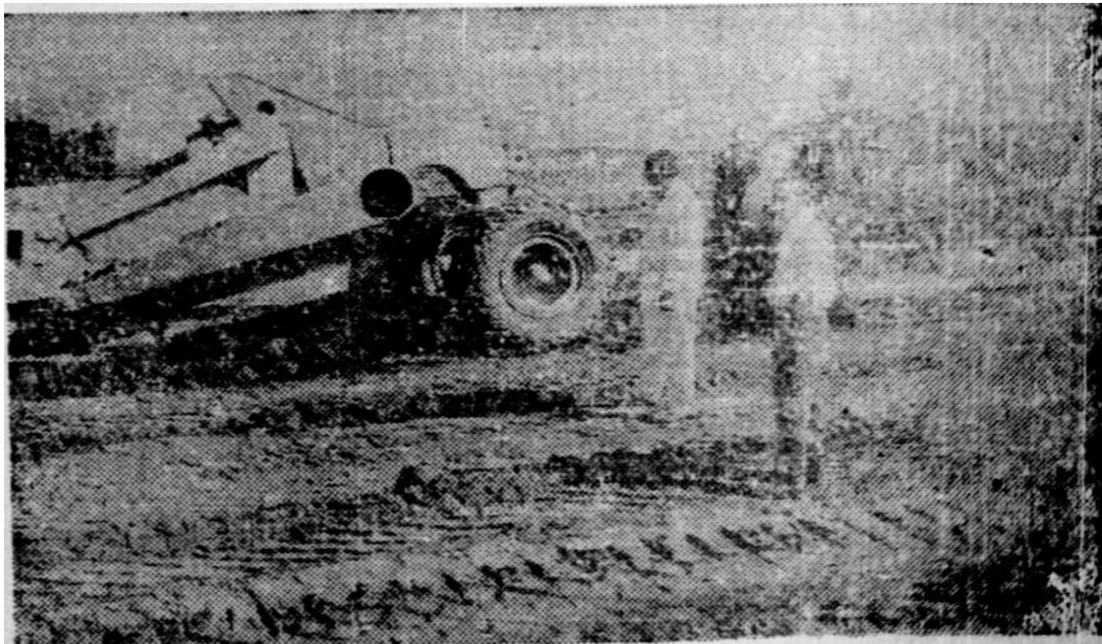
Figura 76 – Máquinas trabalhando no estádio.



Fonte: Jornal Folha de Minas, 01.05.1960, p. 11.

²⁴³ *Idem.*

Figura 77 - Tratores em ação.



Fonte: Jornal Folha de Minas, 01.05.1960, p. 11.

De fato, a imagem política do governador Bias Fortes parecia fortemente atrelada ao contexto esportivo, a ponto do mesmo ser denominado o “governador dos esportes”. Já em 1961, último ano do seu mandato, o jornal “Folha de Minas” realçava a homenagem recebida pelo chefe do executivo mineiro, apontando os motivos de tal consideração:

A Associação Mineira de Cronistas Esportivos entregará amanhã ao sr. Bias Fortes o título de “Governador dos Esportes”. O Chefe do Executivo será homenageado por ocasião de um jantar que lhe será oferecido por salões do Brasil Palace Hotel. A solenidade está marcada para amanhã, a qual comparecerão figuras do mais alto gabarito da crônica esportiva, da vida política e social de Belo Horizonte. – O GOVERNADOR DOS ESPORTES – Dentre os trabalhos do sr. Bias Fortes em prol do esporte mineiro, ressaltamos a volta do ginásio Paissandu, para a prática de esportes especializados; a sede própria para a Escola de Educação Física; a recente construção da nova sede da Diretoria de Esportes na Praça da Liberdade; **o apoio que deu para a construção do Estádio Estadual, problema máximo do nosso futebol**²⁴⁴; a implantação no interior do Estado de modernas praças de esportes; a completa estrutura dada à DEMG e o auxílio que ofereceu a diversos clubes da capital e do interior, incrementando na consciência do povo mineiro uma sadia formação moral. Cumpre salientar que S. Exa., ainda por intermédio da DEMG, realizou as Jornadas de Educação Física que revolucionaram os métodos até então empregados. – HOMENAGEM – O sr. Bias Fortes receberá da AMCE esta justa homenagem, que é uma justiça que se presta pelo muito que realizou para o esporte. Em nome da AMCE falará o sr. Afonso Celso raso, presidente da entidade. Ainda nesta solenidade, será conferido ao sr. Bias Fortes o título de “Governador dos Esportes”.²⁴⁵

²⁴⁴ Grifo nosso.

²⁴⁵ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 08 jan. 1961.

A matéria trazia um flagrante fotográfico do governador Bias Fortes, reforçando a imagem do homem público com as coisas e as causas do esporte:

Figura 78 – Bias Fortes, o “Governador dos Esportes”.



Fonte: Jornal Folha de Minas, 08.01.1961, p. 10.

A organização dos responsáveis pelo projeto, em especial do engenheiro Gil César, alimentava a ideia de que o estádio estava cada vez mais próximo de sua concretização. Com prestação de contas pública (uma exigência legal), o Conselho de Administração do Estádio arrebanhava a confiança de todos aqueles que acompanhavam o andamento das obras. Em janeiro de 1961 o “Folha de Minas” publica os planos e o balancete de construção do estádio:

Cumprindo dispositivo legal, o Administrador do “Estádio Minas Gerais” entregou ao deputado Jorge Carone Filho o relatório das atividades do ano passado, cuja íntegra divulgamos a seguir. O Deputado Carone é, além de presidente do Conselho de Administração, o autor do projeto que, convertido em lei, propicia a construção desse estádio, a qual, como os leitores verificam, já vai adiantada. Eis o relatório:

Senhor Presidente Deputado Jorge Carone Filho

Senhores Conselheiros;

Em cumprimento ao que dispõe o Regulamento do Conselho de Administração do Estádio Minas Gerais, venho submeter a judiciosa apreciação de V. Sas., ao término do exercício de 1960, um relatório de todas as atividades específicas desta Administração e das relacionadas com o Conselho, acompanhado do Balancete de Receita e Despesa, de dezembro de 1960 e do Balanço Geral encerrado, em 31 de dezembro de 1960. – RECURSOS FINANCEIROS – Com a Lei n.º 1947/59, de autoria do Presidente do Conselho, Deputado Jorge Carone Filho, foi criado o

fundo especial para a construção do Estádio “Minas Gerais”, proveniente de recursos da Loteria do Estado; posteriormente, com a intervenção do Governo do Estado, através do sr. Governador Bias Fortes foi assinado com o Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais S.A. um contrato de financiamento no valor de 100.000.000,00 (cem milhões de cruzeiros), que propiciou andamento mais rápido dos nossos trabalhos, com a destinação mensal de cerca de CR\$ 8.300.000,00 (oito milhões e trezentos mil cruzeiros) para as obras do Estádio. – ESCOLHA DO TERRENO – Após as providências tomadas, de comum acordo, por este administrador e por esse respeitável Conselho, inclusive junto ao Patrimônio do Estado, e após o exame de terrenos pertencentes à particulares, ficou deliberado, graças a entendimentos preliminares com a Reitoria da UMG, o aproveitamento de área pertencente à Cidade Universitária, na Pampulha, em local ideal de fácil acesso, e que atenda perfeitamente aos demais requisitos técnicos exigidos por uma obra desta natureza. – ASSINATURA DO CONVÊNIO – Em 25 de fevereiro de 1960, graças à boa vontade demonstrada pelo então Ministro Clóvis Salgado, foi assinado Convênio entre o Ministério da Educação e Cultura (UMG) e o Governo do Estado (DEMG), convênio este posteriormente homologado por V. Exa. O sr. Presidente da República e pelo exmo. sr. Governador do Estado. Conseguiram-se, com este Convênio, inúmeras vantagens para a obra, como seja: a) Cessão do terreno gratuitamente; b) Projeto fornecido pelo Escritório Técnico da Cidade Universitária também gratuitamente; c) Entrosamento da Administração do estádio com o Escritório Técnico da Cidade Universitária, com a conseqüente economia de pessoal técnico; d) Ampliação da finalidade do Estádio: atenderá não somente ao futebol e ao esporte especializado, em geral, mas também à classe universitária, que poderá utilizar-se de suas dependências – nas suas programações oficiais, durante 20 dias consecutivos, por ano. PROJETO DO ESTÁDIO – Executado pelo Dr. Eduardo Mendes Guimarães Junior e Dr. Gaspar Garreto, do Escritório Técnico da Cidade Universitária. Ressalte-se o cuidado na sua execução, com a consulta prévia de projetos já executados, não só no Brasil, mas em todo o mundo. “Características Gerais” – Capacidade para 100.000 pessoas assentadas (50.000 nas cadeiras, 30.000 nas gerais e 20.000 nas cadeiras) – Totalmente coberto (cadeiras e arquibancadas), notando-se inclusive, como detalhe inédito, parte da geral coberta. Acesso independente para todos os setores, inclusive para as cabines da Imprensa, Rádio e TV. – Os jogadores terão acesso ao vestiário, sem contacto com o público. – Evacuação do estádio em 10 minutos – o Estádio permitirá o alojamento de 600 pessoas, contando ainda com 1 restaurante interno, cozinha e demais instalações. O alojamento de atletas não constituirá problema, na ocasião das Olimpíadas. – Estacionamento para 6.000 automóveis – Departamento Médico completo, obedecendo a todos os requisitos de clínica esportiva moderna. Instalada a Administração a 3 de abril de 1960, demos início efetivo aos nossos trabalhos. “Serviços realizados a partir daquela data”: [...] ADMINISTRAÇÃO – Os serviços de Administração têm sido realizados exclusivamente com o pessoal pertencente aos quadros da Diretoria de Esportes de Minas Gerais, graças à colaboração daquele órgão. Cabe-nos ressaltar o valioso concurso que nos tem sido emprestado por esses elementos, com desprendimento, boa vontade e capacidade. Número de funcionários à nossa disposição, trabalhando em expediente integral (pela manhã e à tarde): 10 (dez); funcionários que nos emprestam a colaboração em meio expediente: 6 (seis); - Gastos gerais com pessoal de escritório (salários) média mensal: Cr\$ 53.000,00 (cinquenta e três mil cruzeiros). “Horário normal de trabalho”: de 8 às 11 e de 13 às 18 horas. [...] “Setor Técnico”: - Este Administrador visitou o Maracanã a fim de se inteirar das obras, detalhes de construção, drenagem do campo de futebol, iluminação, impermeabilização da marquise, cabines de rádio e TV, situação das autoridades no campo, revestimento e organização administrativa, etc. Entrou em contato com o Estádio Nacional de Lisboa a respeito da gramação do campo; entrou em contato com o Morumbi e Pacaembu, em São Paulo; recebeu da Suécia, por intermédio da T. Janer, projeto do Estádio Ullevi. Foram expedidas por este Administrador 500 (quinhentas) ordens de serviços.

A publicação da prestação de contas desperta a crítica do jornalista esportivo do “Folha de Minas”, cujo pseudônimo “Malagueta” parecia fazer jus ao tom apimentado das suas considerações, expostas na coluna intitulada “Na área de penalte”. A nota de Malagueta expressava a sua preocupação de mudanças quanto ao quadro de conselheiros responsáveis pela administração do estádio:

A administração do estádio “Bias Fortes” está publicando uma prestação de contas. Dá a entender que vai ceder o lugar, entregando-o aos futuros governantes. Não sei se ela possui mandato ou exerce função de confiança. Lendo sua composição vê-se que o governo quis cercar-se das mais altas garantias morais, ao escolher os nomes que nomeou, todos eles em conjunto ou cada um isoladamente bastantes como fiadores do exato emprego dos dinheiros. Se vão sair, será pena. Ou então providência ociosa da situação que vai se instalar, pois o essencial é que as obras do estádio prossigam dentro do ritmo que tomou e com as condições e a etiqueta de probidade que lhe emprestam os seus responsáveis. Deve-se pois temer que a mudança modifique esse aspecto da empreitada. Também será de lamentar que não possa continuar o engenheiro-administrador, o jovem Gil César Moreira de Abreu. Esse elogio que lhes faço agora, ao engenheiro e aos integrantes do conselho, não é de encomenda, e Deus permita que não seja de total desvalia, partindo de quem parte, escreva pouco afeito a examinar e sentir a intimidade das pessoas que realizam tarefas do interesse esportivo. Mas penso refletir a unanimidade de opinião do esporte que vê nesse grupo o que melhor poderia ser reunido para levar avante desconfianças e às inevitáveis suspeitas. Quem lê o relatório do que já se fez até agora na Pampulha concluirá que não há necessidade de mudar e que essa turma deverá permanecer. Mudar para quê? Para melhorar como? Tudo vai muito bem, que é o que todos esperávamos. Não há atrasos, os trabalhos não sofreram quebra de continuidade e os recursos mobilizados asseguraram inteira e cabal execução dos planos dentro dos prazos previstos. Não importa saber quanto se gastou, onde se empregaram esses e outros dinheiros: o fundamental é que não se ponha em dúvida a correção do seu uso, a limpeza das mãos por que passaram. Será que tudo na atual administração precisa ser substituído? Por via das dúvidas, já aqui deixo a estranheza e as apreensões dos meios esportivos em relação aos homens do estádio “Bias Fortes”, o sonhado estádio de Minas, que vimos esperando há tantos anos e que não pode ser interrompido nem retardado, só porque a mania agora é a de mudar para pior ou atoamente por capricho ou por falta de imaginação.²⁴⁷

O Conselho do Estádio permaneceria praticamente o mesmo até a finalização do projeto, inclusive com o jovem engenheiro-chefe Gil César à frente da execução das obras. No entanto, o deputado Jorge Carone, responsável pelo projeto de lei que autoriza a construção do estádio, viabilizando recursos do Estado, se afasta da administração e do Conselho, para disputar a prefeitura de Belo Horizonte no ano seguinte (1962). Este fato é emblemático para ilustrar a capitalização política via edificação da arena futebolística tão

²⁴⁷ FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 6, 28 jan. 1961.

desejada pela população da cidade, notadamente àqueles afeitos ao cenário esportivo belorizontino e mineiro.

Carone usa, de maneira escancarada, o estádio da Pampulha como carro-chefe da sua campanha, explorando enfaticamente tal situação. Por diversas oportunidades, os jornais estampavam a sua figura em propagandas políticas que explicitavam a sua relação com o projeto do estádio, como a exposta abaixo:

Figura 80 – Propaganda política do candidato Jorge Carone à Prefeitura de Belo Horizonte em 1962.

VOCÊ QUE AINDA NÃO DECIDIU EM QUEM VOTAR LEIA ESTA MENSAGEM:

UM NOVO PRONTO-SOCORRO PARA A CAPITAL!
Aumentado em 646/61, o projeto 1.394 do deputado Jorge Carone foi transformado na Lei nº 2.395, de 10/7/59, que criou a Loteria do Estado, cujo retorno para a construção, instalação e manutenção do novo Pranta Sacconi do Capital, foi feito e consentido pelo o fundador da Loteria do Estado. Tal lei destinou ampla recursos para a construção de pontos de higiene no interior mineiro.

UM GRANDE ESTÁDIO PARA BELO HORIZONTE!
Aumentado em 11/5/59, o projeto 117 do deputado Jorge Carone foi transformado na Lei 1947, de 13/8/59, que possibilitou a construção do Estádio Minas Gerais – cujas obras estão em andamento – com novos recursos oriundos da Loteria do Estado. Além do grande estádio, de grande significação para o nosso esporte, a Lei possibilitará a construção da nova sede da Assembleia Legislativa, com outra parcela dos recursos destinada a contribuir na solução do problema da tuberculose em Minas.

UMA VIDA DEDICADA AOS INTERESSES DA COLETIVIDADE!
Jorge Carone Filho, nasceu em 1919, em Visconde do Rio Branco. Ainda muito jovem ingressou no político, sendo eleito vereador em 1942. De 1954 a 1958 foi prefeito de sua cidade, marcando a sua administração com uma série de realizações, a que foram anexas a criação de Visconde do Rio Branco entre os municípios de menor progresso do Brasil. Eleito deputado estadual nas eleições de 1958, Jorge Carone representou o Estado na Assembleia Legislativa pelo seu extenuante mandato. No exercício do seu mandato representou cerca de 150 projetos, com mais de 70% deles transformados em lei. Em decorrência do seu trabalho, os funcionários que trabalham na Assembleia Legislativa acolheram-no, por 3 anos consecutivos, o melhor deputado mineiro. Também por 3 anos foi “Personalidade de Minas”, em promoção dos “Diários Associados” – que vai no setor de esporte e desporto nos níveis das assembleias legislativas. Suas realizações que lhe conferem, inequivocamente, a posição de melhor deputado de Minas Gerais, o merecem. Seus candidatos à Prefeitura de Belo Horizonte são: Leopoldo, Precioso de um homem dinâmico e realizador, Precioso de dar a Belo Horizonte um homem capaz de enfrentar e solucionar os seus problemas – Jorge Carone!

INICIATIVAS DE VULTO
Atento ao estado social que deve existir, o trabalho dos representantes do povo, o deputado Jorge Carone criou e conseguiu recursos para a construção de Casas de Estudante, escolas para o mercado escolar, pontos de recreação e foi o grande laborador pela melhoria da situação do funcionário público. Foram suas iniciativas neste setor: ELEVACÃO DO ABCDO DE FAMÍLIA, EQUILIBRAÇÃO DOS INATIVOS aos servidores do ativo.

**PARA PREFEITO JORGE CARONE FILHO
CARONE REALIZA MESMO!**

Fonte: Jornal Diário da Tarde, 11.09.1962, p. 7.

O texto do reclame político de Carone se apropriava fortemente da imagem do candidato ter sido o “deputado dos esportes”, ou ainda o “deputado do estádio”. Recortando o trecho que faz essa associação de forma mais direta, podia-se ler:

UM GRANDE ESTÁDIO PARA BELO HORIZONTE!

Aumentado em 11/05/59, o projeto 117 do deputado Jorge Carone foi transformado na Lei 1947, de 13/8/59, que possibilitou a construção do Estádio Minas Gerais – cujas obras estão em andamento – com novos recursos oriundos da Loteria do Estado. Além do grande estádio, de grande significação para o nosso esporte, a Lei possibilitará a construção da nova sede da Assembleia Legislativa, com outra parcela dos recursos destinada a contribuir na solução do problema da tuberculose em Minas.²⁴⁸

²⁴⁸ DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 7, 11 set. 1962.

Além de anúncios pagos, Carone também era prestigiado em matérias jornalísticas, que ressaltavam o seu fundamental papel para a realização do projeto que viabilizava a construção do estádio mineiro. Em uma destas reportagens, acentuava-se:

CARONE, PELO TRABALHO QUE REALIZOU EM FAVOR DO POVO, É O FAVORITO NO PLEITO

[...] Eleito três vezes consecutivas pelos jornalistas como o melhor deputado de Minas, o sr. Jorge Carone é o responsável pelos projetos de criação do Estádio Municipal, Pronto Socorro, Metamig, Telemig, construção de grupos escolares e aumento do funcionalismo estadual, projetos que já foram transformados em lei e que colaborarão para o desenvolvimento econômico e social de Minas. [...] Observando a paixão do brasileiro pelo futebol, e sabendo que em Belo Horizonte não havia um estádio que pudesse receber uma grande massa de torcedores para assistir a seu divertimento predileto, o sr. Jorge Carone idealizou o Estádio Municipal, em construção na Pampulha, e terá acomodações para 100 mil pessoas, estando a sua conclusão prevista para fins de 63, o que poderá significar o progresso técnico e financeiro do futebol mineiro, atualmente lutando com uma série de problemas que não podem ser equacionados sem um grande estádio.²⁴⁹

Além do texto, uma fotografia do candidato se destacava no centro da página do jornal, explicitando a imagem de Carone em um flagrante de discurso político:

Figura 81 – Candidato Jorge Carone discursando.



Fonte: Jornal Diário da Tarde, 23.09.1962, p. 3.

Carone talvez represente o mais pontual e aparente processo de exploração política do fato que significou a construção do estádio (ele seria o candidato eleito para o mandato

²⁴⁹ DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 3, 23 set. 1962.

1963/1966²⁵⁰). Porém, outros tantos sujeitos buscariam politicamente benefícios advindos deste contexto. Era evidentemente positivo atrelar uma imagem de homem público à um projeto tão vistoso e de tamanha visibilidade. Durante todo o tempo, o cenário político constitui importante fator no processo de constituição do estádio. Desde formulação de projetos de leis (e futura conversão em lei), até a atuação decisiva de vários personagens que acabam determinando o rumo de definição do projeto.

A Câmara de Vereadores de Belo Horizonte não deixa de adotar tal postura, estabelecendo aproximações que pudessem garantir algum retorno no apoio prestado à edificação do estádio. O periódico “Diário da Tarde” registra a visita dos responsáveis pela obra, à convite de um dos vereadores. A nota, intitulada “O Estádio na Câmara”, era acompanhada de uma grande fotografia, onde os edis se esforçavam em garantir uma posição de destaque, em pose de duvidosa naturalidade:

Por proposta do vereador João de Paulo Pires, cujo requerimento enviado à mesa mereceu unânime aprovação, tiveram os edis a presença no plenário do presidente da Diretoria de Esportes de Minas Gerais, Ricardo de Carvalho, e que se fez acompanhar do engenheiro Gil César de Abreu e Natalino Triginelli, este um dos diretores do órgão que dirige os destinos do desporto mineiro. Na ocasião fizeram os visitantes uma exposição detalhada dos trabalhos em torno da construção do Estádio Estadual, obra que está sendo erguida na Pampulha. Completo êxito foi alcançado, face à maneira explícita como a questão colocada ao conhecimento dos senhores Vereadores. Além da “maquete”, foram expostas fotos das diversas fases de construção, ilustrando os esclarecimentos prestados pelo Presidente da DE, e seus auxiliares. Tamanha a repercussão encontrada pela exposição que ficou decidida, a fim de atender a pedidos, que a partir de sábado, serão expostos na sede do Cruzeiro Esporte Clube a “maquete”, fotos, gráficos e demais documentos relativos à grande obra que virá emprestar ao nosso Estado os meios para a consagração definitiva no cenário do desporto nacional. Na foto, o presidente Ricardo de Carvalho mostra aos edis os detalhes do que será a monumental obra já em construção na Pampulha.²⁵¹

²⁵⁰ Em 1962 Jorge Carone se reelege Deputado Estadual e – de acordo com a legislação eleitoral vigente à época, que permitia dupla candidatura – elege-se prefeito de Belo Horizonte. No entanto, em janeiro de 1965, como reflexo do golpe militar de 31 de março de 1964, foi impedido de exercer o seu mandato até o fim, por uma decisão da Câmara Municipal. Em 1966, filiado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido de oposição ao regime militar, candidatou-se a deputado federal, mas dias antes da eleição teve seus direitos políticos cassados e só foi retomar sua atividade política em 1979, com o decreto da anistia.

²⁵¹ DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 2, 29 mar. 1962.

Abaixo, a foto que ilustrava a reportagem:

Figura 82 – Visita da Diretoria de Esportes de Minas Gerais à Câmara Municipal de Belo Horizonte.



Fonte: Jornal Diário da Tarde, 29.03.1962, p. 2.

A aparentemente utilização política por parte dos vereadores com a construção do estádio é rebatida em uma nota da seção esportiva do jornal “Diário da Tarde”, assinada pelo jornalista João Lino de Matos, em sua coluna intitulada “Sem Fronteiras”. Nela, o periodista assinala uma posição de apoio à atitude dos membros da Câmara da cidade, enfatizando:

NÃO HÁ MOTIVO PARA ESTRANHEZA – O atendimento, por parte de Ricardo de Carvalho, de um convite da Câmara Municipal para falar sobre o andamento das obras do Estádio “Minas Gerais” causou estranheza em determinados círculos esportivos da cidade. Evidentemente, o Estádio é um departamento estadual e o presidente da Diretoria de Esportes não foi chamado a nenhuma prestação de contas. Os nossos edis, numa atitude até elogiável, quiseram saber em que a municipalidade poderia contribuir para a execução da monumental obra que se ergue na Pampulha. Sua omissão, sim, é que seria motivo de estranheza, pois ninguém ignora que diversos problemas do Estádio “Minas Gerais” (rede de esgotos e de água, asfaltamento das tuas e avenidas, estabelecimento de linhas de “troleibus”, etc.), estão ligados à Prefeitura, dela dependendo sua solução. A exposição de Ricardo de Carvalho, presidente da Diretoria de Esportes, e de Gil César, administrador do estádio, causou a melhor impressão entre os vereadores que, entusiasmados com o que viram e ouviram, prometeram dar sua colaboração, para que o “Colosso da Pampulha” seja a mais viva realidade, em pouco tempo.²⁵²

²⁵² DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 2, 10 abr. 1962.

Em distintos momentos, a atuação do governador José de Magalhães Pinto se tornaria crucial para a consecução do projeto do estádio. Assumindo o governo do Estado em 1961, Magalhães Pinto convive num primeiro momento com o fantasma de uma obra vultosa implementada pelo seu antecessor e adversário político Bias Fortes (e o receio de promovê-lo com a conclusão da mesma). É possível perceber, à partir de 1961, o arrefecimento da imprensa em denominar o estádio de “Bias Fortes”, atitude outrora comum e corrente. No entanto, hábil político, Magalhães Pinto publicamente assume a postura de apoiador do estádio, e em determinadas situações determinando o aporte financeiro para que as obras seguissem o seu ritmo. Como em 1962, quando propõe ao Legislativo um projeto de Lei que viabilizasse a garantia dos recursos para o andamento célere de construção do estádio, conforme noticiado pelo “Diário da Tarde”:

Tendo comparecido à noite na sede da Federação Mineira de Futebol, durante a reunião do Conselho Divisional, Gil Moreira de Abreu, administrador do futuro Estádio Minas Gerais, fez uma ampla explanação da evolução de suas obras e dos problemas que tem sido encontrados para o seu prosseguimento. Perante os representantes dos clubes, deu a conhecer uma fórmula capaz de apressar a construção, possibilitando a sua conclusão num prazo máximo de 2 (dois) anos. O plano foi encontrado após estudos realizados conjuntamente pelo presidente do Conselho, pelos membros da Diretoria de Esportes e obteve aprovação do governador Magalhães Pinto, que encaminhará à Assembleia nos próximos dias, uma mensagem contendo projeto de lei que autoriza a Loteria Estadual a promover, uma vez por mês, em substituição a um de seus planos semanais, a extração de um especial, dispondo que o excedente do lucro líquido, após os descontos das quotas destinadas a entidades diversas seja assim aplicado: até 30% para construção dos “play-grounds” e o restante para as obras de construção do Estádio. Pelos cálculos do administrador do estádio Municipal, serão conseguidos com o projeto cerca de 15 milhões de cruzeiros, mensalmente, para o prosseguimento das obras em ritmo acelerado. Disse ainda que as obras estão sendo realizadas atualmente com uma verba de menos de 3 milhões de cruzeiros por mês, o que torna o seu andamento muito lento. Deverão ser gastos com a construção do Estádio, que terá capacidade para cem mil pessoas, cerca de 500 milhões de cruzeiros.²⁵³

A recepção da proposta na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais é evidentemente a melhor possível, posto que nenhum político à esta altura se posicionaria contra o projeto do Estádio, entendido como uma obra de grande interesse da população. Este cenário é exposto na reportagem abaixo, que evidenciava o apoio incondicional dos deputados mineiros à proposta do governador:

“Os mineiros terão em breve o seu estádio de futebol – disse ao repórter o deputado Renato Azeredo – pois a Assembleia Legislativa, que aprovou o projeto do deputado Jorge Carone, que tornou possível o início daquela importante obra, não negará o seu apoio à uma proposição do Governador que permitirá a conclusão

²⁵³ DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 2, 14 jul. 1962.

daquela praça de esportes. Como homem público e como esportista, darei meu apoio à mensagem, por entender que o desporto mineiro necessita verdadeiramente de uma praça de esportes, para que possa se projetar como força poderosa no cenário nacional”. “A construção de um grande estádio em Minas Gerais é um sonho que vem sendo acalentado há muitos anos – prossegue o deputado Renato Azeredo – é um empreendimento reivindicado de longa data pelos homens do esporte. Sabemos todos nós que a construção do Pacaembu, em São Paulo, e Maracanã, no Rio de Janeiro, veio dar um alento novo ao futebol daqueles dois importantes centros. Até o advento daqueles estádios, as rendas eram baixas, viviam os clubes cariocas e paulistas em aperturas financeiras. Depois, com as grandes arrecadações, novos horizontes foram abertos àqueles clubes. Acredito que o mesmo acontecerá em Minas Gerais. Quando tivermos uma praça de esportes condizente com o nosso progresso, o nosso esporte entrará em fase de incontrolável evolução”.²⁵⁴

A referida lei seria de fato sancionada, e a sua aprovação entendida como fundamental na continuidade dos trabalhos de construção do estádio. A imprensa destacava todo este acontecimento e seus meandros, e anunciava a boa-nova com relevo à participação e o papel assumido pelo governador:

O Estádio Estadual, que está sendo erguido na Pampulha, vai receber o impulso de que carecia, agora que o Governador Magalhães Pinto sancionou a lei que dispõe sobre a extração do plano especial da Loteria de Minas e que permitirá a conclusão das obras. Ao ato, esteve presente o dr. Gil César Moreira de Abreu e, na oportunidade, o Governador ressaltou o empreendimento, reconhecendo como das mais importantes a obra que se ergue na Pampulha. Assim, dentro de dois anos o Estádio Estadual será entregue a população, para os grandes acontecimentos esportivos da Capital e do Estado.²⁵⁵

A manchete da reportagem, acompanhada de um registro fotográfico, é emblematicamente ilustrativa da importância do evento:

²⁵⁴ DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 7, 03 ago. 1962.

²⁵⁵ DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 2, 28 nov. 1962.

Figura 83 – Foto aérea do Estádio “Minas Gerais” em construção.



Fonte: Jornal Diário da Tarde, 28.11.1962, p. 2.

A importância do novo estádio era tamanha, que merecia, eventualmente, suplementos especiais sobre a sua construção. Em 1962, já no final do ano e em data comemorativa ao 65º aniversário da cidade de Belo Horizonte, o “Diário da Tarde” produz uma edição exclusiva sobre o novo estádio, trazendo os bastidores da sua implementação, bem como personagens importantes neste processo e dados técnicos da sua edificação. Ao longo das suas dez páginas, as várias reportagens enaltecem a nova praça de esportes. Dentre estas, destacamos:

ESTÁDIO: O PRESENTE À BH – O mineiro vê com orgulho nascer na Pampulha ainda em sua fase embrionária, representada por estacas, montes de britas e cimento e com o entusiasmo de um exército de homens, o seu Estádio Municipal. Será a grande obra que colocará Minas efetivamente como terceiro centro desportivo do País. Mas, para que isto fosse conseguido, muitas lutas tiveram que ser vencidas e só mesmo o entusiasmo e a indômita vontade que caracterizam a personalidade mineira foram capazes de superar os ilimitados obstáculos que surgiram no caminho daqueles que sonhavam com a majestosa praça. E hoje, como autêntico presente ao aniversário de Belo Horizonte, já começa a brotar do chão, apontando para o céu a obra que antes de ser um orgulho para nós, constitui-se num significado do que somos capazes de realizar.²⁵⁶

Outra matéria, no entanto, ressaltava o fato da construção do Estádio “Minas Gerais” representar a “morte” do Estádio “Independência”, pois segundo o jornalista, este seria incapaz de concorrer com o novo espaço esportivo/futebolístico da cidade. Isto é particularmente importante, se tratando de um estádio que fora construído e inaugurado há pouco mais de uma década. Diz a nota, intitulada “Vamos ter futebol na Pampulha: Independência vai ser ruínas”:

A conclusão do Estádio Estadual, prevista para 64, vai representar sem dúvida a redenção financeira do futebol mineiro, assinalando um marco de progresso que já se torna indispensável. O Estádio que se ergue na Pampulha irá significar para o futebol montanhês uma situação de real prestígio em todo o país, passando o nosso Estado a possuir o terceiro estádio em capacidade somente superado pelo Maracanã e Morumbi. Daí a ansiedade com que o público aguarda e acompanha tudo aquilo que se relaciona com a grandiosa obra que já vai se despontando próximo à suntuosa lagoa da Pampulha. Com o Estádio teremos arrecadações superiores à 10 milhões de cruzeiros, número que ainda poderá ser superado levando-se em consideração a época em que for inaugurado, quando a população da Capital já terá se elevado consideravelmente. A era do Estádio Estadual irá acabar de uma vez por todas com a exploração de que são vítimas os grandes clubes da Capital, por parte do Sete de Setembro. Já não mais haverá a necessidade de se atender às absurdas imposições do modesto clube setembrino. Ficarão os grandes do futebol montanhês livre das taxas exigidas pelo Sete de Setembro, passando o Independência a servir unicamente ao grêmio da Floresta. Veremos então às moscas o inestético estádio do Horto não mais emperrando a máquina futebolística de nosso Estado. O Independência não será mais que uma lembrança dos dias aflitivos que atravessa o association mineiro. O Estádio Estadual está sendo construído dentro da mais avançada técnica. Tudo foi bem planejado e neste particular é justo se destacar a construção das vias de acesso ao monumental estádio. Avenidas de largas dimensões já foram abertas, podendo o público se locomover em várias direções: para a Antônio Carlos, para a avenida que margeia a lagoa e para o Carlos Prates. Não é sem razão que o público está ansioso por ver concluído o Estádio, livrando-se do desconfortável Independência.²⁵⁷

No entanto, um fato histórico determinante para que o governador Magalhães Pinto aderisse definitivamente à ideia de conclusão das obras do estádio seria a conquista do

²⁵⁶ DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 4, 12 dez. 1962.

²⁵⁷ DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 3, 12 dez. 1962.

Campeonato Brasileiro de 1963 pela esquadra de Minas Gerais. Sempre à sombra das seleções cariocas e paulistas, a primeira conquista da seleção mineira marcaria de forma contundente os bastidores políticos da construção do estádio. Este contexto é narrado da seguinte forma pelos jornalistas Wagner Seixas, Alexandre Simões e pelo historiador Carlos Henrique Riberiro:

A Seleção Mineira de Futebol tornara-se campeã brasileira, em 1963, conduzindo o Estado a uma euforia incontida. Nem mesmo a conquista da Copa do Mundo de 1962 provocara tamanha comoção coletiva. Magalhães Pinto ficou impressionado e viu a chance de projetar sua administração através do Mineirão. Era um atalho político para dar maior visibilidade nacional ao seu governo. Ao ver a multidão, nas ruas de Belo Horizonte, comemorando o título, entendeu ser o novo Estádio um poderoso instrumento social, político e econômico. Aumentou ainda mais sua convicção quando viu sair de Minas os campeões do torneio e a crônica esportiva desandar críticas em função da inexistência de uma arena que desse sustentação financeira aos clubes, tornando-os capazes de manter os atletas em seus times.²⁵⁸

O começo do ano de 1963 também é marcado pela posse do jornalista Ricardo de Carvalho junto ao Conselho de Administração do Estádio (representando, à pedido do próprio Governador, a Diretoria de Esportes, órgão do Estado responsável pelo gerenciamento das coisas do esporte em Minas Gerais). A presença de Ricardo de Carvalho estava atrelada à figura do presidente do Conselho de Administração do Estádio, o engenheiro Luiz Pinto Coelho (homem de confiança de Magalhães Pinto, à frente do Conselho para garantir a capitalização política de tal empreendimento)²⁵⁹. O empossamento do jornalista é devidamente registrado pelos periódicos belorizontinos, dentre eles o “Diário da Tarde”, que trazia o seguinte registro:

O Conselho de Administração do estádio Minas Gerais esteve reunido anteontem, iniciando os seus trabalhos por volta das 20 horas e só terminando pela madrugada. Participaram da reunião os srs. Luiz Pinto Coelho, presidente; Gil César Moreira de Abreu, engenheiro administrador da obra; e os conselheiros Said Paulo Arges, Armando Cordeiro, José Flávio Dias Vieira, Mário de Andrade Gomes e Ricardo de Carvalho, este último se empossando na representação da Diretoria de Esportes, da qual é o presidente. NOVO MEMBRO - O jornalista Ricardo de Carvalho

²⁵⁸ SEIXAS, Wagner; SIMÕES, Alexandre; RIBEIRO, Carlos Henrique. **Mineirão 40 anos: paixão e emoção**. 2005, p. 23.

²⁵⁹ De acordo com o suplemento especial “Mineirão 40 anos”, o projeto de construção do estádio parecia definir, pelo embate político entre Bias Fortes e Magalhães Pinto (este último entendia que o novo campo traria glórias ao arqui-rival Bias Fortes). Assim, “para dissuadir o governador, surge o engenheiro Luiz Pinto Coelho, indicado por Magalhães para presidir o Conselho de Administração do Estádio Minas Gerais. Diziam que Coelho fora plantado para jogar a ‘pá de cal’ no sonho de ver o campo construído. A história viria a mostrar que a boataria não lhe fora justa. Homem de confiança do governador, ele havia se convertido à necessidade de se construir o estádio. Num encontro com Magalhães, em 1963, fez ponderações que ajudaram a demover o governador do propósito de limitar recursos e até mesmo parar as obras”. In: SEIXAS, Wagner; SIMÕES, Alexandre; RIBEIRO, Carlos Henrique. **Mineirão 40 anos: paixão e emoção**. 2005, p. 17/18.

assumiu a representação da Diretoria de Esportes junto ao Conselho, vaga desde o início do ano passado. Na oportunidade de sua posse, o presidente da Diretoria de Esportes disse de seu empenho em colaborar com o Conselho, a fim de que o estádio, meta comum de todos os mineiros, seja em breve uma realidade.²⁶⁰

Outro fato que chama a atenção neste início de ano é a visita de dois bicampeões mundiais de futebol, um deles o maior jogador do mundo à época: Zito e Pelé são convidados a conhecer o Estádio “Minas Gerais”, e a presença dos ilustres jogadores no campo em obras recebe grande cobertura da imprensa local. Em uma das reportagens, o texto assinalava:

Continua a despertar grande interesse a obra que se ergue na Pampulha e que dentro de dois anos dará ao esporte mineiro o seu estádio. Gente de todas as camadas sociais comparece diariamente ao local onde se planta o Estádio “Minas Gerais”, para admirar a grandiosidade do empreendimento do qual já se pode ter nítida ideia. O “rei” Pelé – o maior jogador do mundo – e Zito, seu companheiro do Santos e também bi-campeão mundial, visitaram, na última sexta-feira, as obras do estádio e tiveram palavras de elogio e incentivo para com os construtores do estádio. Ao final, assinaram o livro de presença, cercados dos fans, quando ficaram sabendo que até o dia 15 de abril toda a geral e cadeiras apoiadas estarão prontas.²⁶¹

A imagem dos jogadores do Santos e da Seleção Brasileira sentados nas arquibancadas em construção ilustra a matéria, e dá uma dimensão do avanço das obras do estádio:

Figura 84 – Pelé e Zito visitam as obras do Estádio “Minas Gerais”.



Fonte: Jornal Diário da Tarde, 12.03.1963, p. 7.

Com o andamento das obras garantido em ritmo acelerado, era preciso, mais que tudo, promover a divulgação do monumental estádio para o restante do país. Magalhães Pinto, imbuído deste espírito, convida à Minas Gerais uma comitiva de jornalistas do Rio de Janeiro

²⁶⁰ DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 7, 2 fev. 1963.

²⁶¹ DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 7, 12 mar. 1963.

para que tomem conhecimento do estágio em que se encontrava o “Colosso da Pampulha”. A chegada da comitiva de jornalistas cariocas é fartamente explorada pela imprensa mineira, fazendo a devida cobertura e dando visibilidade ao acontecimento, desde os momentos que antecederam até a repercussão:

A convite do governador Magalhães Pinto, vinte e cinco cronistas esportivos do Rio de Janeiro estarão hoje na Capital, a fim de visitar as obras do estádio “Minas Gerais”. Os jornalistas guanabarinenses, que virão em dois grupos – às 8 e 10 horas – assistirão também à inauguração do novo escritório da ADEMG e serão homenageados às 13 horas, pelo chefe do Executivo mineiro, que lhes oferecerá um almoço no Palácio da Liberdade. Às 20 horas, serão recepcionados com um jantar, pelo Conselho de Administração do Estádio e pela Associação Mineira de Cronistas Esportivos, na Churrascaria “Alhambra”. Os jornalistas cariocas serão recebidos no aeroporto da Pampulha por um grupo de cronistas mineiros, dirigentes de clubes e representantes do Conselho de Administração do Estádio. Às 10:30 horas, a caravana visitante, em companhia do governador Magalhães Pinto, percorrerá as obras de construção do estádio “Minas Gerais”, ocasião em que o chefe do Executivo estadual inaugurará o novo escritório da ADEMG. Estarão presentes à solenidade, ainda, vários representantes da crônica esportiva mineira, além de dirigentes de entidades e clubes locais. A caravana guanabarina virá composta dos seguintes jornalistas: Luiz Alberto (Diário de Notícias e Rádio Nacional), Antônio Cordeiro (Rádio Nacional), José Maria Scassa (TV Tupi e O Jornal), Oduvaldo Cozzi (Rádio Mayrink Veiga), Geraldo Escobar (Última Hora), Armando Nogueira (Jornal do Brasil), Aquiles Chirol (Correio da Manhã), Ricardo Serran (O Globo), Anselmo Domingues (Revista do Esporte), José Dias (Sport Press – Agência de Notícias Esportivas), Armando Neskier (Manchete e Fatos & Fotos), Luiz Mendes (TV Rio), Geraldo Romualdo da Silva (Jornal dos Sports), Ernesto Carvalho dos Santos (Presidente da Associação dos Repórteres Fotográficos do Rio), Canor Simões Coelho (Presidente da DAE da ABI), Jader de Oliveira (TV Tupi – Repórter Esso), José Araújo (O Jornal), Luiz Carlos Barreto (O Cruzeiro), Marum Jazik (O Dia e A Notícia), José Cavaca (Tribuna da Imprensa), Rui Porto (O Globo), Froed Quarterolli (Diário Carioca), Mário Filho (Jornal dos Sports), Oldemário Toguinhó (Jornal do Brasil) e João Lyra Filho (Jornal dos Sports).²⁶²

²⁶² ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 4, 13 ago. 1963. FONTE: Jornal Estado de Minas, 13.08.1963, p. 4.

A matéria vinha ilustrada com uma tomada aérea do estádio em construção, e mostrava o estado adiantado das obras:

Figura 85 – Anúncio da visita da imprensa carioca às obras do estádio “Minas Gerais”.



Fonte: Jornal Estado de Minas, 13.08.1963, p. 4.

Ao reunir os principais veículos de comunicação, Magalhães Pinto esperava que a propaganda sobre o estádio “Minas Gerais” ganhasse visibilidade no maior centro cultural brasileiro, recém outrora capital do país e influente espaço do esporte e do futebol nacional (que abrigava o maior estádio do mundo, o Maracanã). O evento da visita da nata da imprensa carioca às obras do estádio mineiro obviamente reverbera em grande destaque, tendo a sua ocorrência repercutida em considerável parte dos periódicos da cidade, que evidenciavam:

O Governador Magalhães Pinto reafirmou, ontem, que o “Estádio Minas Gerais” estará concluído em dezembro de 1964, ao acompanhar os principais cronistas esportivos da Guanabara e de Minas, na visita que fizeram, pela manhã, às obras da segunda praça de esportes do país, que o Governo do Estado vem construindo na Pampulha. Depois de percorrer todas as dependências do estádio, quando receberam informações de natureza técnica do engenheiro Gil César Moreira de Abreu, administrador, os cronistas dirigiram-se ao local onde está instalado o escritório central, ao lado das obras. O Ministro João Lira Filho, representando os jornalistas cariocas presentes, ofereceu ao Governador uma placa de prata comemorativa, da visita, ocasião em que traduziu a satisfação de todos os cronistas da Guanabara ao constatarem que o Estádio vem sendo construído em ritmo acelerado, e que o Governo promete o maior empenho para que as obras sejam

concluídas nos prazos previstos. O Ministro Lira ressaltou que “o projeto que vem sendo cumprido na Pampulha simbolizará a cultura política e esportiva de Minas, e que será testemunho da preocupação maior do Governo de horizontalizar seus esforços na direção das classes mais sofredoras do povo mineiro”. Com capacidade para cem mil pessoas, com área coberta que abrangerá as arquibancadas, cadeiras e parte das gerais, dispondo de 42 dormitórios para 480 pessoas, de restaurante interno e de um estacionamento para cinco mil veículos, o Estádio Minas Gerais” será o segundo do Brasil e o quarto estádio coberto do mundo. Permitirá a prática do futebol e do atletismo, sendo, todo ano, durante um período nunca inferior a 20 dias, cedido aos estudantes, a fim de que ali se realizem os jogos da programação universitária. O conjunto esportivo completo prevê a construção, ainda, de cinco quadras de tênis, duas piscinas, oito quadras de voleibol, seis campos de futebol, Escola de Educação Física, Departamento de Esportes Náuticos e um Ginásio. Depois de agradecer a placa com que foi agraciado pelos cronistas da Guanabara e de reafirmar que o Estádio estará concluído até dezembro de 1964, o sr. Magalhães Pinto disse que, sustentando-se na filosofia de valorização do homem, seu Governo dedica atenção especial à cultura esportiva do povo mineiro.²⁶³

O tom do discurso do governador mineiro acentuando as questões do “quadro político brasileiro” já atentava para uma crise política nacional à espreita, e que meses depois se consolidaria com o Golpe Militar, destituindo a estrutura democrática vigente. Já com este novo cenário instaurado, Magalhães Pinto investe ainda mais força e energia (e verbas) para a conclusão das obras do estádio. Pouco tempo depois do episódio “Golpe Militar”, o governador (alinhado ao comando político estabelecido no país) anuncia um novo e grande aporte de recursos para o célere desenvolvimento da construção do estádio mineiro, conforme anunciado à época pelo “Estado de Minas”:

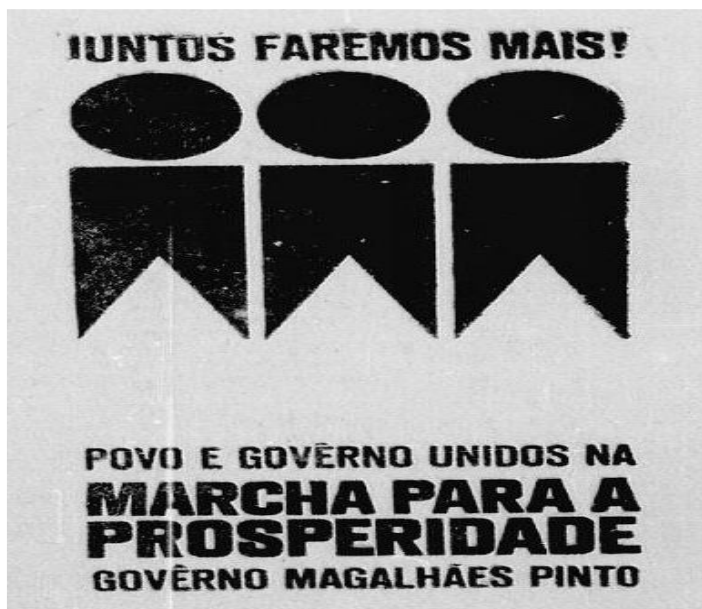
Na presença de jornalistas estrangeiros, que se encontram no Brasil para assistir aos jogos da “Taça das Nações” e que ontem visitaram, no Palácio da Liberdade, juntamente com cronistas esportivos da Guanabara e de Belo Horizonte, o governador Magalhães Pinto assinou expediente autorizando os bancos de Crédito Real, Mineiro da Produção e Hipotecário e Agrícola a fazer um financiamento de 450 milhões de cruzeiros à Administração do Estádio “Minas Gerais”, para intensificação das obras de construção da majestosa praça de esportes da Pampulha.²⁶⁴

A conclusão do “Estádio Minas Gerais” parecia ser, mais que tudo, uma prioridade para o governo mineiro a partir de 1964. Chamava atenção o fato da gestão estadual investir em propaganda governamental, neste ano especificamente, estampando sua logomarca destacadamente nas páginas esportivas dos principais periódicos da capital, onde as notícias sobre o andamento das obras do estádio se situavam:

²⁶³ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 14 ago. 1963.

²⁶⁴ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 06 jun. 1964.

Figura 86 – Propaganda do governo mineiro em páginas de esporte.



Fonte: Jornal Folha de Minas, 16.10.1964, p. 7.

O estádio seguia rumo à sua inevitável conclusão. O sentido de monumentalidade da obra despertava cada vez mais o interesse de muitos setores da sociedade, mas sem dúvida a imprensa era uma grande entusiasta do projeto. A revista “Foto Esporte”, em sua edição de novembro de 1964, apresentava uma série de reportagens, intitulada “A Corrida do Estádio”, em que apresentava a seguinte sinopse:

Primeiro um Projeto de Carone. Depois a Lei 1.947. Agora são homens que trabalham dia e noite, para em maio de 65 o mineiro ouvir discursos, ver hasteada a Bandeira Nacional e torcer pela vitória de sua seleção, possivelmente contra a Alemanha. Nesta hora haverá euforia e muito alívio por parte da torcida: afinal o Estádio não virou ruína – ela estará murmurando. E o “monstrinho da Pampulha”, como a Favela chama o “Minas Gerais”, estará se inaugurando e levando muita coisa para a história do esporte mineiro. O princípio dessa história nós vamos contar a todos, em série de reportagens.²⁶⁵

A primeira matéria trata da “Lei do Estádio”, e faz um apanhado cronológico dos principais eventos que determinaram a ocorrência do projeto e sua consequente construção:

Quando um turista chegar à Belo Horizonte e o abordar na rua, pedindo informações sobre o Estádio “Minas Gerais”, você não poderá dizer que nada sabe a este respeito. Antes que isso aconteça, tome nota. A construção do Estádio chegou com a Lei 1947 de 12 de agosto de 1959, que criou, no Governo Bias Fortes, o fundo especial para o início das obras. Esta lei, baseada em projeto do então Deputado Jorge Carone, foi o primeiro passo para que o “Minas Gerais” fosse

²⁶⁵ FOTO Esporte n. 3. Belo Horizonte, p. 27, novembro/1964.

uma realidade. Antes, várias tentativas para se construir uma Praça de Esportes foram grandes, mas apesar da boa-vontade, nenhuma se baseava numa arrecadação de fundos sólida. Depois de todos os empecilhos encontrados veio a assinatura do primeiro contrato. Ele foi assinado com o Banco Hipotecário – cem milhões para as primeiras despesas, que ajudaram o Administrador Gil César Moreira de Abreu a dar prosseguimento aos contatos mantidos com a Reitoria da UMG, visando conseguir os terrenos que hoje o Estádio “Minas Gerais” está utilizando. Motivo da escolha: acesso fácil ao torcedor pelas Avenidas Antônio Carlos à BR-31/Perimetral – e mais: a Avenida Catalão (a ser construída) vai ligar o “MG” à Avenida Pedro II. Para se conseguir este local, em fevereiro de 60, o governo do Estado assinou um Convênio com o MEC, obtendo várias vantagens. A cessão do terreno foi gratuita, mas houve ampliação das finalidades do Estádio: ele atenderá também a classe universitária, que poderá utilizar-se de suas dependências durante 20 dias por ano. Este Convênio marcou a primeira etapa vencida pela Administração do Estádio “Minas Gerais”, passando depois o Gil César ao início da obra, com o mineiro já sabendo como seria seu estádio: 100 mil pessoas assentadas – 5º mil nas arquibancadas, 30 mil na geral e 20 mil nas cadeiras. E há um detalhe importante: a cobertura abrange toda a extensão da arquibancada e cadeiras, e parte também da geral será coberta em abertura em “V” atrás dos gols. Está aí o maior orgulho dos engenheiros que constroem o “Minas Gerais”, pois a parte da geral que ficará coberta constitui um detalhe inédito. Outra grande vantagem do Estádio, e que os seus engenheiros se sentem satisfeitos quando se fala, reside no tempo para a saída do público – com lotação completa: apenas 10 minutos. E para comprovar isso, o mineiro deve esperar um pouco – só uns sete meses.²⁶⁶

Sem dúvida alguma, o principal assunto na cidade no ano de 1965 era a proximidade com a conclusão do estádio. Na véspera de sua inauguração, o “Estado de Minas” apresentava uma matéria de primeira página, destacando a importância do estádio para o desenvolvimento de Minas Gerais, não apenas no âmbito esportivo, mas como prova inconteste da capacidade e do valor do povo mineiro quanto à grandes realizações, notadamente na concepção de uma modernidade forjada no soerguimento de obras monumentais. Apresentado como um “retrato do progresso”, o estádio “Minas Gerais” representava portanto o alcance do Estado à uma dimensão distintiva, equiparando-se aos principais centros brasileiros que exibiam um desenvolvimento moderno, especialmente o eixo Rio-São Paulo. A enaltecedora narrativa jornalística dizia:

A inauguração do Estádio Minas Gerais, programada para amanhã, não é apenas um acontecimento do esporte. Todos os mineiros, mesmo aqueles impermeáveis às emoções do futebol, por certo que se orgulham da obra que vai ser incorporada ao patrimônio da cidade. A imponente praça de esportes da Pampulha não pode ser encarada como um ponto de referência capaz de atestar o grau de desenvolvimento das atividades esportivas. Ela representa mais do que isso: é o resultado da alta capacidade técnica da nossa engenharia, do empenho do poder público atuando em consonância com o gosto do povo, atendendo a predileção da maioria pelos espetáculos do “association”, modalidade em que, aliás, somos bi-campeões do mundo. O Estádio, antes de ser o palco das refregas entre os clubes, passará a ser uma atração a mais para os que visitam Belo Horizonte. Numa cidade de pouco

²⁶⁶*Idem.*

mais de meio século de vida, com a arquitetura arrojada dos prédios que formam a sua fisionomia urbana, o grande centro esportivo que amanhã será aberto às competições constitui outro marco do seu progresso, sabendo-se principalmente que é o segundo estádio do mundo coberto. Minas caminha pois, à frente de vários países de tradição na história esportiva. O notável empreendimento que o governador Magalhães Pinto vai inaugurar, é bem o retrato da evolução do nosso Estado.²⁶⁷

Além do texto, a reportagem trazia uma ampla foto do estádio, ilustrando a grandiosidade da obra:

Figura 87 – Estádio na véspera de sua inauguração.



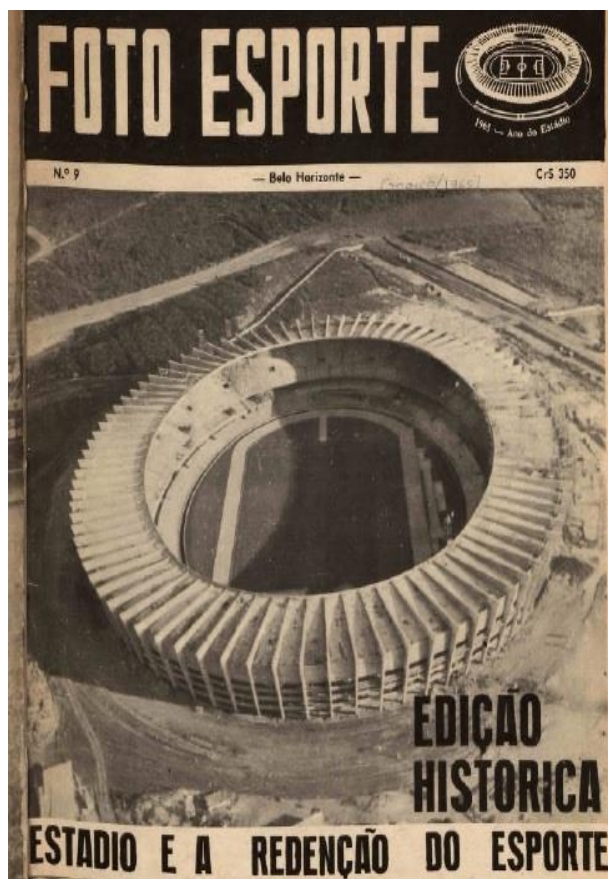
Fonte: Jornal Estado de Minas, 04.09.1965, p. 1.

Uma edição especial da revista “Foto Esporte”, publicada pouco antes da inauguração do estádio, dava mostras da dimensão de importância que o evento teria não apenas para a cidade de Belo Horizonte ou para o Estado de Minas Gerais, mas também para o Brasil e o mundo. Esta edição é de fato tão marcante, na apresentação do estádio em um conjunto de reportagens e reclames publicitários (todos alusivos à conclusão das obras), que apresentamos a seguir alguns recortes de textos e imagens que a compõe.

²⁶⁷ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 04 set. 1965.

Logo na sua capa, é possível perceber uma série de apontamentos relevantes. O destaque dado ao ano de 1965 como “o ano do estádio”, demonstrando a inequívoca constatação que nenhum evento alcançaria a dimensão de valor como a conclusão das obras do estádio mineiro. A chamada de capa também é bastante reveladora da perspectiva/expectativa que se colocava sobre o “Gigante da Pampulha”. Nela lê-se “O estádio e a redenção do esporte”, acentuando o discurso corrente que o novo espaço esportivo da cidade resolveria boa parte dos problemas esportivos (em especial do futebol), lançando as bases definitivas para o desenvolvimento da cultura esportiva de Minas Gerais. Estampava capa ainda uma fotografia aérea do Mineirão praticamente pronto, onde percebe-se, além da monumentalidade da obra, o enorme vazio habitacional em seu entorno:

Figura 88 – Capa da Revista Foto Esporte - edição especial “Mineirão”.



Fonte: Revista Foto Esporte n. 9.

Inicialmente, em seu editorial, a revista presta um rol de homenagens àqueles que, no seu entendimento, contribuíram para a sua concretização:

O esporte mineiro vive agora os dias históricos de sua existência. É que todos nós comemoramos a inauguração do Estádio Minas Gerais, obra que representa em seu todo, a capacidade realizadora de nosso povo e o início de uma perspectiva nova

no desenvolvimento de nosso desporto. Minas possui agora o segundo maior estádio coberto do mundo. E nosso orgulho é ainda maior ao constatarmos que o Estádio Minas Gerais está localizado numa cidade moça como Belo Horizonte, mas que já sente o impacto de inauguração tão gigantesca como a que agora participamos. E neste momento, nós que também nascemos sob a égide do Estádio Minas Gerais, não poderíamos deixar de enobrecer aqueles que foram responsáveis pela sua construção. Ao Sr. Jorge Carone Filho, que em momentos de inspiração divina indicou os caminhos que deveriam ser seguidos para que a construção do Estádio fosse realizada. Hoje, tão justamente, o povo o proclama dono do Estádio e de sua lei. Nossa homenagem ao ex-Governador Bias Fortes, pelo apoio que deu ao projeto Jorge Carone, pois foi durante o seu governo, rico em realizações, que o Estádio começou a se erguer. Ao Sr. Magalhães Pinto, atual governador de todos os mineiros, o agradecimento sincero do esporte. Graças à sua atuação dinâmica que os alicerces do estádio puderam subir, até a sua consumação definitiva como um verdadeiro estádio. O mérito de ter prosseguido a obra do antecessor, desvinculando-se para isso os preconceitos políticos, ficará marcado na história esportiva do Brasil. A Gil César Moreira de Abreu, Administrador-Geral, e aos membros do Conselho de Administração, há também uma palavra de agradecimento e homenagem pelo trabalho incansável desenvolvido em favor da construção do estádio. A Natalino Geraldo Triginelli as nossas homenagens finais pelo decisivo apoio dado ao Estádio Minas Gerais. Foi depois de sua posse na Diretoria de Esportes, como presidente, que a confiança do povo mineiro aumentou. Se o estádio é hoje inaugurado, é porque ele emprestou toda sua inteligência, trabalho de idealista e homem de visão. Tudo isso estava no anonimato até agora. Hoje, porém, seu nome emergiu do silêncio para receber como condecoração, um voto de louvor e gratidão, idêntico ao que agora também enviamos ao operário anônimo do Estádio Minas Gerais. Enfim, a todos, a nossa homenagem.²⁶⁸

A seguir, o periódico apresentava uma seção intitulada “Vamos todos conhecer o Mineirão”, em que uma espécie de visita guiada era proposta aos leitores, com a seguinte chamada: “Torcedores com destino ao Mineirão, queiram virar as páginas dessa revista para que conheçam o nosso querido Estádio Minas Gerais e boa viagem”. Logo abaixo, o texto do *tour* era exibido:

De repente o carro para e você vê aquele gigante acolhedor. E escolhe uma das dezenas de entradas existentes. Mas antes tem o problema do ingresso. Esqueceu-se de compra-lo aqui pelo centro? Não quer dar cinquenta cruzeiros de lucro aos negociantes que ficam na porta a oferecer “entrada rápida e sem fila”? Não há problema, então. Basta adquiri-lo, sem fila, numa das dezenas de bilheteria que funcionarão no Estádio. Pode se queixar do preço: está realmente caro, mesmo para um campo de categoria do Mineirão. Mas o que se há de fazer. Enquanto não vem a Catalão, avenida a ser aberta através da mata de Engenho Nogueira e que ligará o centro da cidade diretamente ao Estádio, enquanto ela não vem, servimo-nos da Avenida Antônio Carlos. É difícil um belo horizontino que não a conheça; para eles vai aqui uma indicação: esta avenida começa ali na Lagoinha – Praça Vaz de Melo. É asfaltada e ampla, podendo trafegar de uma vez, em suas duas pistas, quatro ou cinco carros. De lá até a Avenida que ligará o Estádio à Antônio Carlos, demoramos exatamente dez minutos, indo em boa prosa e calmamente. Logo ao chegarmos ao Viaduto da BR-31, no Alto do Bairro São Francisco, divisamos ao longe o majestoso estádio. Uma vez dentro do campo, postado nas arquibancadas, cadeiras cativas ou gerais, o Estádio parece dizer-lhe: “esteja à vontade, amigo, a

²⁶⁸ FOTO Esporte n. 9. Belo Horizonte, p. 3, julho-agosto/1965.

casa é sua”. Para estar bem à vontade, você terá a preocupação apenas de procurar o lado da sua torcida. Pois o resto você terá à mão: 36 bares, dezenas de lavatórios, bebedouros e sanitários. Muita sombra e água fresca. Agora, escolha rápido o seu lugar que a partida vai começar. Lá do túnel alvo despontam os jogadores. Carinhosamente vão pisando no delicioso gramado. Saltitam com alegria, entra o juiz e decide começar o jogo. No intervalo, que tal uma gostosa urinadela para inaugurar os luxuosos sanitários. E depois, que tal ainda uma cervejinha bem gelada, a apenas dez metros, sem fila, sem nada, que poderá ser acompanhada de um sanduíche ou coisa parecida. Faltam cinco minutos para terminar o jogo. No Independência você já estaria se locomovendo para o portãozinho de saída, perdendo bons e decisivos minutos de futebol. Aqui no Mineirão, entretanto, esta preocupação não existirá mais: sem afobação, correria e apertamentos, você sairá tranquilamente por uma das saídas do estádio. Mesmo que o bruto esteja lotadíssimo e você seja um dos últimos da arquibancada ou geral, não demorará mais de 10 minutos para estar fora do campo.²⁶⁹

A exaltação sobre a estrutura eficiente do estádio é destacada em outra reportagem, intitulada “Estádio e as cinco maravilhas”. De acordo com a revista, o novo estádio de Minas Gerais possuía cinco marcas distintivas, que o tornava superior à todos os demais estádios, atrelado à insígnia identitária do “estádio mais moderno do mundo”, expressão que seria grandemente explorada e reforçada pela mídia e pela propaganda governamental:

Cinco características possantes colocam o Estádio Minas Gerais como o mais moderno do mundo (sem exagero). Construídas em caráter de ineditismo, encham de orgulho o torcedor mineiro, que pode se gabar de ter o estádio mais seguro, mais confortável, mais gramado, mais iluminado, mais sombreado do mundo. Eis as cinco maravilhas do Mineirão: **SOMBRA, ÁGUA FRESCA E BOTINADAS** – No Mineirão, é como se estivesse em sua própria casa. Tudo à mão. Anda-se alguns degraus de metros e acabou-se a urgência. Fome? Só para quem não tem dinheiro: 36 bares espalhados pelo estádio. Novidade confortante: elevadores. Não para nós, torcedores, mas para figurões, figurinhas e etc. O torcedor pode se lembrar do drama que nos impingia o campo do Independência: filas enormes para beber água, apenas duas torneiras. Dois sanitários constantemente acorridos. Mas com o Mineirão acabou tudo isso. É água à vontade, sombra, água fresca e botina. Sem dúvidas, amigos, é o Estádio Bíblico. [...] **ACABOU O JOGO NOTURNO** – A unidade de medida da luz no Maracanã chega a 180 lux. No Mineirão, chega a 300. Os torcedores já perceberam que teremos um futebol às claras. Para se conseguir isso, o engenheiro Listz Viana encomendou 240 projetos da firma Peterco – Comércio e Indústria – pagando 16 milhões de cruzeiros e recebendo uma infalível garantia de fabricação. Já não teremos que ver jogos sob as luzes minguadas do Independência e outros mal luzidos, onde jogadores e bola se confundem com cabeças e pés, tamanha a escuridão. Os reflectores do Minas Gerais são inquebráveis, e mesmo esquentando pode chover à vontade que não rebentam. A vantagem dos 300 lux é esta: quando tivermos televisão em cores, não precisaremos dotar o Mineirão com mais reflectores (sim senhor, a máquina de fazer doidos, quando age coloridamente, exige muita luz). Temos de estádio para iluminar todo caráter obscuro de juiz. **UM CÉU CONCRETO** - Talvez pelo espírito folgazão do mineiro, o infeliz torcedor que sofreu anos e anos com sol bravíssimo do Independência, o arquiteto Gaspar Garreto houve por bem arranjar lugares à sombra para todo mundo. Procurou dar tanta sombra que por fim a cobertura do Mineirão passou a ser a segunda do mundo, ainda alcançando um detalhe inédito, que somente ele possui: cobertura em V, com 28 metros de largura,

²⁶⁹ *Idem*, p. 5.

que parece dois enormes, saudáveis e amigáveis braços que nos acolhem confortavelmente. Transforma o Mineirão em verdadeiro amigão. Amigo para todas as paradas. Inclusive quando São Pedro cismar de abrir as torneiras celestes. Não teremos de ver os lamentáveis guarda-chuvas espalhados por todos os lados, impedindo a boa visão, incomodando-nos. [...] É PROIBIDO COMER A GRAMA – Proibido pisar na grama, melhor seria dizer: proibido comer a grama – assim se referiu o poeta Carlos Drummond de Andrade, exaltando a bonita grama dos jardins do Palácio da Liberdade, num de seus poemas. Se o poeta visse o magnífico gramado do Minas Gerais, poderia acrescentar tranquilamente: “e depois comer a grama do Estádio como sobremesa”. [...] O responsável por ele é o engenheiro agrônomo Camilo de Assis Fonseca Filho, que após vários estudos sobre a aritmética do verde, decidiu-se sobre aquele tipo de grama. Como novidade, o gramado tem uma grama mais clara que faz as delimitações regulamentares do campo, dispensando o incômodo uso da cal e outros recursos. Mede 110 metros de comprimento, por 75 de largura. Outra característica que o coloca entre os melhores e mais modernos do mundo, é a drenagem. Se chover durante um dia ele rapidamente seca o campo, colocando-o em condições de jogo em menos de 10 minutos. [...] EVACUAÇÃO EM DEZ MINUTOS - Senhora esposa: pode deixar seu marido ir ao Mineirão e aguardar, tranquila, a sua volta são e salvo. Já é desnecessário o medo. De fato, outrora suas preocupações tinham muita razão de ser, pela absoluta falta de segurança que existia em nossos campos. Mas esse nosso estádio, em matéria de segurança para o torcedor, é o máximo. São tantas entradas e saídas que às vezes se entra saindo, ou sai-se entrando. Um exemplo: se der um bololô nas arquibancadas, o fulano dá um pinote para qualquer lado e encontra uma magnífica saída, segura e saudável, sem atropelo, machucões, etc. Uma observação: se o cidadão marido chegar muito tarde puxe-lhe vigorosamente os lóbulos do ouvido. Trata-se de uma mentira, até infâmia, pois o máximo que qualquer sujeito pode levar para sair são dez contados minutos. Nem mais um minuto só. De sua estrutura não se fala: tudo perfeito, tudo machucadamente [sic] construído, na base do aço e do cimento. É o estádio mais seguro do mundo. (Aliás, um estádio mineiro só podia ser assim).²⁷⁰

Um importante aspecto é a permanente comparação do Estádio “Minas Gerais” com o principal estádio do país, o Maracanã. Referência clara e evidente na construção do Mineirão, o estádio carioca é colocado em quadro comparativo pela revista, em que aspectos estruturais são confrontados diretamente:

²⁷⁰*Idem*, p. 11.

Figura 89 - Quadro estatístico comparativo “Mineirão x Maracanã.

DUELO ESTATÍSTICO DE TITãs

MARACANA X MINEIRÃO

A título de curiosidade, vamos mostrar aos leitores dados comparativos entre o Estádio MINAS GERAIS e o Maracanã.

E a curiosidade apenas, mas um motivo de satisfação saber, por exemplo, que a área ocupada pelo Mineirão é quase duas vezes maior que a do “Maracã”. E que podemos alojar 400 pessoas por uma vez. O Maracã apenas 100. Por fim, algo de encher de orgulho: a iluminação. A do Maracanã é considerada perfeita com 220 holofotes. A do Mineirão virá então ultra-perfeita com seus 240.

Eis aqui alguns dados interessantes:

	Maracanã	“Minas Gerais”			
Área ocupada pelo Estádio, pista de atletismo, parques de estacionamento para automóveis e jardins	186.638 m ²	300.000 m ²	Último degrau em relação ao nível do campo	+ 23,87 m	+ 18,87 m
Funcionamento em conjunto, estádio, pista de atletismo abrigam (capacidade)	250.000	180.000	No último degrau das arquibancadas, o espectador fica em relação ao centro do campo	125,00 m	90,00 m
Capacidade do Estádio (projeto)	155.500	100.000	Gramado: medidas máximas para jogos internacionais	110 x 75 m	110 x 75 m
Forma geométrica de uma falsa eclipse, medindo no eixo maior	318,58 m	275,00 m	O fôssô lateral de proteção — profundidade	3,00 m	3,00 m
Forma geométrica de uma falsa eclipse, medindo no eixo menor	280,74 m	216,30 m	O fôssô lateral de proteção — largura	3,00 m	2,50 m
Perímetro	944,62 m	785,77 m	Túneis de acesso ao gramado	4	3
Altura	32,00 m	25,00 m	Placares eletro-mecânicos	3	
Arquibancadas (n.º de degraus)	48	35	Vestiários, música permanente, gabinete médico, sala de massagens, banheiras térmicas e oxigenoterapia	5	4
1.º degrau em relação ao nível do campo	+ 7,50 m	+ 8,00 m	Alojamentos	100 pessoas	400 pessoas
			Escoamento do público, quando lotado	15 minutos	10 minutos
			Iluminação do gramado: projetores	220	240
			Na construção foram usados: Madeira	450.000 m ²	300.000 m ²
			Sacas de cimento	500.000	264.000
			Ferro	9.382.781 kg	4.000.000 kg
			Cabinas para rádio e TV, com ar condicionado, isolamento acústico e visor panorâmico	94	24

Fonte: Revista Foto Esporte n. 9.

Sobre esta recorrente comparação, o jornalista carioca Armando Nogueira publica uma crônica (que seria publicada na edição seguinte da revista “Foto Esporte”), em que situa um e outro, ressaltando as qualidades inerentes à cada um deles através de uma curiosa analogia:

[...] No princípio do mês, fui ver de perto o belo estádio: estava em retoques finais, os jardineiros aparavam a grama viçosa, cerca de três mil operários despiam os andaimes e suportes do impressionante vão de cobertura das arquibancadas, 30 metros de marquise sem um apoio ostensivo, sustentada apenas pelas abstrações exatíssimas da matemática. De dentro do campo, cujo verde me ocorre, agora, chamar adequadamente de relvado, tem-se a sensação de leveza da obra; Gil César Moreira de Abreu me explica o segredo: o Estádio Minas Gerais, com capacidade de dois terços do volume do Maracanã, consumiu apenas um terço do volume de concreto aplicado no Maracanã. Como comparar os dois estádios, feitos à imagem e semelhança do outro? Eu diria que o Maracanã é o Boeing, um avião grandioso, pesado, eficiente e grandalhão; o Estádio Minas Gerais é o Caravelle, o avião

suave, sutil, eficiente. O futebol mineiro embarcou no Caravelle que o levará, se Deus quiser, num voo de brigadeiro, a um grande destino que é a formação com Rio e São Paulo de um grande tripé de sustentação do futebol brasileiro.²⁷¹

Apenas a título ilustrativo da metáfora utilizada por Armando Nogueira, apresentamos as imagens dos dois modelos de aeronave citados pelo renomado jornalista:



A “sensação de leveza” que encantou o cronista esportivo carioca representa de fato uma marca arquitetônica do estádio mineiro. O grande responsável pelo aspecto estrutural do estádio, o engenheiro e administrador-geral Gil César Moreira de Abreu, é relevado pela revista em uma entrevista estilo “ping-pong”, onde revela detalhes do processo de construção da obra:

BATE-BOLA COM O GIL

Não é de prender bola. Recebe, solta de primeira. E além disso, embora não pratique mais esporte, mantém sempre a esportiva. Prova das dezenove²⁷²:

- Quantas dores de cabeça lhe deu o Estádio?

O número normal.

- Curou-as com o que?

Com disposição.

- Você começaria o Estádio de novo?

Sim.

- Futebol mineiro merece esse Estádio?

O problema não é meu. Acredito em 2 fases do esporte mineiro: antes e depois do Estádio.

- O Estádio lhe deu dinheiro?

Não.

- Por que você foi o engenheiro escolhido?

Pelas minhas ligações com o esporte e luta pelo Estádio Universitário.

- Quantos morreram na construção?

1 operário e 1 visitante.

- Qual a melhor política para o futebol mineiro?

A boa política.

²⁷¹ FOTO Esporte n. 10. Belo Horizonte, p. 9, setembro-outubro/1965.

²⁷² Refere-se às dezenove perguntas feitas ao engenheiro.

- **Quantos cabelos você perdeu no Estádio?**

Os que tinha.

- **Se tinha outro serviço além do Estádio?**

Vários.

- **Você trabalhou em silêncio?**

Na medida do possível.

- **Qual detalhe estético que mais o encanta no Estádio?**

A sua leve estrutura.

- **Qual o seu pior momento no Estádio?**

A ameaça de paralisação completa que ocorreu alguns anos atrás.

- **Houve melhor?**

O término da estrutura.

- **Houve mudanças de plano?**

Várias, com explicações diversas.

- **Por que o Estádio na Pampulha?**

Quando foi aprovada a Lei de criação do Estádio o Serviço de Patrimônio do Estado não possuía nenhum terreno adequado e que pudesse ceder para a construção. Terrenos particulares eram de elevado custo e consumiria grande parte da verba inicial. Foi, então, encontrada uma solução através do convênio firmado com o Ministério da Educação e Cultura – (UMG), que cedeu área da Cidade Universitária, para o Estádio.

- **Qual o maior inimigo do Estádio?**

Os que de tudo entendem e para tudo tem uma solução melhor.

- **Está faltando alguma coisa no Estádio?**

A obra, pela sua própria natureza, exigirá permanentes cuidados, além de outros serviços complementares que serão feitos à medida das disponibilidades financeiras.

- **Maracaroni é apelido justo ao Estádio?**

Apelido é o povo que dá; o nome do Estádio é “Minas Gerais”.²⁷³

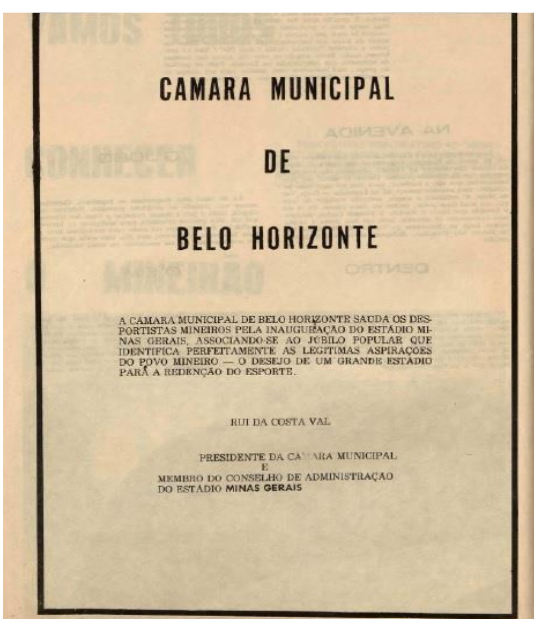
Por fim, no corpo de reportagens e crônicas da edição especial da revista, vale o registro do texto de João Saldanha sobre a iminente inauguração do Estádio “Minas Gerais”, em que o mesmo aponta, de maneira mais crítica que romântica, a necessidade do estádio desenvolver o futebol mineiro, mas também dos espetáculos futebolísticos darem vida e sentido ao estádio, para que o mesmo não se torne um monumento inanimado. Segue a crônica:

Uma obra audaciosa em todas as dimensões é agora inaugurada. Evidentemente, um estádio para cem mil pessoas, numa região que agora agrupa cerca de setecentos mil habitantes, tem objetivos e planos grandiosos. Um estádio de tal envergadura não tem, positivamente, a intenção de ficar repleto apenas na inauguração ou em uma ou outra partida de interesse incomum. Belo Horizonte tem todas as condições para manter sempre em alto nível seu grandioso campo de futebol. O público da capital mineira sempre prestigiou os grandes espetáculos e, sobretudo, Minas Gerais foi sempre um celeiro de grandes craques. Agora pergunta-se: estarão estas condições, no momento, em pleno vigor? A resposta não é positiva. As condições existem. Mas estão apenas em potencial. O público prestigia os grandes espetáculos mas, obviamente, só comparece em massa quando são mesmo grandes espetáculos. Sem uma reforma radical na estrutura do futebol mineiro e brasileiro acontecerá fatalmente o indesejável: o Estádio Minas Gerais será grande demais para os atuais espetáculos futebolísticos de Belo Horizonte.

²⁷³ FOTO Esporte n. 9. Belo Horizonte, p. 13, julho-agosto/1965.

Mas, ao reivindicar e exigir agora a participação conjunta em campeonatos ou torneios com Rio de Janeiro e São Paulo, no interesse de todos estes centros, o Estádio Minas Gerais estará cumprindo sua finalidade. Com competições de alto nível, os craques do celeiro mineiro ficarão em casa. Os Pelés, Helenos, Perácios e centenas e centenas de outros, não necessitarão de emigrar para ganhar de acordo com suas possibilidades. Penso que é uma advertência muito séria ao futebol mineiro, o fato de que uma quantidade muito grande de jogadores jovens saem de sua terra e vão diretamente para o Rio e São Paulo, tentar a sorte no futebol. Talvez poucos saibam, por exemplo, que na equipe juvenil do Botafogo, tetra-campeã da categoria, a maioria de elementos vieram diretamente do futebol mineiro, ou por ali passaram apenas de raspão sem sequer se tornarem conhecidos. A solução deste problema será também um grande fator de nivelar o futebol mineiro com seu magnífico Estádio. É lógico que uma coisa conduz à outra: a participação dos grandes clubes de Belo Horizonte em competições com os grandes do Rio e São Paulo elevará o poderio dos clubes locais e permitirá a manutenção dos craques em sua própria casa. O Estádio já está pronto. E o resto?²⁷⁴

A perspectiva redentora posta sobre o novo estádio era claramente evidenciada em vários momentos, como nos muitos reclames publicitários e até mesmo nos agradecimentos dos mais variados setores da sociedade, notadamente os grandes clubes da capital, que pagavam para estampá-los nas páginas da revista. A seguir, expomos alguns destes reclames:



²⁷⁴ Idem, p. 17.



Quando há motivo
para um brinde extra...

É uma delícia tão especial oferecer Brahma Extra. Nos seus momentos de maior satisfação, Brahma Extra é um brinde extra à sua homenagem. Porque ser a qualidade Brahma agorala de forma extra.

BRAHMA BEXTIRA

Clube Atlético Mineiro

Obrigado Magalhães

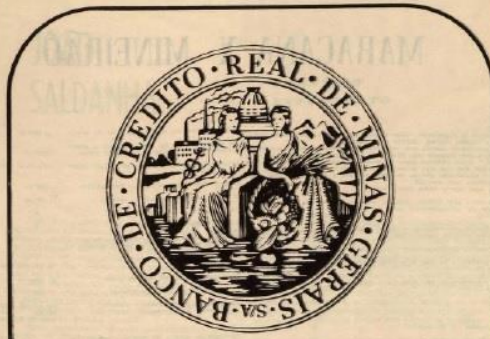
Representando os verdadeiros sentimentos da imensa e fervorosa torcida do Clube Atlético Mineiro, de sua diretoria e de todos os conselheiros, agradeço ao Governador Magalhães Pinto pela oferta do Estádio Minas Gerais, ao esporte do Brasil. Fique certo o ilustre homem público e aqueles que sempre estiveram ao seu lado, que os agradecimentos agora recebidos, são pequenos em relação à grandeza do Estádio. No coração de cada mineiro anônimo, reside um monumento mais peregrino que o próprio bronze: a gratidão.

Coronel Lauro Pires
(Presidente)

Legislando para o povo



No momento em que é entregue ao novo estádio "Minas Gerais", marco de uma nova larva da história do desporto nacional, a Assembleia Legislativa sente-se orgulhosa em ter contribuído de maneira decisiva para a concretização do empreendimento, que há de ficar como um monumento ao espírito criador e à capacidade de trabalho do povo de Minas Gerais.



A alegria de todos os mineiros, pela inauguração do Estádio Minas Gerais, acrescentamos nosso justificado orgulho — porque contribuimos diretamente para que o Gigante da Pampulha se tornasse uma esplêndida realidade.

BANCO DE CRÉDITO REAL
DE MINAS GERAIS S. A.

América Futebol Clube

No momento histórico em que todos participam dos festejos de inauguração do Estádio Minas Gerais, a diretoria, Conselho Deliberativo e associados do América Futebol Clube, sentem-se no indeclinável dever de enviar ao Governador Magalhães Pinto, e a todos aqueles que trabalharam pela concretização da monumental obra, os mais sinceros agradecimentos. Como fundador da Federação e um dos sustentáculos dos desportos, o América continuará desfrutando sua bandeira, símbolo fiel de lutas pela preservação das mais elevadas tradições esportivas do povo mineiro.

Walter de Melo e Silva
(Presidente em Exercício)

O AMÉRICA É GRATO AQUELES QUE ENGRANDECEM O SEU PAVILHÃO

AGÊNCIA SILVAUTO




CONTRA
FÉZDA
TRIGA
CONSERVAÇÃO

O esportista João Alves da Silva se associa ao júbilo do torcedor mineiro, pela inauguração do Estádio Minas Gerais, certo de que a grande obra trará a redenção definitiva do futebol mineiro, proporcionando-lhe maior progresso e melhores dias, e aproveita o ensejo para enviar aos administradores, engenheiros, operários e ao ilustre Governador Magalhães Pinto, um caloroso voto de congratulações pelo esforço dignificador que deram em prol do magnífico empreendimento.

AGÊNCIA SILVAUTO — RUA TIMBIRAS, 2051 — FONE: 2.5722.

CRUZEIRO ESPORTE CLUBE



A diretoria, o Conselho Deliberativo e os associados do Cruzeiro Esporte Clube, enviam ao ilustre Governador Magalhães Pinto, os seus mais nobres sentimentos de gratidão pela construção do Estádio Minas Gerais. Sendo o Cruzeiro Esporte Clube, uma das bases onde se apoia a grandeza do futebol mineiro, sua atual diretoria tudo realizará para se colocar à altura da monumental obra.

Belo Horizonte, 5 de setembro de 1965

Felício Brändi
(Presidente)

Esporte Clube Siderurgica

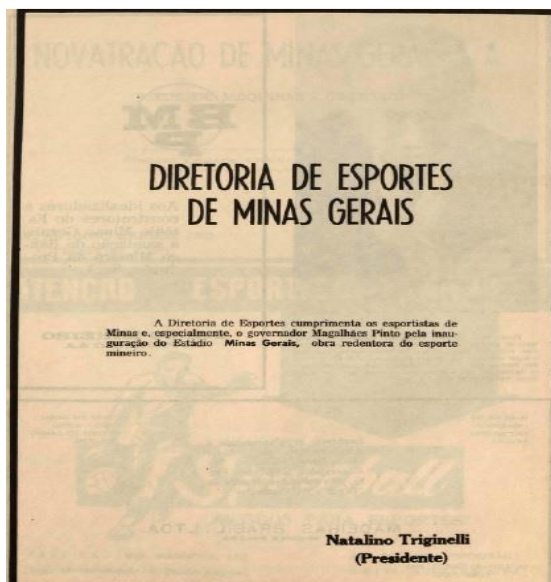
Ao ilustre Governador José de Magalhães Pinto o agradecimento da diretoria, Conselho Deliberativo e de todos os torcedores do

Esporte Clube Siderurgica

pela entrega ao esporte do Brasil do magnífico Estádio "Minas Gerais" — obra que dignifica o Governo de Minas.

Belo Horizonte, 5 de setembro de 1965

Manoel Edson de Oliveira
(Presidente)



Enfim, a tão esperada e desejada inauguração do Estádio “Minas Gerais” aconteceria aos cinco dias do mês de setembro de 1965. Uma festa esportiva e social (cívica, na descrição de alguns periódicos) foi preparada, com uma programação que se estenderia para mais de uma semana. No entanto, o dia da inauguração é marcado por uma série de eventos (dentre eles o principal seria o confronto futebolístico entre a Seleção Mineira e o clube argentino River Plate). Toda essa plethora de acontecimentos é fartamente explorada pela imprensa à época. O jornal “Diário da Tarde” traz um edição especial das festas de estreia do “Colosso da Pampulha”, apresentando textos e imagens relativos ao acontecimento. De início, o periódico destaca o breve discurso do governador mineiro, Magalhães Pinto, e narra a seguir toda a sequência de eventos que formataram o espetáculo da inauguração:

[...] Às 14:18 horas, o Governador do Estado inicia seu discurso de entrega do Estádio, dizendo da capacidade administrativa do povo mineiro e dos esforços ingentes que foram feitos para construir obra tão majestosa dentro do prazo estabelecido. Depois de afirmar que Minas Gerais possuiria, doravante, o maior estádio coberto do mundo e que seria um orgulho para o futebol mineiro o Governador Magalhães Pinto declarou que o esporte montanhês seria o grande beneficiado com a inauguração do Estádio “Minas Gerais”. “A inauguração do Estádio vem abrir novos caminhos para o futebol mineiro. É com alegria e emoção que faço a entrega desta monumental obra, pois o considero o Estádio do Povo”, concluiu o Governador do Estado. Às 14:20 horas, o arcebispo Coadjutor de Belo Horizonte, D. Serafim Fernandes de Araújo, procede a benção do Estádio “Minas Gerais”, quando faz breve discurso, citando o salmo 138 (Presença de Deus), para o que contou com a colaboração de moças da Escola de Educação Física, portando

harpas e clarins, lembrando a antiga Grécia. Dois minutos depois, é feita a queima de fogos de artifício, espetáculo muito bonito que público aplaudiu demoradamente. Ao mesmo tempo a Esquadilha da Fumaça, com quatro aviões, sobrevoava o céu de Belo Horizonte, realizando bonitas evoluções. Às 14:25 horas, um helicóptero sobrevoa o Estádio, passando rente ao gramado, a fim de tirar fotos aéreas. Ao mesmo tempo, em que o Arcebispo Coadjutor de Belo Horizonte recitava o salmo 138, crianças do Colégio Municipal faziam evoluções. Em seguida, às 14:30 horas, alunas dos Colégios Frei Orlando, Sandoval de Azevedo e Instituto de Educação realizaram um desfile em volta do gramado. [...] As duas equipes – Minas Gerais e River Plate – entraram em campo e no mesmo momento o governador Magalhães Pinto, acompanhado do eng. Gil César Moreira de Abreu, sob a ovação do público. Com as duas equipes perfiladas no centro do campo, enquanto o Governador e o diretor da ADEMG permaneciam fora do gramado, ouvindo a execução dos Hinos Nacionais do Brasil e da Argentina, pela banda de música da Polícia Militar. Encerrada a execução dos Hinos Nacionais dos dois países, o Governador Magalhães Pinto entra no gramado, sendo recebido pelo zagueiro Bueno, de Minas Gerais, que entregou ao chefe do executivo estadual um troféu ofertado pela FMF. Em seguida, o jogador Bueno apresenta os jogadores um a um, que recebem um aperto de mão do Governador, que imediatamente faz o mesmo com os integrantes da equipe argentina. Deixou o gramado às 14:55, sendo ovacionado pelo público. O Governador do Estado assistiu apenas o primeiro tempo do jogo, saindo ao intervalo, sem ver o “gol” da vitória, feito por Buglê.²⁷⁵

Toda este encadeamento de eventos é devidamente ilustrado pelo jornal, que não poupa em flagrantes fotográficos:

Figura 90 – Descerramento da placa de inauguração do Mineirão pelo Governador Magalhães Pinto.



Fonte: Jornal Diário da Tarde, 06.09.1965, p. 8.

²⁷⁵ DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 8, 06 set. 1965.

Figura 91 – Bênção do Estádio pelo Arcebispo Coadjutor de Belo Horizonte.



Fonte: Jornal Diário da Tarde, 06.09.1965, p. 8.

Figura 92 – Apresentação de harpa e lira por alunas da Escola de Educação Física da UMG.



Fonte: Jornal Diário da Tarde, 06.09.1965, p. 9.

Figura 93 – Apresentação de balizas por aluna da rede pública de ensino.



Fonte: Jornal Diário da Tarde, 06.09.1965, p. 9.

Figura 94 – Gil César, Magalhães Pinto e o zagueiro da seleção brasileira Bellini durante o Hino Brasileiro.



Fonte: Jornal Diário da Tarde, 06.09.1965, p. 9.

A revista “Foto Esporte” faz a cobertura do evento de inauguração em outra edição especial, registrando todos os acontecimentos da festa, com textos e imagens alusivos aos lances que marcaram a concretização do estádio. Em uma crônica de Jacob Cajaíba, o jornalista aborda a presença das mulheres no estádio, e ressalta a qualidade dos atributos feminino no campo de futebol:

[...] E as mulheres em campo? Que coisa boa é ter mulher em campo. Com suas calças compridas, seus gritos inofensivos, feminis, e sobretudo beleza, que não faltou em nenhum momento, vieram dar colorido que faltava em campo de futebol. Achei o programa de inauguração um tanto delicado. Excetuando-se as coreográficas balizas, as outras presenças femininas em campo foram um tanto chatas. Por exemplo, aquela representação grega. Quem é o culpado daquela monstregosidade? Deveria se pegar o responsável e multá-lo em suspensão para quarenta jogos no Mineirão. E seria bem feito.²⁷⁶

A participação da mulher no espetáculo de inauguração não acontece apenas nas apresentações que antecederam à partida. Tanto na multidão anônima quanto com figuras ilustres é possível percebermos a presença feminina, conforme registro estampado pelo periódico:

²⁷⁶ FOTO Esporte n. 10. Belo Horizonte, p. 34, setembro-outubro/1965.

Figura 95 – Miss Brasil e Miss Estádio na inauguração do estádio.



Fonte: Revista Foto Esporte, n. 10.

Sobre a foto (FIG. 95) vale o registro da descrição com a qual vinha acompanhada, em breve texto intitulado “Encontro de Misses”:

Maria Raquel, Miss Brasil/65 prestigiou a festa, comparecendo ao Estádio Minas Gerais acompanhada de Berenice Lunardi, Miss do estádio dos mineiros. A presença feminina já causa satisfação a todos, ainda mais de duas representantes da beleza brasileira. As Misses foram recebidas, às entradas do gramado, pelo capitão Bueno.²⁷⁷

Na propaganda do governo para venda de cadeiras cativas do estádio a presença da mulher também é registrada, em número consideravelmente menor que o público masculino:

Figura 96 – Propaganda de vendas de cadeiras cativas do estádio “Minas Gerais”.



Fonte: Revista Foto Esporte, n. 10.

²⁷⁷Idem, p. 10.

No entanto, a presença de 130 mil pessoas dava a dimensão concreta do anseio da população em ver seu estádio pronto. Tal qual pronunciado pelo governador Magalhães Pinto, o “estádio do povo” parecia mesmo representar toda uma comunidade (não apenas esportiva) em sua realização. Um trecho da revista “Foto Esporte”, ao tratar da massa de sujeitos que ali estava, denominava de “donos do estádio” toda aquela gente. E afirmava: “A alegria estava estampada na fisionomia da torcida. Durante os jogos verdadeira multidão sentia a grandiosidade da obra construída pelo Governador Magalhães Pinto, com o dinheiro deste mesmo povo, que tanto o aplaudiu”²⁷⁸. E logo abaixo publicava uma impressionante fotografia onde se apanhava imagetivamente o aglomerado de pessoas que lotavam o estádio:

Figura 97 – Registro fotográfico do público presente no dia da inauguração do estádio.



Fonte: Revista Foto Esporte, n. 10.

Deste em dia em diante o estádio cumpriria sua missão de ser a “casa do futebol mineiro”, abrigando grandes espetáculos futebolísticos e colaborando com o desenvolvimento do esporte no Estado, como se pretendia. Tal qual profetizado pelo seu idealizador técnico, o engenheiro Gil César, o futebol em Minas pode de fato ser considerado antes e depois do Mineirão, contribuindo com o surgimento de uma fase pungente dos principais clubes da cidade e tendo decisiva parcela de responsabilidade neste processo.

²⁷⁸ FOTO Esporte n. 10. Belo Horizonte, p. 10, setembro-outubro/1965.

O Estádio recebeu sua denominação oficial no dia 11 de janeiro de 1966, em que foi aprovada a Lei n. 4072, que deu ao estádio o nome do governador que assumiu as obras em andamento e permitiu sua conclusão: o Mineirão passa a ser reconhecido então como “Estádio Governador Magalhães Pinto”.

Em pouco mais de meio século de existência, o Mineirão passa por algumas importantes reformas. Entre 1996 e 2003, diversas intervenções renovaram o estádio. Em 1996, o “Gigante da Pampulha” ficou fechado por cinco meses para a troca do gramado. Depois, ocorreram substituições do sistema de drenagem e irrigação, mais iluminação e placar eletrônico, melhoria nos vestiários, e a instalação de pilares de sustentação na arquibancada para diminuir a vibração das mesmas. Em 2004, por exigência da FIFA para o jogo das eliminatórias da Copa do Mundo de 2006 entre Brasil e Argentina, todo o setor das arquibancadas superiores foi coberto por cadeiras numeradas.²⁷⁹

Posteriormente, as arquibancadas inferiores também tiveram cadeiras colocadas em sua extensão. Em junho de 2008, para sediar novamente o maior clássico sul-americano, válido pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2010, o estádio teve o placar trocado. Foram instalados 2 telões de 75 mts² cada.²⁸⁰

Com a escolha do país como sede da Copa de 2014, o Mineirão precisou passar por um amplo projeto de modernização de suas estruturas. Em 2 de fevereiro de 2009 o governo de Minas Gerais apresentou seu projeto, assegurando a preservação da fachada original. Em 2010 o estádio foi fechado para a grande reforma pela qual passaria, tendo o seu gramado rebaixado em 3,4 metros. O consórcio responsável pela execução do projeto (tendo vencido uma licitação), foi a Minas Arena, constituída pelas construtoras “Construcap”, “Egesa” e “HAP Engenharia”. A sociedade, em contrato firmado com o Governo do Estado de Minas Gerais, passa a gerir o estádio por comodato de 25 anos.

Em 2011 o Mineirão recebe a instalação de 166 amortecedores sob a parte superior da estrutura, em substituição às hastes verticais que tinham debaixo de todo o anel. A cobertura do teto do estádio foi ampliada para proteger os assentos de eventuais chuvas. A geral é

²⁷⁹MOREIRA, Eugênio. **Dinheiro da loteria: lucro do futebol mineiro**. In: Jornal Superesportes. 16 de dezembro de 2012.

²⁸⁰Telão do Mineirão passa por teste. 18 de junho de 2008. Disponível em: www.globoesporte.com Acesso em: 15 março 2017.

definitivamente extinta, sendo ocupada agora por cadeiras. A sua capacidade de público é diminuída para 64 mil lugares. Ainda foi erguida uma esplanada ao redor do estádio, com cerca de 80 mil m², abrigando eventos culturais e práticas de lazer da população.

No dia 21 de dezembro de 2012 o estádio foi reaberto ao público, abrigando o principal clássico da cidade, um Atlético x Cruzeiro. A reforma foi tamanha que o estádio passa a ser chamado de o “Novo Mineirão”, integrando um conjunto de estádios que recebem a denominação de “Arenas”.

Figura 98 – Mineirão passando por reformas para a Copa do Mundo de 2014.



Fonte: <http://globoesporte.globo.com/mg/torcedor-cruzeiro/platb/tag/montillo/>

Figura 99 – Vista aérea do “Novo Mineirão”.



Fonte: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaurbanismo/rt/suppFiles/P.2316-1752.2014v21n28p8/0>

Figura 100 – Vista interna do “Novo Mineirão”.



Fonte: <http://www.noticiasarquitectura.info/brasil-nuevo-estadio-de-mineirao-belo-horizonte-bcmf-arquitectos/>

V ACABAMENTO FINAL

O estudo da constituição dos estádios na cidade de Belo Horizonte permitiu o levantamento de uma série de informações e considerações concernentes ao tema. Por se tratar de uma abordagem histórica, cabe reconhecer que as representações construídas ao longo da pesquisa não constituem senão os indícios contidos nas fontes acessadas. Não se pretendeu, em nenhum momento (ainda que os indícios tivessem uma importante consistência), a elaboração de uma “tese definitiva”, mas sim o emergir de elementos que permitissem o lapidar de questões pertinentes à lógica propositiva da investigação.

Em uma proposição de evolução histórica dos estádios brasileiros, baseado em estudo similar dos estádios britânicos realizado por Paramio, Buramio e Campos (2008), é possível “enquadrar” os estádios belo-horizontinos, a partir das características que estes apresentam no contexto temporal de cada época, conforme apresentado abaixo (Quadro 1):

Quadro 1 -Evolução histórica dos estádios brasileiros

Geração	Características	Exemplos
1ª Geração: - Fase Tradicional (de 1894, chegada do futebol no Brasil, até 1930, início da profissionalização do esporte no país).	- Evolução arquitetônica e gerencial inicial dos estádios brasileiros; - Princípios de arquitetura dos estádios baseados nos projetos de construção das fábricas; - Estádios funcionais, visando acomodar a elite social das cidades brasileiras que começavam a se industrializar; - Espaços esportivos destinados não somente ao futebol, mas, também, a outros esportes como, por exemplo, o ciclismo; - Uso extensivo da madeira como material de construção principal; e, - Principal preocupação dos arquitetos e proprietários dos clubes foi a de acomodar, com conforto, segurança e elegância, a elite das principais cidades brasileiras.	- Velódromo de São Paulo (primeiro estádio brasileiro, inaugurado em 1892 para o ciclismo e em 1901 para o futebol); - Parque da Antartica Paulista, São Paulo (1902); - Hipódromo do Prado, Belo Horizonte (1906); - Estádio do Jardim América, C.A. Paulistano, São Paulo (1917); e, - Estádio Manoel Schwartz, Laranjeiras, Rio de Janeiro (1919).
2ª Geração: - Fase Moderna Regional, de afirmação das principais cidades brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte (final da década de 1920 até o	- Arquibancadas de madeira foram substituídas por concreto armado e aço; - Rivalidade política e econômica entre as principais cidades do país – São Paulo e Rio de Janeiro; - Explosão do rádio enquanto veículo de comunicação de massa e elemento norteador para a popularização do futebol no país;	- Estádio de São Januário, Rio de Janeiro (1927); - Estádio Juscelino Kubitschek, Belo Horizonte (1923/1945); - Estádio Otácilio Negrão de Lima (Alameda), Belo Horizonte (1928/1948);

final da década de 1940).	- Espaços esportivos destinados não somente ao futebol, mas também a festas cívicas; - Maior ênfase no aumento da capacidade, porém com menos conforto e segurança;	- Estádio Antônio Carlos, Belo Horizonte (1929). - Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, Pacaembu, São Paulo (1940);
3ª Geração: - Fase Moderna Nacional, Copa do Mundo de 1950. Estádios construídos ou reformados para o Mundial de 1950.	- O funcionamento dos estádios passou a ser norteado apenas pelos "dias de jogos"; - Sem preocupações comerciais de incrementar a receita dos proprietários; - Aumento de público nos estádios nas décadas de 1930 e 1940; - Estádios faziam parte de complexos esportivos que envolviam a prática de outras modalidades esportivas, como o atletismo, a natação e o basquete; - Entusiasmo com o futebol como principal esporte do país; - Construção do maior estádio do mundo; e, - Propaganda e divulgação do país no exterior, como uma nação que crescia e se desenvolvia.	- Estádio Mário Filho, Maracanã, Rio de Janeiro (1950); - Estádio Raimundo Sampaio (Independência), Belo Horizonte (1950); - Estádio Durival Britto e Silva (Vila Capanema), Curitiba (1947); - Estádio dos Eucaliptos, Porto Alegre (1931); - Estádio Ademar da Costa Carvalho (Ilha do Retiro), Recife (1937).
4ª Geração: - Fase Moderna Milagre Brasileiro – 1960 até final da década de 1980.	- Organismos e Governo regem o futebol a nível nacional, solicitando segurança mais rigorosa e regulamentando o esporte no país; - Preocupação estatal de expandir a ideia do “Milagre Brasileiro”, nação que cresce e se desenvolve também em torno do esporte; - Aumento de público nos estádios na década de 1970; - Estádios modelo “olímpico”, destinados a outras práticas esportivas, como, por exemplo, o atletismo; - Futebol como elemento de identidade nacional; - Construção de estádios enormes, em geral, financiados pelo Governo; - Expansão geográfica da construção dos estádios, com investimentos fora do eixo Sul e Sudeste; - Gigantes de concreto e cimento armado; - Integração do país através do futebol (propaganda ideológica do Estado); e, - Futebol tratado como “produto do Estado”.	- Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), São Paulo (1960); - Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão), Belo Horizonte (1965)²⁸¹; - Estádio Octavio Mangabeira (Fonte Nova), Salvador (1951); - Estádio Serra Dourada, Goiânia (1975); - Estádio Governador Plácido Aderaldo Castelo Branco (Castelão), Fortaleza (1973); e, - Estádio Olímpico Edgard Proença (Mangueirão), Belém do Pará (1978).

Fonte: ROCCO JR; MAZZEI; OLIVEIRA (2015), Adaptado de Paramio, Buramio e Campos (2008)²⁸².

²⁸¹Grifos Nosso.

²⁸²Em relação ao modelo original proposto pelos autores, fiz as inserções dos estádios Juscelino Kubitschek, Otacílio Negrão de Lima e Antônio Carlos na categoria de 2º geração.

Para além desta representação baseada em em um contexto mais global, o que permite pensar em “gerações de estádios”, as fontes permitiram uma linha de apontamentos baseada na trama tecida pela narrativa. Para expor o enredo conclusivo (que nunca é, de fato, conclusivo), estruturamos três categorias de análise, estabelecidas a partir da natureza das informações.

Estádios e estruturação espacial-urbanística

Foi possível perceber a forte relação entre a construção dos estádios e a transformação da paisagem urbana em seu entorno. Neste sentido, entendemos que a presença destas estruturas é catalisadora de um fluxo de desenvolvimento no que tange à valorização imobiliária, adensamento populacional, melhorias no transporte público em função de atendimento às demandas esportivas, construção de vias de acesso para facilitar o deslocamento viário, dentre outras.

De acordo com o pesquisador Gilmar Mascarenhas, os estádios são representações concretas que interagem vivamente com a cultura urbana do lugar. Em seu entendimento, ele afirma que o estádio de futebol pode ser compreendido geograficamente como:

Um edifício ou equipamento de acesso coletivo que se comporta como uma centralidade física e simbólica no espaço urbano-metropolitano. No plano operacional urbanístico, funciona como uma centralidade periódica, capaz de acionar grande afluxo de visitantes em dias de jogos, forçando um reordenamento na gestão pública de seu entorno (para garantir segurança e acessibilidade) e gerando fugazes oportunidades comerciais e de serviços ao setor informal.²⁸³

No caso da cidade de Belo Horizonte, este processo fica mais evidenciado nas construções do Prado Mineiro (no início do século XX), e do Mineirão, já no começo da segunda metade do século. No que diz respeito ao Prado Mineiro, é notório a constante reivindicação (por parte dos gestores privados e também por parte dos usuários), da melhoria do sistema de transporte (“o maldito acotovelamento dos bondes cheios”) e das vias de acesso ao estádio (“o martyrio da poeira do Calafate que o nariz bello-horizontino supportava a custo”). Sobre esta perspectiva, Victor Andrade de Melo aponta que:

²⁸³MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014, p. 161.

Isso estava obviamente relacionado com os próprios movimentos de urbanização das cidades [...]. Com a expansão das cidades, o oferecimento de meios de transporte adequados foi uma dimensão importante para garantir o progresso. Da mesma forma que a melhoria do sistema de transportes foi fundamental para o sucesso dos clubes, já que permitia o afluxo da população aos eventos, também as instalações esportivas geraram focos de urbanização ao seu redor, o que criou a necessidade de uma estrutura mais adequada de transporte público.²⁸⁴

Quanto ao Mineirão, além dos fatores de melhoria urbana e viária, ainda existia a característica bastante peculiar do mesmo se situar numa região de baixa densidade populacional, com poucas estruturas de habitação, havendo por conseguinte uma intenção, por parte do poder público, do crescimento da metrópole para aquela região. No entendimento de André Schetino, que estuda o estádio da Pampulha em sua tese de doutorado:

Grandes obras necessitavam de uma série de estruturas e serviços complementares para o seu funcionamento. E essas novas obras e estruturas destinavam-se não somente aos torcedores de futebol e os habitantes do entorno do estádio, mas à cidade como um todo. A construção de um grande estádio na região da Pampulha exigia também o planejamento do acesso em dias de jogos, desenvolvimento e construção de malha viária adequada, não só para o acesso ao estádio, mas também para o desenvolvimento daquela região, esperado a partir desta construção.²⁸⁵

Isso fica evidente no caso do Mineirão, que provocou a ampliação e remodelação da avenida Antônio Carlos, além da construção de novas avenidas e vias de acesso, à exemplo das avenidas Catalão e Abraão Caram. Além disto, o Mineirão se integra, urbanisticamente, ao projeto desenvolvimentista planejado por Juscelino Kubitschek, contribuindo para o adensamento populacional e sendo atrator de melhorias na infraestrutura à sua órbita.

Estádios e o *ethos* de modernidade

Uma outra evidência que aparece ao longo de todo trabalho é a nítida relação existente entre a construção dos estádios e um projeto de modernidade em curso para a capital Belo Horizonte, e por conseguinte para todo o Estado de Minas Gerais. Dentre as muitas estratégias para o alcance deste intento, as práticas esportivas e de lazer ocupavam lugar de

²⁸⁴ MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX.** Campinas: Autores Associados, 2007, p. 152.

²⁸⁵ SCHETINO, André Maia. **Os Gigantes e as Multidões: estádios e cultura esportiva em Belo Horizonte (1950-1965).** 2014. Tese (Doutorado em História) Faculdade Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014, p. 183.

destaque. O desenvolvimento de uma cultura esportiva da cidade era sem dúvida um viés para a forja de uma identidade moderna. No dizer da pesquisadora Marilita Rodrigues:

Os valores da modernidade possibilitavam, assim, uma constante invenção, em que tudo poderia ser modificado, como os negócios, a política, o Estado e os indivíduos, nos quais a consciência de “novo” e mudanças estética impunham-se a todo instante. Assim, a concepção e a construção de Belo Horizonte foram permeadas de uma simbologia do moderno, por meio da qual a política e a técnica aspiravam a uma nova racionalidade.

O primeiro estádio da cidade surge exatamente em meio a esse contexto. O Prado Mineiro é a representação de uma sociedade que se espelhava em espaços e práticas culturais atentas a um novo tempo e um novo modo de se operar socialmente. Ter um local apropriado para a prática do turfe no início do século XX era uma demonstração de pertencimento distintivo, tal qual as principais cidades da Europa e do país, todas incorporadas do espírito da modernidade e da consequente ruptura com o passado eivado de práticas tradicionalistas e arcaicas. Assim, como dito por Regina Silva:

As reformas pensadas durante o século XIX, como a de Paris, justificadas pelo discurso da competência técnica, serviram para que a burguesia consolidasse seus espaços nas cidades e para que fossem bem-definidos os espaços do trabalho, da moradia e do lazer e os lugares daqueles que não podiam ou não queriam participar desse ‘admirável mundo novo’ urbano e industrial.²⁸⁶

Também é válido o resgate do pensamento do sociólogo Luís Otávio Teles Assumpção, ao tratar do arraigado provincianismo incutido no cotidiano da cidade inventada:

Apesar de concebida mediante um plano urbanístico moderno, Belo Horizonte ainda guardava muito de uma cidade regional, com ares provincianos. Havia em sua realidade social e na vida intelectual muito de rotineiro e de acanhado a esse tempo. Quem ler o relato do dia-a-dia belorizontino, retirado do noticiário dos jornais ou das reminiscências dos memorialistas, haverá de notar a recorrência a certos fatos nessa vida humana coletiva. A capital mineira era, de fato, não obstante sua complexidade, uma capital provinciana e também uma comunidade oscilante entre o novo e o tradicional, onde a tradição prepondera.²⁸⁷

De fato, é grande a distância entre a intenção de uma cidade moderna e o estabelecimento da mesma, no caso de Belo Horizonte. O Prado Mineiro não completaria uma década sequer de existência, sucumbindo à baixa adesão da população horizontina,

²⁸⁶ SILVA, Regina Helena A. da. Belo Horizonte: o que marca sua singularidade. In: ARRUDA, Rogério P. (Org.). **Álbum de Bello Horizonte**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 149.

²⁸⁷ ASSUMPÇÃO, Luís Otávio Teles. **O Temp(1)o das Geraes**: a nova ordem do futebol brasileiro. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2005. p. 71.

pouco afeita às experiências da modernidade ainda nas primeiras décadas do século. O espaço para abrigar a prática vertiginosa e excitante das corridas de cavalo estava garantido, porém a sensibilidade para que ela se desenvolvesse não.

O futebol, porém, se enraiza à partir dos anos 1910, e reivindica um espaço mais adequado para o desenvolvimento de sua prática na cidade. O ocioso Prado se torna então o palco do futebol em Belo Horizonte, até o início dos anos 1920. Um projeto de modernidade que não vingou acaba atendendo um outro projeto de modernidade em franco crescimento. O estádio permite, neste caso, a cobrança de ingressos (o mercado do espetáculo começa a se configurar), a presença restritiva da população, o controle da experiência, além de se adequar a um espaço-sede em consonância com as exigências do moderno.

Mas o moderno sofre influxos de mudanças muito rapidamente. O que antes era adequado e considerado atual logo se vê ultrapassado e obsoleto. O estádio do Calafate já passa a ser visto como um inconveniente na paisagem da cidade. Distante do centro, com vias de acesso empoeiradas, pequena capacidade de público, pouco conforto, o Prado Mineiro é engolido por uma outra modernidade, mais potencializada, e que exigia portanto, novas demandas e necessidades.

Para atendimento à este outro ordenamento, novos espaços são erguidos para abrigar os espetáculos futebolísticos. A década de 1920 é fértil neste sentido, e assiste à inauguração de três estádios, todos eles vinculados aos principais clubes da cidade (portanto, estádios privados). Muito rapidamente, todos estas estruturas passam por importantes reformas, entre as décadas de 1930 e 1940. Estes investimentos demonstram, acima de tudo, o imperativo acolhimento às exigências da modernidade, que cobrava cada mais espaços esportivos condizentes com a lógica do mercado (que regulava a vida moderna), ou seja, estádios maiores, mais confortáveis (com lugares diferenciados de conforto) e seguros.

Embora Belo Horizonte perseguisse esse ideal de modernidade na cultura esportiva, a referência tomada à partir das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo situavam a capital mineira em situação de larga desvantagem. Com a inauguração do Maracanã e do Pacaembu naquelas capitais, a resposta da cidade é a construção do Independência (estádio privado, vinculado ao clube Sete de Setembro). Todos estes estádios representam uma virada arquitetônica e de engenharia (onde o concreto passa a ser a marca), e possuem uma estética

completamente distinta (a ordem elíptica passa a ser o padrão), assumindo ares de monumentalidade e de “totens” urbanos.

Ainda assim, o Independência não assume o protagonismo dos palcos futebolísticos por muito tempo. Em menos de uma década do seu surgimento, pululam projetos e falatório sobre a urgente necessidade de um novo estádio, sempre à luz (ou à sombra) do Maracanã como alusão a ser perseguida. Pela primeira vez (depois de fracassadas tentativas do setor privado), o governo do Estado toma para si a construção de uma obra de tal natureza. O primeiro estádio público de Belo Horizonte teria que corresponder à portentosidade que vigorava pós década de 1950, com o nacional-desenvolvimentismo dando as cartas e uma nova modernidade (técnica e tecnológica) dando as cartas. De acordo com os estudos de Schetino:

O primeiro aspecto que nos pareceu comum na construção dos grandes estádios de Belo Horizonte foi justamente a exaltação da grandeza, tecnologia e importância dos estádios. [...] A importância dos números, do uso das técnicas mais modernas da engenharia bem como dos mais modernos equipamentos, aliados à capacidade empreendedora de uma administração voltada para o progresso e a modernidade. No Mineirão a exaltação de grandeza e tecnologia ganhava contornos ainda maiores, uma vez que o próprio projeto do estádio possuía maiores dimensões. Apesar de construído em torno da prática do futebol, o estádio não se resumia apenas a um espaço para a prática desta modalidade. [...] Os números são grandiosos, mas ainda assim inferiores aos 500 mil sacos de cimento utilizados na obra do Maracanã em 1950. Mas, em 1965, passados 15 anos da construção do maior estádio do mundo, o Mineirão era então a maior construção esportiva feita no Brasil desde o estádio do Rio de Janeiro.²⁸⁸

O estádio mineiro podia não ser o maior, mas se gabava de ser “o mais moderno do mundo”.

Os estádios e a política

Um outro entendimento possível (e provavelmente o mais importante deles), diz respeito ao profundo entrelaçamento das construções do estádio com o campo da política local. Em todos eles o envolvimento (ora mais escamoteado e sutil, ora mais aberto e explícito) da classe política se mostrou contundente. Certamente, a noção de lucro político

²⁸⁸ SCHETINO, André Maia. **Os Gigantes e as Multidões: estádios e cultura esportiva em Belo Horizonte (1950-1965)**. 2014. Tese (Doutorado em História) Faculdade Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014, p. 145.

em investimentos (pessoal e econômico) no contexto esportivo permeava o emergir de interesses bastante demarcados.

Os primeiros estádios da capital, todos eles privados, foram construídos com parceria do setor público (notadamente da Prefeitura), que ou doavam os terrenos para as construções ou investiam em subsídios financeiros que garantissem a conclusão das obras.

O Prado Mineiro, ainda nos anos iniciais do século XX, já contava com os beneplácitos públicos para a execução do projeto de natureza privada. Com isenção de impostos por cinco anos (os empresários dariam em contrapartida as benfeitorias necessárias para o pleno funcionamento do local) e ainda a construção das linhas de bondes que possibilitasse o acesso do público ao estádio, o poder público municipal agia decisivamente para que tal empreitada lograsse êxito.

Neste momento, em Belo Horizonte, era possível pensar, de acordo com Cynthia Veiga, numa nova perspectiva de se pensar e fazer a política, ou ainda em:

Um sentido novo da política implicado na tarefa de começar aparentemente do nada, transformar a região em oficina de trabalho e negócios configurando a concretização ideal da dimensão de progresso e civilidade, no sentido de reeducar as pessoas, orientar seus caminhos, ‘acordá-las’ para a modernidade.

Quanto aos estádios da década de 1920, cabe a consideração de que todos eles (à exceção do “estadinho do Palestra”) recebem forte apoio do poder público local. Na sua construção, o estádio do clube da colônia italiana gabava-se de ter sido construído (embora fosesse uma edificação bastante modesta) com financiamento dos sócios do clube, que cotizaram os custos da obra e execução do projeto. No entanto, quando da sua reforma em meados dos anos 1940, que o amplia significativamente, dando outra constituição estrutural ao espaço, a Prefeitura financia boa parte da verba, e não coincidentemente o novo velho estádio italiano recebe o nome de “Juscelino Kubitschek”, então prefeito de Belo Horizonte.

No que diz respeito ao estádio americano, inaugurado em 1923, tratava-se de terreno doado pela prefeitura ao clube. Logo, a gestão municipal tencionava construir no mesmo espaço o Mercado Central da cidade, e permuta com o América o terreno do seu estádio por outro, localizado nos fundos do Parque Municipal (considerada uma área nobre e valorizada). Além da cessão deste terreno (que também era maior), a Prefeitura financia parte da construção do novo estádio americano, que seria inaugurado em 1928. Nesta época o estádio não tinha

denominação própria, sendo conhecido como estádio da “Alameda”. Assim como o estádio palestrino/cruzeirense, o Alameda passa por profundas reformas na segunda metade da década de 1940, e passa a ser o espaço mais importante e significativo do futebol na cidade. A partir da sua reinauguração, em 1948, o estádio passa a se chamar “Otacílio Negrão de Lima”, notório e entusiástico torcedor do clube alvi-verde e prefeito à época da conclusão da reforma.

O estádio alvi-negro inaugurado em 1929 já nasce batizado com nome de político. Chamado estádio “Presidente Antônio Carlos”, em homenagem ao presidente do Estado (o que equivale nos dias de hoje ao cargo de governador) Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, que governa Minas Gerais entre os anos de 1926-1930, período em que o estádio atleticano é construído e inaugurado. Novamente as benesses do poder público recaem sobre um espaço privado: o Atlético possuía um campo localizado na Avenida Paraopeba (onde hoje se situa o Minascentro), e consegue permutar com o Estado um outro terreno, maior e mais valorizado, no bairro de Lourdes. Além da permuta privilegiada, o time alvi-negro ainda recebe financiamento para conclusão das obras. Nota-se, ainda, que o presidente do Estado era conhecido “admirador” do Clube Atlético Mineiro, fato que muito provavelmente impulsionou tal subsídio.

Para além da vinculação clubística passional dos personagens citados acima (Juscelino Kubistchek, Otacílio Negrão de Lima e Antônio Carlos), certamente a perspectiva de retorno político no investimento em uma prática esportiva tão popular balizava tais condutas de apoio do poder público.

Outro caso de apropriação política envolvendo a construção de um estádio em Belo Horizonte ocorre no projeto do Independência. Conquanto parte de um empreendimento privado, o principal personagem envolvido em todo o processo era um hábil político e empresário local. Antônio Lunardi, vereador na primeira Câmara de Belo Horizonte (1947/1951), e em seguida Deputado Estadual pela segunda Assembléia (1951/1955), em sua gestão de presidente da agremiação Sete de Setembro, capitaneia esforços no sentido de dotar o seu clube de um grande estádio, no intuito de fazer frente aos grandes clubes da capital. Faz uso do seu papel e atuação política para angariar parceiros na empreitada. Adquire um terreno no bairro Horto, na região da Floresta (o Sete de Setembro era conhecido como “o time da Floresta”), com iniciativa privada mas com forte apoio da prefeitura. Com enorme

dificuldade financeira para prosseguir com as obras, Lunardi vê a realização da Copa do Mundo como uma oportunidade política de convencer o poder público municipal a bancar a conclusão do estádio setembrino. Para não ficar de fora do maior espetáculo do futebol que aconteceria no Brasil, a prefeitura de Belo Horizonte não vê outra saída que não assumir para si a responsabilidade de execução do projeto, tendo mais de dois terços da obra subvencionados pelo dinheiro público (como sempre, o próprio prefeito Otacílio Negrão de Lima buscava capitalizar lucro político com o estádio e a Copa na cidade).

Mas nenhum projeto, no entanto, teria tanto vigor político como a construção do maior estádio erguido na paisagem belorizontina. O Mineirão representou a investida pública, por parte do Estado, em um projeto de construção de estádio.

Fruto de uma demanda social (notadamente dos esportistas da cidade, mas extrapolando este grupo), um estádio à altura do Maracanã passa a ser obsessão da população da cidade. Existia, naquele momento, um sentimento de inferioridade quanto aos principais centros urbanos do país, e a construção de um estádio que alcançasse o status de monumento era tido como algo crucial na superação deste sentimento. Pelo olhar de Luís Otávio Teles Assumpção,

Se analisarmos o Mineirão como uma projeção simbólica dos valores de uma sociedade, perceberemos a preocupação em associá-lo à “redenção do futebol mineiro”, ao “progresso da capital”, à superação dos “limites provincianos e interioranos”. O Mineirão representaria o “cosmopolitismo”, a afirmação diante do Rio de Janeiro e de São Paulo, o emparelhamento com os principais clubes do país. Em outras palavras, a posição dos mineiros ganharia, com o estádio, um poderoso aliado em sua busca de autoafirmação esportiva e simbólica.²⁸⁹

A grandiosidade do alcance de tal intento foi perseguida por muitas iniciativas privadas, ligadas à clubes ou à entidades, mas nenhuma delas foi capaz de prosseguir adiante com os projetos apresentados à comunidade belo-horizontina. Novamente, e desta feita de forma mais incisiva, a atuação política foi determinante. O Deputado Jorge Carone percebe a possibilidade de levar adiante, via investimento do Estado, a concretização de um estádio monumental. Ao apresentar um projeto de Lei para a Assembleia Legislativa, e cooptar o apoio do governador à época, Bias Fortes, Carone vê o seu projeto transformado em Lei e o estádio ganha ares de realidade, com subsídio de parte dos recursos da Loteria Estadual

²⁸⁹ ASSUMPÇÃO, Luís Otávio Teles. **O Temp(1)o das Geraes**: a nova ordem do futebol brasileiro. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2005, p. 146.

assegurando a sua continuidade. A vinculação de Carone é tão forte com o estádio estadual que, ao se lançar candidato à prefeito de Belo Horizonte em 1962, associa as adiantadas obras da nova praça esportiva como plataforma principal em sua propaganda política. O mesmo seria eleito para o mandato de 1963/1966.

Mas o embate entre os dois governadores vinculados à construção do Mineirão é que traz uma dimensão política incontestável à realização do estádio. Neste sentido, em texto apresentado no suplemento especial de 40 anos do Mineirão, os jornalistas Wagner Seixas, Alexandre Simões e Alexandre Henrique Ribeiro narram as nuances do contexto e do embate político entre os mandatários do executivo mineiro (entre o que começa e entre o que conclui a construção do estádio), cuja reportagem intitulada “A política entra em campo” descreve:

O Mineirão leva o nome do ex-governador Magalhães Pinto. O batismo se justifica pelo empenho do líder da UDN (União Democrática Nacional) em ver o estádio erguido, a partir de 1964. Porém, antes de jogar todo o seu prestígio e abrir os cofres do Estado, Magalhães resistia e não escondia uma má vontade em dar continuidade ao empreendimento. Confidenciava aos assessores, entre eles José Aparecido de Oliveira, o seu desejo de parar tudo sob o argumento de que a construção continha uma série de suspeições. Chegou a declarar para o jornal Última Hora sua indiferença em relação ao projeto. Entre várias alegações, o governador criticava o financiamento para a construção, concedido pelo Banco Hipotecário e Agrícola, que se encontrava sob controle estatal. Dizia que a instituição deveria direcionar seus recursos para a agricultura. Exigia que o Conselho de Administração do Estádio quitasse o débito. Essa cobrança implicaria no fim do fôlego financeiro para levantar a arena. No entanto, o transitório desprezo se fixava na motivação política, dada a renhida rivalidade mantida com José Francisco Bias Fortes, seu antecessor no Palácio da Liberdade e líder do PSD, Magalhães tivera uma acirrada disputa eleitoral ao governo de Minas, em 1961, contra o pessedista Tancredo Neves. A campanha deixou sequelas. O projeto do Mineirão quase emperrou devido ao lendário confronto partidário mantido por PSD e UDN. [...] Para Magalhães, a linhagem do Mineirão revelava-se cada vez mais pessedista, e a descendência incomodava o governador. Ainda coube à Juscelino Kubitschek (PSD), então presidente do país, assinar o convênio de comodato de um terreno pertencente à Universidade Federal de Minas Gerais, onde seria edificado o Estádio. Enfim, sob o vértice político, tudo conspirava contra o nascimento do Mineirão. [...] Magalhães entendia que o novo campo também traria glórias ao archi-rival Bias Fortes, responsável pelos primeiros procedimentos e, portanto, a divisão dos méritos lhe esfriara os ânimos. Frente a esta contenda de bastidores e ao revanchismo partidário, o Mineirão deixara de ser uma prioridade. [...] uma série de fatos relevantes viriam dar consistência ao nascimento do Mineirão. A Seleção Mineira de Futebol tornara-se campeã, em 1963, conduzindo o Estado a uma euforia incontida. Nem mesmo a conquista da Copa do Mundo de 1962 provocara tamanha comoção coletiva. Magalhães Pinto ficou impressionado e viu a chance de projetar sua administração através do Mineirão. Era um atalho político para dar maior visibilidade nacional ao seu governo. Ao ver a multidão, nas ruas de Belo Horizonte, comemorando o título, entendeu ser o novo Estádio um poderoso instrumento social, político e econômico. Aumentou ainda mais sua convicção quando viu sair de Minas os campeões do torneio e a crônica esportiva desatar críticas em função da inexistência de uma arena que desse sustentação financeira aos clubes, tornando-os capazes de manter os atletas em seus times. [...]

Magalhães entendeu toda a rede de opiniões favoráveis em torno do assunto e fez aumentar a carga de recursos. O Governador estava persuadido da importância do Colosso da Pampulha. [...] O Governador mirava para uma possível candidatura à presidência, prevista para 1965, mas frustrada com o golpe de março de 1964. Apesar do clima instável, causado pela ascensão dos militares ao poder, as obras seguiram seu ritmo normal. Magalhães aderira à revolução e sua administração não fora questionada pelos generais. O Mineirão estava a salvo de qualquer medida que impedisse seu término.²⁹⁰

Últimos Apontamentos

Mesmo com a consciência de que toda inferência feita esteja sobre a necessária determinação das fontes analisadas, chegar a uma *verdade* é algo demasiadamente pretensioso. Neste sentido, toda a construção deste estudo permite no máximo apontamentos, pistas a serem interpretadas. Ainda assim, percorrer os caminhos trilhados pelos principais estádios de futebol de Belo Horizonte se tornou um trabalho árduo, para além de gratificante. Localizar a ocorrência de acontecimentos que constituíram os mais importantes e significativas espaços dos espetáculos de uma das preferidas vivências de divertimento da população belo-horizontina permitiu diálogo com um plural conjunto da dinâmica social.

Assim, a proximidade da história dos estádios com aspectos particularmente ligados à lógica da modernidade, como a diversão espetacularizada, o consumo e a fundação de um espaço público de catarse coletiva passaram como uma das mais significativas considerações a serem demarcadas pela investigação.

Por outro lado, a profunda relação que estes espaços estabeleceram com um novo ordenamento espacial urbano, provocando transformações importantes no seu entorno geográfico, e ainda, a especulação política em todos os instantes em que foram erguidos, também se tornaram fundantes conclusivos dessa investigação.

Por fim, a prudência sensata nos obriga a generosa compreensão de que este estudo representa um passo possível, de um longo caminho a ser percorrido. Um passo que denota um grande e sincero esforço da construção de um conhecimento que possa ser apreendido por outras investigações, e que possibilitem o alinhavar de outras representações que o objeto permite, quer pela sua riqueza de elementos histórico-sociais, quer pela necessidade de desdobramentos a partir dos indícios emergidos.

²⁹⁰ SEIXAS, Wagner; SIMÕES, Alexandre; RIBEIRO, Carlos Henrique. **Mineirão 40 anos: paixão e emoção**. Belo Horizonte: ADEMG, 2005. p. 16.

REFERÊNCIAS

- A CAPITAL. Belo Horizonte, p. 2, 18 fev. 1921.
- A EPOCHA, 20 nov. 1904, p. 3.
- A EPOCHA, 28 ago. 1904, p. 3.
- A GAZETA. Belo Horizonte, 7 mai. 1908, p. 2.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Bauru/SP: Edusc, 2007.
- ARALDO Italiano. Belo Horizonte, p. 2, 20 set. 1923.
- ARALDO Italiano. Belo Horizonte, p. 2, 31 jul. 1923.
- ASSUMPCÃO, Luís Otávio Teles. **O Temp(l)o das Geraes: a nova ordem do futebol brasileiro.** Montes Claros: Ed. Unimontes, 2005.
- ASSUMPCÃO, Luís Otávio Teles. **O Temp(l)o das Geraes: a nova ordem do futebol brasileiro.** Montes Claros: Ed. Unimontes, 2005, p. 146.
- ATHAYDE, 1902. Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. p. 240.
- BALE, John. **Sport, space and the city.** Caldwell: The Blackburn Press, 1993.
- BARRETO. **Os desportos antigos na capital I...**, [s.d.], p. 3.
- BARROS, José D'Assunção. *Prefácio.* In: MELO, Victor Andrade; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João Manuel Casquinha. **Pesquisa Histórica e História do Esporte.** Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.
- BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa.** 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Relatório de 1899/1902, 1902. p.55-56.
- BERDOULAY, Vincent. Espaço e Cultura. In: **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço.** Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2012.
- BLOG do Chico Maia. **Aprovado o contrato do Atlético com a BWA no Estádio Independência.** Disponível em: <http://blog.chicomaiia.com.br/2012/02/24/aprovado-o-contrato-do-atletico-com-a-bwa-no-estadio-independencia/> Acesso em 06 set.2016.

BONDES para o Calafate. **O Estado de Minas**, Belo Horizonte, p. 1, 25 mar. 1906.

BRASIL, Decreto 5637, de 29/08/1959. **Regulamenta a lei 1.947, de 12 agosto de 1959**. Minas Gerais, Diário Do Executivo - 30/08/1959 pág. 1 col. 1, microfilme 127. Disponível em: <https://goo.gl/uZs1TN> Acesso em: 05/03/2017.

BRASIL, Decreto Nº 10, de 4 de junho de 1948. **Abre crédito especial para incentivar atividades culturais, artísticas e esportivas**. Belo Horizonte, 4 de junho de 1948 Disponível em: <http://leismunicipa.is/fijgm>. Acesso em 15/07/2016.

BRASIL, Lei Nº 10* de 8 de março de 1948. **Autoriza a Emissão de Apólices**. Belo Horizonte, 8 de março de 1948. Disponível em: <http://leismunicipa.is/mfigj>. Acesso em 15/07/2016.

BRASIL, Lei Nº 48 de 8 de outubro de 1948. **Revoga o Decreto-Lei Nº 98, de 13 de agosto de 1941 d dispõe sobre imposto de diversões esportivas**. Disponível em: <http://leismunicipa.is/mhjic>. Acesso em 15/07/2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

CORRÊA, Paulo Cesar da Costa; LOBATO, Roberto (Orgs.). **Olhares Geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e Simbolismo. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Olhares Geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.

COSTA, A. da Silva. **Football et mythe**: la fonction symbolique du football a travers le presse sportive de masse. PhD Thesis, Univ. Catholique de Louvain, 1987.

COUTO, Euclides de Freitas. **Belo Horizonte e o futebol**: integração social e identidade e identidades coletivas (1897-1927). 2003. 142f. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

COUTO, Euclides de Freitas; LAGE, Marcus Vinícius Costa; LIMA, Karen dos Santos. O Independência e a dependência: análise histórica da cobertura jornalística em tempos de preparativos para a IV Copa do Mundo de futebol (1950) em Belo Horizonte/MG. **Revista Contemporânea – Dossiê História & Esporte**, Ano 4, v. 2, n. 4, 2014.

CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo. **A nova economia do futebol**: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros. 2005. 123f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2007.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa.** Projeto História, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

CUEILLE, Sophie. Le cheval de course en Île-de-France, une présence architecturale et paysagère. In: **In Situ – Revue des patrimoines**. Disponível em: <http://insitu.revues.org/9685>. Acessado em 11 jan. 2015.

DERBY Horizontino, 1902.

DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 2, 10 abr. 1962.

DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 2, 14 jul. 1962.

DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 2, 28 nov. 1962.

DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 2, 29 mar. 1962.

DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 3, 12 dez. 1962.

DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 3, 23 set. 1962.

DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 4, 12 dez. 1962.

DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 7, 03 ago. 1962.

DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 7, 11 set. 1962.

DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 7, 12 mar. 1963.

DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 7, 2 fev. 1963.

DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 8, 06 set. 1965.

DIÁRIO de Minas. Belo Horizonte, 13 set. 1909, p. 2.

DIÁRIO de Notícias. Belo Horizonte, 05 abr. 1907, p. 2.

DIÁRIO de Notícias. Belo Horizonte, 21 mai. 1907, p. 1.

DIÁRIO Esportivo. Belo Horizonte, p. 4, 16 ago. 1945.

ESSUS, Ana Maria Mauad de Sousa Andrade. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4., 1996, Belo Horizonte. **Coletânea...** Belo Horizonte UFMG/EEF, 1996.

ESTADO DE MINAS, 1906, p. 2.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, 03 jul. 1912, p. 1.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, 11 jun. 1912, p. 1.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 01 ago. 1959.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 02 out. 1959.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 04 set. 1965.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 06 jun. 1964.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 08 jan. 1959.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 11 dez. 1949.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 11 out. 1958.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 12 ago. 1959.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 13 set. 1958.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 14 ago. 1959.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 14 ago. 1963.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 16 out. 1958.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 17 set. 1958.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 26 set. 1958.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 05 jul. 1949.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 19 jul. 1949.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 19 jul. 1949.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 22 ago. 1948.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 13, 17 jul. 1949.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 2, 02 abr. 1960.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 2, 06 jan. 1959.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 2, 20 ago. 1958.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 2, 23 out. 1958.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 2, 25 jun. 1950.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 2, 29 out. 1958.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 3, 05 out. 1958.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 4, 12 out. 1949.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 4, 13 ago. 1963.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 4, 26 mai. 1948.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 02 fev. 1930.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 20 ago. 1948.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 03 set. 1948.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 09 nov. 1949.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 13 dez. 1949.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 17 ago. 1948.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 22 jul. 1949.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 9, 02 fev. 1950.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 9, 12 jun. 1949.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 9, 18 dez. 1948.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 9, 18 jun. 1949.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 9, 22 dez. 1948.

ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p.1, 10 set. 1958.

ESTATUTOS as Sociedade Prado Mineiro. Minas Gerais, Belo Horizonte, p.6, 24-25 out. 1904.

FEDATTO, Carolina P. **Um saber nas ruas**: o discurso histórico sobre a cidade brasileira. Campinas: Ed. Unicamp, 2013.

FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 05 mar. 1960.

FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 1, 23 ago. 1958.

FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 08 jan. 1961.

FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 18 jul. 1958.

FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 10, 22 ago. 1948.

FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 11, 01 mai. 1960.

- FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 6, 27 jan. 1961.
- FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 6, 28 jan. 1961.
- FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 01 out. 1958.
- FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 03 out. 1958.
- FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 09 jul. 1949.
- FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 11 jul. 1958.
- FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 7, 17 set. 1958.
- FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 01 jul. 1949.
- FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 06 out. 1948.
- FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 06 set. 1958.
- FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 12 nov. 1948.
- FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 21 jun. 1950.
- FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 8, 30 set. 1948.
- FOLHA de Minas. Belo Horizonte, p. 9, 20 jun. 1950.
- FOLHA Pequena, 25 nov. 1904, p. 1.
- FOTO Esporte n. 10. Belo Horizonte, p. 10, setembro-outubro/1965.
- FOTO Esporte n. 10. Belo Horizonte, p. 34, setembro-outubro/1965.
- FOTO Esporte n. 10. Belo Horizonte, p. 9, setembro-outubro/1965.
- FOTO Esporte n. 3. Belo Horizonte, p. 27, novembro/1964.
- FOTO Esporte n. 9. Belo Horizonte, p. 13, julho-agosto/1965.
- FOTO Esporte n. 9. Belo Horizonte, p. 3, julho-agosto/1965.
- FRAMPTON, Kenneth. Uma leitura de Heidegger. In: NESBITT, Kate (Org.) **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1995. São Paulo: CosacNaify, 2006.
- FRANZINI, Fábio. Esporte, cidade e modernidade: São Paulo. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

GAFFNEY, C.; MASCARENHAS, G. O estádio de futebol como espaço disciplinador. SEMINÁRIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT – PERSPECTIVAS, 1, 2004, Florianópolis-SC. **Anais ...** Florianópolis: UFSC, 2004.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.143-180.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e culturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e culturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. p. 170.

HALFELD, Guilherme. **De pequenas brincadeiras muitas vezes nascem grandes cousas**: um pouco da historia do America Football Club, por um americano fundador. Minas Gerais, Bello Horizonte, 19 maio 1928. (recorte do Arquivo Privado do Abílio Barreto – MHABABPi 7/061).

HALFELD, Guilherme. **De pequenas brincadeiras muitas vezes nascem grandes cousas**: um pouco da historia do America Football Club, por um americano fundador. Minas Gerais, Bello Horizonte, 19 maio 1928. (recorte do Arquivo Privado do Abílio Barreto – MHABABPi 7/061).

HAROCHE, Claudine. **O futuro do sensível**: os sentidos e os sentimentos em questão. Conferência proferida no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 7 de abril de 2008.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 1994.

JESUS, G. M. A. Geografia e os Esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões**: Educação, Esporte e Lazer, Campinas-SP, v. 1, n. 2, p. 47-61, dez. 1999.

JESUS, G. M. A. Geografia e os Esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões**: Educação, Esporte e Lazer, Campinas-SP, v. 1, n. 2, p. 47-61, dez. 1999.

JESUS, G. M. **Conexões**: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP, v. 1, n. 2 p. 47-61, dez. 1999, p. 53.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Métodos e Fontes na História da Educação e Educação Física*. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4, 1996, Belo Horizonte. **Coletânea...** Belo Horizonte UFMG/EEF, 1996. p.35-49.

MACHADO DE ASSIS, José Maria. O jornal e o livro. In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

MACIEL, L. A. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes;

ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun; (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

MASCARENHAS, Gilmar. A Mutante Dimensão Espacial do Futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 61-70, Jan./Dez. 2005.

MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura**: UERJ, RJ, n°. 19-20, p. 61-70, jan./dez. de 2005.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do esporte no Brasil**: do século XIX ao início do século XX. Campinas: Autores Associados, 2007.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, 03 maio 1923. Seção Desportos, p.10.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, 06 maio 1923. Seção Desportos, p.8.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, 06 maio 1923. Seção Desportos, p.8.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, 09 ago. 1919. Seção Sports, p.7.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, 10 ago. 1930. Seção Desportos, p. 10.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, 11 fev. 1917. Seção Festas e diversões (Sports), p.7.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, 15 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 6.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, 17-18 jul. 1911. Seção Festas e diversões, p. 8.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, 24 ago. 1923. Seção Desportos, p. 18.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, 30 maio 1929. Seção Desportos, p. 10-1.

MINAS Geraes. Belo Horizonte, 31 maio 1929. Seção Desportos, p. 5.

MINAS Sport. Belo Horizonte, 8 nov. 1925, p. 1.

MOREIRA, Eugênio. Dinheiro da loteria: lucro do futebol mineiro. **Jornal Superesportes**. 16 de dezembro de 2012.

MURTA, Eduardo. **Galo**: uma paixão centenária. Gutenberg, 2008.

O BINÓCULO. Belo Horizonte, 31 mai. 1908, p. 10.

O FOOT-BALL. Belo Horizonte, p.1, 13 set. 1917.

O PIROLITO. Belo Horizonte, p. 1, 10 set. 1928.

O REBATE. Belo Horizonte, p. 1, 9 maio 1906.

PAIVA, Carlos. **Enciclopédia do América MG**. 2012, p. 137-138. Disponível em: <http://www.arenaindependencia.net/site/arena/independencia/> Acesso em: 06 set. 2016.

PAIVA, Carlos. **Enciclopédia do América-MG**. Belo Horizonte: Ed. Alicerce, 2012.

PENNA, Octavio. **Notas cronológicas de Belo Horizonte (1711-1930)**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997.

PINHEIRO, Ethel; UGLIONE, Paula. A memória do futuro e a busca por uma nova sensibilidade cidadina. In: DUARTE, Cristine Rose; VILLANOVA, Roselyne de (Orgs.). **Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2013.

PRADO Mineiro. O Estado de Minas, 11 mar. 1906, p. 2.

PRADO Mineiro. O Estado de Minas, 11 mar. 1906, p. 2.

PRADO Mineiro. O Estado de Minas, 19 abr. 1906, p. 1.

PRADO Mineiro. Vida Mineira, 8 maio 1906, p. 2.

RELATÓRIO de prefeitos (1927-1928), p. 24.

REVISTA “O Gigante do Horto - A história do Estádio Independência”, editada em 2012 pelo Jornal Hoje em Dia.

REVISTA América, Jan. de 1950, p. 11.

REVISTA América, Jan. de 1950, p. 11-12.

REVISTA América, Jan. de 1950, p. 12.

REVISTA América, Julho/Agosto de 1948, p. 7.

REVISTA América, Julho/Agosto de 1948, p. 7.

REVISTA América, Novembro de 1948, p. 23.

REVISTA América, Novembro de 1948, p. 28.

REVISTA América, Outubro de 1948, p. 31.

REVISTA Olímpica, Jul./Ago. de 1949.

REVISTA Tank. Belo Horizonte, anno I, n. 1, 01 jan. 1919.

REVISTA Vida Esportiva, Dez. 1948.

RIBEIRO, Henrique. **Almanaque do Cruzeiro**. Belo Horizonte: 2007. 560 p.

ROCCO JR, Ary José; MAZZEI, Leandro Carlos; OLIVEIRA, Luciana Rocco de. Os Novos Estádios e Arenas do Futebol Brasileiro e a Comunicação: o esporte como entretenimento e a cidade como negócio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38, Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

RODRIGUES, Marilita Aparecida. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade -** uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). 2006. Tese (Doutorado em História) Faculdade

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2006. p. 225.

SCHETINO, André Maia. **Os Gigantes e as Multidões:** estádios e cultura esportiva em Belo Horizonte (1950-1965). 2014. Tese (Doutorado em História) Faculdade Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SEIXAS, Wagner; SIMÕES, Alexandre; RIBEIRO, Carlos Henrique. **Mineirão 40 anos:** paixão e emoção. Belo Horizonte: ADEMG, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole:** São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Regina Helena A. da. Belo Horizonte: o que marca sua singularidade. In: ARRUDA, Rogério P. (Org.). **Álbum de Belo Horizonte.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUSA, José Gonçalves de. Carta do Secretário da Agricultura do Estado de Minas Gerais, endereçada ao Prefeito da capital, em 22 outubro de 1912, comunicando o aceite da proposta pela Sociedade Anonyma Prado Mineiro. Documento B preservado na pasta n. 31, da Divisão de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1912.

TURF Horizontino, 1902, p. 1.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: **Domínios da História:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VIDAL, D. G. **Fontes Visuais na História:** significar uma peça. Varia História: Belo Horizonte, n.13, p. 128-31, 1994.

VIEIRA, José Flávio Dias; RASO, Afonso Celso. **Mineirão:** o maior gol de Minas. Ed. Littera Maciel, 1978.

VIERENDEEL, Arthur. **La construction architecturale en fonte, fer et acier.** Bruxelles, 1896, planches 33 et.

ZILLER, Adelchi L. **Enciclopédia Atlético de todos os tempos:** a vida, a luta, as glórias do Clube Atlético Mineiro, o campeoníssimo das Gerais. 2. ed. Belo Horizonte, 1997.